Dra. HELEN WAMBACH

Recordando VIDAS PASSADAS

depoimentos de pessoas hipnotizadas

Livro em que uma psicóloga de renome apresenta dados historicamente concludentes de mais de 1.000 casos de recordações de vidas passadas, os quais sugerem que muitos de nós já vivemos outras vidas em diferentes corpos.

pensamento

RECORDANDO VIDAS PASSADAS

RECORDANDO VIDAS PASSADAS

Depoimentos de pessoas hipnotizadas

Dra. Helen Wambach

Tradução de
Octavio Mendes Cajado



EDITORA PENSAMENTO
São Paulo

AOS MEUS SUJEITOS
que juntos me proporcionaram os dados deste livro e a vontade de continuar estudando

RELIVING PAST LIVES: The Evidence under Hypnosis. Copyright ©1978 by Helen Wambach. Todos os direitos reservados. Impresso nos Estados Unidos da América por Harper & Row, Publishers, Inc.

Direitos de tradução para a língua portuguesa adquiridos com exclusividade pela Editora Pensamento Ltda., Rua Dr. Mário Vicente, 374, fone 272-1399, 04270 São Paulo, SP, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Impresso em nossas oficinas gráficas.

SUMÁRIO

1. O início
2. Novas aventuras estranhas
3. A busca principia
4. Sessões, mediunidade e sonhos
5. Novas vidas passadas e novas provas
6. Os mistérios da hipnose
7. Coligindo os dados
8. Somando
9. A vida nos períodos anteriores ao advento de Cristo
10. A vida desde 25 d.C. até o ano 1200
11. Vidas desde 1500 até ao século XX
12. Que significa tudo isso?

FIGURAS E TABELAS

Figuras

1. As classes sociais em cada período de tempo
2. As raças nas vidas passadas
3. A distribuição dos sexos em cada período de tempo
4. Os tipos de roupas usadas em vidas passadas
5. Os tipos de calçados em cada período de tempo
6. Tipos de alimentos comidos em cada período de tempo
7. Tipos de pratos usados em cada período de tempo
8. A curva da população mundial em cada período de tempo

Tabelas

1. As classes sociais em cada período de tempo
2. A experiência da morte em cada período de tempo

1. O INICIO

O ano era 1966; o lugar, Mount Holly, Nova Jérsei. O ator desse drama, eu. Eu, que trabalhava como psicóloga no Centro Médico de Monmouth, em Long Branch, Nova Jérsei. Minha vida estava cheia de atividades, que incluíam as aulas que eu dava no colégio da comunidade local. Eu não tinha nenhuma razão especial para analisar meus sentimentos íntimos e tampouco me lembrava de ter tido sentimentos místicos no passado. E positivamente não me julgava dotada de “poderes psíquicos”.

Estes pensamentos me passavam pela cabeça à medida que eu saía, pouco a pouco, de um aturdimento. Achava-me numa saleta cheia de velhos livros bolorentos, no andar superior de um edifício quaker, que fora visitar naquele dia. Nos últimos quinze minutos passara pelo que agora percebo ter sido um estado alterado de consciência. O livro que o provocara continuava na minha mão quando voltei a orientar-me para o presente. Fitei os olhos nele, mas o livro já perdera o poder de conduzir-me a um tempo e a um lugar anteriores.

Quando entrei na casa pela primeira vez, eu era apenas uma turista domingueira que viera visitar um obscuro monumento comemorativo. Enquanto subia a escada que me levaria ao segundo andar, apoderou-se de mim a sensação de estar em outro tempo e em outro lugar. Ao entrar na bibliotecazinha, vi que me dirigia automaticamente para a estante de livros e tirava um deles do lugar. Eu parecia “saber” que aquele livro tinha sido meu e, ao olhar para as páginas, uma cena surgiu-me diante da vista interior. Eu atravessava um campo destocado montada num burro e trazia aquele livro apoiado na sela, à minha frente. O sol me queimava as costas e minhas roupas eram comuns. Eu sentia o animal mover-se debaixo de mim enquanto continuava sentada na sela, profundamente absorta na leitura do livro, que descrevia a experiência de um ministro em estado de coma, ou seja, no estado intermediário entre a vida e a morte. Eu parecia conhecer-lhe o conteúdo antes mesmo de virar-lhe as páginas.

Poucos momentos se passaram antes do meu regresso ao presente. A experiência me perturbava, porque eu me tinha na conta de uma psicóloga convencionalmente “respeitável”, sem quaisquer sinais óbvios de perturbação mental. Por que experimentara essa desorientação? Por que tivera a sensação de que o livro era meu? E, o mais curioso de tudo, porque me achava de repente em outro corpo e em outro período de tempo?

A experiência abalou-me. Eu já tivera sonhos interessantes e estava a par de todas as teorias sobre o funcionamento do subconsciente, que poderiam

explicar minha própria experiência. Sabia que o seu nome oficial era o *"déjà vu"*, e já lera a monografia de Freud sobre elas. Entretanto, não estava preparada para a sua vividez e imediação. Eu não possuía poderes mediúnicos! Interessara-me moderadamente pelo trabalho de J. B. Rhine sobre percepção extra-sensorial, mas não me envolvera em nenhuma investigação ou pesquisa nesse campo. Lembrei-me do que acontecera quando se publicou o livro sobre a recordação hipnótica da vida passada de Bridey Murphy. Eu cursava a escola de doutoramento. Meus professores trataram-no com desdém e concordei com suas opiniões. Pressumia que se pudessem encontrar explicações racionais para todas as experiências desse gênero.

Esse encontro pessoal com o misterioso despertou-me para a consciência de que havia inúmeros mistérios ainda não resolvidos. Seria minha experiência pura fantasia ou refletia uma realidade de que eu nunca suspeitara antes?

Foram-me precisos dez anos e mais de duas mil sessões de regressão hipnótica para encontrar uma resposta a essa pergunta. Quando tracei a linha final do meu gráfico acerca da "Distribuição do sexo nos períodos de tempos passados", para o meu segundo estudo, meu estudo de replicação de 350 casos (minha amostra original constava de 850), a resposta apresentou-se-me nitidamente esboçada e expressa na forma numérica que me pareceu mais persuasiva. Meus sujeitos dividiam-se em 49,4% de vidas vividas como mulheres e 50,6% de vidas vividas como homens — o que representava um fato biológico ocorrido em quadros anteriores. Esses sujeitos não poderiam ter chegado a tal resultado por telepatia, fantasia ou mero acaso. A rememoração de uma vida pregressa refletia com exatidão o passado.

Mas, como acontece tantas vezes, a experiência elucidativa foi mais a investigação que o resultado final. Neste livro partilharei com os leitores das partidas falsas e frustrações, das surpresas e da introvisão gradativa que passei a desenvolver através das experiências partilhadas com os meus sujeitos nesta pesquisa. Eu poderia ter registrado os resultados em forma de diário profissional, deixando que os gráficos e tabelas do capítulo 8 representassem a realidade da minha experimentação. Nossas técnicas "científicas", porém, distorcem de muitas maneiras a realidade da busca humana de novos conhecimentos e nova compreensão. Dizem-nos os físicos que a "verdadeira realidade" é, de fato, um processo; que cada átomo, cada molécula, existem, não como entidades separadas, mas como partes de um processo dinâmico que envolve todos os outros átomos e moléculas. Isso é ainda mais exato quando se trata da pesquisa humana: miríades de interações, coincidências, o cintilar da introvisão partilhada — tudo se combina para produzir os resultados de qualquer experiência.

À medida que mergulhava cada vez mais profundamente no trabalho de

regressão hipnótica, lembrei-me de muitos casos de terapia com que lidei desde 1955, quando me iniciei na prática da psicoterapia. E senti uma compreensão mais profunda de fatos que me haviam deixado perplexa na ocasião.

Linda — frágil menininha de cinco anos. Olhos castanhos sem idade num rosto contraído, olhos cheios de hostilidade, que aparentemente refletiam a feroz determinação de evitar o contato humano. Linda não podia — ou não queria — falar, nem responder aos testes psicológicos que tentei ministrar-lhe. Levei-a para a sala de recreio. Ela arrancou-se da minha mão, apanhou um livro e enfiou-se debaixo da mesa. Prestei atenção e ouvia-a ler o livro baixinho para si mesma. Sua mãe contou-me que ela sabia ler, embora ninguém lho tivesse ensinado. Desde a primeira infância, Linda evitara o contato humano. Brincava apenas com objetos mecânicos, ou escrevia números num quadro negro. Demonstrava surpreendente habilidade matemática na construção de estranhos jogos com números na lousa, mas negava-se a falar, assim como a deixar que outros seres humanos a segurassem ou tocassem. Um caso de autismo infantil; o diagnóstico era claro. A terapia ajudaria? Embora a literatura a respeito de crianças autistas não fosse alentadora, decidi tentar.

Passei dez meses com Linda na sala de brinquedos, uma hora por semana. Fui testemunha de um milagre, e dele participei, sem jamais compreender o que estava acontecendo. Agi em relação a Linda por instinto. Agora compreendo que me comuniquei telepaticamente com ela, conquanto, na ocasião, não o percebesse nem o formulasse desse modo. Só sabia que eu concentrava nela minha atenção, sem tentar invadir-lhe o espaço físico. Passaram-se três semanas antes que ela me desse um sinal. Aí, então, pegou num telefone de brinquedo e falou comigo através do aparelhinho. Queria brincar de “nenezinho”, mas o nenezinho seria eu. Durante uma hora por semana, por mais de dois meses, Linda obrigou-me a tomar água, à força, de uma mamadeira. Queria mostrar-me o quanto detestava a passividade, a impotência da infância. Enquanto não me fizesse experimentá-lo, não poderia interagir comigo. Afinal, compreendi. Embora não me lembre como a inteirei disso por meio de sinais, descobri que o jogo mudara. Ela tocou-me pela primeira vez. Esperei mais duas sessões antes de atrever-me a tocá-la. Quando o fiz, ela permaneceu completamente imóvel, sem responder ao meu abraço, mas também sem se afastar.

Aberta essa brecha, a terapia prosseguiu depressa. Linda e eu cantamos juntas canções de ninar, brincamos com tintas especiais para pintar com os dedos. Um dia, com as mãos besuntadas de tinta marrom, Linda virou-se para mim e disse as primeiras palavras, estabelecendo comunicação com outro ser humano. “Oh, que merda gostosa!” proclamou. Untou minhas mãos de tinta e

examinou-as com cuidado, comparando-as com as suas. Dir-se-ia que estivesse descobrindo o seu e o meu corpo físico. Um dia, depois de examinar minhas mãos com muito cuidado, fitou os olhos diretamente nos meus e pronunciou uma sentença completa. “Eu sou Pinocchio e você é a Fada Azul”, disse suavemente. Ela decidira começar a viver.

Linda passou rapidamente pelas fases da primeira infância e, dez meses depois, parecia uma criança normal de cinco anos de idade. Entrara no jardim de infância. Perdera a capacidade de ler e fazer cálculos matemáticos, mas estava aprendendo a escrever o próprio nome com as outras crianças de cinco anos da sua classe. A essa altura, sua família mudou-se e não sei o que aconteceu com ela. Mas sinto agora que Linda rejeitara seu corpo nesta vida, talvez em razão de uma infância desagradável. Mantinha uma personalidade adulta anterior num corpo de criança, recusando o desafio do crescimento num corpo novo e numa nova personalidade. De certo modo, tomou a decisão de aceitar esta vida. Desapareceram os estranhos talentos adultos e surgiu uma criança normal. Será possível que o autismo na infância seja uma recusa de entrar num corpo novo?

Se o caso que descrevi me fez surgir como uma terapeuta mágica e sempre eficaz, fique certo o leitor de que não era esse o caso. Muitas pessoas não se modificaram, e várias pioraram. Dir-se-ia que houvesse pacientes que estavam na mesma faixa de ondas que eu e com os quais eu podia trabalhar bem. Em outros casos, porém, meus esforços não pareciam resultar em nenhuma conexão verdadeira, e não ocorria melhoramento algum.

Um dos casos em que minha capacidade terapêutica não surtiu efeito foi o de Peter, menino preto de cinco anos de idade, trazido para tratamento mercê do seu comportamento hiperativo e da sua incapacidade de relaxamento ou de sossego numa sala de aulas. A mãe, uma mulher pequena e ansiosa, disse não conhecer razão nenhuma para a perturbação do filho, que fora examinado pelo médico da família. Mas como o exame físico não revelasse nenhuma razão para a sua incapacidade de concentrar-se, o doutor recomendara que o submetessem á psicoterapia.

Peter não gastava mais de dez segundos com cada brinquedo na sala de recreio, correndo de um para outro como que impelido por uma força desconhecida, de modo que o levei para a minha sala. Ele estava tão perturbado que não poderia, de maneira alguma, sair-se bem em qualquer teste psicológico; além disso, eu desejava estabelecer um relacionamento harmonioso com ele antes de principiar a testá-lo. Afinal, ele concordou em sentar-se no meu colo e falar. Para meu assombro, começou a descrever sua vida de policial novato. Falou sobre o basquetebol que costumava jogar, e disse que gostaria de poder fumar. Sempre gostara de fumar cigarros e não sabia por que não podia fazê-lo

agora. Levei algum tempo para compreender que Peter se referia a uma vida pretérita. A princípio, cuidei que estivesse contando alguma história vista na televisão mas, quanto mais falava no assunto, tanto mais parecia descrever uma experiência que devia ter sido sua. Curiosa das suas experiências como policial, animei-o a discorrer mais sobre elas. Isso o surpreendeu. E quando eu quis saber por que, Peter me contou que só sua irmãzinha de três anos prestava atenção ao que ele dizia quando falava sobre “o policial”.

Perguntei à mãe de Peter se o filho lhe descrevera, algum dia, essa vida passada, e ela confessou que ele principiara a falar sobre o assunto quando tinha, mais ou menos, três anos. “Eu disse-lhe que deixasse de inventar histórias e, depois disso, ele não tomou a falar muito no caso”, concluiu ela.

Trabalhei com Peter na sala de jogos durante três meses. Sua hiperatividade continuou, se bem ele fosse capaz de sentar-se e atenuar a tensão mental quando discutia sua vida de policial comigo. O tema parecia obcecá-lo, embora isso pudesse dever-se ao fato de ser eu a única pessoa, além da irmãzinha, disposta a prestar atenção ao que ele dizia. Um dia, sua mãe contou que um policial o levara para casa porque ele estava no meio da rua tentando dirigir o tráfego. Senti-me um tanto culpada, porque ele me contara que fora destacado para trabalhar no tráfego durante sua vida de policial e, aparentemente, estava representando o que recordava da existência passada — conduta preocupante para um garoto de cinco anos.

O comportamento de Peter não revelou sinais de melhoria. Afastaram-no do tratamento, e não tenho a menor ideia do que aconteceu ao menininho de olhos brilhantes que se lembrava de sua vida pregressa.

A partir dessa ocasião, percebi que não era prudente animar crianças pequenas a rememorar experiências de vidas passadas. Isso, de certo, não ajudou Peter, e pareceu dificultar-lhe o ajustamento à vida presente.

Da minha perspectiva atual, doze anos mais tarde e depois da observação de muitas regressões hipnóticas a vidas anteriores, ainda sou de opinião que é mais prudente para as pessoas só se lembrarem de experiências de uma vida passada quando estão suficientemente maduras para enfrentá-las. A imersão prematura em experiências que podem ter sido traumáticas só aumentará a dificuldade do ajustamento à nossa vida atual. Já ouvi dizer que sabedoria é a paixão recordada na tranquilidade. Pode ser que a lembrança da vida passada nos seja útil depois de termos dominado a realidade do nosso tempo e a nossa vida presente.

Se bem minhas experiências terapêuticas com crianças me aproximassem ainda mais da compreensão da natureza telepática da comunicação, diversos casos adultos também me induziram á pesquisa no terreno das vidas pretéritas.

John fora enviado para ser tratado porque uma fobia que começara a desenvolver-se lhe reduzia a eficácia no trabalho e lhe dificultava muitíssimo a manutenção de uma existência normal. Seu problema teve início quando ele, caminhando um dia pelas matas perto de sua casa, descobriu um cadáver. Deu parte do achado às autoridades e estas o interrogaram. Ele não ouviu mais nada a respeito do caso e, por vários dias, sua vida prosseguiu, normal. Estavam as coisas nesse pé quando, certa manhã, John acordou suando de apreensão. Tentou manter a rotina cotidiana, que incluía ir de automóvel para o trabalho na fábrica local, onde fora bem sucedido e tinha dez anos de casa. Gostava do trabalho, e não sabia por que tinha tanto medo de deixar o aconchego do seu lar. A princípio, obrigava-se a guiar o próprio automóvel até a fábrica mas, à proporção que foi aumentando o medo de ver-se em plena estrada, isso tomou-se impossível. Ele disse temer que alguém o estivesse seguindo e, por fim, me contou recear que a Máfia tencionasse pegá-los, a ele e à esposa. Acreditava que o cadáver encontrado pertencia a uma vítima da Máfia, e que, por haver dado parte do achado às autoridades, estava agora na mira do bando de criminosos.

Sua agorafobia aumentou. Era-lhe muito difícil agora sair de casa, fosse qual fosse a razão, e passou a perder um número cada vez maior de dias de trabalho. Receitaram-lhe Librium, para diminuir a ansiedade, mas o tranquilizante não fez muito efeito. Pouco depois, só trabalhava meio período, o que significou dificuldades para a família. A esposa, compreensiva, ajudava-o de todas as maneiras possíveis, levando-o de automóvel de casa para a fábrica e da fábrica para casa e tranquilizando-o constantemente. Mas nada parecia dar certo.

Por causa do medo que ele confessara de que a Máfia estivesse no seu encalço, entrei a sondar a possibilidade de tratar-se do início de uma psicose paranoide. Ele exibia um dos sintomas clássicos da paranoia, incluindo uma percepção exacerbada do que toda a gente à sua volta estava dizendo e a tendência para interpretar gestos erroneamente. Também evidenciava um problema comum a muitos esquizofrênicos, a incapacidade de dormir. Parecia ter medo dos sonhos e resistia ao sono até ser fortemente drogado com barbituratos.

Passei o primeiro mês de terapia com John ajudando-o a sentir-se mais à vontade comigo é, à medida que conversávamos, comecei a descartar-me da ideia de que o seu mal fosse uma psicose paranoide. Seu relacionamento com outras pessoas da família parecia bom; ele não tinha alucinações, tais como vozes que lhe falassem; e o medo da Máfia se baseava, ainda que de forma precária, na realidade. Haviam ocorrido execuções da Máfia naquela parte do Estado, e o fato de que nada mais fora dito subsequentemente sobre o cadáver tendia a apoiar-lhe a ideia de que as autoridades não estavam dirigindo a investigação com muito vigor.

Como o estado de John não melhorasse, e meus aproches costumeiros não funcionassem, já meio desesperada, decidi utilizar a hipnose. Eu aprendera a técnica num hospital de Veteranos, em que vítimas da fadiga de combate eram hipnotizadas e trazidas de volta à experiência em combate que causara o problema. Quando conseguiam experimentar de novo o trauma e rememorá-lo plenamente, seus sintomas, não raro, se atenuavam. Entretanto, a hipnose saíra da moda como tática terapêutica, e eu não me sentia muito à vontade utilizando-a, mas não custava nada experimentar.

John passara a confiar em mim, de modo que foi possível fazê-lo relaxar-se. Levei-o de volta à infância. Sabia que ele fora educado por um tio e uma tia e não se lembrava dos primeiros anos de sua meninice. Talvez pudéssemos descobrir alguma coisa nessa primeira infância que explicasse a fobia atual. Empreguei as técnicas habituais de relaxamento hipnótico enquanto ele permanecia sentado em minha sala. Levei-o de volta à idade de dez anos. Ele respondeu às minhas perguntas como o faria um rapazinho de dez anos. Dava a impressão de ser um menino sossegado, um tanto ou quanto retraído, e declarou que não tinha problemas especiais. Dedicava moderada afeição á tia e ao tio, e o relacionamento entre eles se diria distante. Fi-lo recuar ainda mais, até à idade de cinco anos. Ele passou a responder às minhas perguntas com sílabas muito simples, mas expressava uma emoção mais intensa do que aos dez anos. Era uma criança infeliz. Contou-me que tinha maus pesadelos, conquanto não me dissesse muita coisa a respeito do seu contéudo. Quando lhe perguntei onde estava sua mãe, afigurou-se-me vê-lo prestes a chorar. “Não sei. Quero ver minha mamãe”. Em seguida o levei de volta à última vez em que vira sua mãe. Aparentemente, ele regressou a uma época situada em algum ponto entre as idades de quatro e cinco anos. Estava numa pequena casa na floresta. No primeiro andar, no quarto. “Mamãe e Papai estão gritando um com o outro”. Perguntei-lhe se tinha medo e ele inclinou a cabeça afirmativamente. Sondei mais um pouco. “Oh! Papai está empurrando Mamãe”. No prosseguimento da história, John desceu correndo a escada e precipitou-se para fora da casa. Nevara, disse-me ele, e, num banco de neve, do lado de fora da janela do quarto, encontrou o corpo da mãe. Estava morta. Animei-o a expressar os sentimentos que o senhorearam na ocasião, mas declarei que, ao sair da hipnose, encararia o incidente com indiferença e este já não o aterraria.

Quando acordou da hipnose, ele expressou assombro diante do que acontecera. “Tenho visto aquela casa em meus sonhos, sem me dar conta de que lá vivi quando era pequeno. Agora começo a lembrar-me cada vez mais das coisas. Não creio que tenha voltado a ver minha mãe nem meu pai depois dessa noite. Creio que as autoridades me levaram e meus tios foram buscar-me.”

Quedou-se em silêncio por alguns momentos. Em seguida, ergueu os olhos para mim e disse, “Então é por isso que tenho tanto medo de cadáveres. Talvez seja a razão por que vivo agora tão agarrado a minha mulher. Tenho medo de perdê-la como perdi minha mãe”.

John decidiu continuar investigando o caso e escreveu ao tio pedindo- lhe que o inteirasse de mais alguns pormenores. Entretanto, nunca me contou o resultado das indagações e se a história que se desenrolou sob o efeito da hipnose aconteceu ou não continua a ser um mistério para mim. Há uma tendência para presumir que as testemunhas que voltam à cena de um crime contarão a verdade sob o efeito da hipnose — que a hipnose resulta na rememoração perfeita. Mas resultará realmente? Quando é possível verificar determinado pormenor, como o número da licença de um automóvel, pode pressumir-se que a hipnose descobre “a verdade”. Mas quando não existe uma prova objetiva para confirmar a regressão hipnótica, cumpre focalizar com cautela o material relatado sob o efeito da hipnose. O certo é que John melhorou depressa. Dois meses depois já dirigia automóvel e reassumia suas funções em período integral.

Em John eu vira o exemplo dramático de uma regressão hipnótica que redundou em acentuada melhoria de uma fobia grave. Derivava a melhoria do fato de havermos descoberto o trauma que jazia debaixo do problema imediato? Eu não tinha como documentar a verdade da história que emergiu sob o efeito da hipnose, mas ela satisfez ao paciente e permitiu-lhe retomar uma vida normal. E colocou-me numa pista possível. Se a rememoração de traumas da infância cura fobias, pode também a memória de vidas passadas curar fobias resistentes a outros tratamentos?

Não aprendi apenas com os pacientes que tenho tratado que as profundezas da mente humana ainda não foram cartografadas. Freud, Jung, Adler, o behaviorista John Watson — todos esses homens ofereceram in-trovisões que só iluminam um cantinho da mente humana. Aprendi muitas coisas sobre as complexidades do funcionamento humano com meus alunos nas aulas que dou no colégio.

Eu estava lecionando psicologia anormal e, como tarefa de aula, pedi aos alunos que recordassem pelo menos um sonho e o trouxessem à aula, de modo que eu pudesse ilustrar uma análise de sonho. Isso resultou em aulas animadíssimas e agradou-me o modo com que os alunos pareciam apreender os princípios da psicologia anormal através da compreensão dos próprios sonhos. Uma das alunas, Sheryl, narrou um sonho que tivera na noite anterior. Sonhou que viajava num automóvel com vários colegas, e que o carro corria muito. De repente, o veículo chegou a uma curva, não conseguiu fazê-la e se acabou

espatifando no barranco. No sonho, ela teve a impressão de estar em pé acima da cena da colisão e, com uma sensação de choque, viu o próprio corpo estendido à beirã da estrada. Sua cabeça fora separada do resto do corpo. A sensação no sonho não era tanto de pesadelo quanto de assombro por ver-se fora do próprio corpo.

O sonho de Sheryl me permitiu ilustrar com prazer meu ponto de vista de que os sonhos lidam com realidades de todos os dias. Expliquei que ela se achava provavelmente em situação de conflito diante da necessidade de escolher entre divertir-se enquanto estava no colégio e estudar. Eu disse-lhe que, no meu entender, a separação da cabeça e do corpo indicava que, a menos que se pusesse a estudar com afinco, ela provavelmente teria problemas na época dos exames. Rindo-se, Sheryl concordou com isso, e a classe se mostrou, ao mesmo tempo, divertida e interessada por esse exemplo de análise dos sonhos. “Bem, parece que terei de enfrentar os livros”, disse ela ao sair da sala de aulas.

Depois me esqueci do incidente. O semestre terminou logo após haver Sheryl narrado o seu sonho, e comecei a dar outro curso. Três meses depois topei com um dos meus antigos alunos da classe de Psicologia Anormal. “Lembra-se do dia em que Sheryl contou o seu sonho a respeito do acidente de automóvel?” perguntou-me ele. Refleti por alguns instantes elogo me lembrei de tudo. “Lembro-me, sim. Como vai Sheryl? ” Ele olhou para mim com ar grave e percebi que estava transtornado. Em seguida, falou. “Na semana passada, Sheryl foi vítima de um desastre de automóvel. Morreu. Um pedaço do carro quase lhe arrancou a cabeça”. Sentei-me num banco, num silêncio horrorizado. Ele continuou, “Alguns de nós que estivemos em sua classe no semestre passado nos lembramos do sonho de Sheryl. Na sua opinião, que significa isso? Podemos todos prever nossa morte em sonhos? ” Eu não sabia o que dizer. Minha complicada análise do sonho dela, que parecia tão inteligente na ocasião, ruiu por terra. Sheryl previra a própria morte. Abalada, voltei-me para ele e disse, “Não sei; Não sei como encarar uma coisa dessas. Estou chocada. Lembro-me, porém, de Sheryl haver dito que não se tratava de pesadelo, de sorte que ela talvez soubesse como haverí a de morrer, mas não estava preocupada com isso”. Levantei-me corri para a minha aula seguinte, tentando empurrar o incidente para o fundo da minha mente, porque não tinha como lidar com suas implicações. Mas a história de Sheryl é um dos muitos acontecimentos em minha vida que me conduziram á pesquisa sobre a morte.

Ser um “entendido” em mente humana é ser repetidamente humilhado pelo seus mistérios. Creio que eu sabia mais acerca da teoria psicológica, e tinha maior confiança em minha própria habilidade para diagnosticar e tratar problemas psicológicos, quando saí da escola de graduação do que nos vinte

anos que se passaram depois disso. Muitas e muitas vezes me tenho sentido abismada pelas notáveis qualidades da mente; a rotulagem fácil, tão popular em nossa cultura, torna-se muito pouco satisfatória quando lidamos com seres humanos em dificuldades. O que a maioria das pessoas denomina casualmente "fantasias" ou "sonhos" são vastas regiões não mapeadas, que me mantiveram no rumo de uma compreensão mais ampla da mente. Não creio que eu já tenha atingido alguma grande compreensão, mas vinte anos lidando com pessoas me ensinaram que é mais sábio ouvir do que diagnosticar, viver com os outros do que "tratar" deles. Desiludi-me com o relacionamento entre paciente e terapeuta como meio de investigar a "verdade", conquanto saiba apreciar o calor e a tranquila abertura da hora do tratamento. Sou muito grata a todas as pessoas que me procuraram como "pacientes" e que, dessa maneira, me ensinaram e dirigiram como não me seria possível fazé-lo sozinha.

Eu queria saber mais. Eu queria aplicar o que aprendera a respeito do método científico a áreas que a maioria das pessoas põe de lado como destituídas de importância. Comecei a compreender que preciso explorar as profundezas da mente em lugar de limitar-me aos intercâmbios superficiais que em nossa sociedade passam por "conhecermo-nos" uns aos outros. Já era tempo de encetar minha pesquisa.

2. NOVAS AVENTURAS ESTRANHAS

A década de 1960 trouxe convulsões sociais, mudança de estilos de Vida, e — para mim — novas experiências em psicoterapia. A clínica e o hospital em que eu trabalhava começaram a ver jovens que tinham feito viagens deploráveis com o LSD, e descobri que as técnicas que eu aplicava aos pacientes não eram muito eficazes no trato das perturbações causadas pela ingestão de drogas psicodélicas. Lembro-me de ter trabalhado com uma jovem que tomara LSD antes da nossa sessão terapêutica. Absorvi-me em suas respostas às minhas perguntas; pois em vez de discutir seus problemas, ela descrevia as dobras das cortinas da janela da minha sala, as imagens que recebia ao fechar os olhos e voltar-se para dentro, e a sensação que tinha de estar, às vezes, fora do seu corpo.

Que era isso? A maneira com que ela relatava suas experiências diferia da maneira dos psicóticos que eu vira na terapia. Estes mencionavam amiúde as vozes que ouviam e davam explicações ilusórias sobre a origem dos seus estranhos sucessos mentais, mas a moça do LSD parecia estar apreciando a própria desorientação e as impressões sensoriais avassaladoras que a dominavam enquanto se encontrava sob a ação da droga.

Dir-se-ia que, sob o efeito do LSD, áreas do cérebro que normalmente funcionam fora da percepção consciente inundavam de chofre a mente consciente e invalidavam a capacidade organizadora do ego para dirigi-las e controlá-las. Algumas provas experimentais dão a entender que o LSD e outras drogas psicodélicas aumentam a produção de acetilcolina nas sinapses dos nervos, fazendo que o circuito elétrico do cérebro funcione de modo totalmente aberto. Uma analogia é uma mesa telefônica em que todos os circuitos estejam abertos, de modo que se ouçam ao mesmo tempo muitas conversações simultâneas. Não acredito que o conteúdo das experiências relatadas pelos sujeitos que tomaram LSD sofra a influência da droga. Ao invés disso, minhas observações me autorizam a afirmar que a droga atua no sentido de tornar perceptível, em boa parte, o funcionamento do subconsciente ou do consciente; e esses pensamentos, imagens e emoções são autorizados a chegar até à mente consciente.

Em certo sentido, o mesmo processo ocorre nos esquizofrênicos. Estes, contudo, procuram encontrar as razões pelas quais o seu mundo cotidiano assumiu novas formas e novas cores, por que ocorrem dramas diante dos olhos da sua mente, e por que eles enxergam significados em coisas que de ordinário

carecem deles. O esquizofrênico constrói um sistema ilusório, que o ajuda a explicar por que experimenta esses fenômenos. Acredita que está sendo perseguido, que outros estão mandando mensagens de rádio através da sua cabeça, que é o centro do universo, e que tudo o que acontece no mundo se dirige para ele; ou acredita que vem de outro planeta e que, por isso, vê o mundo de maneira diferente dos outros que o rodeiam.

Dizem que utilizamos apenas 10% do nosso cérebro. Admito hoje que as porções do cérebro que cuidamos destituídas de funções específicas — os 90% restantes — estão, na verdade, operando constantemente. Mas o ego — o "eu cotidiano" — funciona como um operador de mesa telefônica, que só deixa chegar à consciência o que é propositado e significativo para as metas e crenças do indivíduo, e para a realidade social que ele comparte com outros na sua cultura.

As pessoas que tomavam LSD supunham que o que estavam experimentando provinha da droga, de sorte que não refletiam no *por que* estavam vendo, sentindo e ouvindo coisas novas. Era simplesmente o que acontecia ao embarcarem numa "viagem". Quando o LSD começou a ser comerciado nas esquinas, muitos moços acorreram aos hospitais tomados de pânico. Depois que a contracultura jovem tomou ciência de como poderiam ser as viagens proporcionadas pelo LSD, as entradas nos hospitais diminuíram. A princípio supusemos que a diminuição se devia à existência de um número menor de drogas psicodélicas ao alcance dos jovens, mas logo se tomou evidente que não era essa a verdade. O que parece ter acontecido é que um sujeito que usava a droga contava a outro o que devia esperar dela, e explicava que a experiência estaria concluída dentro de doze horas. Ciente disso, o ego podia relaxar e permitir que as experiências do LSD fluíssem sem tropeços, porque havia agora um novo rótulo para elas. Não eram insanidade; eram uma "viagem" psicodélica.

À medida que eu via esses jovens na minha sala na clínica e entre meus clientes particulares, fui ficando cada vez mais intrigada com o que eles experimentavam enquanto se achavam sob o efeito da droga. Vários me falaram em momentos de vidas passadas, que reviam depois de tomá-la. Isso feriu uma corda em mim, por causa de minha recente experiência do *déjà vu* no edifício quaker. A experiência psicodélica parecia ensejar aos jovens uma percepção para a qual a sua própria cultura não os preparara. Notei que alguns principiaram a ler livros sobre misticismo oriental e neles encontraram algumas respostas ligadas às suas experiências com a droga.

Interroguei os jovens com muita cautela acerca das suas experiências de percepção extra-sensorial e das suas experiências do *déjà vu* com drogas.

Expliquei-lhes que poderiam estudar os mesmos fenômenos sob a ação da hipnose, mais segura e menos arriscada do que as drogas. Além disso, era livre e legal. Logo descobri que a maioria dos jovens entrava com facilidade em transe hipnótico. Durante algum tempo, supus que as pessoas que haviam tomado LSD fossem, por definição, bons sujeitos hipnóticos, mas depois aprendi não ser esse o caso. Em parte, a razão por que eu fizera com êxito tantas viagens hipnóticas com jovens que tinham tomado LSD era simplesmente por serem jovens. Quanto mais jovem for o sujeito, tanto mais fácil será induzi-lo à hipnose.

Um dos meus primeiros pacientes submetidos à regressão hipnótica sistemática a uma vida passada foi Mark. Mark, que tinha tido experiências psicodélicas, gostava do seu emprego, era socialmente bem ajustado e não estava tomando LSD na ocasião. Durante uma visita à Europa no ano anterior, quando dirigia automóvel pelas estradas do norte da Itália, chegou a uma curva. A paisagem lhe pareceu estranhamente familiar, e a sensação do *déjà vu* foi aumentando à proporção que subiu uma colina e deparou com um pequeno edifício de pedra que se erguia à sua mão direita.

— Eu sabia que já tinha visto aquele edifício. Salteou-me um sentimento de quase tristeza. Parecia-me conhecer o lugar, o qual tinha para mim um significado verdadeiro e que eu sabia, ao mesmo tempo, não ser feliz, — contou-me ele.

Mark ofereceu-se voluntariamente para a viagem hipnótica porque desejava saber mais a propósito dessa experiência. Revelou-se um esplêndido sujeito, e alcançou uma fase bem profunda de hipnose depois de três minutos de indução. Regrediu inicialmente ao seu décimo aniversario e descreveu com animação as imagens que lhe acudiam à mente. Relembrou os nomes dos amigos que se achavam presentes à festa de aniversário, sinal, para mim, de que estava realmente sob o efeito da hipnose. Minúcias, como os nomes de companheiros de infância, são difíceis de recordar quando estamos em estado consciente de vigília, mas emergem com suma clareza sob o efeito da hipnose.

Do seu décimo aniversário, Mark foi levado a um passado mais distante.

— Você, agora, vai voltar no tempo, — disse-lhe eu. — Sua mente estará alerta e você será capaz de referir o que está vendo.

Eu disse então a Mark que ele estava no ano de 1900.

— Conte-me o que vê, — solicitei-lhe.

— Eu... não sei. Rostos deslizando por mim. Tudo nebuloso.

Seguiu-se longa pausa, enquanto Mark se mexia, desassossegado, na cadeira. Aprofundei o transe hipnótico e, mais uma vez, fi-lo recuar no tempo.

— Tornaremos a regredir. Estamos agora em 1870. Diga-me o que está vendo.

As pálpebras de Mark piscaram, sinal evidente para mim de que ele estava vendo imagens. Descobri que esse rápido movimento dos olhos, característico do estado de sonho, também ocorre sob a influência da hipnose, quando o sujeito está visualizando.

— É... vejo a rua e os prédios. Vejo a rua, empedrada e áspera. Há uniformes ao meu redor.

Eu também verificara, através das minhas sessões informais com estudantes, que poderia levar sujeitos a uma existência passada pedindo-lhes que olhassem para seus respectivos corpos e descrevessem o que estavam vestindo. Pedi a Mark que olhasse para os pés.

— Botas. Estou usando também qualquer coisa parecida com um uniforme. Branco e azul. As pessoas à minha volta estão correndo. Parece haver uma espécie qualquer de confusão ou batalha.

— Qual é o seu nome? — perguntei.

Dir-se-ia que Mark estivesse lutando.

— Não sei, não consigo atinar com ele. Mas há um amigo aqui ao meu lado. Creio que é Pierre.

Tentei uma técnica que descobri ser útil para fazer as pessoas recordar o próprio nome.

— Pierre volta-se para você e diz-lhe qualquer coisa. Pronuncia o seu nome. Que nome pronunciou?

— Paul. Esse é o meu nome, Paul.

Tudo o que eu tinha agora era a informação de que ele trajava um uniforme azul e branco, estava em pé numa rua empedrada com outros soldados uniformizados, e que reinava uma grande confusão ao seu redor. Eu precisava saber mais para poder situar o acontecimento no tempo e no espaço. Perguntei-lhe:

— Você sabe onde está? Que é o que está acontecendo?

— Creio... creio que é Paris.

Mark ainda parecia estar vendo imagens, porque suas pálpebras se moviam. Uma expressão de desconforto passou-lhe pelo rosto, e ele permaneceu em silêncio por muito tempo. Tive a impressão de que estava experimentando alguma coisa desagradável, fosse lá o que fosse, por isso decidi continuar a

movê-lo para a frente e para fora do episódio.

— Você agora prosseguirá mais para diante da mesma existência até ao dia da sua morte. Dir-me-á o que acontece sem sentir dor nem medo — disse-lhe eu.

Ao responder à minha pergunta, a voz de Mark era muito baixa. Descobri que quando estão na fase mais profunda da hipnose os sujeitos têm dificuldade para articular claramente, e suas vozes são quase inaudíveis.

— Estou numa espécie de tenda grande ou edifício. Não posso ver muito bem, estou ferido. Há muitos outros homens à minha volta. Ouço-lhes os gritos.

Tornei a assegurar-lhe que ele não sentiria dor nem desconforto, e permaneceria suficientemente alheado para dizer-me o que acontecia. Perguntei-lhe se estava com medo, e Mark replicou:

— Creio que vou morrer. É uma sala grande e há aqui uma espécie de médico. Oh!

Mexeu-se, desassossegado, na cadeira e conheci que ele estava sentindo dor, a despeito das minhas instruções. Tirei-o rapidamente da cena e fi-lo relaxar-se mais uma vez. Disse-lhe que sua mente continuaria alerta, mas que ele não sentiria tristeza nem dor.

— Agora você está morto. Pode ver o que estão fazendo com o seu corpo?

— É... é muito nebuloso. Meu corpo parece estar amontoado com uma porção de outros corpos. Não sei... — disse ele, e sua voz se perdeu no silêncio.

Isso era interessantíssimo. Mark não tinha a mínima ideia de ter vivido na década de 1880, e muito menos em Paris. O que estávamos procurando era a experiência do *déjà vu* na Itália. Decidi recuá-lo um pouco mais no tempo a fim de tentar descobrir o episódio italiano.

— Agora você está vogando mansamente pelo tempo fora, — disse-lhe eu. — Está flutuando de volta através do tempo. Este é o ano de 1600. Vê alguma coisa?

Mark mexeu-se um pouco na cadeira. Suas pálpebras piscaram de leve e ele respondeu:

— Apenas rostos que deslizam. Não, na realidade não estou vendo nada. Só névoa.

— Vamos retroceder mais um pouco. Estamos no ano de 1450. Vê

alguma coisa?

As pálpebras de Mark puseram-se a abrir e fechar rapidamente.

— Um morro, — respondeu, passado algum tempo. — Estou montado a cavalo e vejo os morros e as árvores.

Pedi-lhe que olhasse para os pés e para a parte inferior do corpo e me dissesse o que estava usando.

— Parece ser. . . oh, estou usando uma espécie qualquer de metal. Creio que é uma armadura, mas não me parece muito pesada.

— Que é o que você vê em derredor?

— Estou chegando a um grande forte ou edifício. Acho que é um castelo. .. é o meu castelo.. . não é realmente muito grande.

— Que idade tem você? — perguntei.

— Não sei. Sou um homem... não sei a idade que tenho.

— Sabe qual é o seu nome?

Seguiu-se longo silêncio; mais uma vez, esbarrei na dificuldade de descobrir o nome na vida passada. Passei para a pergunta seguinte:

— Há pessoas em torno de você?

— Meus homens estão comigo. Vamos entrar no castelo.

— Um dos homens chama-o pelo nome. Que nome lhe deu?

— Creio que é.. . *Graf* qualquer coisa.

Fiquei surpresa com o título e curiosa com os companheiros.

— Esses homens trabalham com você? — perguntei-lhe.

— Estamos lutando. Eles lutam ao meu lado.

— A favor de quem você está lutando?

— Do Santo Imperador Romano.

— Sua família está no castelo?

— Não.

Seguiu-se uma pausa, durante a qual Mark pareceu experimentar algumas emoções fortes. E continuou, dizendo:

— Não tenho família. Não tenho esposa.

Decidi continuar investigando o assunto, porque se tratava,

aparentemente, da existência italiana correspondente á experiência do *déjà vu* na viagem de Mark à Itália no ano anterior. Eu não lhe sabia a idade em 1450. E como quisesse enfronhar-me nos pormenores da sua infância nessa existência, fi-lo regredir mais um pouquinho no tempo.

— E o ano de 1435. Volte para o ano de 1435. Conte-me o que vê.

— Um grande pátio. Estou lidando com um cavalo. Tomando conta de um cavalo.

Mark parecia responder mais depressa às minhas instruções, e suas pálpebras moviam-se com rapidez.

— É o seu castelo? — perguntei-lhe.

— Não. É muito grande. Pareço ser... bem, lido com cavalos. Há muita gente por aqui. Gosto daqui.

Aparentemente, Mark não estava com a família, mas servindo como pajem ou assistente num castelo maior. Se fosse o ano de 1435, e ele tivesse vinte e tantos ou trinta e poucos anos em 1450, eu lhe estaria provocando lembranças dos dez aos quinze anos de sua existência italiana. Sentia-me curiosa do modo com que ele chegara ao castelo e do seu trabalho com cavalos.

— Quando chegou a este castelo? — perguntei-lhe.

— Estou aqui há muito tempo. Quero ser cavaleiro como os outros, quando tiver idade para isso.

Mark descreveu suas atividades, que pareciam resumir-se, essencialmente, em cuidar dos cavalos, alimentá-los e ouvir falar os mais velhos.

Eu estava curiosa sobretudo das experiências de morte nessa existência, porque Mark me contara que sentira tristeza ao ver o pequeno castelo de pedra na viagem à Itália. Qual era a razão da tristeza? Teria alguma relação com sua morte nessa vida?

Você agora se adiantará no tempo até o dia em que morreu nessa vida, — pedi-lhe. — Lembrar-se-á de tudo o que aconteceu, mas não sentirá dor. Permanecera relaxado e mais ou menos distante, ainda que volte a experimentar tudo o que sentiu na ocasião.

Verifiquei o estado de hipnose de Mark erguendo-lhe o braço. Ele não despertou nem se mexeu quando lhe testei os reflexos; tudo fazia crer que estava profundamente hipnotizado. Ao falar, suas palavras foram lentas e muito baixas, mas consegui entender-lhe as respostas. Começou descrevendo o dia da morte.

— Estou numa ampla sala. Os homens me rodeiam. Estou sentindo muito calor. Tanto calor, que me sinto fraco.

— Foi ferido em combate? — indaguei.

— Não. Estou doente. Há alguém bem perto de mim, falando comigo. É um monge.

— A respeito do que estão falando?

— Estou com medo. Estou com medo de morrer. Quero a sua bênção.

A voz de Mark tornou-se quase inaudível. Embora não se mexesse na cadeira, várias expressões lhe cruzaram o rosto. Parecia, ao mesmo tempo, ansioso e triste. Decidi fazê-lo passar rapidamente pela existência da morte.

— Agora você morreu. Poderá ver o que fazem com o seu corpo. Diga-me o que vê.

Agora, ao responder à minha pergunta, a voz lhe soou mais forte:

— Estou olhando para baixo. Há uma procissão de muitas pessoas. — Demonstrando surpresa, acrescentou: — Oh! estão me enfiando numa parede.

Pedi-lhe que me contasse mais.

— É como se tivessem cavado um lugar na parede, uma espécie de prateleira, e nela colocassem meu corpo. Em seguida o cobriram com uma pedra.

Era a minha oportunidade de descobrir se havia algum nome ligado à experiência. Se ele pudesse ver o que estava escrito na pedra, seríamos capazes de obter-lhe o nome.

— Não pode ver o que está escrito nela? — perguntei.

— Não consigo ver muito hem, não consigo entender... Acho que não sei ler.

— Onde está a parede? — perguntei, imaginando que talvez estivesse numa igreja qualquer ou num mausoléu.

— Está no castelo. É a única coisa que posso ver.

Compreendi que a morte fora desagradável para Mark, mas não porque tivesse sido morto em combate; segundo todas as aparências morrera vítima de uma moléstia qualquer. O problema parecia ser a teologia cristã que lhe haviam ensinado e o seu medo do inferno e dos demônios. Tudo indicava que o monge ao seu lado era o único foco de sua atenção de moribundo. Presumivelmente, estava confessando seus pecados ao monge. Mas seria apenas o medo do castigo a causa da sua tristeza ao ver o castelo na Itália? Decidi investigar mais.

— Agora que está morto, que acha você dessa vida?

— Não foi uma vida muito feliz. Vivi solitário. Não havia ninguém que me fosse chegado, e parecia uma existência trabalhosa.

Em virtude da atmosfera de tristeza geral e de continuar infeliz a expressão facial de Mark, induziu-o a ter, por alguns momentos, um sonho agradável e feliz. Mandei-o para bem dentro de sua mente e disse-lhe que encontraria paz e relaxamento durante esse aprazível intervalo de sonho. Eu ainda não estava pronta para trazê-lo de volta da hipnose, porque sentia que ainda havia mais coisas para descobrir.

Transcorridos alguns momentos, tornei a interrogar. Se ele morrera por volta de 1460, e vivera em Paris em 1870, passara por outra existência entre essas duas datas? Decidi investigar.

— Você agora saiu do seu sonho agradável. Vamos recuar no tempo outra vez. Ê o ano de 1550. Vê alguma coisa?

— Estou apenas flutuando, — respondeu.

— Agora é o ano de 1650, ainda não vê nada?

— Mais uma vez sua resposta foi negativa.

— É o ano de 1700. Está vendo alguma coisa?

— Estou vendo relva.

A essa altura eu já hipnotizara gente bastante para saber que uma pessoa nessas condições,quando para de flutuar e vê alguma coisa com nitidez, está pronta para contar-me o que se passou numa vida anterior.

— Olhe para seus pés, — pedi a Mark. — Que é o que está usando?

— Nada.

— Prossegui na investigação.

— Você anda descalço?

— Ando.

— Está usando alguma roupa?

— Só calças. Estou perto dos carneiros. — Mark sorriu, satisfeito, em seu transe hipnótico, e ajuntou: — Gosto dos carneiros.

Eu sabia que ele estava de pés no chão, vestia calças, num pasto de carneiros, mas não tinha a menor ideia da sua localização.

— Sabe onde está? — perguntei.

Seguiu-se longa pausa, enquanto Mark lutava para responder. Finalmente, disse:

— Não, não sei.

Tentei de novo. Se ele não sabia onde estava, talvez outras pessoas por ali pudessem dar-me uma pista.

— Não existem outras pessoas ao seu redor?

— Não existem pessoas. Só os meus carneiros.

Não me sendo possível localizar com precisão pessoa alguma nem o nome do lugar, eu talvez conseguisse a descrição de uma paisagem que pudesse ajudar. Impressionou-me o fato de que, quando soldado francês, Mark parecia saber que estava em Paris, mas esse pastor do século XVIII, pelo visto, não tinha o menor conhecimento do sítio em que se encontrava.

— Existem árvores ou cursos d'água por perto? — perguntei.

— Os vinhedos.

(Depois que saiu do transe hipnótico, Mark me contou ter visto vinhedos que davam a impressão de ser de uvas especiais para vinho, mas não sabia descrevê-los quando estava sob o efeito da hipnose.) Tentei outra vez.

— Você nunca vê pessoa alguma?

— Vi o patrão uma vez.

Ah, outra pessoa. Talvez eu pudesse obter assim alguma informação sobre o lugar.

— Como se chamava o patrão? — indaguei.

Outra longa pausa, enquanto Mark parecia lutar com a pergunta. Finalmente, disse:

— Não sei... Mestre Jean, Jean, talvez.

Pronunciou o nome a maneira francesa, a sugerir que talvez estivesse de volta à França. Seu rosto iluminou-se novamente e ele deu de moto próprio a informação seguinte:

— É gostoso pegar nos carneiros.

Como o pastorzinho francês, a expressão facial de Mark era muito diferente da do soldado em Paris e da do cavaleiro na Itália. Quando fiz perguntas ao menino pastor, este carregou o cenho e lutou pelas respostas, que demoraram a vir. Só se mostrava animado quando discutia carneiros.

Como já durava uma hora o transe hipnótico de Mark, decidi tirá-lo desse

estado. Transmiti-lhe as sugestões costumeiras de que a energia voltaria ao seu corpo e ele se sentiria relaxado e restaurado quando despertasse. Acordou a contagem de três e executou a sugestão pós-hipnótica que eu lhe dera a fim de testar a profundidade da hipnose, que consistia em perguntar as horas assim que acordasse. Não lhe sugerí que se lembrasse de tudo o que ocorreu enquanto estava em transe mas, mesmo assim, lembrou-se de alguma coisa.

— Sabe, — disse ele, — aquela história a respeito dos carneiros. Eu tinha a sensação de não poder pensar com muita clareza. Como se fosse mentalmente retardado. Sentia-me feliz, mas não sabia o nome de nada. Tinha a impressão de que vivera sempre ali e de que os carneiros eram os meus principais amigos. É estranho. . . — a voz de Mark foi diminuindo e ele sorriu. — Eu nunca teria pensado que fui um retardado mental numa existência anterior. Era uma sensação tão diferente da do soldado! O pastor parecia muito mais feliz, embora não devesse saber coisa alguma.

Mark possuía diploma universitário, viajara muito e tinha um conhecimento de história superior ao do sujeito comum, o que tomava difícil estabelecer a validade da regressão hipnótica. Não teria ele apenas imaginado vidas passadas quando estivera sob o efeito da hipnose? Havia alguma informação nas regressões a existências anteriores de que ele poderia não ter conhecimento através dos seus estudos de história?

Eu dispunha de muito poucos elementos para prosseguir. Estudei a vida parisiense e descobri que os uniformes usados pelos soldados franceses naquele período eram azuis e brancos. Mark descrevera a batalha e descobri que isso correspondia à ocasião em que foi instituída a Comuna de Paris e em que se travaram batalhas de rua na capital francesa. Mas não teria ele sabido de tudo isso através das próprias leituras? Não havia nada para verificar na vida do pastor porque ele não dispunha de informações concretas para oferecer. Por si só, contudo, isso era interessante. Mark tinha ciência do que ocorrera no mundo no século XVIII e poderia ter construído uma vida muito mais esplendorosa, com maiores detalhes históricos. Entretanto, só falou em carneiros.

A vida do cavaleiro italiano também me ofereceu poucos elementos para verificar. Ele dissera que lhe haviam dado o título de “Graf”, e eu fui investigar. Trata-se de um título de origem germânica que corresponde ao de “Conde”; mas a palavra é tão conhecida que sua utilização por parte de Mark não constitui prova de nenhuma experiência de rememoração. O sítio na Itália, que ele me descreveu, pareceu-me situar-se nas proximidades da Áustria atual. Em 1450, o mapa da Europa era muito diferente. O que mais me deixou perplexa foi a sua declaração de estar lutando pelo “Santo Imperador Romano”. Ao fazer a

verificação, descobri provas de que este era o termo usado naquele tempo, bem como durante o período da história europeia antes do estabelecimento dos Estados nacionais. Mas, longe de ser concludentes, os indícios davam apenas a entender que ele poderia realmente ter vivido essas vidas passadas. O próprio Mark estava impressionado, não com o conhecimento histórico que revelava, mas com as emoções que experimentava. Para muitos sujeitos hipnóticos, o nível emocional da experiência importa muito mais que o seu conteúdo intelectual. Como eu não dissera a Mark que ele se lembraria dessa regressão, os incidentes foram-se-lhe dissipando, pouco a pouco, da mente consciente.

Olhando para trás, vejo agora que essas sessões iniciais de hipnose me colocaram no caminho que me levou a mais de dois mil casos de regressões a existências passadas. A princípio, eu as tinha na conta de sessões de interesse secundário. Nessa ocasião eu não estava às voltas com o problema de saber se as vidas passadas eram reais, senão com a maneira de lidar com os adolescentes perturbados cujo número aumentava à medida que proliferava a cultura das drogas. Eu estivera fazendo terapia com adolescentes do sexo feminino numa instituição e principiei a sentir que os métodos terapêuticos que aprendera e praticara durante tantos *anos eram* inteiramente inadequados para resolver o problema. Inúmeras jovens necessitavam muito mais de um lugar onde pudessem crescer e desenvolver-se, do que do tipo de terapia que se resume em "sentar-se e falar". Elaborei um plano para um lar, uma organização que, a meu ver, seria muito mais benéfica do que a institucionalização a que tantas jovens eram obrigadas. A maior parte das minhas energias se concentrou em planejar e fundar essa organização e em trabalhar de perto com as garotas. Dirigi sessões ocasionais de hipnose, mas estas não eram o meu alvo principal. A meu ver, o mundo real merecia minha atenção.

Eu continuara a ensinar psicologia no correr dos anos, dando um curso por semestre, e sempre gostei de ensinar e de estar em contato com os alunos. Eu ministrava um curso de Introdução à Psicologia no colégio de uma comunidade vizinha, quando cheguei à parte da psicologia da percepção. Ao falar à minha classe sobre percepção extra-sensorial, notei que os alunos redobravam de atenção e me enchiam de perguntas. Gostei muito disso porque, àquela altura, eu já lera quase toda a literatura científica sobre parapsicologia e andava entusiasmada por alguns dos novos enfoques que os pesquisadores desenvolviam no campo. Meu entusiasmo deve ter sido contagioso, pois os alunos participaram com avidez das atividades nesse sentido.

Entre eles havia uma jovem dona de casa que estava voltando ao colégio para tirar o diploma. Ela seguia dois cursos, o meu curso de Introdução à Psicologia e outro de jornalismo. Quando a classe voltou a reunir-se depois dos

feriados do Natal, a jovem dona de casa tinha uma boa história para contar. Na noite da minha aula sobre parapsicologia, voltara correndo para casa porque devia entregar um trabalho de jornalismo no dia seguinte. O trabalho consistia em redigir uma reportagem sobre um acontecimento imaginário. Adiara-o até o último momento. Sentou-se à mesa e redigiu à pressa uma história a respeito de um desastre imaginário de aviação. Incluiu no trabalho o número do voo do avião (401), o fato de uma aeromoça haver sobrevivido e a outra morrido, a data do acidente e o local, a Flórida. No dia seguinte, entregou o trabalho e aproveitou os feriados de Natal.

Quando voltou, após a folga dos dias de festa, começou pelo curso de jornalismo. A professora pediu-lhe que ficasse depois da aula. Estivera corrigindo a prova da minha aluna sobre o desastre "imaginário" de avião, quando chegou, pelo rádio, a notícia de que acabara de ocorrer um acidente de aviação na Flórida. Os pormenores do trabalho jornalístico da minha aluna correspondiam, em muitos pontos, à notícia do rádio. A data diferia por um dia, mas o número do voo estava certo. O fato de uma aeromoça ter morrido e a outra sobrevivido também constava da notícia. A professora ficou abalada com a história. E perguntou à minha aluna:

— Como foi que você soube que isso ia acontecer?

Minha aluna sentia-se abismada e horrorizada. Julgara estar preparando uma história imaginária, e esta se revelara verdadeira. Como acontecera uma coisa dessas? perguntou-me, olhando ansiosamente para mim.

Fiquei tão surpresa quanto a professora de jornalismo. Como, de fato, minha aluna pudera sabê-lo? Refleti que ela estava com pressa para completar o trabalho, de modo que, ao sentar-se à mesa com a intenção de executá-lo, fê-lo num estado de consciência levemente alterado. Seu ego não interferiu, razão por que conseguiu escrever a história tão depressa. Aparentemente, valera-se de uma provável realidade futura por ser esta a maneira mais fácil de levar a cabo o trabalho. Eu sabia que não se tratava, na verdade, de uma explicação, mas não me foi possível pensar em outra melhor.

Os alunos da classe estavam tão impressionados quanto eu diante dessa prova de precognição. O caso era incomum porque o material, escrito, se encontrava em mãos de um terceiro na ocasião em que o evento ocorreu. Achei que a hipótese da coincidência devia ser descartada por causa do número do voo mencionado com precisão.

Infelizmente, a aluna que tinha feito o "brilhareto" precognitivo ficou muito perturbada. Nunca tivera qualquer experiência de percepção extra-sensorial até aquele momento, mas agora achava que, por haver predito corretamente um fato, devia ser capaz de predizer outros. Preocupava-se com o

marido e tinha medo de que alguma coisa pudesse acontecer-lhe no serviço. Suplicou-lhe que ficasse em casa e não fosse trabalhar um dia porque “tinha a impressão” de que algo lhe sucederia. Ele foi trabalhar apesar de tudo, e nada de anormal aconteceu. Senti-me um tanto ou quanto responsável, porque ventilara a questão da precognição em minha classe antes do exemplo dado por ela. Em vez de sentir-se exultante com a faculdade recém-descoberta, ela estava compreendendo que a nova capacidade lhe tornava a existência mais difícil.

Constatei depois que é isso muitas vezes o que acontece. Episódios negativos ou assustadores parecem emitir comprimentos de ondas emocionais de maior intensidade do que os eventos agradáveis. Para os que se expuseram a essas ondas de energia, a vida pode tornar-se deveras difícil. Não é divertido visualizar assassínios, acidentes e catástrofes pelo mundo inteiro.

Conversei com minha aluna numa fútil tentativa de tranquilizá-la. Finalmente, assumi uma atitude autoritária, pois percebi que, enquanto eu manifestasse interesse em que ela conservasse sua capacidade de percepção extrassensorial, a estaria sujeitando a esses sentimentos negativos.

— Você, na realidade, não tem poderes mediúnicos, — disse-lhe eu. — Estava apenas realizando um duplo trabalho em sua atividade colegial, fornecendo um exemplo de percepção extra-sensorial para minha classe de psicologia e, ao mesmo tempo, fazendo sua tarefa de inglês. Tenho certeza de que isso não se repetirá, e de que sua vida voltará ao normal.

Essa declaração parece ter operado o milagre. Ela ficou muito aliviada com a ideia de que fizera apenas um trabalho escolar, e não era “médium”. Cessou de preocupar-se com o que poderia acontecer ao marido e relaxou-se. Trouxe um peru para as meninas da nossa organização, a fim de comemorarmos o dia de Ação de Graças. E creio que encontrou maior satisfação em ajudar-me com as adolescentes sem lar do que em ter “poderes mediúnicos”.

Minha aluna ensinou-me duas lições. A primeira foi que a percepção extra-sensorial pode ocorrer de fato, sobretudo quando a pessoa se acha num estado de espírito relaxado e receptivo. A segunda foi que a posse de “poderes mediúnicos” é uma faca de dois gumes. Quem não ganha nada no mundo real por poder predizer catástrofes, não leva vantagem alguma em sintonizar esse determinado comprimento de ondas. E é muito difícil saber se o anúncio de uma catástrofe constitui realmente percepção extrassensorial ou não passa de uma forma de preocupação. E por não se poder fazer a distinção enquanto não ocorre o evento, sofre-se muita ansiedade à toa. E ainda que se possa prever com exatidão uma catástrofe próxima, as mais das vezes não há nenhuma providência que se possa tomar a respeito. Se o acontecimento for uma questão pessoal, talvez seja possível tomar medidas para obviar a situação; em muitos casos,

porém, as catástrofes pressentidas através de visões ou de outras formas de atividade subconscientes, não podem ser atalhadas. Que aconteceria, por exemplo, se minha aluna tivesse telefonado para a companhia de aviação e dito a quem de direito que um avião cairia na Flórida num determinado dia? Os responsáveis pela companhia, evidentemente, não teriam tomado conhecimento dela, considerando- a "biruta", e nada se teria ganho com isso.

Se bem todos nós, de vez em quando, tenhamos vislumbres do futuro, sou realmente de opinião que é muito mais prudente viver no presente. Se o futuro está ordenado de antemão, que vantagem haverá em conhecê-lo antes do tempo? Se ele pode ser modificado pelo nosso livre-arbítrio, não há maneira de "prevê-lo", porque ainda não foi estabelecido. Em qualquer caso, estamos vivos para ver o que acontecerá depois. Se todos pudessemos conhecer antes do tempo as experiências por que teremos de passar, e o resultado de todos os problemas que se nos deparam agora, o mais provável é que não nos submeteríamos às experiências. Viver nossas vidas seria o mesmo que assistir pela segunda vez a uma partida de superbocha, conservando pelo conhecimento do resultado o mesmo grau de interesse. O elemento *suspense* é importantíssimo para o fato de estarmos vivos. Assim como assistimos a novelas de rádio ou televisão e a esportes de competição para "ver o que acontece", assim vivemos nossas vidas de momento a momento com o permanente desafio de fazer nosso próprio futuro. A questão complicadíssima de saber o que o futuro realmente nos reserva não pode ser resolvida a esta altura com os conhecimentos que possuímos. Faz parte integrante do nosso presente, da nossa existência tridimensional, formularmos perguntas a nós mesmos sobre o futuro, mas nunca sabermos com certeza. O jogo prossegue e o fim não está pré-ordenado.

Outro resultado da seção de parapsicologia do meu curso de Introdução à Psicologia foi a decisão de lecionar parapsicologia em lugar de dar os cursos habituais de Desenvolvimento da Criança e Psicologia Geral. Eu estava fascinado por ela. Meus alunos estavam fascinados por ela. Conversei com a direção do colégio, e os diretores concordaram em oferecer um curso de parapsicologia subordinado à Divisão de Educação de Adultos do Colégio. Pela primeira vez, admiti a mim mesma que o meu interesse pela parapsicologia, pela hipnose e pela percepção extra-sensorial era mais do que um *hobby* casual. Chegara o momento de trazê-la para o primeiro plano da minha atenção e dedicar-lhe minhas energias. Meu próprio futuro na pesquisa da parapsicologia começava a desdobrar-se.

3. A BUSCA PRINCIPIA

Novas aventuras estavam começando para mim. Eu não somente ministraria um curso de parapsicologia, mas também passaria por um processo de aprendizagem em minha própria vida.

Surpreendi-me ao verificar que minha classe estava cheia de pessoas da minha área que, aparentemente, entendiam mais de parapsicologia do que eu. Eu lera a literatura científica, mas muitos alunos meus tinham tido contato com assuntos das ciências ocultas totalmente novos para mim. Logo descobriram que eu possuía pouquíssimos conhecimentos de médiuns, astrologia, sessões e outros aspectos dos estudos ocultistas, que haviam fascinado tanta gente durante tanto tempo. Suponho que nisso residissem meus preconceitos. Eu acreditava que, enquanto as chamadas autoridades competentes não tivessem investigado a parapsicologia, esta só poderia existir como folclore. E essa maneira de pensar talvez fizesse de mim uma criatura um tanto fora do comum; grande número de pessoas em nossa cultura já teve algum contato com movimentos das mesas, histórias de fantasmas ou outros tópicos do ocultismo cotidiano. Mas eu nunca me havia interessado por filmes nem por livros que tratassem desses assuntos, e por isso ignorava as espécies de fenômenos que meus alunos me descreveram.

Uma de minhas alunas trouxe uma tábua com as letras do alfabeto e outros sinais, que se usa para receber mensagens mediúnicas *(Ouija board)* à sala de aulas e fez que a filha mostrasse os tipos de respostas que se podem obter com ela. Observei com interesse os movimentos da filha, cujas mãos passavam, rápidas, de um lado para outro da tábua, soletrando as mensagens de uma pretensa entidade do além. Fiquei interessada, mas não indevidamente impressionada. O pouco que eu havia lido a respeito dessas tábuas mediúnicas me indicavam que a mente subconsciente do operador intervinha na produção das mensagens. O fato de tantas mensagens chegarem confusas quando duas pessoas se encarregavam da tábua dava-me a entender que havia competição entre as mentes subconscientes dos dois operadores, do que resultava a confusão das mensagens. Fiquei impressionada com a rapidez da manipulação da tábua mediúnica, mas não achei que fosse sobrenatural. Eu já vira datilógrafas que usavam o sistema do toque operar com a mesma rapidez. Quanto às mensagens chegadas através da pretensa entidade do além, o seu conteúdo me parecia inteiramente comum.

Quando dei o meu curso, entrei em contato com o entusiasmo despertado

em muita gente pelas obras de Edgar Cayce, e isso me levou a estudar o que se escrevera a respeito desse médium americano. O que mais me chamou a atenção foi o fato de se terem revelado as capacidades de Cayce enquanto ele estava hipnotizado para corrigir um problema persistente de laringite. Isso ocorreu na primeira sessão hipnótica, e notei, interessada, que, no dizer do hipnotizador, ele seria capaz de falar com clareza e facilidade sob o efeito da hipnose. Cayce falou e, para surpresa do hipnotizador, descreveu as próprias dificuldades com a laringe e deu instruções para a correção da anomalia. Pela primeira vez, Edgar Cayce apresentava uma "leitura física", e a respeito de si mesmo. O fenômeno de diagnosticar males físicos em estado hipnótico e escrever as condições dos órgãos interessados caracterizaria as leituras de Cayce quando em transe. Creio que as instruções dadas pelo hipnotizador original — de que Cayce seria capaz de falar enquanto estivesse em transe — foram, em parte, responsáveis pelo fenômeno Cayce. Disseram-lhe que, quando estivesse hipnotizado, ele falaria facilmente e bem; e ele continuou a fazê-lo várias vezes por semana durante muitos anos.

Cayce se auto-hipnotizava com muita facilidade, e sempre falava nesse estado. Afortunadamente, tinha um secretário que anotava o que ele dizia em transe. Não sei se todos nós, falando com facilidade quando hipnotizados, acabaríamos produzindo material idêntico ao que Edgar Cayce produziu em estado de transe. O que li a respeito do Programa Silva de Controle da Mente indica que se pode obter sem nenhuma dificuldade o diagnóstico psíquico durante o transe das pessoas treinadas pelo citado Programa; nesse sentido, os resultados correm paralelos à obra de Edgar Cayce.

Muitos dos meus alunos se interessavam por astrologia. Como toda a gente, eu costumava ler o horóscopo diário nos jornais mas, além disso, não tinha a menor ideia da teoria nem da prática astrológica. Essa ignorância foi- se dissipando aos poucos, conquanto eu ainda conserve algum ceticismo em relação à astrologia aplicada nos horóscopos cotidianos de pessoas que vivem no presente.

O que principiou a interessar-me profundamente foi a *teoria* da astrologia. Eu conhecia de física quântica, ora em pleno desenvolvimento, o suficiente para saber que os campos de força ao redor dos objetos tendem a organizar os átomos e moléculas dentro deles mesmos. Tinha sentido para mim a afirmação de que há radiações, tanto no sistema solar quanto no universo, que provavelmente possuem forças de campo magnético capazes, por seu turno, de operar através dos átomos e moléculas de nossos corpos e cérebros. Ainda sou de opinião que as provas, em franco progresso, de muitas ciências estão aguardando uma teoria unificada que explique a maneira com que a matéria se

organiza a partir de ondas quânticas — e que, quando evolver, essa teoria se referirá a forças cósmicas dos corpos de planetas, assim como ao campo gravitacional da terra. Nesse sentido, creio que haverá um encontro da astronomia com a astrologia, através da compreensão mais profunda da organização das partículas que constituem o mundo físico. Mas a elaboração de uma teoria nessas condições está muito acima das minhas capacidades. Eu mal podia percebê-la com bastante vaguidade para saber que não devemos excluir a possibilidade de que as previsões astrológicas nos digam alguma coisa sobre o efeito da radiação cósmica nas mentes e corpos dos seres humanos aqui na terra. Meus 1.088 questionários incluem o signo solar de todos os meus sujeitos, embora eu ainda não saiba analisá-lo em relação à vida passada respectiva.

Minhas aulas de parapsicologia prosseguiram por oito semanas, e eu aprendi juntamente com meus alunos. Partilhei com eles a literatura sobre muitas experiências parapsicológicas. Eles partilharam comigo as próprias experiências de contato com seus "eus superiores", a investigação dos próprios poderes psíquicos e as visitas que fizeram a intérpretes psíquicos e médiuns.

Quando as aulas terminaram, tive a impressão de que mal havíamos começado. Eu continuara a fazer regressões, mas não organizara um cuidadoso estudo de pesquisa da rememoração hipnótica de vidas passadas. Pedi voluntários que se dispusessem a trabalhar comigo em particular, fora do recinto do colégio, no estudo da recordação de vidas passadas sob o efeito da hipnose. Muitos se apresentaram, e acabei ficando com um grupo de onze sujeitos, que concordaram em trabalhar comigo todas as semanas em meu consultório particular. Eu aguardava com impaciência a oportunidade de hipnotizar mais sujeitos, porque minha pesquisa até àquele momento abrira muitas áreas e eu estava cheia de perguntas, para as quais esperava *agora* encontrar respostas. Tendo escolhido meus sujeitos com base na sua estabilidade emocional, maturidade e capacidade de responder á hipnose, eu já antegozava o primeiro encontro com um deles.

Minha pergunta principal era a seguinte: "Poderei encontrar alguma *prova* que confirme a memória de uma vida passada?" Eu não fazia a menor ideia, na ocasião, dos atalhos pelos quais estava sendo conduzida, nem das aventuras que aguardavam o grupo.

O primeiro dos onze sujeitos que hipnotizei entrou facilmente em transe. Descreveu uma vida pregressa vivida como camponesa na Rússia no século XVIII**,** mas não consegui arrancar-lhe nenhuma informação que me permitisse verificar se ela, de fato, vivera naquele período. Foi a primeira a pronunciar uma palavra em língua estrangeira. Quando a fiz regressar inicialmente ao ano de 1780, contou-me que estava deitada em cima de um fogão. Inteiroguei-a, porque

deitar em cima de um fogão me parecia um estranho procedimento. Sob a influência da hipnose, ela impacientou-se e disse:

— Fogão... fogão... sim, é um... — e acrescentou uma palavra, que se me afigurou russa.

Ao despertar o sujeito, perguntei-lhe se se lembrava da palavra que pronunciara em russo. Ela pensou por um minuto e respondeu:

— Sim. Mas acho que a conheço. Minha avó era russa e lembro-me de ouvi-la dizer essa palavra.

Mais uma vez, minhas esperanças de encontrar o material probante foram por água abaixo. Impressionou-me, todavia, a maneira com que seu corpo respondera à sugestão hipnótica. Deitada em cima do fogão russo (que se verificou ser uma longa e baixa plataforma de pedras, aquecida por um fogo numa extremidade), descreveu os objetos à sua volta de maneira muito indistinta. Lágrimas lhe corriam pelo rosto e ela mal parecia distinguir o que havia ao redor. Acontece que eu acertara de fazer-lhe essa regressão a essa vida passada quando ela já estava muito velha. Aparentemente, acometida de catarata, não podia enxergar. Seus outros sentidos estavam ativos, e ela descreveu com nitidez o sabor dos alimentos. As lágrimas que lhe deslizavam pelas faces durante a parte inicial da hipnose se pareciam diretamente relacionadas com a catarata. Quando a fiz retroceder para uma idade mais jovem, as lágrimas desapareceram e ela viu tudo com clareza.

Em lugar de fornecer uma resposta a uma pergunta de pesquisa, esta primeira regressão em meu novo grupo de sujeitos acarretou nova pergunta. Por que o corpo responde, tanto quanto a mente, à sugestão hipnótica? Se a hipnose é sugestão, serão muitas de nossas reações corporais cotidianas resultado de sugestões que fazemos a nós mesmos? Esse fenômeno, que agora denomino memória psicossomática, repetir-se-ia em muitas regressões hipnóticas, tanto de grupo quanto individuais.

O sujeito seguinte que fiz regredir foi Anna. Anna se interessava pelas ciências ocultas, mas lera muito pouca coisa a esse respeito até àquele momento. Levei-a para o ano de 1770. Suas pálpebras se mexeram depressa, e conheci que ela estava vendo alguma imagem em sua mente.

Pôs-se a falar e compreendi que ela era capaz de expressar-se com facilidade sob o efeito da hipnose. O que não deixava de ser importante, porque muitos dos meus sujeitos estavam relaxados demais para poder verbalizar bem quando hipnotizados, e era como arrancar dentes conseguir que respondessem às minhas perguntas. De quando em quando, dou com um sujeito que fala com fluência sob o efeito da hipnose, e isso significa que posso obter o tipo de

pormenor que falta nas regressões de indivíduos menos loquazes.

— Vejo uma roda de fiar. Estou numa sala e vejo a luz do sol no chão. Pareço ser... Sou pequena. Sou uma criança pequena.

Fi-la adiantar-se um pouco no tempo.

— Estamos agora em 1780. Que é o que está vendo?

— Arvores. Gosto de sentir a grama debaixo dos pés nus.

Aparentemente, ela continuava a ser uma criança e, por isso, a movi para 1785.

— Que é o que vê agora?

— Há homens passando por aqui. Tenho qualquer coisa no colo; creio que são feijões. Estou descascando feijões. Há muita atividade, pessoas andando de um lado para outro. Parece ser um piquenique ou coisa parecida.

Anna dava-me espontaneamente suas impressões, e não precisava das minhas perguntas para ver as coisas com clareza. Bom sinal.

Decidi dirigir-lhe a atenção para as pessoas que a rodeavam, esperando obter maiores detalhes.

— Está vendo alguém por aí que você conhece? — perguntei-lhe.

— Conheço aquele homem. Oh, sim, **é** meu irmão. Veste roupa de trabalho; e fala com um homem de chapéu alto.

— Você sabe onde está? — perguntei-lhe.

Os sujeitos acham difícil responder a essa pergunta. Embora tenham consciência de dicas sensoriais à sua volta, atrapalham-se quando intimados a emitir um julgamento sobre o que estão vendo, ou a dizer nomes e datas. Queixam-se também de que minhas perguntas constituem uma interferência inoportuna na experiência por que estão passando.

— Preste atenção, e veja se ouve o nome da cidade, — recomendei a Anna.

Ela fez uma pausa e, em seguida, declarou que ouvira o nome.

— Webster, Massachusetts. Ê uma espécie de ocasião feliz. Como uma comemoração, ou coisa que o valha.

Pedi-lhe que voltasse para casa e participasse da refeição da noite com a família.

— Diga-me o que está vendo agora.

— Estão todos sentados em torno da mesa. Carrego uma tigela de comida. Meu pai está lendo uma espécie de.. . não é um jornal, é grande demais para ser um jornal. Parece um rolo de papel, com madeira nas pontas. Ele está lendo o papel e creio que é.. . como uma proclamação.

— Sabe o que está escrito nela? — perguntei a Anna.

— Não. Ele não diz.

Ana parecia tão sagaz na observação do que havia à sua volta que eu esperava poder obter-lhe o nome. Perguntei, mas ela resistiu. E eu disse:

— Alguém em sua família a está chamando. Qual é o nome usado?

— Rachel. É isso, sou Rachel.

Ela estava satisfeita por haver descoberto o seu nome. Os sujeitos hipnotizados parecem ter a necessidade de agradar ao hipnotizador, mas sentem-se amiúde constrangidos quando sua mente não lhes apresenta a informação solicitada. A despeito, porém, da vontade de responder, ainda tendem a não evocar seus nomes nem os dos lugares onde vivem, a menos que recebam instruções para procurar ouvi-los articulados por outros na mesma existência.

Não conheço nenhuma explicação para esse fenômeno recorrente. Quando as pessoas fantasiam conscientemente, nomes e lugares costumam ser as primeiras coisas que descrevem. Hipnotizados, parece que essa capacidade as abandona. Relatam o que vêem, o que ouvem, o que tocam, cheiram ou provam. Mas quando se trata de um pensamento lógico, de pensar com palavras, sentem-se bloqueadas. Isso me levou à questão de saber se, quando estamos sob o efeito da hipnose, lidamos com áreas da mente que não se acham normalmente à nossa disposição no estado de vigília consciente. Os instrumentos usuais da consciência, como o uso de palavras e a lembrança de números, raro aparecem quando mergulhamos num transe hipnótico, ao passo que outras capacidades entram em ação.

Continuei com Anna, por ser uma personalidade vigorosa nesta lembrança de vida, que falava com fluência e liberdade das suas experiências. Pedi-lhe que descrevesse seu lar e sua localização. Ela me contou que a família vivia fora da cidade, no mato. Descreveu, com minúcias, a vista da janela do quarto em que dormia. Em seguida, falou em ir à cidade e disse ter ouvido comentário sobre um rapaz que se afogara no mar. A história do afogamento fê-la consciente de que a cidade ficava perto do litoral e que ela sabia de navios e marinheiros.

Decidi verificar se sentia alguma emoção no tocante ao rapaz afogado no

mar.

— Você ia casar com ele?

— Não. Casei com John.

Eu quis saber se Anna conhecia a cidade em que vivia depois de casada com John. Eu disse-lhe que ela ia buscar mantimentos, e que estava a caminho. Perguntei-lhe como viajava e ela me retrucou que eles tinham um cavalo e uma carroça. Ela e John iam à cidade. Em seguida, fi-la recuar um pouquinho no tempo a fim de descobrir como era a casa deles.

— Esta é a noite que precedeu o dia em que você chegou à cidade em busca de suprimentos. Onde está agora? — disse eu.

— É muito bonito aqui. Estamos à beira do rio.

Supus haver-me enganado. Eu queria que Anna estivesse em casa e ela me descrevia um cenário externo. Experimentei de novo:

— Você está acordando de manhã, no lugar onde dormiu ontem à noite. E vai sair agora para ir buscar seus mantimentos.

Anna mexeu-se, desassossegadamente.

— Estamos debaixo das árvores, à margem do rio. A luz do sol chega até nós através dos ramos.

Só depois que despertou da sessão hipnótica Anna contou a razão do seu desassossego durante o período em que a interroguei.

— Eu sabia que você não estava compreendendo, mas não sabia direito como explicá-lo. A viagem à cidade levava muito tempo, e tínhamos de dormir ao relento. Era um estirão de dois dias das nossas terras à cidade mais próxima. Eu queria fazer o que você me pediu e descrever a casa. Mas não podia. Você me disse que era a noite anterior à nossa chegada à cidade. Experimentei uma sensação estranha — sentia que não poderia acercar-me de você, mas era muito importante para mim falar a verdade, e não dizer-lhe apenas o que você desejava ouvir.

Encontrei esse fenômeno repetidas vezes ao hipnotizar sujeitos. As respostas resultam, por certo, das sugestões do hipnotizador e eles respondem logo quando lhes pedimos que vejam alguma coisa. Mas quando compreendo mal o que me dizem, ou quando minhas perguntas não são muito claras, eles não modificam a imagem para ajustar-se à minha interpretação do que estão fazendo. Isso é deveras estranho. Se a rememoração da vida passada resulta da sugestão e só ocorre em resposta aos desejos do hipnotizador, como explicar essa atitude? Os sujeitos têm um desejo forte de dizer a verdade sob o efeito da hipnose.

Preocupam-se muito com a veracidade das suas respostas, e se apegarão teimosa e literalmente ao que quer que estejam experimentando.

Levei Anna para o dia da sua morte. Eu queria saber o que acontecera a Rachel, e à sua vida aprazível e pacífica no interior de Massachusetts.

— Agora você se adiantará no tempo até chegar o dia em que morreu naquela vida, — expliquei-lhe. — Sem experimentar nenhuma dor e nenhum medo, descreverá o que lhe acontece.

— Estou na cama. A coberta é um acolchoado.

As mãos de Anna entraram a mover-se de maneira inquieta, como se estivesse mexendo no acolchoado. Descobri que, de vez em quando, o corpo tende a representar o que está sendo experimentado, ainda que o transe hipnótico seja profundo e os músculos estejam muito relaxados.

— Sinto-me muito fraca, — continuou Anna. — Estou tão preocupada com minha filhinha! Vou morrer, sei que vou morrer. Tenho medo do que vai acontecer a minha filha e a John.

— Onde está John?

— Está aqui. Há uma senhora lá embaixo, que veio ajudar-me. .. ajudar-me a ter o nenê. Acho que o nené morreu. Oh! não quero morrer. Ainda tenho tanta coisa para fazer aqui!

Anna contraía o rosto enquanto falava, e repeti-lhe a sugestão de que não sentiria dor nem sofreria. Em seguida, ela recebeu instruções para adiantar-se mais um pouco no tempo a fim de assistir ao enterro do próprio corpo, e foi-lhe dito que seria capaz de descrever o que aconteceu.

— Apenas John, minha filhinha e mais algumas pessoas. Poucas. Cavaram uma cova ao pé do estábulo, do lado mais afastado da casa. Até parece que estou acima da cena, vendo-a de cima. John está muito triste. Continuo preocupada com minha filhinha. . . é tão pequenininha e eu já não estou lá para cuidar dela.

Essa experiência de tristeza por ocasião da morte, em virtude de obrigações não cumpridas, também ocorreu em outras regressões. O pesar parece relacionar-se mais com terceiros do que com a própria pessoa.

Como Anna parecesse gostar da vida de Rachel, perguntei-lhe:

— Que havia de bom nessa vida?

— Eu gostava dela. Não tínhamos posses. . . apenas coisas simples, grosseiras. Mas eu me sentia feliz. Havia um bom sentimento. Eu estava perto de

John. Era uma vida feliz.

Tirei Anna lentamente da hipnose e disse-lhe que se sentiria bem e relaxada quando despertasse e que se lembraria de tudo o que experimentara. Quando acordou, pareceu surpreendida com o que acontecera.

— Parecia tão real! Eu estava ali e podia ver, ouvir, e até cheirar as coisas. Mas era tão difícil responder às suas perguntas! Como se eu tivesse de interromper e abandonar a experiência a fim de responder às perguntas que você fazia. Não que fosse desagradável, apenas não sei o que concluir de tudo isso.

Anna era o melhor sujeito que eu já tivera. Capaz de falar claramente sob o efeito da hipnose, atingia depressa um estado de hipnose profunda, e recordava todas as suas experiências com suma clareza. Sua vida como Rachel era interessante, mas havia muito pouca coisa que podíamos fazer para confirmar-lhe as palavras. Descobrimos que, em 1800, existira em Massachusetts uma cidade chamada Webster mas, afora isso, não emergiu nenhum material comprovativo. Decidi fazê-la progredir no tempo até uma vida mais recente, cujos dados talvez nos fosse possível averiguar. Perguntei- lhe se estava disposta a tentar, e ela disse que sim.

— Gosto de ser hipnotizada. É uma sensação interessante, e gosto do que acontece comigo quando estou sob o efeito da hipnose.

Nessas condições, marcamos um dia da semana seguinte para estudar as vidas pregressas de Anna com maiores minúcias.

Anna nascera em 1938. Por isso, na sessão seguinte, fi-la regredir, ano após ano, através do século XX. Durante todos esses anos, até 1917, quando perguntada o que via, só respondia:

— Estou apenas flutuando.

Chegada, porém, ao ano de 1917, descreveu uma sala de estar. Estava olhando pela janela da casa mas, quando lhe pedi que relanceasse os olhos à sua volta, explicou pormenorizadamente os móveis. A qualidade da sua voz era diferente agora do que fora como Rachel, a primitiva pioneira de 1800. Parecia inteligente, mas não tinha a vivacidade da outra. Dava a impressão de sentir-se infeliz. E, à medida que eu prosseguia na sondagem, circunstanciou seus sentimentos.

Sentia-se entediada na cidadezinha em que vivia. Leu no topo do mastro de um jornal que o nome da cidade era Wetfield, Nova Jérsei. Descreveu seu apego à casa em que vivia e contou-me que ela mesma fizera as cortinas que enfeitavam as janelas. Levei-a a encontros com vizinhos e amigos e a lojas na rua principal da cidade, e ela me forneceu inúmeros pormenores. Contou-me que

se sentia inquieta e insatisfeita; ávida de emoções, acabou se envolvendo numa trama para vender suprimentos do governo no mercado negro durante a Primeira Guerra Mundial. Contou-me que o marido estava no exército, no estrangeiro, mas não parecia morrer de amores por ele.

Explorei-lhe o envolvimento com o mercado negro. A voz vibrava-lhe de emoção ao descrever o medo de ser descoberta e a vergonha de ser acusada de aproveitar-se da situação enquanto o marido lutava no além-mar. Ao ouvi-la, senti-me capaz de empatizar com os seus sentimentos. Ela falou no ódio aos alemães e no envolvimento total da sua comunidade em ideias grandiosas sobre a glória da guerra. Dir-se-ia que os estados de espírito, sentimentos e atitudes de uma cidadezinha da América em 1917 ganharam vida em minha sala. Quando a levei para a experiência da morte, fiquei chocada ao descobrir que se matara.

— Encosto o revólver na cabeça e, então, tudo o que vejo são cores magníficas. Não ouço explosão alguma. Oh! não escapei. . . ainda tenho consciência de tudo.

Essa foi minha primeira experiência de suicídio numa vida pregressa. Segundo a descrição de Anna, ao dar ao gatilho, ela não experimentara dor, mas permanecera consciente. Estava fora do corpo. Tinha a sensação de não haver escapado de coisa alguma: continuava consciente a ainda cheia das emoções de vergonha e confusão que a haviam conduzido ao suicídio.

Fiquei preocupada com o efeito que a experiência poderia ter sobre a Arma do presente. Ao sair da hipnose, ela confessou que se sentia chocada com o suicídio, pois não pensara nele em sua vida atual.

— Tenho sido infeliz, às vezes, mas o suicídio nunca me pareceu ser uma solução. Talvez por saber, através dessa vida passada, que ele não resolve coisa alguma.

Porque ela me forneceu tantos pormenores, e porque Westfield, Nova Jérsei, em 1917 era um lugar cujos registros poderiam ser averiguados, essa regressão me entusiasmou. Pela primeira vez eu tinha a oportunidade de obter dados comprovativos que poderiam ser confirmados. Eu queria saber se havia algum modo de distinguir entre experiências de vidas passadas “reais” sob o efeito da hipnose e os produtos da fantasia. Nosso subconsciente produz impressões de vidas passadas utilizando para isso fragmentos da nossa vida atual, do mesmo modo com que cria nossos sonhos? Ou essas lembranças de reencarnação sob o efeito da hipnose refletem o verdadeiro Passado

Fiz Anna regredir à mesma existência em três outras ocasiões. Instei com ela que me fornecesse o tipo de prova e os dados que eu pudesse verificar, e fui recompensada com uma quantidade de pormenores da vida numa cidade

pequena. O nome do farmacêutico da esquina, a descrição e o nome do chefe de polícia, e o nome do policial que descobrira a trama do mercado negro foram todos explicitamente mencionados. Anna falou de sua casa, que, segundo ela, ficava em Mud Lane, e deu outros nomes de ruas e lugares. Descreveu o grande incêndio de 1896, e contou que o alarme de incêndio soou *em* sua sala de aulas, se bem que o fogo rugisse a vários quarteirões de distância.

Corri para a cidadezinha de Westfield, a noventa quilômetros de distância do lugar em que eu morava. Os outros membros do nosso grupo de pesquisa estavam tão interessados quanto eu em verificar se as minúcias conferiam. Em minha primeira viagem a Westfield, fiquei muito feliz ao descobrir que o jornal local fora microfilmado até 1885. O jornal resolveu o enigma do "alarme de incêndio na sala de aulas". Dizia ele que o rebate soara na escola porque lá estava o único sino da cidade. Uma velha reportagem do jornal vinha acompanhada de uma fotografia do Capitão O'Neil do Departamento de Polícia de Westfield, em toda a glória dos seus bigodes. Era, de fato, bem apessoado, como Anna me dissera sob o efeito da hipnose. Os mais pormenores que ela me forneceu, como o nome do farmacêutico em 1916, também conferiram. O único problema era Mud Lane, onde se erguia a casa: o catálogo das ruas não o incluía entre os bairros da cidade. Mas depois, num exemplar do jornal datado de 1924, descobri uma reportagem que explicava que o nome Mud Lane fora mudado para Crestwood Drive após o asfaltamento do bairro.

Surgiu um problema quando tentei verificar o sepultamento de Anna no cemitério local. Encontrei o trecho do cemitério reservado à família e as pedras tumulares com os nomes dos seus membros, mas não encontrei nenhuma lápide com o seu nome. Ao fazer, contudo, uma conferência com os registros do cemitério, descobri que havia ali dois túmulos não assinalados no lote da família, incluindo um de 1917, que poderia ter sido o seu. Como ela se havia suicidado, era bem possível que a família a tivesse enterrado sigilosamente. Os pormenores relativos aos serviços prestados pelo marido na Primeira Guerra Mundial foram confirmados, mas não consegui encontrar registro da existência dela no guia da cidade nem no cemitério. O nome do marido lá estava, mas o dela, não. Seria ela uma criação da imaginação do meu sujeito?

Quando relatei minhas descobertas ao nosso grupinho de pesquisa, todos olharam para Anna com olhos diferentes. Todos pensaram que ela devia ter vivido, com efeito, aquela vida passada porque, além de expressar suas emoções de maneira tão vigorosa, um número tão grande de pormenores coincidia com a verdade. Sem o perceber, fui levada de roldão pelo entusiasmo do grupo. Anna ficou satisfeita com toda a atenção que recebia, e respondeu com muito interesse quando os outros sugeriram que continuássemos juntos como um grupo a fim de

estudar melhor os poderes hipnóticos de Arma.

Numa visão retrospectiva, vejo agora que eu devia ter esperado o que aconteceu depois mas, naturalmente, se conhecêssemos o futuro antes do tempo, não o viveríamos. Folgo em ter vivido a experiência que se seguiu, ainda que o resultado final fosse menos do que feliz. Aprendi a tratar com cautela os sujeitos hipnóticos, porque de cada um de nossos atos derivam consequências. Haviam-me animado a acreditar que preciso acautelar-me contra as tendências psicóticas que se desenvolvem em sujeitos hipnotizados, de sorte que me mantive alertada para essa possibilidade. Eu sabia que muita gente ativa no campo das ciências ocultas entende que a possessão demoníaca é um perigo quando as pessoas estão hipnotizadas.

No passado, acreditava-se com frequência que os psicóticos eram possuídos do demônio, e eu sabia não ser esse o caso. Na minha opinião, todas as pessoas “loucas” com as quais eu trabalhara como terapeuta haviam feito essencialmente uma escolha e haviam escolhido ficar loucas; por isso eu tinha para mim que os médiuns “possuídos” dos seus espíritos, acreditando ser esta uma possibilidade, participavam do jogo por razões próprias e tomavam-se “possuídos”.

O que eu não percebia era que os egos humanos comuns e as necessidades sociais de membros de grupos influem vigorosamente no resultado de qualquer estudo de pesquisa. Somos todos demasiado humanos, e quer sejamos membros do comitê de uma associação de pais e mestres, quer façamos parte de um grupo para o desenvolvimento psíquico, nossas necessidades e sentimentos humanos modelam o resultado. Nem fantasmas, nem diabos, nem loucura, nem estranhos sucessos se deviam temer. O temível era o efeito das pressões sociais sobre o ego de alguém escolhido por um grupo para seu médium ou líder, e os estranhos modos com que nós, humanos, tendemos a produzir, quando trabalhamos em grupos, o fenômeno que nos parece vir de fora de nós.

E assim foi que, quando cuidei ter o meu primeiro caso em que a prova objetiva conferia, verifiquei, ao invés disso, que estava apenas começando minha pesquisa. Eu ia agora entrar num desvio. À medida que fantasmas e espíritos, sessões, acusações de fraude, mensagens estranhas e escrita automática começaram a aparecer, aprendi muito mais do que já imaginara poder fazê-lo.

4. SESSÕES, MEDIUNIDADE E SONHOS

Nosso grupo de pesquisa estava entusiasmado com os resultados da pesquisa sobre a regressão de Anna. Provoquei a regressão de outros membros do grupo, mas nenhum podia ser pesquisado, com exceção de Mike. Mike referiu-se a uma vida vivida no fim do século XIX e no princípio do século XX perto de Baton Rouge, na Louisiana. Finalmente, consegui obter- lhe o nome, que, segundo ele, era Lawrence Johnstone. Sob o efeito da hipnose, ele disse que se alistara no exército e havia sido morto na França em 1917.

Procurando os mortos da Louisiana na Primeira Guerra Mundial, deparou-se-nos um L. Johnston, que poderia ter sido Mike em sua vida passada. Pormenor sugestivo — mas que não constitui prova.

Anna, a estrela do nosso grupo de pesquisa, sugeriu uma noite que experimentássemos os movimentos da mesa, algo que fizera quando mocinha. O resto do grupo concordou, entusiasmado, e nós encetamos a experiência. Havia nove no grupo quando nos assentamos à minha grande mesa de jantar. Eu me sentia autoconsciente, pois não era com a prática dos movimentos da mesa que pretendia fazer pesquisa parapsicológica; mas achei que a coisa poderia ser interessante.

A mesa de jantar de bordo repousava sobre um chão de ladrilhos de vinilo, de modo que não lhe era difícil saracotear de um lado para outro. Sentamo-nos com as mãos abertas sobre o tampo, e Anna fez a “invocação”.

— Se houver alguém aqui do mundo dos espíritos, responda-nos. Incline a mesa para a direita quando quiser dizer sim e para a esquerda quando quiser dizer não.

Ficamos sentados por vários minutos, tensos porém interessados no que poderia ocorrer. Lentamente, a mesa principiou a inclinar-se para a direita, deslizando com facilidade sobre o chão de ladrilhos. Em seguida, endireitou-se. Tínhamos tido uma resposta! Fizemos perguntas à mesa e, nos primeiros quinze minutos, as respostas chegaram muito devagar. Depois notei um fenômeno que ocorreria em todas as nossas sessões de inclinação de mesa. Esta estremeceu debaixo dos nossos dedos, gingando para cima e para baixo. Tive a impressão subjetiva de que ela estava ficando mais leve e altamente sensível. Olhei por baixo dela a fim de averiguar se os joelhos de alguém não poderiam ser responsabilizados pelos seus movimentos. Estávamos todos muito juntos uns dos outros e, por isso, não pude excluir os joelhos como causa do fenômeno. A mesa

movia-se, rápida, para cima e para baixo, num movimento ondulante. Depois ouvimos um estalo que parecia vir do seu interior. A princípio era um sonzinho pipocante, que aparecia e desaparecia, com intermitências, quando fazíamos as perguntas, mas depois pareceu aumentar de intensidade à proporção que a atenção do grupo se concentrava na experiência. À medida que nos envolvíamos cada vez mais no processo, dir-se-ia que a mesa se tomava mais sensível às nossas manifestações.

Está claro para mim que o contato físico de nossas mãos sobre a mesa era a causa dos seus movimentos. Ela não se movia "por si mesma... e no entanto... no entanto... O fenômeno apresenta aspectos que não se ajustam muito bem à explicação física que me vem à mente com tanta facilidade.

O pipoco da mesa tornou-se mais alto até que, por fim, se ouviu um estalo. Nem as mãos sobre o tampo nem os joelhos debaixo dela poderiam tê-lo causado. Pensei no calor gerado pelos nossos membros. Estaria sendo esse calor transferido para a madeira da mesa e tendo um efeito físico dentro da madeira?

A mesa, pouco a pouco, foi respondendo por meio de inclinações às nossas perguntas, através de um laborioso processo de indicação das letras do alfabeto. Ao ouvir o som da letra certa a mesa se inclinava. À proporção que o grupo se imbuiu do espírito da experiência, a mesa entrou a mover-se cada vez mais depressa. Começamos a adivinhar o resultado das palavras laboriosamente decifradas e a mesa dizia sim ou não, movendo-se para cima ou para baixo. O grupo perguntou o nome da entidade que se comunicava conosco e a resposta foi: "Ethan". Anna gostou disso, porque nos contara que estava grávida e que, se tivesse um filho homem, lhe daria o nome de Ethan. Prestei muita atenção às suas mãos sobre a mesa, mas não me foi possível encontrar nenhuma prova especial de que ela lhe governava o movimento. Éramos oito, e parecia que, de um modo qualquer, estávamos respondendo como um grupo e não como um indivíduo. Refleti que talvez nos comunicássemos telepaticamente e usássemos a mesa como meio de trarformar o consenso do grupo na "mensagem" que desejávamos receber.

O jogo da mesa continuou, uma vez por semana, durante um mês. A mesa tomou-se tão sensível que, uma noite, uma das suas pernas caiu e ela foi para o chão. Como o resto do grupo, dei um salto, assustada. Mas depois raciocinei que a perna da mesa se enfraquecera com todas as inclinações que tínhamos provocado, e que a sua queda, longe de ser a prova das atividades de algum *poltergeist,* era um fenômeno natural.

Movida, talvez, tanto pelo interesse em poupar meus móveis, quanto pelo desejo de desenvolver a introvisão da "comunicação com os espíritos", sugeri que tentássemos a escrita automática em lugar das inclinações da mesa. Anna

ofereceu-se como voluntária para ser a redatora automática e demos início à experiência. Sentamo-nos em torno da minha mesa de jantar dançarina, agora misericordiosamente em paz, e induzi Anna a um estado de profundo relaxamento. Coloquei papel e caneta ao lado dela e declarei-a capaz de receber mensagens e expressá-las por escrito. Anna pegou na caneta e, muito devagar, principiou a escrever. Como os seus olhos permanecessem cerrados, um de nós tinha de virar constantemente as páginas do caderno, e era difícil compreender-lhe a escrita. Aprofundei-lhe o transe e anunciei que ela seria capaz de escrever com os olhos abertos sem precisar sair do transe.

As palavras entraram a fluir. A pretensa entidade disse ser “Ethan”, a mesma que respondera às nossas perguntas por meio das inclinações da mesa. Fizemos-lhe certo número de indagações, algumas das quais foram respondidas. Outras, não. Um membro do grupo perguntou, a certa altura da sessão:

— Você pode dizer-nos quem era numa vida anterior?

Seguiu-se longa pausa. Depois, Anna começou a escrever: “Não”. A pessoa que fizera a pergunta continuou:

— Você nos conhecia?

A mão de Anna escreveu mais depressa.

— De um modo ou de outro eu os conhecia a todos. Mas vocês ainda não podem, e talvez nunca possam, compreender as dimensões em que estão tentando conversar. Esperem até poder compreender. As habilidades psíquicas cósmicas estão além da maioria das mentes mortais. . . a mente precisa ser treinada para ir além. Mike está aprendendo e Anna está no limiar. O medo detém a maioria.

O interrogador continuou:

— Você não pode dizer-nos mais alguma coisa a seu respeito?

Desta vez, a resposta veio depressa:

— Não posso dizer nada, como vocês não podem falar-me do seu passado. Um dia compreenderão.

Eu estava preocupada com a possibilidade de que o nervosismo de Anna em relação à sua capacidade psíquica viesse a significar que ela não devia continuar o processo de escrita automática. Perguntei à hipnotizada Anna:

— Anna deve continuar escrevendo em presença de outros?

A caneta hesitou, mas depois escreveu, à pressa:

— Ela está com medo e, embora fascinada, também se arreceia um pouco da opinião, alheia. Eu poderei prosseguir enquanto ela me quiser. Ela quer

trabalhar com o grupo porque as pessoas lhe trazem segurança e são uma fonte de força. A segurança lhe é necessária agora, sobretudo porque ela está só.

O intercâmbio inicial com “Ethan” fixou o tom dos quatro meses de experiências que se seguiriam. O grupo reunia-se todas as quintas-feiras à noite para fazer perguntas a Ethan e para ver Anna escrever as respostas. Era bom ter minha mesa de jantar descansando outra vez tranquilamente sobre o chão. Eu tivera minhas dúvidas quanto à real associação da mesa com algum fenômeno paranormal mas, na verdade, acredito que estivera em ação alguma forma de psicocinese. Claro está que as batidas e golpes na mesa não poderiam ser explicados pela ação de nenhuma operação humana além de alguma espécie de radiação. Os movimentos da mesa também são difíceis de descrever em termos do movimento físico comum. O que realmente parecia óbvio era que, como meio de comunicação com o mundo invisível, a mesa era um instrumento laborioso e desnecessário.

À medida que continuaram as reuniões de grupo, formularam-se a “Ethan” perguntas sobre nossas vidas práticas e cotidianas. A tentação de descobrir o que vai acontecer nas próximas semanas ou nos próximos meses está dentro de todos nós, e desconfio que, sempre que aparece algum “fantasma” e nos dá a impressão de querer comunicar-se conosco, ansiamos por conseguir alguma previsão do futuro. Se bem a entidade que dizia chamar-se Ethan respondesse de quando em quando às nossas perguntas, as mais das vezes discorria sobre temas filosóficos.

Algumas evasões de Ethan impacientaram o grupo, cujos membros desejavam respostas verdadeiras, que se pudessem confirmar no mundo real. A caneta de Anna, supostamente guiada por Ethan, começou a cooperar. A escrita automática indicava que Anna estava grávida, mas teria um aborto ou mau sucesso e, por isso, ele, Ethan, não nasceria dela. Tal era a razão, proclamava a escrita automática, por que Anna estava aberta a esse espírito e podia comunicar-se através da escrita automática.

Ethan fez diversas predições além das que anunciou a respeito de Anna. De quatro delas, uma revelou-se parcialmente verdadeira, outra totalmente verdadeira, e duas jamais ocorreram, o que não deixava de ser um pífio registro de êxitos. Ethan dizia, com frequência, que estávamos perdendo tempo com perguntas sobre o que aconteceria a cada um de nós num futuro próximo. De uma feita, escreveu, impaciente, no bloco de anotações, “Chega dessas bobagens de salão! Vamos tratar de assuntos sérios”.

No correr das sessões de escrita automática, o grupo começou a dividir-se em crentes verdadeiros, céticos moderados e um grupinho para o qual o que estava acontecendo devia ser possessão pelo espírito, descrita em livros sobre

ocultismo. Em pouco tempo, perdíamos mais tempo discutindo a respeito do fenômeno do que estudando-o. Numa tentativa para atalhar a crescente dissensão no grupo de pesquisa, tomei a hipnotizar Mike. Eu mesma me sentia mais à vontade trabalhando com Mike, que possuía uma formação científica e cujo material era dele mesmo e não de uma pretensa entidade. Entretanto, depois de Mike haver ocupado o centro do palco em várias sessões do grupo, Ethan voltou através da escrita automática de Anna. E disse:

— Anna sente-se rejeitada quando não participa pela escrita. Logo serei capaz de falar através dela.

Refleti na mensagem. Se o subconsciente de Anna participava ativamente do fenômeno (e eu tinha a certeza de que ele participava pelo menos em parte), era aparentemente importante para ela que as atenções do nosso grupo de pesquisas voltassem a focalizá-la. Na sessão seguinte, Anna reiniciou a escrita automática. Em seguida, depôs a caneta sobre á mesa e, de olhos fechados, pôs-se a produzir sons estranhos com a garganta. Após alguns minutos de luta, surgiu finalmente uma voz, muito parecida com a sua, porém mais lenta e mais profunda. Ethan chegara e falava através de Anna!

Mais tarde, Anna declarou que não tinha lembrança alguma do que dissera ao falar como Ethan. A comunicação oral fora muito mais rápida do que a comunicação pela escrita automática. O conteúdo do material também mudara. Ethan mostrava-se ainda menos disposto a responder às nossas perguntas de todos os dias quando falava através de Anna. Em compensação, dissertava sobre dimensões além do plano físico.

Prestei-lhe uma atenção muito interessada e observei-a bem de perto quando Anna entrou em transe. Sua respiração fez-se mais lenta, como lhe acontecera sob o efeito da hipnose. Não consegui detectar nenhuma diferença essencial entre o transe mediúnico e o hipnótico. Notei que não havia gestos nem movimentos físicos além dos da laringe, dos lábios e da garganta. Isso também é típico dos sujeitos hipnotizados.

Que era o que Ethan ensinava? Na essência, o material que nos chegava através de Anna parecia-se muito com o que transmitiam os médiuns no mundo inteiro. Só que, nesse caso, Anna não se comunicava com outros espíritos mortos nem se utilizava de Ethan como de um espírito orientador. Em lugar disso, quando entrava em transe e principiava a falar como Ethan, éramos todos mimoseados com um sermão.

Sei que em todas as partes do mundo há médiuns que proclamam ideias; e cada grupo reunido propende a acreditar que a atenção do resto do mundo deve ser chamada para as ideias que assim recebe. Muitas vezes, as “entidades” dizem que é preciso publicar num livro todo o material revelado através da escrita

automática ou da mediunidade. Creio que cada grupo revela os tipos de compreensão e introvisões que os seus próprios membros atingem nò mundo material, e que estas se expressam através de um membro do grupo, que se torna o médium. Nesse sentido, posto que eu não negue a presença de entidades de outros mundos, creio que o que emerge é uma nova forma de entendimento do nosso lugar no universo. Cada grupo aprende à sua maneira; cada líder ensina o que pode ser compreendido no grupo.

Todos achamos o material interessante, mas a dissensão no seio do grupo continuou a crescer. Havia muita desconfiança em relação a Anna e ao material que provinha dela, porque parte dele contrariava as crenças de dois membros do grupo. Numa sessão, o membro mais desconfiado pediu a Ethan que nos dissesse quem fora ele em sua última existência, para que pudéssemos avaliar o material que nos estava proporcionando. Mike e eu achávamos inútil verificar as credenciais de uma entidade supostamente morta. Se as ideias fossem interessantes e proveitosas, podíamos adaptá-las; se o não fossem, devíamos descartar-nos delas. Mas por estarmos, Mike e eu, em minoria, a fuzilaria de perguntas dirigidas a Ethan continuou. Na reunião seguinte, Anna entrou incontinenti em transe e, com a voz de Ethan, disse o nome e a ocupação que tivera em sua última vida. Ethan contou-nos que fora professor de arte em Nova Iorque e morrera no princípio do século XX. E acrescentou que poderíamos examinar-lhe a biografia.

Por estranho que pareça, a informação satisfez a alguns membros do grupò. A mim me pareceu impertinente. Depois de Ethan haver dado seu nome, posição e número de série aos membros céticos do grupo, fiquei sabendo que o grupo se reunira várias vezes sem mim a fim de consultá-lo. A essa altura, Anna já não precisava de indução hipnótica para entrar em transe, e se tornava claramente uma médium com recursos próprios. Um fervor religioso pareceu tomar conta do grupo quando ela entrou em transe e nós ouvimos o “sermão”. Eu me sentia cada vez mais constrangida. Esta não era, de certo, a minha ideia de parapsicologia.

Enquanto o grupo mudava e se alterava, e ao passo que Anna se transformava em médium pelos próprios meios, comigo estavam acontecendo coisas... coisas que nunca esperei viessem a acontecer, e que tratei com suma cautela. Vejo agora que eu decidira estudar-me como sujeito de pesquisa porque outros membros do grupo se estavam apropriando de Anna.

Fora fácil para Anna dedicar-se à escrita automática. Raciocinei que quem quer que seja hipnotizado pode receber instruções no sentido de escrever automaticamente sob o efeito da hipnose, e o subconsciente fará o serviço. Decidi experimentar comigo mesma. A essa altura eu aprendera a empregar a

auto-hipnose. Uma noite me sentei com a caneta na mão, coloquei- me num leve estado de transe e disse a mim mesma que a caneta escreveria sem o meu controle.

Meu braço pegou a caneta e pôs-se a escrever. A princípio, a escrita carecia de unidade, mas logo principiou a fluir com facilidade. Levei várias sessões para compenetrar-me de que o material não vinha de fora de mim. Enquanto eu, aparentemente, bloqueava algumas pistas sensoriais de minha mão para convencer-me de que esta se movia através de alguma volição externa, ao continuar minhas experiências compreendi que as ideias expressas por minha mão entravam em minha mente e se exprimiam através dela. O material originava-se em meu cérebro, e o *método* — a escrita automática — era simplesmente um modo dramático de expressá-lo.

Nesse ligeiro estado de transe, eu parecia mais capaz de expressar conceitos do que em meu estado normal de consciência vigília.

Citarei um pequeno trecho da escrita automática para ilustrar as ideias que pareciam chegar até mim. Não são ideias singulares, e já as ouvi muito melhor formuladas por outros autores, mas assim era a minha escrita automática:

> Hoje à noite precisamos discutir a natureza da realidade no plano que há depois deste, para onde vamos quando "morremos". É uma volta ao lar, uma comemoração. Criamos grande parte dela com a mente, mas a diferença importante é que outras mentes estão afinadas com a nossa. Só nos associamos a mentes semelhantes, de modo que encontramos obviamente neste mais harmonia do que no quarto plano. [Aparentemente, isso significa uma realidade tridimensional] De certo modo, há mais segregação no plano seguinte, porque os semelhantes se atraem. Podemos criar a aparência que quisermos de bem-aventurança terrestre ou paraíso, mas isto se torna amiúde maçante e perde o interesse depois de algum tempo. A principal atividade no plano seguinte é a compreensão intelectual. Ministram-se inúmeras lições aos interessados, e fazem-se preparativos para muitos outros atos criativos. Acima deste plano há experiências em que se envolvem alguns. É este sexto plano está além da próxima fase de planejamento. É uma preparação para o que denominaríamos formação do mundo. No sentido mais básico, o universo está sendo constantemente criado — novas galáxias, etc.
>
> Esse processo de criação está em perpétua expansão. Entidades o afeiçoam e formam, depois cindem em divisões menores de consciência, representam roteiros, fundem, separam e recriam *ad infinitum.* A supernova que nossos astrônomos veem é um pálido reflexo do

> desdobramento criativo que se processa nesses outros níveis, porque no quarta plano só se percebe a energia da luz. Essa criação é, de fato, a glória de Deus. O conceito de Deus está agonizando no sentido hierárquico. E é nisso que a nova religião mais diferirá da velha. Conceituávamos Deus como um "movimentador e sacudidor" hierárquico, que também era um zelador. Jesus tentou alterar esse conceito e enfatizar a fraternidade. Com isto ele queria dizer que éramos todos cocriadores do universo, mas o quarto plano ainda não estava pronto para o conceito, razão pela qual transformamos a fraternidade em "Filho de Deus". Isto foi melhor compreendido na Atlântida e, antes dela, em alguns cultos primitivos de certas ilhas do Pacífico. Mais tarde entrou em decadência, até na Atlântida, e por esse motivo se tentou uma nova síntese da destruição da Atlântida.
>
> Pioneiros atlantes no Egito tentaram expressar tudo isso por meio de números, mas o conceito se enredou em ideias tribais egípcias de totens animais. A importância dos números transcende agora o nosso entendimento. A matemática é uma forma de música. No plano que fica além deste, é ouvida como harmonia. Podemos tirar de certa música o sabor das harmonias do universo.
>
> Isto, porém, há de ser aprendido intelectual e multidimensionalmente. A matemática em nossa cultura está muito decadente, e escassamente reflete as harmonias originais multidimensionais que existem em muitas esferas e dimensões ao mesmo tempo, manejando-as conjuntamente sem necessidade dos conceitos de espaço e tempo.

Além de dar voz a ensaios como esse, a escrita automática surgia com números e matemática. Conquanto me interesse esse campo, e eu tenha estudado estatística avançada para fazer pesquisa psicológica, sinto-me mais à vontade com pessoas do que com conceitos matemáticos, de modo que me surpreendi produzindo fórmulas algébricas. Como eu possuía conhecimentos matemáticos suficientes para reduzir a fórmulas os valores apropriados das letras e dos números, não se pode dizer que o fenômeno fosse sobrenatural. Mas o certo é que eu não compreendia o que estava escrevendo.

Uma noite produzi uma fórmula relacionada com vetores no espaço. A escrita automática indicava que, se a fórmula fosse compreendida, seria possível encontrar lugares na "matriz da harmonia" que nos permitiria apanhar fontes de poder além das normalmente acessíveis em nosso contínuo particular espaço-tempo. Peguei a fórmula, que continha cerca de oito valores em letras e números, e levei-a a um físico amigo, pedindo-lhe que a avaliasse. Para mim, não tinha

sentido algum. Senti medo de dizer-lhe onde a encontrara, de modo que expliquei simplesmente que “alguém” aparecera com ela e eu estava curiosa de saber se tinha algum sentido. Ele me respondeu que não conseguia encontrar nenhum sentido especial nela. Se bem que não fosse uma fórmula totalmente ilógica, não lhe parecia ter muito sentido.

Palpita-me que uma grande quantidade de material como esse flutua neste momento em volta dos Estados Unidos. Solicita-se a pesquisadores parapsicológicos que avaliem escritas automáticas surgidas em forma de símbolos de aparência estranha, fórmulas matemáticas e supostos idiomas, sobre os quais o redator automático não tem a menor percepção consciente. Minha própria experiência com a escrita automática não me indicou que alguma coisa aparecesse que eu mesma não tivesse conhecimentos suficientes para expressar na forma em que ela aparecesse. A diferença parecia residir em que, quando escrevia plenamente consciente, eu era muito mais modesta em minhas afirmativas. Jamais me ocorreria dizer às pessoas como é a vida após a morte, nem acreditar que eu tivesse, a esse respeito, um conhecimento autêntico. No entanto, foi o que apareceu através da escrita automática. Ninguém poderá provar, por meu intermédio, que não existe um ponto em que os vetores colidem e que podemos escapar para a harmonia de um universo além do espaço e do tempo. Suponho que seja pelo menos intelectualmente possível fazê-lo; mas também jamais me ocorreria aparecer com uma fórmula nesse sentido, sobretudo uma fórmula que parece não ter nenhuma aplicação prática.

Minha experiência com a escrita automática durou cerca de quatro semanas. Achei que, embora o fenômeno fosse interessante, havia o perigo de que essa atividade me absorvesse, em detrimento de qualquer outra coisa que eu devia fazer ou precisava estar fazendo. A meu ver, na vida real devia centralizar-se minha atenção.

É interessante notar que, assim que suspendi a escrita automática, meus sonhos mudaram de repente. Eu os andara anotando durante muitos anos por ser esse um dos instrumentos que empregava na terapia. Analisava meus próprios sonhos quando estava treinando para terapeuta e frequentemente analisava os de meus pacientes. O primeiro sonho que tive, inteiramente fora do comum, tive-o pouco depois que dirigi a primeira regressão de Anna. Acordei por volta das duas horas da madrugada e sentei-me ereta na cama. A cena que se desenrolava diante dos meus olhos era tão vívida quanto o seria se eu continuasse profundamente adormecida, se bem tivesse consciência de que se tratava de uma imagem de sonho e não de uma “visão” que eu estivesse vendo. Mas aquilo tinha uma imediação e uma realidade que poucos sonhos me haviam mostrado até então. Era como se eu acordasse ou me tornasse consciente em pleno sonho, e

por essa razão pude recordar o sonho com tanta nitidez.

Vi-me envolta num manto escuro e grosseiro, com um capuz. A parte inferior do capuz estava puxada sobre o nariz e a boca porque eu estava numa região de muita areia e muito vento. Eu supervisava o carregamento de umas caixas de forma estranha, que eram colocadas sobre a superfície plana de uma carroça com rodas pesadas de madeira. As caixas, oblongas, tinham as tampas arredondadas. Puxavam a carroça dois boizinhos chifrudos. Enquanto eu me achava ali, verificando as caixas à medida que se colocavam na carroça, percebi que era muito importante tirá-las do lugar em que costumavam ficar e guardá-las porque algum perigo ameaçava o local em que eu normalmente lidava com o seu conteúdo. Dei-me conta de que aquilo era uma biblioteca, embora os materiais não tivessem a forma de livros. Eu sabia que precisava levá-los a um sítio seguro, a fim de preservá-los para a posteridade. No sonho, eu sabia que eles se relacionavam com minhas investigações parapsicológicas. O pensamento que me atravessou a mente quando me sentei na cama, com as imagens do sonho ainda nítidas à minha frente, foi: “Mas é claro! Eu sempre soube a respeito da reencarnação! Lidei muitas vezes com ela em vidas passadas”.

Levei cerca de uma hora para voltar a dormir. Sentia-me impressionada com a intensidade da experiência, pois raras vezes me acontecera, até aquele momento, acordar no meio de um sonho. A verdade é que eu nunca tivera um sentido assim de convicção, de clara percepção, de que o sonho encerrava uma mensagem; em sua grande maioria, meus sonhos baralhados e desorganizados, giram em tomo de atividades cotidianas. Mas à luz fria da manhã, quando tomei a despertar, pus de lado a ideia do sonho. Ponderei que a explicação talvez residisse no meu atual interesse pela reencarnação, e que portanto esse sonho, como os demais, girava em tomo da minha vida de todos os dias. Mas aquela poderosa sensação de convicção! Eu nunca a experimentara antes.

O sonho fora do comum seguinte aconteceu um mês mais tarde. Desta vez também acordei no fim e fiquei acordada durante várias horas. Os sentimentos no sonho eram tão intensos que eu ainda reagia fisicamente a eles uma hora depois. Senti o pulso acelerado e o corpo todo muito ativado. Mais uma vez, voltei a dormir e despertei na manhã seguinte, novamente com o claro reconhecimento de ter tido o sonho. Mas, pela manhã, as reações físicas tinham desaparecido.

No próprio sonho me encontrei em pé no que parecia ser uma prateleira mas, estranhamente, eu não parecia ter corpo — como tampouco pareciam tê-lo as duas outras pessoas que estavam comigo, e que se diriam professores. Nosso relacionamento era fácil e amistoso. Eu estava contando a eles o quanto gostava de assistir a tempestades. Eles me comunicaram (não posso dizer que me

disseram, porque a linguagem não parecia fazer parte do sonho) que, se eu quisesse, poderia experimentar a sensação de ser a tempestade, em lugar de simplesmente observá-la. Concordei em que isso seria interessante e, incontinenti, me encontrei no que parecia ser o centro de uma gota de chuva. Minha consciência foi focalizada como parte de uma tremenda onda elétrica de energia que se movia através do plano da terra como uma tempestade. Senti uma intensa alegria enquanto me movia com a tempestade e participava da sua energia. Deixei a gota de chuva e voltei à prateleira onde estavam meus professores e disse-lhes o quanto me deliciara a experiência. Como é maravilhoso fazer parte desses tremendos campos de energia! Com essa vigorosa sensação despertei. Sentei-me na cama e tornei a experimentar a tremenda onda de poder na tempestade. As palavras não traduzem tudo o que havia no sonho e que se relacionava com a participação em muitas formas diferentes de energia, não apenas a energia de ter um corpo físico no presente.

De manhã, quando acordei, minha mente cotidiana pôs-se a trabalhar no sonho. Primeiro pensei em termos freudianos: teria sido a experiência de fazer parte da chuva uma expressão de sensação sexual? Parecia envolver-me todo o corpo e relacionar-se com o fato de eu ser parte de uma forma maior de energia. Sem dúvida alguma não era sexual nos termos de Freud. Perguntei a mim mesma se Freud chegou a sonhar algum dia que era uma gota de chuva.

Um terceiro sonho interessante visitou-me várias semanas mais tarde. Eu arrumara o despertador para me acordar no meio da noite, na esperança de captar mais um pouco da série de deliciosos sonhos novos que estava experimentando. Quando o despertador tocou, às 2 horas da madrugada, acordei devagar e cheguei gradualmente ao estado consciente vindo das regiões mais profundas do sono. Eu tinha consciência de que estivera conferenciando com duas outras pessoas. Não sei onde estávamos, e não vi o rosto nem o corpo das outras duas mas, de certo modo, sabia que estávamos muito intimamente associados em alguma atividade. No meio da nossa discussão — ou troca de ideias — o despertador disparara. Assustei-me, olhei para os outros dois e pensei comigo mesma, “Quem se imagina que eu seja? Aonde vou quando acordo? Oh, sim... imagino ser Helen Wambach”. Esse sonho me divertiu mais do que me surpreendeu. Estaria eu conferenciando com outras porções da minha entidade maior? Ou estaria passando por algo semelhante à experiência de Eve nas *Three Faces of Eve?* Sentira-me desorientada apenas por uma fração de segundo, e irritada por haver sido interrompida durante uma importante sessão de planejamento.

Vários outros sonhos, que se seguiram, pareciam palmilhar os mesmos caminhos abertos pela minha escrita automática. Num deles, mostraram-me o

que é criação, e as imagens iam desde o microscópio até o modo com que se embalam os mundos. Dir-se-ia uma lição que fosse do microcosmo ao macrocosmo e eu pudesse ver e compreender ambas as ordens. Esse sonho, contudo, trazia escasso conteúdo emocional.

O sonho final da série foi o mais notável. Agora, pela minha descrição, ele parece muito suave, e é difícil compreender que um sonho assim tivesse efeito tão duradouro. Antes de ir para a cama, eu estivera pensando nos problemas de uma adolescente emocionalmente perturbada com a qual vinha trabalhando. Ela se metera em sérias dificuldades e surpreendi-me sentada à minha mesa, escrevendo-lhe uma carta. Era diferente da escrita automática: eu não dizia nada muito importante na carta — apenas lhe transmitia um voto pessoal de felicidade e a convicção de que ela acabaria resolvendo os seus problemas. Nada de extraordinário. Mas eu não tivera a intenção de escrever a carta e parecia achar-me num estado levemente alterado ao escrevê-la. Fui para a cama logo depois, e despertei várias horas mais tarde com uma sensação de bem-aventurança quase indescritível. No sonho eu estava voando muito alto no céu. Subia, célere, através do que parecia ser a atmosfera da terra, para uma região onde as cores tinham uma intensidade magnifica. Eu experimentava uma sensação de liberdade e beleza absolutas. Esse é todo o conteúdo intelectual de que posso lembrar-me, mas a sensação — oh, que bela e indescritível sensação!

Se bem eu ainda possa recordá-las sem muita nitidez, minhas sensações de profunda felicidade e paz desapareceram quase que de todo de minha consciência. Só sei que por vários meses depois disso senti uma calma notável e uma espécie de felicidade que até então não conhecera. Não admira que os místicos afirmem tratar-se de algo “além das palavras’’.

Enquanto eu continuava a esquadrinhar os recessos de minha própria mente, cada membro do grupo jogava o seu jogo à sua maneira. Víamo-nos agora muito raramente, com exceção de Anna e dos membros do grupo que se haviam tornado mais ou menos dependentes da mediunidade dela.

Um belo dia, no entanto, recebi um telefonema colérico. Um dos membros do grupo, uma moça que se mostrara extremamente desconfiada no princípio, e que depois, convertida, passara a acreditar, descobrira que Anna lhe mentira. Não tivera nenhum mau sucesso e nem sequer estivera grávida, se bem que tivesse dito ao grupo que essas duas coisas haviam acontecido. A médium mentira! Isso queria dizer que ela, então, estava realmente possuída do demônio! O grupo todo ficou chocado com o descobrimento. Dissolveu- se, e Anna nunca mais entrou em contato comigo.

Que acontecera? Teria sido mentira também toda a regressão através de sua vida em Westfield? Ela me contara que uma tia sua morava em Westfield, de

modo que julguei perfeitamente possível que tivesse ouvido a descrição da vida numa cidadezinha do interior quando era mais moça. Mesmo assim, continuei a acreditar que não havia prova de fraude na regressão inicial.

Ao passar em revista o material para tentar compreender o que acontecera a Anna e ao nosso grupo de pesquisa, as respostas me saltaram aos olhos. Depois da fase inicial de regressão hipnótica a vida pregressas, quando Anna iniciara a escrita automática, o seu subconsciente escrevera, através de Ethan: “Anna está com medo. Quer fazer e precisa fazer parte do grupo, mas está com medo”.

Desse modo, Anna predissera o resultado da sua experiência como médium. Até a regressão inicial, em que apareceu como a menina de Westfield, indicava vergonha e medo de ser “descoberta”. O membro do grupo que submetera Ethan a um interrogatório intenso porque receava a possessão por espíritos maus teve o seu sistema de crenças fortalecido. Anna lhe reforçara a crença de que ela era uma pessoa na qual não se podia confiar. De modo que, no fim, o melhor prognosticador dos resultados da pesquisa do nosso grupo foram os sentimentos conscientes de todas as partes interessadas. Tínhamos começado procurando provas de fenômenos psíquicos. Depois começamos a procurar a “verdade final” e aceitamos um mestre. A pobre Anna viu-se pressionada pela necessidade do grupo de encontrar nela um mestre perfeito e, quando o grupo pesquisou as capacidades de Ethan, Anna predisse coisas que, presumia, poderiam concretizar-se. Dessa maneira, o grupo lhe aceitaria a mediunidade. A culpa não era do médium, mas do modo com que todos os membros principiaram a tirar do grupo o que eles mesmos queriam. Cada um de nós fez nossa própria realidade do grupo de pesquisas psíquicas; e, no fim, não ficamos com a verdade absoluta, mas voltamos a enfrentar a realidade de nossas próprias vidas interiores. O defeito, meu caro Brutus, não está em nossas estrelas, mas em nós mesmos.

5. NOVAS VIDAS PASSADAS E NOVAS PROVAS

Minha experiência comigo mesma e com Anna não me convenceu de que a escrita automática representa pensamentos de “espíritos fora do nosso plano”. A evidência dos meus sonhos, de certo modo, era mais intimamente minha do que o fora a escrita automática. A certeza emocional, as sensações de bem-aventurança e o vigor das experiências fizeram os marcos dos sonhos em meu próprio desenvolvimento emocional. Mas isso não tinha relação alguma com sua validade objetiva. Eu ainda queria obter uma resposta à pergunta: “Estas experiências são puramente mentais, ou refletem o passado verdadeiro qual o conhecemos? ”

Um caso não basta para provar que todos já vivemos antes. Eu precisava de uma quantidade muito maior de dados a fim de chegar a uma conclusão, mesmo tentativa, sobre como estremar a fantasia da realidade nas rememorações de vidas passadas. Quando passei em revista os trinta casos que já estudara, descobri que a metade dos meus sujeitos descrevia pelo menos uma breve existência em que morrera antes de completar cinco anos de idade. De todas as informações que eu obtivera da rememoração de vidas anteriores sob o efeito da hipnose, senti que esta era a mais importante. Não me entrava na cabeça que as pessoas fantasiassem deliberadamente uma vida tão curta, em que teriam nascido e morrido num espaço de poucos anos. Eu sabia que o índice de mortalidade infantil nos séculos passados fora muito elevado; nas sociedades primitivas, quase 50% das crianças morriam antes de chegar aos cinco anos. Decidi que a melhor maneira de fazer a prova da rememoração de vidas passadas não consistia em atribuir a uma pessoa dotada de poderes mediúnicos especiais o papel de “estrela” e tentar provar, da maneira mais concludente possível, que ela vivera, de fato, uma existência pregressa. Ao invés disso, resolvi reunir um grande grupo de sujeitos e estudar sistematicamente certos fenômenos do passado, de que eu tinha conhecimento, e verificar se meus sujeitos os reproduziam.

Vários acontecimentos em minha vida pessoal levaram-me à Costa Ocidental nessa ocasião, e uma série de coincidências (Jung chamava a isso sincronicidade) conduziu-me à área da Baía de São Francisco, onde eu poderia prosseguir mais eficazmente nas pesquisas. Iniciei minha nova série hipnotizando um grupo adicional de vinte e cinco sujeitos, levando, desta vez, cada um deles do ano de 1400 ao de 1945. Meu propósito era conferir todos os

dados disponíveis desses sujeitos e determinar se eles mencionavam dados históricos exatos, para ver se disso surgia algum padrão.

O trabalho, porém, foi muito, muito lento. Gravei em fita cada sessão; em seguida, mandei datilografar cada gravação e entreguei os dados datilografados a um pesquisador, aluno meu. Foram necessárias muitas sessões para que meus sujeitos passassem pela média de cinco existências compreendidas no período de 1400 a 1945. Após um ano de trabalho, compreendi que levaria o resto da vida coligindo a centena de casos que cuidava necessários para ter uma espécie de certeza estatística a respeito do fenômeno da vida passada. Devia haver, por certo, um meio mais fácil.

Descobri que seria mais fácil conseguir que meus sujeitos descrevessem suas experiências anteriores se eu os dispensasse de falar quando estivessem sob p efeito da hipnose, devendo lembrar-se, porém, nitidamente, de tudo o que houvessem experimentado assim que despertassem. Transmiti-lhes a sugestão pós-hipnótica de que eles gostariam de discutir com minúcias o que tinham visto, sentido, ouvido e experimentado na vida passada. Esse processo foi um êxito absoluto; na verdade, o problema consistia, muitas vezes, em conseguir que o sujeito parasse de falar depois que saía da hipnose. Obtive uma fartura de material em resultado do meu novo método, mas era difícil organizá-lo de maneira que merecesse confiança e se prestasse a uma cuidadosa análise estatística. Eu atinara com a ideia de regredir apenas a períodos de tempo especificados, e isso dera certo; e eu estava, aos poucos, aprendendo a limitar minhas perguntas às áreas que desejava estudar. Mesmo assim, meus sujeitos me davam mais do que eu queria saber. As transcrições das sessões ficavam cada vez mais longas, e revelava-se cada vez mais difícil tornar inteligível todo o material que eu tinha em mãos.

Um dos meus melhores sujeitos era Betty, agradável mulher de meia idade com notáveis capacidades psíquicas. Promovi-lhe a regressão a uma série de cinco vidas entre 1400 e 1900. Todas essas vidas foram humildes, exceto uma, e não havia probalidade alguma de encontrar dados de confiança que lhe confirmassem a lembrança delas. Entretanto, ela mencionou uma vida vivida como um personagem histórico nos meados do século XIX.

— Estamos em 1840, — disse eu. — Está vendo alguma coisa?

— Estou num navio, — respondeu ela. — Vejo o oceano, a balaustrada do navio.

Fi-la adiantar-se alguns dias na experiência a bordo do navio e descobri que ela ia para a Rússia. Betty descreveu-me certos fatos ocorridos ali. Quando ela avançou um pouco mais na mesma existência, solicitei-lhe que narrasse um

acontecimento emocionante, e ela disse:

— Ê uma mensagem ou qualquer coisa assim. Qualquer coisa da rainha Vitória. Muito importante.

E não foi capaz de fornecer-me novos pormenores. Entretanto, descreveu-me sua infância e seu estudo de direito numa cidade pequena da Pensilvânia. Conquanto se atrapalhasse com datas, quando eu lhas pedia, sua recordação era excelente ao ser levada a períodos específicos de tempo.

Na tentativa de descobrir a data do seu nascimento, fi-la regredir para 1798. Contou que tinha cerca de quatro anos de idade, e descreveu o casinholo de troncos em que vivia e a vista dos arredores. Descobrimos mais tarde que a verdadeira data do seu nascimento correspondia, de fato, à sua lembrança. Deu também o ano da sua morte, ocorrida segundo ela, em 1868.

Conduzida aos vinte anos de idade, disse que morava numa cidadezinha da Pensilvânia e estudava direito. Perguntei-lhe com quem estava trabalhando no escritório de advocacia e ela pronunciou um nome:

— Sr. Wentworth.

Meu sujeito prosseguiu, fornecendo vigorosas descrições de Washington, D.C. Quando lhe pedi que comparecesse a um acontecimento agradável em Washington, descreveu uma reunião social em 1841, e contou que se achava num sarau, em que se tocava uma nova música, “Jingle Bells”.

Embora os livros divirjam quanto à data da publicação original de “Jingle Bells”, tudo indica que essa música já estava sendo tocada em 1840.

Foi-me difícil conseguir o nome do meu sujeito. Finalmente consegui surpreendê-lo numa ocasião em que ele estava olhando para o próprio norne escrito num envelope. E “leu”: James Buchanan, Esq.

Como Buchanan, Betty se expressava com facilidade e clareza e, além disso, parecia bem informada, em contraste com a personalidade que exibira em existências anteriores. Buchanam afirmou que o propósito da sua vida era demonstrar que a dedicação sincera ao trabalho e uma nobre ambição resultariam em altas consecuções. Mas pagou um preço elevado pelo seu sucesso. Vivia só e tinha poucos afetos em sua vida. Expressou profunda emoção diante da experiência da morte. Seus olhos se encheram de lágrimas ao perceber que chegara ao fim.

— Agora estou pronto para morrer, e quero ver Elizabeth outra vez, — disse Betty (Buchanan) a essa altura. — Espero vê-la.

Elizabeth era sua noiva, falecida pouco depois de romper-se o compromisso dos dois no início da carreira dele. Meu sujeito anunciou-lhe corretamente o sobrenome: Coleman. Segundo os biógrafos de Buchanan, o

nome dela era Ann E. Coleman e não simplesmente Elizabeth Coleman. A maioria dos detalhes foi confirmada. Como Buchanan, Betty estudou direito numa cidadezinha da Pensilvânia, como ela mesma o dissera. Entretanto, o nome do homem para quem Buchanan trabalhara como escriturário diferia do nome dado por Betty sob o efeito da hipnose. Ela citou os nomes dos candidatos à presidência dos Estados Unidos em 1824 e em 1830, embora afirmasse que um deles se apresentara em 1832 e os registros indiquem que o candidato em apreço se apresentou em 1836. Uma coisa interessante de se notar foi que ela não se referiu ao período da vida de Buchanan em que ele foi presidente. Na ocasião em que eu estava dirigindo a regressão, ignorava que Buchanan tivesse sido presidente entre 1857 e 1861, quando a nação se aproximou da Guerra Civil. O meu sujeito, mais envolvido na vida emocional de Buchanan, não demonstrou nenhum interesse direto pelas questões que agitaram o país na década de 1850. Isso aconteceu, em parte, porque não a interroguei sobre esses tópicos. Meus sujeitos hipnotizados concentram-se na resposta às minhas perguntas; raro apresentam de modo próprio algum material fora da experiência investigada.

Betty ficou surpresa com suas experiências como James Buchanan. Negou qualquer interesse pela história americana e disse que nunca lera nada sobre Buchanan. É possível, naturalmente, que tivesse aprendido alguma coisa sobre ele e retivesse a informação no subconsciente. Mas é um feito notável ser capaz de produzir esse tipo de informação, adquirida muitos anos antes, e intercalá-la na rememoração de uma existência passada, com pouquíssimos erros de datas, nomes e lugares.

Finalmente, um sujeito meu falava de uma vida que podia ser comprovada. Isso era emocionante, e os resultados de nossos esforços para conferir os pormenores também foram emocionantes. Confesso que me senti tentada a continuar promovendo indefinidamente a regressão de Betty e conseguir assim uma quantidade cada vez maior de informações sobre sua vida como Buchanan. Mas a experiência da regressão a deixava nervosa, porque ela não queria ser outra Bridey Murphy, com toda a publicidade concomitante. Lembrando-me do que acontecera com Anna, compreendi-lhe os escrúpulos.

Interessava-me igualmente a maneira com que a vida de Buchanan se ajustava ao padrão das outras vidas de Betty. Betty relatara uma existência como um pobre nativo paquistanês no século XV. Um dia, saindo para caçar, o nativo foi atacado por um porco-do-mato, que lhe machucou a perna e o deixou aleijado. Como sua família era pobre demais para sustentar um aleijado, tornou-se mendigo e acabou morrendo à míngua vários anos mais tarde. Durante a sua vida como paquistanês, as respostas de Betty às minhas perguntas foram lentas, mas as expressões do seu rosto e os movimentos do seu corpo eram

impressionantes. Chegada ao momento do ataque do porco-do-mato, fez uma careta e puxou a perna para cima, canhestramente. E durante todo o resto da regressão manteve a perna nessa posição contorcida e dolorosa.

Na vida seguinte para a qual regrediu, Betty era uma mulher na Inglaterra no século XVII. Meu primeiro contato com essa vida verificou-se quando ela tinha quinze anos de idade e vivia desacorçoada porque fazia pouco tempo que escapara de um incêndio que lhe destruíra o lar e o de muitos outros. (Teria sido o grande incêndio de Londres em 1666?). Como todos os outros membros da sua família tivessem morrido no incêndio, ela foi ser ajudante numa taberna e, a partir de então, levou uma vida muito difícil como rapariga de bar. Embora se lhe manifestasse a personalidade de rapariga enérgica, que lutava para defender-se, foi repetidamente violada e maltratada, e acabou morrendo, em circunstâncias cruéis, estuprada e surrada, às mãos de vários homens bêbados.

O aspecto interessante dessa vida como rapariga de bar foi a grande emoção experimentada por Betty depois de sair da sessão hipnótica.

— Sabe, senti o cheiro de álcool naqueles homens, — disse ela. — E experimentei a sensação que tive na outra vida. Nesta não cheguei a conhecer bem, realmente, nenhum alcoólatra, mas tenho verdadeiro pavor das pessoas que estão bebendo. Agora compreendo por que. Porque morri nas mãos de bêbedos naquela existência.

Aparentemente, a vida da rapariga de bar precedeu imediatamente a de James Buchanan, e não houve outras entre elas. Que contraste entre as duas! E que contraste de personalidades! Betty, na vida real, fala com suavidade, mas falou em voz alta e descreveu com energia tudo o que via quando trabalhava no bar, apesar de seu vocabulário limitado. Quando se tomou Buchanan, sua voz se modificou e ela respondeu às minhas perguntas de maneira muito simples. Parecia intelectualmente mais capaz e emocionalmente distante, como o próprio Buchanam.

Eu estava muito curiosa de saber se havia uma existência entre a de James Buchanan e sua vida atual como esposa de um rancheiro da Califórnia, e por isso a levei aos anos de 1868 a 1900. Em 1902, ela falou:

— Vejo árvores.

Investiguei-lhe as sensações e chegamos ambas à conclusão de que ela era uma criancinha *Índia* amarrada a uma bolsa de viagem, de couro, encostada a uma árvore. Entretanto, quando a fiz progredir até 1903, já não estava viva. Compreendendo que ela morrera, conduzi-a à experiência da morte. Pedi-lhe que revelasse num mapa o lugar em que vivera essa vida.

Ela mostrou a Flórida, e compreendeu que nascera numa tribo de índios

seminole. E curioso notar que um presidente dos Estados Unidos, no tempo em que estávamos conquistando o Oeste e destruindo as tribos *Índia*s, nasceria de novo como índio. Que espécie de conexões cármicas representava a série de vidas de Betty? Não havia, por certo, nenhum padrão simples visível. Era necessário explorar mais.

Outra série muito interessante de vidas foi proporcionada por Shiriey Kleppe, aluna de uma universidade do norte da Califórnia, que me ajudava em minhas pesquisas. Shiriey entrava facilmente em transe hipnótico e, por intermédio dela, pude obter uma série consecutiva de vidas, juntamente com impressões dos períodos intermediários.

Iniciaímente, Shiriey encontrou-se na América Central no século XV. Nessa existência foi um atleta, e descreveu circunstanciadamente um jogo de bola que se disputava numa quadro de pedra — como se colocava o aro, através do qual a bola precisava ser arremessada, formando ângulos retos com a quadro de jogo. (Pude mais tarde verificar essa informação.) O homem nessa existência era uma criatura cruel. Velho demais para ser atleta profissional aos vinte e quatro anos, passou a executar o serviço de recrutar jovens das aldeias próximas para transformá-los em jogadores de bola. Chefe de serviço implacável para esses rapazes, conheceu, depois da morte, que nessa vida se recusara a compreender as necessidades emocionais e físicas das pessoas que o cercavam. Morreu aos quarenta anos de idade.

Shiriey viu-se, em seguida, como um nativo negro da Nova Guiné no século XVI. Vida muito penosa. Morava numa aldeia minúscula, e todos os outros aldeões viviam aterrorizados pelos maus espíritos emboscados à sua volta. Até para entrar na mata havia necessidade de encantações rituais em várias pedras e árvores ao longo do caminho. Contou que era membro do “totem do lagarto”, e explicou:

— Somos lagartos porque os deuses não ficarão tão zangados conosco se escolhermos um animal humilde para representar-nos.

Como nativo da Nova Guiné, Shiriey morreu prematuramente de morte acidental. Era-lhe difícil passar pela experiência da morte, aparentemente porque os terrores daquela vida tinham sido tão intensos que não queria reexperimentá-los sob o efeito da hipnose. Assim que a levamos para a experiência após a morte, desanuviou-se-lhe o semblante e ela expressou alegria por estar livre daquela existência:

— Deus! Foi uma vida terrível. Dir-se-ia que não tínhamos liberdade alguma e estávamos sempre aterrados. Agora compreendo por que algumas pessoas são tão contrárias à feitiçaria. Podemos perturbar-nos mentalmente e

achar a vida quase impossível quando nos deixamos envolver em demasia pela ideia dos espíritos.

Ela disse que a experiência da morte como nativo foi particularmente satisfatória porque, assim que deixou o corpo, teve consciência de que todas as ideias que tivera durante aquela existência a respeito da vida futura estavam erradas.

Depois do início do século XVI, Shirley referiu uma série de vidas europeias. Também trocou de sexo, pois nasceu mulher em 1540 depois de ter vivido, pelo menos, duas vidas como homem. Viu-se na Itália, onde levou uma vida agradável como dona de casa da classe média em Veneza. Uma vida longa e feliz, no seio da família amiga e das muitas coisas emocionantes que se passavam em Veneza. Descreveu pormenorizadamente algumas obras de arte à sua volta — que podia ver porque o marido tinha uma ligação qualquer com um ateliê ou oficina — e os próprios trajes. Verificamos mais tarde que a roupa que ela usava era a roupa típica da mulher de classe média em Veneza naquela época. Solicitei nomes e ela os declinou, embora achasse que talvez não fossem exatos. O nome do marido era Andréa e supunha que o seu fosse Leah Massachia.

Por ocasião de sua morte, disse que estava muito velha e desejosa de partir. A família, reunida à sua volta, chorava, e ela queria tranquilizar a todos. Descreveu sua experiência de morte da seguinte maneira:

— .Assim que saio do corpo, quero dizer-lhes que estou bem, mas não consigo aproximar-me. Depois, parece que vou a algum lugar. Como se fosse puxado para algum lugar. A impressão é parecida com a de um trem subterrâneo, passo por dentro de um túnel e há muita luz branca, uma luz branca brumosa, na extremidade do túnel. Quando atravesso o túnel e chego do outro lado, encontro amigos que me recebem. É muito bom mesmo.

Shirley voltou a viver em 1728, quando tomou a ser mulher, e situou a área em que viveu na costa da parte inferior da Normandia. Seu nome era Marie e, quando criancinha, foi feliz com os pais. Entretanto, numa fase ulterior da infância, alguma coisa aconteceu aos pais e ela passou a ser criada numa taberna ou estalagem. Viu-se com nitidez nesse tempo (1750), com um chapéu '"engraçado" na cabeça, sapatos pretos e uma saia de algodão grosseiro apertada na cintura por um cinto largo. Olhando para fora, divisou a casa do outro lado da rua, cor de cinza esbranquiçada, e cujas vidraças tinham caixilhos de chumbo. A casa era de madeira e a rua, empedrada. Embora tivesse medo da patroa, seus sentimentos em relação ao patrão não deixavam de ser amistosos. Quando a conduzi ao dia em que morreu, expressou um medo e uma agitação muito grandes. Disse que estava andando por um caminho numa floresta quando, de

súbito, um grupo de pessoas da cidade apareceu na floresta. Sabia que essas pessoas estavam muito zangadas com ela, e correu feito doida, tentando salvar a própria vida, mas, afinal, acuada, atirou-se do alto de um penhasco.

Levei-a rapidamente para a experiência da morte e, depois que ela morreu, pedi-lhe que pensasse na razão por que fora caçada pela gente da cidade. Ela contou que, naquela vida, era uma “médium” com grande afinidade pelos animais. Depois que tentou curar um menino da cidade, que, apesar disso, tinha morrido, os cidadãos entenderam que ela havia botado mau- olhado nele e decidiram queimá-la por bruxaria.

Quanto mais falava, hipnotizada, sobre essa experiência, tanto mais relaxada e conformada se tomava. Depois que despertou da sessão hipnótica, descreveu um sentimento que antes tivera com frequência e que reconheceu quando a levei para a morte.

— Tenho tido com frequência uma espécie de “acesso”, de diagnóstico difícil para os médicos. Às vezes, a sensação de vertigem toma conta de mim e sinto vontade de correr. Sempre chamei a isso de “acesso”.

Um ano mais tarde, Shirley me contou que nunca mais se haviam repetido os acessos após a regressão hipnótica. Ouço com frequência dos meus sujeitos que, depois de haverem experimentado a morte numa vida passada, desaparece uma fobia ou um sintoma que apresentavam. Sem que isso me surpreendesse, Shirley sentiu que a experiência da regressão hipnótica lhe foi muito útil. Ela não sahia com certeza se a sua rememoração hipnótica era ou não uma fantasia mas, visto que lhe eliminou os sintomas, isso não lhe fazia mossa.

Não obstante, a morte como Marie transtornou-a, e ela não teve “experiência de vida” de 1754 a 1808. Contou que voltou a entrar na vida em 1808, como “Josh”, menino de cabelos vermelhos, que só vivera até 1816, e cuja morte foi causada por varíola. Nesse período de vida, Josh esteve nos Estados Unidos, “em algum lugar entre a costa leste e o Mississipi”.

Shirley relatou mais uma vida — de 1888 a 1916 — entre sua existência como Josh e a atual, como Shirley Kleppe. Durante a sua infância, viveu numa aldeia de pescadores noruegueses, e deixou a aldeia por volta dos quinze anos, a fim de engajar-se como marinheiro num navio que viajava entre a Escandinávia e os Estados Unidos. Descreveu com muita clareza o seu serviço de esfregar o convés, quando seus pés ficavam vermelhos de frio por estar sempre enfiados em poças d’água.

Sua vida como Lars, o marinheiro, foi tranquila. Descreveu vários portos da costa leste, incluindo Providence e Rhode Island. Morava numa pensãozinha em Providence e morreu, de uma moléstia não especificada aos vinte e oito anos de idade.

Que tipo de padrão cármico emerge das vidas de Shiriey? Aqui também é difícil enxergai alguma progressão. Se incluirmos sua existência atual como Shiriey, ela relatou três vidas femininas e três masculinas. Conheceu a vida como índio maia, nativo negro da Guiné, escandinavo louro, dona de casa italiana e francesa. Em nenhuma delas foi rica ou importante, mas em nenhuma tampouco viveu desnutrida ou na miséria.

O único tema que encontrei repetido em algumas de suas vidas foi o envolvimento com a feitiçaria. Como nativo da Nova Guiné, conheceu muitos aspectos negativos das crenças supersticiosas acerca da vida após a morte. Como Marie, esteve sujeita à perseguição em virtude das crenças em possessão do pessoal da cidade. Poderia o seu interesse pelos fenômenos parapsicológicos nesta existência derivar dessas duas experiências? O aspecto desagradável associado às duas vidas citadas justificaria antes o desejo de evitar os estudos psíquicos na existência presente. Mas como dona de casa na Itália, jogador de bola na América Central e Lare, o marinheiro norueguês, não parecia haver envolvimento em nada mais a não ser na vida de todos os dias. E que dizer da vida de Josh, o menino morto aos oito anos de idade? A que propósito teria isto serviço do ponto de vista cármico? Havia, sem dúvida, mais perguntas do que respostas a tirar dessas séries de regressões.

Meu melhor sujeito hipnótico foi Robert Logg, homem de negócios de São Francisco, que aprendera a fazer auto-hipnose aos vinte e poucos anos, enquanto estivera internado num hospital de veteranos, onde os médicos chegaram à conclusão de que ele estava morrendo de tuberculose. Descobrira que o emprego da auto-hipnose para relaxar-se principiou a inverter o estado dos seus pulmões, e foi melhorando aos poucos, até receber alta do hospital como mais um caso de cura. (Este é um exemplo notável de como se pode empregar a auto-hipnose a fim de desenvolver o contato com os níveis subconscientes da personalidade. Bob conseguira vir, pelos próprios esforços, do limiar da morte para esta vida). Continuou a usar a auto-hipnose através de sua carreira colegial, e as habilidades que desenvolveu lhe foram muito úteis por muitos anos. Foi talvez através da sua experiência com a auto-hipnose que começou a compreender que estava tendo lampejos “mediúnicos”, que o levaram a estudar parapsicologia, muito embora se afastasse dos aspectos mais dramáticos, mais “sensacionalistas” das investigações psíquicas. Tendo assistido a uma conferência que pronunciei, entendeu que devia trabalhar comigo na investigação da hipótese da reencarnação.

Na primeira vez em que o hipnotizei, compreendi que eu tinha nas mãos um sujeito fora do comum, um dos poucos capazes de falar bem e com facilidade enquanto hipnotizado. Parecia poder manter, a consciência em dois

níveis, recebendo impressões das camadas mais profundas da personalidade, mas podendo relacioná-las com facilidade através da mente consciente. Em nossas muitas sessões hipnóticas, Bob mostrou a capacidade de escrever hieróglifos enquanto se achava em transe e de falar idiomas estrangeiros. Ainda estamos fazendo a avaliação desse material.

Com Bob, investiguei catorze vidas pregressas. As datas dessas vidas estão um tanto confusas, porque, num estado alterado, nem sempre lhe era fácil lidar com o sistema de numeração do nosso conceito humano de tempo. De vez em quando, citava datas que se sobrepunham mas, de um modo geral, o período de tempo era tão preciso que permitia a verificação de alguns dados.

Sua vida passada mais impressionante e poderosa passou-a ele no Egito, por volta do ano 2000 a.C. Sua posição era a de sumo sacerdote, embora ele mesmo não se sentisse religioso. Tinha por função principal promover a expansão das rotas comerciais, celebrar um acordo com as tribos vizinhas e estabelecer um pacífico intercâmbio de bens e serviços para substituir a guerra que se travava antes da sua ascensão ao poder. Pedi a Bob que fornecesse pormenores a respeito dos povos não-egípcios com que teve relações por volta do ano 1900 a.C.

Uma tribo, que denominava dos *kawakanish,* foi por ele descrita como "um povo semítico agressivo, de pele clara, que ocupava a região situada a noroeste de nós, e que se especializa em criação de gado e na produção de centeio e *popa"*.

— De quem são as terras que ficam a leste, atrás dessa tribo — perguntei-lhe.

— Essas terras são controladas pelos invasores vindos do continente longínquo. Eles costumam enfeitar-se e são até artísticos no emprego de criaturas com feições de touros alados. Creio que se dá a essa civilização altamente desenvolvida o nome de assíria. Nossos aliados fenícios vivem amedrontados e confusos com esses agressores, que têm sua base em terra.

— Existem pessoas de olhos oblíquos em seu país?

— Há escravos que foram trazidos para o nosso reino num conflito anterior. Temos indivíduos de olhos oblíquos e pele amarela considerados fracos em sua disposição para o trabalho. Nós lhes chamamos *skitchnia.*

Perguntei-lhe se sabia da existência de algumas raças diferentes em sua área.

— As pessoas que trouxeram o conhecimento têm a cabeça comprida,

os lobos das orelhas alongados e o nariz meio esquisito. Sobraram pouquíssimos dentre eles, e hoje são mais uma lenda que outra coisa qualquer. Mas ainda existem alguns na população. São os cabeças compridas dos velhos tempos.

Bob forneceu inúmeros pormenores a respeito da sua vida nesse período, e estamos continuando a verificar a autenticidade de todos os dados de quatro mil anos atrás suscetíveis de verificação. Até agora, as informações a respeito de roupas e artefatos têm-se revelado corretas.

A segunda das quinze vidas de Bob foi vivida, mais ou menos, em 1300 a.C. e contrastava de modo radical com sua vida de sumo sacerdote pois, nessa existência, ele foi um carroceiro que levava cereais para algum depósito central do Egito. Vivia numa casinha de adobe com a jovem esposa e parecia pouco interessado pelo mundo que o rodeava, se bem tivesse dado tento de um novo grupo de escravos, que acabava de ser trazido para o celeiro central. A maior impressão emocional que experimentou nessa vida foi a terrível aflição pela morte da jovem esposa; ela estava trazendo carne para casa quando foi atacada e morta por uma matilha de cães. O viúvo viveu na solidão o resto da vida.

Nas duas existências mais remotas Bob fora homem. Na vida seguinte, que ocorreu por volta do ano 400 a.C., achava-se de novo no Egito mas, dessa feita, como mulher de um mercador, envolvida em intrigas que tinham por centro o próprio trono. Como mulher, desposou um homem de posição mais elevada — embora não fosse o faraó nem qualquer um dos seus parentes diretos — e planejou desviar riquezas da casa real para a família a que pertencia antes do casamento. A mulher que ele foi nessa existência, fria e materialista, ficou furiosa quando o marido morreu deixando-a sem nenhum poder ou influência na corte. Mas observou:

— Minha família agora tem influência, porque tem dinheiro. Estou cansada dessa luta, foi tudo à toa. A batalha se perdeu... perdeu... perdeu; a luta se perdeu.

Quando lhe perguntei como morrera o marido, respondeu:

— De uma morte sumamente ignóbil, de uma doença comum, e eu utilizarei os meios mais nobres para segui-lo.

Pedi a Bob que visse seu corpo depois da morte, e ele me disse:

— Meu corpo foi tratado como o devia ter sido, com o respeito devido ao meu *status,* e adequadamente tratado e colocado entre os meus eleitos. Estamos numa antecâmara a leste da câmara principal na caverna de Kurakama.

A quarta existência narrada por Bob — como homem outra vez, porém no Líbano ocidental — foi muito feliz para ele. Tinha uma esposa à qual queria

muito bem e cinco filhos (era particularmente afeiçoado a um filho portador de defeito físico). Seu trabalho consistia em fazer queijos de leite de cabra e distribuí-los nas rotas comerciais que passavam pela sua aldeiazinha. Interessava-o também a religião judaica e ele disse que sua aldeia não tinha rabino, mas que seu pai, a quem respeitava profundamente, fazia as vezes de rabino consensual e aconselhava os demais. Nessa existência, Bob se havia com muita dignidade e falava de maneira ponderada e solene. Fruía, aparentemente, da posição de próspero comerciante na aldeia, e era muito apegado à terra, que descrevia como notavelmente bela, cheia de árvores e colinas. Nessa existência, morreu muito velho, cercado pela família e cheio de satisfação por uma vida bem vivida.

Conquanto voltasse a ser homem na quinta vida, tudo o mais foi muito diferente. A época era, aproximadamente, o ano 100 d.C., e Bob viu-se na Grécia, órfão em tenra idade e sob a tutela de um poderoso governador romano da Grécia. Seu relacionamento com o homem mais velho era de natureza sexual. Embora descrevesse essa vida como sensual e agradável, não experimentou sentimentos de realização. Morreu de doença, ainda muito moço.

Há um longo intervalo de tempo entre mais ou menos o ano 100 d.C. e o ano 1300 d.C. que Bob e eu ainda não exploramos, visto que ele não regressou espontaneamente a nenhuma existência nesse espaço de tempo. A vida seguinte que descreveu foi a de uma mulher em 1300 d.C., que levava uma existência muito primitiva numa aldeia da América Central. Aldeia pequena onde, aparentemente, não havia ninguém com quem ela pudesse casar, porque o casamento dos aldeões entre si era proibido. Por isso foi com prazer que narrou a incursão de uma tribo vizinha, quando tinha dezesseis anos de idade, ocasião em que foi capturada e acabou casando com um dos invasores. Havia muito júbilo refletido nessa narrativa; ao que tudo indicava, ser cativa era muito melhor do que permanecer na aldeia isolada da família. Aos vinte e cinco anos, já tinha vários filhos e vivia, satisfeita, numa aldeia à beira de um rio. Descreveu choças cobertas de sapé e erguidas sobre estacas acima da água, e contou que sua ocupação favorita consistia em fazer artefatos tecendo fibras de uma planta parecida, com o bambu. Quando já tinha vinte e oito anos, uma epidemia grassou na aldeia e ela morreu de febre. Todos os habitantes da aldeia ficaram doentes e, aparentemente, a epidemia não poupou ninguém.

Em sua sétima vida, Bob voltou a ser mulher, desta vez em Portugal, em 1450. Viveu em circunstâncias modestas e teve uma existência pacífica, conquanto breve. Descreveu com clareza a praça principal da cidade em que morava. Também morreu de doença, mas não foi capaz de identificar a moléstia. Tudo faz crer que, ao morrer, se achasse em estado de coma porque encontrou

dificuldade para apontar com precisão o momento em que se afastou do corpo físico.

Depois de duas existências como mulher, voltou a ser homem na oitava vida, no século XVI. Desta vez, reassumiu um *status* mais elevado, pois era um fidalgo italiano numa aldeia ao sul de Nápoles. Sua vida, no entanto, fria e insatisfatória, não lhe oferecia muita coisa com que se ocupar, e ele se sentia "evitado" pelos outros nobres das imediações. Destituído de poder, doeu-se amargamente quando um duque vizinho lhe impôs tributos.

— Toda a gente está falando no último tributo imposto, — disse ele, — qualquer coisa relacionada com uma taxa de guerra. Paga em ouro ou em gente para lutar. Pessoalmente, prefiro mandar dois homens a esgotar meus recursos monetários. Esse duque está se preparando para combater o reino vizinho, e já estou farto de tantos impostos e tantos conflitos inúteis.

Nessa vida, casou por motivos políticos, e seu relacionamento com a esposa foi infeliz. Morreu de velhice, cercado pela família, mas sentindo escassa afeição pelas pessoas que lhe rodeavam o leito de morte.

Em sua nona vida, de 1590 a 1618, voltou a ser mulher e viveu no País de Gales. Foi uma existência fora do comum, pois a jovem galense em que se convertera, depois de manter um romance de amor com um marujo espanhol, que aparentemente naufragara perto da praia em que ela vivia, ficara grávida. O marujo desapareceu e a rapariga, além de passar pela vergonha de trazer no ventre um filho ilegítimo, morreu de parto, amargurada e amedrontada, certa de que seria condenada ao inferno pelo seu pecado. Quando conduzi Bob à experiência entre duas vidas após a morte da jovem galense, ele estudou o propósito daquela existência e acabou descobrindo que o marinheiro espanhol também tinha sido a esposa do carroceiro egípcio na vida anterior.

Na existência seguinte de Bob, a décima, mais uma vez como homem, ele foi um campônio francês que cultivava campos de painço e cuja única riqueza era uma colher de pau que prezava muitíssimo. Depois que deixou o estado de hipnose, Bob divertiu-se com o seu orgulho profundo da colher de pau e observou:

— Quando penso em todos os bens terrenos que tenho agora, chego a acreditar que aquele campónio francês dava mais valor à sua colher do que dou a todas as alfaias da minha casa.

Em sua décima primeira existência, próspero homem de negócios inglês que lidava com artigos de lã, comerciante bem sucedido, Bob possuía casa numa praça de Londres. Dirigiu seus negócios até completar sessenta e cinco anos e, depois, entregou-os ao filho. Seu casamento foi feliz e ele amava a mulher e os

filhos. Parecia apreciar o seu trabalho, que o levou à Escócia e à França, não só para comprar a lã dos camponeses, mas também para distribuir os artigos de lã da sua companhia. Como sua vida se prolongou de 1715 a 1790, perguntei-lhe se tivera conhecimento da guerra com as Colônias. E ele me respondeu, irado:

— As Colônias! Com o seu algodão estragaram nossos negócios de lã!

A décima segunda vida foi mais uma mudança de raça. Homem de novo, durante uma vida que se prolongou de 1810 a 1870, Bob voltou ainda uma vez ao Egito. Quando procurei informar-me de sua existência em 1860, ele estava supervisando máquinas num cotonifício. Voltava a envolver-se com tecidos, mas agora o material era algodão, e seu serviço consistia em trabalhar com novas máquinas importadas da Inglaterra. O mercador inglês dos artigos de lã, ao qual sucedera o engenheiro egípcio do descaroçador de algodão, representava uma transição interessante. Nessa existência no Egito, teve apenas um filho, e a esposa morreu jovem. Ele concentrou a maior parte da sua atenção no trabalho e morreu do coração aos sessenta anos de idade.

Na décima terceira existência Bob voltou a ser homem, nascido quatro meses após sua morte como engenheiro egípcio. Desta vez era um moleque que vivia nas docas de Londres, na Inglaterra, evidentemente de expedientes, embora nos primeiros anos tivesse sido cuidado por uma velha. Quando orçava por onze anos, o capitão de um navio inglês chamado *Delfim* levou-o para bordo como criado de camarote. Desenvolveu-se um relacionamento de pai para filho entre o capitão e o garoto à medida que corriam mundo. Particularmente notável nessa existência foi uma parada feita pelo navio numa ilha dos Mares do Sul, perto de Nova Zelândia, onde Bob, jovem criado de camarote, acabou íntimo de um chefe nativo. Aparentemente, o capitão do *Delfim* se interessava muitíssimo pelos mitos e lendas dos aborígenes, e o capitão, o chefe nativo e o menino camaroteiro passaram vários meses juntos na ilha. Dessa rememoração surgiram histórias interessantes sobre os mitos desses povos mas, naturalmente, não há maneira de comprovar-lhes a exatidão. A única coisa que conseguimos descobrir foi a existência de um navio inglês chamado *Delfim*, que nessa quadro navegava sob bandeira inglesa.

A sua décima quarta vida viveu-a Bob como mulher, nascida em 1900 e morta em 1902, em Baltimore, Maryland. Tendo a morte ocorrido na primeira infância, sem trauma algum, como parece acontecer em minhas amostras com as mortes na infância, perguntei-lhe por que morrera tão cedo.

— Eu parecia saber, depois de haver nascido, que escolhera os pais errados, — replicou ele. — Tudo indicava que isso não daria certo, de modo que resolvi ir embora.

Em sua décima quinta vida Bob é um homem, nascido na Califórnia em 1930. Na existência atual, utilizou as habilidades do mercador, do negociante de tecidos e, agora, em seus anos mais avançados, algumas introvisões que supõe ter adquirido no antigo Egito.

Além da interação dos interesses vocacionais, é difícil enxergar um padrão cármico muito claro emergindo desse panorama de catorze vidas passadas. Bob viveu nove como homem e cinco como mulher. Dá a impressão de gostar mais das vidas masculinas do que das femininas, mas existe um intervalo de oitocentos anos em que não há lembrança de vidas passadas. Ele parece relutar em tomar consciência das vidas femininas, de modo que talvez não se lembre das vidas nesse período por terem sido femininas. A ser assim, ter-se-ia alcançado um equilíbrio mais próximo dos 50% de uma e dos 50% de outra. Racialmente, foi egípcio, índio centro-americano e caucasiano. Não falou em nenhuma vida na Ásia.

Verificamos algum material que Bob nos deu acerca das vidas no antigo Egito. Os hieróglifos que desenhou enquanto se achava em estado hipnótico foram analisados por um egiptólogo, segundo o qual 80% deles eram usados em textos egípcios antigos, embora o estilo da escrita fosse o de alguém que estivesse desenhando uma imagem que vira em lugar de escrever como o faria um escriba. O egípcio que Bob falava era mais difícil de analisar. Disse o egiptólogo que 50% das sílabas aparentemente se usavam na fala egípcia, mas como não temos nenhuma gravação do antigo idioma, isso é apenas uma estimativa.

Parte do material sobre a vida de Bob como negociante inglês de artigos de lã, ao que se verificou, estava certa mas, na maioria das suas outras existências, a única coisa que se poderia pesquisar era a adequação geral dos trajes, das condições de vida e do clima nos lugares em que ele dissera ter vivido.

Não encontrei exemplos de erros nem anacronismos nessas catorze vidas. Bob é um sujeito culto, muito lido, que conhece história. Mas só poderia conhecer os hieróglifos egípcios vendo-os em livros. Os resultados da nossa busca foram positivos se bem, na minha opinião, ainda sejam insuficientes para provar que ele viveu realmente aquelas vidas.

Mais uma vez, a comprovação de vidas passadas foi precária. Eu desejava um método que proporcionasse grande quantidade de dados de muitos sujeitos. Só então poderia excluir os efeitos do conhecimento anterior da parte do sujeito. Pessoas que nunca tinham sido hipnotizadas antes seriam capazes de dar-me a espécie de material que meus sujeitos haviam descrito? Se criaturas comuns, sem nenhum interesse especial pelo assunto, pudessem produzir os

mesmos tipos de fenômenos produzidos por Bob e Shirley, eu talvez encontrasse as respostas que estava procurando.

6. OS MISTÉRIOS DA HIPNOSE

Fazia-se mister repensar meu projeto de pesquisa. O fenômeno da rememoração da vida passada sob o efeito da hipnose existia claramente, mas como relacioná-lo com a vida real? O mesmo era apanhar uma redada de maravilhosas criaturas do mar no oceano do subconsciente. Quando eu as trouxe para a praia, a fim de examiná-las, elas pareceram secar e desfazer-se em fragmentos. Estaria eu perseguindo arco-íris?

Decidi começar pelo começo outra vez. Eu tinha de descrever com maiores detalhes o "oceano do subconsciente" — suas correntes, suas cores, o ritmo de suas ondas; e precisava examinar com cuidado a rede que estava lançando para capturar minhas "criaturas do mar": a hipnose. Que era exatamente a hipnose?

Em que ponto do cérebro se originavam as rememorações da vida passada? Poderia eu definir a região das lembranças da reencarnação mais precisamente do que como "o subconsciente"? Recentes pesquisas neurológicas conduziram a um novo conceito do funcionamento do cérebro: em poucas palavras, a substância cinzenta, ou córtex, é dividida em duas metades separadas, ligadas por uma faixa de tecido nervoso chamado corpo caloso. A metade esquerda ou dominante diz respeito ao "mundo real": funções da linguagem, impressões registradas do mundo que nos cerca, e o conjunto de crenças que partilhamos com o nosso grupo social. No meu entender, o cérebro esquerdo é o lar do ego, ou do que supomos seja o nosso eu consciente.

Visualizo o ego como um sujeitinho enfiado num terno de flanela cinzenta e gravata apertada, cuja função consiste em ajudarmos a bem desempenhar nossas atividades enquanto estamos despertos, zelando por que paguemos a conta da luz e não xinguemos o patrão. Conversa constantemente conosco, dizendo-nos para fazer isto ou aquilo e insistindo em que prestemos atenção ao que acontece no mundo que nos rodeia. De vez em quando, tira umas folgas para tomar um cafezinho, como acontece, por exemplo, quando dirigimos nosso carro por uma estrada familiar e, chegados ao nosso destino, não conseguimos lembrar-nos do que aconteceu durante o percurso. Isso quer dizer que o ego foi passear, imaginando-nos capazes de terminar a viagem com a ajuda do piloto automático. Ele agradece quando, afinal, nos recolhemos para dormir. Conduziu-nos a um lugar seguro — nosso quarto de dormir — onde é provável que nada nos aconteça. Aparece de novo na manhã seguinte, quando

“acordamos” das nossas experiências mais amplas no estado de sono. E o cara que nos faz olhar para o relógio (o “tempo” só existe em seu sentido costumeiro quando o ego está funcionando) e nos instiga a sair da cama para o trabalho. Tem ciúme do tempo que passamos no cérebro direito e, por isso, gosta de insistir em que esteve sempre ao pé de nós. Detesta admitir que o seu serviço não abrange toda a nossa experiência, de modo que faz o possível para que nós esqueçamos nossos sonhos. É bom principalmente em fingir que nunca arredou pé do serviço. “Eu não estava dormindo, nem desatento. Estava apenas descansando os olhos. Ouvi tudo o que você disse”, insiste ele, indignado, quando o surpreendemos numa das folgas para o cafezinho, como quando estamos devaneando, dormindo ou em transe hipnótico.

Assim sendo, enquanto o ego permanece sentado junto do centro da fala nos lobos temporal e frontal do cérebro esquerdo, que parte nossa está no cérebro direito? É dali que vêm os sonhos, a inspiração artística, a imaginação científica, os pesadelos e o fluxo maravilhoso da música. Mas, sobretudo, o cérebro direito experimenta emoções — boas e más, excitadas e entediadas. Essa é a estação meteorológica da nossa cabeça, onde redemoinham nuvens tempestuosas de sentimentos negativos, e onde se registram também céus ensolarados. Confusões de música alegre atravessam o cérebro direito, rasgam-se as nuvens e o tempo emocional é bom. O ego envia uma mensagem de perigo iminente pelo corpo caloso e o cérebro direito responde com repentes de sentimentos negativos. Mas quem mora ali? Temos um sentido do eu, de identidade essencial, quando sonhamos, mas não é o velho ego familiar. Quando estamos no cérebro direito, somos como uma criança pequena; estamos em outra existência; podemos ser gotas de chuva, como eu fui em meu sonho maravilhoso. Somos um campo de consciência, aberto a todos os tempos, experiências e sentimentos que flutuam através de nós.

Antes de haver hipnotizado centenas de pessoas e as ter observado vagando pelos prados do seu cérebro direito, eu encarava esse território do cérebro como uma área de armazenagem. Visualizei lembranças ocupando seu lugar no primeiro plano da consciência, retiradas das células de armazenagem, semelhantes a computadores, pelas minhas instruções hipnóticas. Mas a coisa parece que não funciona assim. O cérebro direito funciona antes como amplificador ou sintonizador. Eu pedia uma impressão ou imagem e ele punha-se a procurá-la. Às vezes, as impressões chegavam imprecisas e fora de foco, até que o cérebro direito as sintonizava com precisão. Em seguida, as imagens concorrentes desapareciam, pouco a pouco, e uma série coerente de imagens se apresentava à consciência. Muitas vezes, meus sujeitos se afundavam mais e o sinal desaparecia entre imagens simbólicas, semelhantes às imagens dos sonhos,

ou entre fragmentos da vida atual. À medida que o sintonizador se aproxima dos sinais distantes dos assuntos terrenos, a maioria dos meus sujeitos afirmava ver cores vívidas. Isso me indicava que eles buscavam áreas a que o ego não podia acompanhá-los e pareciam “adormecidos”. Talvez todas as existências já experimentadas, todos os sentimentos já sentidos ainda estejam em grandes ondas aí fora no universo. Talvez o cérebro direito seja um instrumento sintonizador dessas ondas e não uma área de armazenagem de lembranças.

Um aspecto do funcionamento do cérebro direito que encontrei manifesto em todos os grupos hipnotizados por mim é o fenômeno da telepatia. Esbarrei nisso em minha primeira hipnose de grupo quando um sujeito disse haver-se surpreendido ao ver as imagens antes de ouvir-me formular a pergunta.

— Mas foi isso mesmo que acabei de fazer! — disse entre si.

Interrogo cada grupo a esse respeito, e uma percentagem de 40 a 80% dos participantes se adverte de ter seguido minhas instruções antes de recebê-las. Aparentemente, está de tal maneira concentrada no hipnotizador que segue meus pensamentos em lugar de seguir minhas palavras. A situação é constrangedora para mim. Preciso prestar muita atenção aos meus pensamentos para não distorcer os resultados. Uma noite eu estava hipnotizando vinte pessoas em minha sala. Levei-as para cinco períodos de tempo, incluindo o ano 25 d.C.; e descrevi uma morte que eu experimentara ao cabo de uma vida nesse período. Tendo morrido de um ataque do coração, tivera dificuldade para deixar o corpo. Quando meus sujeitos acordaram, verifiquei que doze tinham ido para o ano 25 d.C., muito embora tivessem desejado conscientemente ir para outros períodos. Como é raro que muitos sujeitos de qualquer grupo optem apenas por um dos cinco períodos propostos, fiz- lhes mais perguntas. Os doze sujeitos que se achavam em 25 d.C. e alguns em outros períodos contaram que o coração lhes batera desconfortavelmente durante a primeira parte da viagem hipnótica. Nunca se me deparara uma coisa dessas num grupo até àquela data. Todos os sujeitos relataram a cessação das batidas violentas do coração mais ou menos à altura da viagem em que eu pusera de lado a imagem do ataque cardíaco no ano 25 d.C. Em seguida, sete dos doze sujeitos que estavam vivendo em 25 d.C. passaram a viver em outros períodos.

Também ocorre a telepatia entre os membros dos grupos hipnotizados, porém com muito menos frequência do que entre o hipnotizador e o sujeito. Esse fenômeno ajuda-me a compreender as coisas estranhas que acontecem amiúde na condição a que chamamos “hipnose”. Tem-se a impressão de que o ego concorda em renunciar, por algum tempo, ao controle do “botão sintonizador” do cérebro direito. Em condições normais, o cérebro direito responde a ordens do esquerdo, o ego orientado pela linguagem. Na maioria dos estados hipnóticos o ego do

sujeito o acompanha na viagem, vigiando as experiências e julgando se se deve ou não continuá-las. Essa circunstância levou-me a empregar uma técnica hipnótica em que consigo a cooperação do ego e partilho do controle com o cérebro esquerdo do sujeito. O resultado, creio eu, é poder fazer que 95% dos meus sujeitos se relaxem e vejam imagens na situação hipnótica de grupo.

A técnica da hipnose de grupo é mais eficaz do que a situação individual, porque o sujeito não precisa falar alto, o que dissipa alguns temores do ego de que sejam ditas coisas embaraçosas, e permite privança de pensamento e experiência. Significa também que o lado esquerdo do cérebro, os centros da fala, não precisará ser ativado para, assim, tirar o sujeito dos estados relaxados das ondas cerebrais alfa e beta, que produzem as experiências mais vívidas.

Eu começara escolhendo sujeitos para regressão entrevistando-os em grupos. Hipnotizara o grupo todo de uma só vez, fizera perguntas quando os seus membros estavam sob a ação da hipnose, e dissera aos meus sujeitos que não falassem enquanto não tivessem acordado. A princípio, escolhi sujeitos separados para o meu projeto de pesquisa, dotados de uma capacidade incomum de expressão, e que pareciam ter uma vívida recordação do passado. Mas notei que, muitas vezes, até 70% dos meus grupos recordavam com nitidez experiências de vidas passadas quando se achavam hipnotizados em situação de grupo. Tornou-se difícil escolher os “melhores” porque todos obtinham material rememorativo.

A necessidade tornou-se a mãe da invenção. Pertencendo ao corpo docente de uma pequena universidade, eu encaminhara meus projetos de pesquisa pelos canais habituais. Enfrentei as demoras frustrantes que se antolham a quase todos os pesquisadores ao lidar com instituições. Pude utilizar estudantes da universidade como pesquisadores, o que foi uma grande ajuda, mas havia gastos envolvidos no caso, e tornou-se cada vez mais óbvio que a universidade não tinha condições de financiar o projeto da hipnose e se mostrava cada vez mais indecisa no tocante a ele. A essa altura, eu já tinha uma lista de cento e cinquenta pessoas que, sabedoras da minhas pesquisa, queriam participar dela, mas não havia lugar no recinto da universidade para realizar as regressões, não havia fundos para sustentar-me enquanto eu estivesse fazendo a pesquisa, e nenhuma das costumeiras facilidades para datilografar transcrições e comprar novos equipamentos de gravação. Alguns dos candidatos a sujeitos alvitraram a organização de um seminário. O movimento de psicologia humanista desenvolvera muitas maneiras de se passar o tempo estudando a própria consciência interior, e os meus candidatos achavam que o estudo das vidas passadas era um modo tão bom quanto outro qualquer de conhecer o próprio íntimo. Decidi cobrar uma taxa mínima dos participantes do seminário — trinta

dólares por uma sessão de oito horas com quatro viagens hipnóticas — suficiente para sustentar minhas pesquisas enquanto eu obtinha os dados de que precisava.

Planejei a pesquisa com o máximo cuidado. Eu já fizera trabalhos preliminares bastantes para saber quais deveriam ser minhas técnicas hipnóticas. Descobri a importância de passar algum tempo com meus sujeitos antes de submetê-los à hipnose. Expliquei-lhes o que deviam esperar quando tivessem os olhos fechados, e tentei tirar do processo da hipnose o máximo possível de mistério. Descobri que os sujeitos se deixavam hipnotizar com facilidade quando compreendiam o processo com sua mente consciente. As tentativas de ignorar o ego e de hipnotizar sujeitos à revelia deles me pareciam não só contrárias á ética mas também improdutivas.

Em minha técnica de grupo, o truque mais importante para colocar meus sujeitos em estado hipnótico era fazê-los executar rápidos movimentos com os olhos. Eu descobrira que, se lhes explicasse de antemão que suas pálpebras começariam a contrair-se, alguns quereriam abrir os olhos, mas um número maior entrava em transe hipnótico. Só me cumpria assegurar-lhes que esta era uma parte normal da hipnose para que eles aceitassem a experiência e prosseguissem nela. Quando, porém, não eram avisados, a experiência das pálpebras que se crispavam tendia a despertá-los do estado hipnótico.

Grande parte da minha fala hipnótica introdutória destina-se a conseguir dos sujeitos um rápido movimento dos olhos. Às vezes se dá a esse processo o nome de reflexo da fantasia, às vezes de fantasia orientada, mas, seja qual for o nome que se lhe dê, o processo é sempre o mesmo. Descobri que, mercê de uma técnica desenvolvida por William Swygard, eu conseguia que meus sujeitos visualizassem com os olhos fechados. Nessa técnica, o *sujeito* é levado para a porta da frente da própria casa e pede-se-lhe que a veja claramente. Em seguida, conduzido em imaginação ao telhado do edifício em que mora, solicita-se-lhe que examine o território circundante. Depois, diz-se-lhe que está erguendo delicadamente o telhado do edifício e está voando, como tem feito em sonhos. Nesse ponto, eu descrevia aos meus sujeitos a sensação de estar voando, célere, por cima das árvores até uma praia de que eles gostam. Seguia-se uma fantasia orientada, em que eu os fazia remontar- se, subir cada vez mais, vendo a curva da terra no horizonte à proporção que voavam no céu azul. A maioria dos meus sujeitos apreciava intensamente a sensação de alar-se e eu os deixava saboreá-la por diversos momentos na indução hipnótica.

Oferecendo-lhes, então, uma nuvem branca e fofa, eu sugeria-lhes que se estendessem sobre ela e se relaxassem ainda mais, à medida que eu os conduzisse a períodos de tempos passados. Eu descobrira que, se os levasse diretamente “ao tempo antes de vocês nascerem”, eles eram, às vezes, arrastados

a experiências perturbadoras de vida passada. Mas se lhes permitisse escolher entre cinco períodos de tempo diferentes e lhes sugerisse que escolhessem, a título de experiência, um período que não fosse aflitivo, pouquíssimos teriam experiências desagradáveis.

Eu também descobrira que, no fim da viagem hipnótica, era importante não só. restaurar-lhes a energia, de modo que acordassem com uma sensação agradável, mas também incutir-lhes a ideia de que qualquer material emocional desagradável seria suavizado e não os perturbaria depois que tivessem despertado. Para consegui-lo, desenvolvi uma viagem de fantasia orientada, no fim da sessão hipnótica, que parecia dar bons resultados. Eu levava meus sujeitos de volta à nuvem depois que tivessem passado pela experiência da morte na vida anterior. Após relaxá-los ainda mais contendo até cinco, dizia-lhes que haveria uma rosa ainda em botão em seu plexo solar. E acrescentava que estavam cercados de uma luz branca sobre a sua nuvem, e que os raios de energia da luz desenrolariam delicadamente as pétalas da rosa até expor-lhe o coração. A luz branca entraria pelo coração da rosa e se difundiria por todo o corpo deles em ondas de energia de paz e harmonia, afugentando quaisquer emoções desagradáveis. Escolhi o plexo solar como a localização dessa fantasia baseada no conceito iogue de *kundalini,* segundo o qual a chacra do plexo solar é a sede da emoção.

Para tirar meus sujeitos da hipnose, eu usava um método gradual, suave, de devolvê-los ao presente. Dizia-lhes que veriam uma bola dourada de energia cintilando num canto distante do espaço.

— A bola de energia flutua através da escuridão do espaço, penetra o invólucro atmosférico da terra, chega ao Hemisfério Ocidental, desce a esta sala e entra pelo seu cocuruto. Ao fazê-lo, traz saúde, vitalidade e uma sensação de bem-estar a todos os átomos, moléculas, órgãos e sistemas de órgãos de seu corpo. — A seguir, contava lentamente até dez e dizia: — Abram os olhos. Vocês estão acordados.

Eu descobrira que, ao fazerem os movimentos rápidos com os olhos, que caracterizam a hipnose, meus sujeitos não se limitavam a descrever imagens visuais. Todo o seu equipamento sensório funcionava bem sob o efeito da hipnose, e algumas das impressões mais nítidas lhes chegavam por intermédio da audição, do tacto, do gosto e do olfato. Eu observara que quando os animais estão executando os rápidos movimentos dos olhos, seus ouvidos e seu focinho se crispam, o que indica que suas impressões não são apenas visuais. O mesmo se aplica ao mamífero chamado homem. Daí que eu incluísse em minha técnica hipnótica instruções para tocar, ouvir sons, provar, cheirar e experimentar emoções.

O fato de meus sujeitos serem capazes de descrever sentimentos experimentados na vida passada era provavelmente o aspecto mais significativo da hipnose. Quando experimentavam emoção na lembrança de uma vida pregressa, tendiam a supô-la vinda de um nível mais profundo que o de que vinham as imagens visuais. Eu talvez estivesse explorando sonhos, mas não eram tão somente os sonhos visuais que tão a miúdo relatamos.

Eu tinha agora minha técnica de hipnose e certo número de sujeitos dispostos a experimentá-la. Minha tarefa seguinte foi expor de antemão o tipo de informação que desejava dos meus sujeitos, e planejar minhas perguntas de modo que me dessem as informações de que eu precisava para verificar minhas teorias.

Eu sabia que a melhor maneira de testar a memória de uma vida passada era relacioná-la com a realidade histórica conhecida. Em casos individuais, verificam-se os pormenores no período e no lugar em que o sujeito relata a vida passada. Assim sendo, o objetivo das minhas perguntas era situar meus sujeitos no tempo e no espaço. Eu descobria a quadro pedindo-lhes que regredissem a um dos cinco períodos diferentes que estipulava. Eles então escolhiam um deles para explorá-lo melhor. Descobri ser necessária uma verificação adicional do tempo em que estavam vivendo a vida pregressa, porque muitos tinham imagens de períodos que não eram a que tinham de fato regressado. Por essa razão, eu lhes pedia, depois que morriam naquela vida, que revelassem em termos modernos o ano em que tinham morrido. As datas eram geralmente reveladas com muita clareza, e correspondiam perfeitamente aos indícios internos que meus sujeitos referiam durante a regressão. Quando havia discrepância entre a quadro que supunham ter escolhido e a data da morte, verifiquei que a data, por via de regra, constituía o dado válido.

Já era mais difícil imaginar onde estavam. Pedi-lhes que revelassem o nome geográfico moderno da área depois da sua morte, e muitos o fizeram. Mesmo assim, havia problemas frequentes, de modo que elaborei uma série de perguntas destinadas a ajudar a localizá-los, e que serviriam também de verificar a validade da sua rememoração. Eu pedia-lhes que reparassem na cor da pele, na cor e no jeito do cabelo, se era crespo ou liso, e perguntava-lhes acerca da paisagem e do clima em que se encontravam. Minha finalidade era verificar se eles pertenciam à raça que habitava o lugar por eles escolhido, e se a paisagem e o clima correspondiam ao que sabemos da área.

Em seguida, eu procurava obter informações que pudesse verificar em textos arqueológicos e em registros históricos. Pedia a meus sujeitos que visualizassem a comida que estavam comendo, porque há muitos registros dos tipos de alimentos ingeridos em cada período de tempo e em cada lugar. Pedia-

lhes também que atentassem para talheres e outros objetos caseiros que estavam usando, porque estes também podiam ser verificados.

A série seguinte de perguntas relacionava-se com o comércio na época e no lugar. Decidi pedir a meus sujeitos que fossem a um mercado a fim de comprar mantimentos e descrever o mercado e os suprimentos que comprassem. Como o dinheiro também é uma pista para um lugar e uma época no passado, eu lhes pedia que visualizassem as moedas que poderiam ser trocadas pelas mercadorias.

Outras áreas que se podiam verificar eram a arquitetura que viam e as roupas e calçados que usavam. Não somente me seria possível averiguar se as roupas por eles descritas estavam de acordo com os textos históricos, mas também verificar se outros sujeitos no mesmo período de tempo e no mesmo lugar usavam trajes semelhantes.

Pesquisava-se igualmente a experiência da morte. Seriam também constatadas na morte dos meus sujeitos as experiências fora do corpo relatadas por ocasião da morte pelo Dr. Raymond Moody e pela Dra. Elisabeth Kübler-Ross? Eu conhecia o trabalho do Dr. Karlis Osis, que estudara a experiência da morte em nossa cultura e na *Índia*, e achei que minha pesquisa ensejava interessante oportunidade de obter maior quantidade de material nessa área. Eu disse a meus sujeitos:

— Vocês regredirão agora para o dia em que morreram. Não sentirão dor nem medo e, se a experiência lhes for desagradável, voltarão para a sua nuvem e a suspenderão. Este é o dia da sua morte. Onde estão? Que idade tem? Agora conhecerão a causa da sua morte. Que está muito próxima. Como se sentem ante a perspectiva de morrer, agora que está tão próxima? Que foi o que lhes disseram que acontece depois da morte? Agora o espírito está deixando o corpo. Não se furtem à experiência do espírito que deixa o corpo. Que é o que estão experimentando agora?

Como se vê, minhas instruções hipnóticas incluem a sugestão de que o espírito deixará o corpo. Minha experiência com sujeitos tem-me ensinado que a rememoração da experiência da morte pode, às vezes, ser traumática, e eu tomava o máximo cuidado para evitar que isso acontecesse aos participantes do meu seminário. Minha intenção era estudar-lhes os sentimentos logo após a morte na vida passada. Eu também estava curiosa a respeito da causa *mortis*. Os sujeitos que compunham a minha amostra teriam tido mortes naturais, ou teriam experimentado incidentes dramáticos de homicídio ou suicídio muito além do que se poderia normalmente esperar? Um excesso de violência indicaria que estávamos lidando com fantasia e não com uma lembrança precisa de existências anteriores.

Eu também queria saber a idade com que meus sujeitos tinham morrido, porque no passado a maioria das pessoas não teve prazos de vida tão longos quanto os de hoje em dia. Em suma, foi esse um dos conjuntos completos de perguntas relativas à experiência de morte que fiz aos meus sujeitos hipnotizados.

Decidi que cada sujeito experimentaria três recordações de vidas pregressas. Há várias razões para isso. Primeira, eu queria saber se cada qual tendia a ter o mesmo tipo de vida passada em cada uma de suas regressões. Se a rememoração de uma vida pregressa não passa de fantasia, é de esperar que a dinâmica da personalidade do sujeito se reflita em todas as rememorações que experimenta. Assim, um sujeito que mostrasse grande agressividade numa recordação de vida anterior mostraria os mesmos sinais em duas recordações adicionais.

Eu também precisava contar pelo menos com duas regressões para cobrir todos os períodos de tempo que desejava estudar. Cinco períodos de tempo continham aproximadamente tantas imagens quantas poderiam os meus sujeitos reter em sua mente durante a viagem hipnótica; se eu lhes desse dez períodos para escolher, estaria introduzindo muita confusão nas instruções hipnóticas. Eu também queria verificar se as quadros a cujo respeito a nossa cultura está relativamente bem informada no que se refere a roupas, classes sociais, arquitetura e acontecimentos históricos resultariam numa rememoração mais nítida do que as informações obtidas quando levei sujeitos a períodos distantes, sobre os quais são parcas as informações.

Em tais circunstâncias, na primeira viagem conduzi meus sujeitos a cinco períodos de tempo, que eles poderiam conhecer por ter lido um livro ou por ter assistido a um filme de cinema. Em seguida, como contraste, na segunda viagem os levei a períodos sobre cuja vida não era provável que tivessem informações. A primeira viagem seria mais vívida? Se a rememoração de uma vida pretérita não passava de fantasia, teria de ser mais nítida nos períodos sobre os quais possuímos informações que podemos intercalar em nossas fantasias.

Na segunda viagem decidi fazer perguntas acerca das habilidades aprendidas e ocupações. Eu conduzia meus sujeitos à sua infância e lhes perguntava que habilidades estavam aprendendo. Suas respostas, mais uma vez, poderiam ser confirmadas pelas notícias constantes dos textos históricos, o que me daria mais uma oportunidade para determinar se a rememoração da vida passada era ou não produto de fantasia. Também decidi dar a meus sujeitos algumas experiências românticas na segunda viagem, e indagava deles quais eram suas relações com o sexo oposto aos dezessete anos de idade.

Eu necessitava de uma terceira viagem hipnótica a uma existência

pregressa para verificar se minhas instruções relativas aos períodos de tempo estavam distorcendo meus dados. Em vez de levar meus sujeitos a um período qualquer na terceira viagem, eu os levava a áreas geográficas em torno do mundo. Escolheriam eles áreas diferentes em lugar dos períodos diferentes se eu sugerisse? Todos escolheriam períodos modernos se eu os levasse a dar uma volta ao mundo, porque poderiam conhecer melhor esses tempos em sua vida consciente, vígil, e por isso mesmo lhes seria mais fácil forjar uma história sob o efeito da hipnose?

Assim, instituí a terceira viagem para verificar se os resultados que estava conseguindo a respeito dos períodos de tempo não estariam sendo distorcidos pela maneira com que eu formulava as perguntas. Eu também queria saber mais sobre paisagens e climas do que minhas perguntas nas duas primeiras viagens me haviam proporcionado, de modo que, na terceira, levava meus sujeitos a uma excursão e os fazia observar o cenário com maior atenção. E como também queria colher informações sobre cultos religiosos em épocas e lugares diferentes, nessa terceira viagem eu lhes pedia que assistissem a uma cerimônia religiosa e ma descrevessem, para que eu pudesse verificar se as práticas presenciadas por eles na rememoração da vida passada eram apropriadas ao período de tempo e ao lugar que tinham escolhido.

Nas três viagens, estudei as informações que consegui sobre costumes, arquitetura e clima. As perguntas relativas à experiência da morte eram as mesmas para as três.

Outro propósito de exigir de cada sujeito três viagens a vidas anteriores era determinar se o material se modificava à medida que o sujeito se habituava à hipnose e se aprofundava no estado hipnótico a cada viagem. Tornar-se-ia mais vívida a informação?

Decorei as perguntas, para ter a certeza de fazer exatamente as mesmas perguntas em cada seminário. Eu descobrira que a alteração de uma única palavra de minhas sugestões e perguntas mudava as respostas dos sujeitos; era, portanto, importante que eu não me desviasse da fórmula estabelecida antecipadamente. Preparei formulários para cada viagem, com as perguntas escritas e deixando espaços para que meus sujeitos neles escrevessem as respostas que lhes acudissem enquanto estivessem sob o efeito da hipnose. Armada com minha experiência até aquele momento, eu estava pronta para partir, para encetar o estudo da rememoração de existências pretéritas. Que iria descobrir?

7. COLIGINDO OS DADOS

Os sujeitos chegaram ao meu consultório em Walmut Creek, Califórnia, carregando seus travesseiros e cobertores e a sacola do almoço que eu lhes sugerira que trouxessem para a sessão hipnótica do dia inteiro. Este seria o décimo quarto grupo de sujeitos cuja regressão eu promovera; e já me estava aproximando da minha meta de coleta de dados. Já examinara a estatística de oitocentos questionários e dera a conhecer os resultados num artigo de revista. Resultados tão interessantes que decidi verificar se me seria possível repetir meu estudo estatístico numa nova amostra de sujeitos. Podia ser que os dados que os tinham propiciado adviessem do fato de haver eu trabalhado com um grupo inusitadamente inteligente de sujeitos. “Decidi hipnotizar outros até reunir um total de mais trezentos questionários de modo que pudesse averiguar se os resultados do segundo grupo eram iguais aos do primeiro.

Importava repetir minhas conclusões; muitas vezes é fácil realizar uma experiência com êxito, porém é mais difícil repeti-la. Anunciei que estava à procura de novos sujeitos, e doze pessoas responderam e se apresentaram para o seminário de sábado pela manhã. Vinham de todos os pontos da área da Baía de São Francisco; alguns tinham viajado cento e oitenta quilômetros de automóvel para participar da pesquisa.

As primeiras a chegar foram Jan, Francês e Pat, três amigas que trabalhavam juntas num grande escritório. Pat fora hipnotizada por seu médico ao dar à luz, e descobrira que a hipnose lhe fazia bem. Lera qualquer coisa a respeito do meu trabalho e telefonara para o meu consultório a fim de saber se ela e suas amigas poderiam participar do seminário. Jan e Francês não tinham sido hipnotizadas antes e, embora todas se interessassem pelo tópico da reencarnação, haviam lido muito pouco a respeito.

Depois chegou Peter, que viera de automóvel, um velho VW, de sua casa ao norte de São Francisco. Peter, que teria uns trinta anos de idade, desertara da sociedade competitiva das cidades. Conhecia com alguma profundeza as questões espirituais e já lecionara ioga. Era o sujeito mais sofisticado do grupo.

Eleanor e John chegaram em seguida. Casal de meia idade, interessava-se havia muito tempo por esse campo, mas nenhum tinha sido hipnotizado até àquela data. Jonh já se Submetera ao treinamento *est* de Werner Erhard, de modo que eu sabia que ele devia ser um bom sujeito. Muitos “processos” *est* são parecidos com as experiências realizadas sob a influência da hipnose. Eleanor e

John tinham sabido do meu trabalho através de um amigo, que participara de um seminário anterior.

Mike e Janet chegaram depois de Eleanor e John. Casal de vinte e tantos anos, também tinha tido o seu interesse despertado por amigos, os quais haviam passado por uma experiência interessante num seminário precedente. As duas pessoas que lhes chamaram a atenção para o caso tinham-se encontrado no mesmo período e no mesmo lugar, e compreenderam que eram conhecidos de uma vida passada. Ambos anotaram por escrito suas experiências antes de se falar, confirmando assim os indícios de que estavam em íntima comunicação entre si. Ou tinham estado juntos nessa existência passada, ou suas mentes se achavam tão próximas uma da outra que captavam comunicações telepáticas e eles partilharam da mesma experiência sob o efeito da hipnose. Mike e Janet nunca tinham sido hipnotizados, e não tinham nenhum interesse especial pelas ciências ocultas. Desejavam apenas conhecer o tipo de experiência por que seus amigos tinham passado.

A seguir chegaram Sherryl e Marilyn, assistentes sociais de vinte e tantos anos de idade, que se interessavam pela utilização da hipnose como instrumento terapêutico. Ambas empregavam algumas técnicas de fantasia orientada em seu trabalho, e queriam comparar minha técnica com as que haviam experimentado antes. Conquanto estivessem interessadas na reencarnação, não eram "verdadeiras crentes".

Os últimos a chegar foram Jonathan e Lynn. Jonathan era um estudante graduado de física na Universidade da Califórnia em Berkeley. Um amigo seu, estudante graduado da Alemanha, lhe descrevera o meu trabalho com entusiasmo. Jonathan estava cético, porém curioso. Já tentara algum treinamento de *biofeedback* alfa, e possuía um conhecimento intelectual das pesquisas sobre o cérebro direito e o esquerdo, mas não tinha nenhum conhecimento de ocultismo e não acreditava na reencamação. Sua namorada, Lynn, aluna ainda não graduada da Universidade da Califórnia, interessadíssima por todos os fenômenos relacionados com as vidas pregressas, disse-me que, na sua opinião, a rememoração de existências passadas dévia ser verdadeira, pois "explicava muitas coisas sobre minha vida".

Compreendi que esses doze sujeitos — oito mulheres e quatro homens — eram típicos de toda a minha população de sujeitos. Só um havia sido formalmente hipnotizado no passado, embora dois fossem terapeutas e um terceiro entendesse de meditação ioga. O resto do grupo tinha pouco contato anterior com estados alterados de consciência e podia considerar-se composto de sujeitos "ingênuos".

Leona Lee, minha colaboradora, disse-lhes que estendessem seus

cobertores e travesseiros no chão e ficassem à vontade. Eu me relaxo quando estou hipnotizando grupos porque sigo minhas próprias sugestões para relaxar; e como, se eu me deitar, sou muito capaz de entrar em transe e, nesse caso, meus pobres sujeitos não terão mais que uma boa soneca, costumo sentar-me na minha cadeira de hipnotizar. Foi o que fiz na ocasião, enquanto meus doze sujeitos me observavam atentamente. Compreendi-lhes a ansiedade. Que descobririam hoje? Iniciei minha introdução ao seminário hipnótico de oito horas.

— Sei que vocês, ao chegarem aqui, pensaram com seus botões, "E se eu não puder ser hipnotizado? E se eu não tive nenhuma vida passada?" Não se preocupem com isso. Noventa por cento dos meus sujeitos submetem-se à hipnose sem a menor dificuldade, e respondem às minhas perguntas enquanto se acham em estado hipnótico. O problema de vocês não é o de não poderem ser hipnotizados. Em vez disso, ver-se-ão a braços com a pergunta, "Mas não terei inventado tudo isso?" As impressões são fáceis de obter. O difícil é decidir se são fantasia, se vêm de suas próprias reminiscências de livros e filmes, ou se refletem uma realidade passada. Vocês se verão lutando com essa pergunta durante algum tempo."

O grupo relaxou-se um pouco à medida que minha introdução continuava. Expliquei os rápidos movimentos dos olhos que provavelmente experimentariam, e disse-lhes que o subconsciente neles tomaria conta da experiência de rememoração da vida passada. Assegurei-lhes que, nas instruções relativas à morte numa vida pregressa seriam orientados para afastar-se da experiência se estivessem sentindo algum desconforto. Vários pareceram aliviados quando me ouviram dizer isso, o que me fez compreender ser essa uma das razões por que se sentiam ansiosos em relação à hipnose.

Continuei a explicar-lhes que estariam estudando seus próprios estados de sono:

— Vocês passarão a compreender melhor sua própria mente no fim deste seminário. Seja a recordação de vidas passadas pura fantasia ou reflexo da reencarnação, o certo é que vocês conhecerão lugares interessantes em sua própria mente. Quero que o seu ego faça a viagem com vocês. Se não houver envolvimento do eu consciente na hipnose, vocês não serão capazes de lembrar-se das experiências e não poderão preencher os questionários para mim. Permitam, portanto, que o seu ego viaje com vocês e deixem-no falar à vontade. Ao mesmo tempo, procurem não impedir que as imagens, sentimentos, pensamentos e impressões subam do subconsciente para a mente consciente em resposta às minhas perguntas e sugestões.

Eu disse-lhes que se deitassem no chão, recomendando que tirassem os

sapatos, para ficar bem à vontade.

— Como deitar-se á noite para dormir, — expliquei.

Em seguida, disse-lhes que bocejassem e encetei a indução hipnótica. Enquanto eu passava pelo trecho de fantasia orientada da viagem, investiguei e descobri que a maioria estava tendo movimentos oculares rápidos. Continuei a relaxá-los e, a seguir, levei-os de volta a cinco períodos de tempo no passado.

— Quando eu anunciar um período de tempo, deixem que uma imagem entre em sua mente, — sugeri.

Anunciei os períodos de 1850, 1700, 1500, 25 d.C. e 500 a.C. Ato contínuo, pedi-lhes que optassem por um deles para seguir estudando e aconselhei-os a deixar que o seu subconsciente escolhesse uma quadro que não lhes fosse perturbadora. Minha voz soava, contínua e monótona, à medida que os conduzia através das mesmas perguntas tantas vezes repetidas antes em sessões hipnóticas. Senti minha própria mente vogar ao som da minha voz reiterando as perguntas familiares.

Momentos há em que tenho a impressão de estar ouvindo minha voz ao longe, na distância, e, nessas ocasiões, abro os olhos e volto à sala a fim de não me afastar em demasia dos meus sujeitos. Ao mesmo tempo que formulo as perguntas em voz alta, também me concentro intensamente neles. Procuro mandar-lhes pensamentos de conforto e boa vontade, com a intenção de fazê-los sentir-se à vontade enquanto estão sob o efeito da hipnose. Faço-o automaticamente, sem racionalizá-lo para mim mesma. Não recebo impressões mentais das imagens que meus sujeitos estão experimentando — pelo menos não me adverti de nenhuma — mas pareço perceber quando alguém experimenta alguma dificuldade física ou emocional e, nesse caso, intercalo sugestões de que eles não sentirão dor e de que qualquer transtorno será eliminado. Isso não acontece com frequência em estado de hipnose mas, quando acontece, acho interessante o fato de que recebo tais lampejos por via telepática. Depois que acordam da hipnose, os sujeitos confirmam amiúde minha impressão de que estavam experimentando algo desagradável no momento em que eu lhes enviava pensamentos tranquilizadores; e ajuntam que a sugestão hipnótica para relaxar os ajudou.

Hoje, ninguém parecia estar em apuros, e a sessão hipnótica transcorreu manso e manso. Levei meus sujeitos à experiência da morte e, a seguir, trouxe-os de volta à sua nuvem. Quando fiz a sugestão de rosa em botão no plexo solar, uma expressão de paz e prazer profundos tomou conta do rosto de Peter. Seus olhos continuavam fechados e ele ainda devia estar hipnotizado, mas a experiência da rosa que se abria e da bola de luz parecia comovê-lo.

Fiz a todos os sujeitos a sugestão pós-hipnótica de que se lembrariam claramente do que haviam experimentado e preencheriam os questionários com facilidade ao despertar. E rematei a hipnose com estas palavras:

— Vocês não compartirão da sua experiência com outros enquanto não tiverem terminado seu questionário. A partir de então se sentirão à vontade para discutir sua experiência com os demais membros do grupo.

Após contar até dez, fi-los sair da hipnose, e assisti ao fenômeno de todos abrirem os olhos ao mesmo tempo. Como todos os sujeitos em sessões anteriores, pareciam extremamente relaxados, e levaram alguns momentos para sentar-se e voltar à atividade física. Distribuí os questionários e dei uma caneta a cada um. Anunciei que sairia da sala por dez minutos, para relaxar, enquanto eles preenchiam seus papéis.

Quando voltei à sala, continuavam ocupados em escrever. Notei que Eleanor não preenchera a sua folha. Logo depois terminaram, e cheguei à parte do seminário que mais aprecio. Sinto sempre muita curiosidade de saber o que aconteceu em resultado das perguntas que fiz durante o transe hipnótico. Uma parte minha ainda se surpreende de que tanta gente apresente rememorações de existências anteriores, conquanto seja isso mesmo que sugiro quando os surpreendo sob o efeito da hipnose. E que diversidade de experiências têm os meus sujeitos!

Mas primeiro, antes de ouvir-lhes as histórias, eu precisava fazer duas perguntas para determinar se haviam sido hipnotizados.

— Quanto tempo lhes parece que se passou, em minutos, desde que eu disse “Fechem os olhos”, até que eu disse “Abram os olhos”? — perguntei ao grupo.

Choveram palpites; quatro pessoas calcularam quinze minutos, cinco calcularam vinte, uma calculou meia hora. As outras duas disseram que, na verdade, não poderiam fazer estimativa alguma, “porque parecia não se haver passado tempo algum e, ao mesmo tempo, parecia haver levado horas”.

— Foram cinquenta minutos, — disse-lhes eu. — Vocês ficaram deitados no chão duro, sem se mexer, durante quase uma hora.

Isso os surpreendeu; estavam convencidos de que a experiência não durara tanto. Apontei para o relógio na parede, e a evidência dos próprios olhos persuadiu-os. Por motivos que não compreendo, meus sujeitos em estado de hipnose costumam acreditar que estiveram hipnotizados por apenas quinze ou vinte minutos. Assim como o tempo parece alongar-se para as pessoas drogadas com maconha, assim parece contrair-se para as que se acham em estado

hipnótico. Eleanor foi uma das que não se arriscaram a fazer uma estimativa do tempo.

— Quanto tempo acha que passou? — perguntei-lhe.

— Bem, a mim me pareceu uma eternidade. As costas me doíam e eu ouvia as pessoas respirando ao meu redor. Simplesmente não consegui obter imagem alguma. Tentei, mas você parecia ir tão depressa que, quando eu começava a pensar em alguma coisa, o assunto já mudara. Eu estava realmente ansiosa por que você nos acordasse para eu poder espreguiçar-me e aliviar a dor nas costas.

— Você é o sujeito que não foi hipnotizado, — disse-lhe eu. — Se achou que levou muito tempo e se teve uma percepção assim tão aguda de desconforto físico durante o tempo todo, não tenho dúvida de que não foi hipnotizada. Da próxima vez, experimente o sofá. Ele talvez a faça sentir-se melhor, e isso ajudará a colocá-la em transe.

Em seguida, fiz a pergunta que sempre me intriga:

— Alguns de vocês estiveram à minha frente nesta viagem?

Sete dos doze sujeitos levantaram a mão. Peter disse:

— Estive à sua frente o tempo todo, como se soubesse o que você ia dizer antes de dizê-lo. Mas só dei por isso da metade da viagem em diante; então decidi ignorá-lo e seguir simplesmente com você.

Marilyn relatou:

— Sabe, só compreendi que estava fazendo isso depois que você me perguntou. Aí me lembrei. Estive à sua frente pelo menos três ou quatro vezes durante a viagem. Até pensei que não estivesse seguindo direito as instruções.

Expliquei ao grupo que o fenômeno de responder às minhas perguntas antes que eu as articulasse fora constante em todos os grupos hipnotizados por mim. Aparentemente, quando alguém está funcionando no cérebro direito e executando movimentos oculares rápidos, a comunicação telepática é mais comum do que a audição de palavras. O fenômeno é tão fascinante que estou agora realizando extensa busca sobre telepatia em estado hipnótico com grupos em que dou algumas instruções verbais e outras telepáticas.

Perguntei aos membros do grupo sobre suas experiências sob o efeito da hipnose.

— Quantos de vocês regrediram ao período de 1850?

— Jan respondeu que estivera em Kansas nesse período.

— Muitas de minhas imagens eram imprecisas. Dir-se-ia que eu estivesse fazendo um esforço muito grande para obter respostas às suas perguntas. Tateei a fazenda do meu vestido, e descobri que se tratava de uma tecedura grosseira, uma espécie de pano de fio cru, mas não conseguia ter imagens claras de minhas mãos nem do lugar em que estava vivendo. Quando você nos pediu para ver quem estava comendo conosco, vi por momentos a imagem de um homem alto, de cabelos pretos e barbudo. Eu me sentia meio apreensiva em relação a ele. Quando você perguntou a respeito da morte, dei comigo de novo numa nuvem e, na verdade, não a experimentei.

Expliquei a Jan que muitos sujeitos — cerca de 15% — têm, não raro, imagens vagas no inicio das sessões hipnóticas.

— Você não teve a impressão de que estava inventando tudo isso tomando por base coisas que tinha lido? — perguntei-lhe.

— Tive, sim, — respondeu Jan. — Tanto assim que escrevi no fim do meu formulário, onde você pôs “Comentários Adicionais”, que me parecia estar inventando tudo aquilo. Tirante o toque do vestido, todo o resto parecia forçado.

— Minha viagem em 1850 foi notável, — sobreveio John. — Não sei por que, mas tudo brilhou em minha mente com cores e detalhes. Em parte dela pareço estar vendo coisas, mas também senti os cheiros do mercado e ouvi vozes à minha volta durante o emocionante acontecimento. Tudo faz crer que encetei essa existência na Inglaterra, mas fui depois para a África do Sul, onde morri em 1898. Quando você me levou para a experiência da morte, eu já estava velho. Devo ter tido uma febre, porque tenho consciência de haver sentido muito calor. Quando morri, era como se eu flutuasse acima do meu corpo e olhasse para baixo, para o corpo estendido debaixo de mim. Um profundo sentimento de alívio e alegria apossou-se de mim.

A experiência foi tão intensa que as lágrimas me rolaram pelas faces. Foi uma viagem realmente notável!

Expliquei aos outros que o tipo de viagem experimentada por John era, pelo menos, tão comum quanto a experiência hipnótica mais vaga que Jan acabara de descrever.

— Parece que alguns sujeitos o conseguem logo e passam pela experiência com pleno envolvimento, — disse-lhes eu. — Outros ingressam na experiência aos poucos, e levam várias sessões hipnóticas para alcançar esse nível.

A seguir, Marilyn descreveu sua viagem no período de 1850:

— Mas parecia mais próximo de 1900. Os vestidos lembravam mais os de 1910, ou coisa que o valha. Vi-me em Nova Iorque. Ou, pelo menos," numa cidade de arranha-céus e ruas cheias de gente. Eu me senti vogando à deriva e, na ocasião em que você me levou para a experiência da morte, tudo indica que adormeci, porque não me lembro de mais nada até que você nos mandou abrir os olhos.

Isso também acontece a alguns dos meus sujeitos: entram num estado de hipnose tão profunda que não conseguem recordar nada do material ocorrido no transcorrer desse estado. É raro na primeira viagem hipnótica, mas ocorre cada vez mais à medida que as viagens continuam.

— Alguém viveu em 1700?

Francês e Sherryl disseram ter estado vivas nesse período de tempo. Francês contou que descobrira, para sua grande surpresa, que as botas que usava eram masculinas.

— Então, quando olhei para minhas roupas e minhas mãos, compreendi que era um homem. Eu devia ser uma espécie qualquer de obreiro, porque havia lama nas minhas botas e minhas roupas eram grosseiras. Tinha mãos calejadas, que mostravam os sinais do trabalho. Achava-me em pé num campo arado, mas divisava uma choçazinha á distância. Aparentemente, era lá que eu morava, porque me vi fazendo a refeição da noite na pequena choça escura. Eu comia com uma colher de madeira de uma tigela também de madeira, e tinha ao meu redor minha esposa e três filhos. Creio que minha esposa não me inspirava muita afeição, mas meu filho mais velho estava perto de mim e eu sentia um grande amor por ele. Quando você me levou para a morte, por causa de um acidente qualquer com cavalos, só sei que tudo aconteceu muito depressa, e eu me vi fora do corpo antes de compreender o que tinha acontecido.

“Minha principal sensação diante da morte foi uma grande surpresa ao dar comigo fora do corpo. Experimentei depois uma impressão de leveza e fiquei contente por aquela existência ter acabado. Era uma vida dura de trabalho. O ano de minha morte revelou-se como sendo 1721, e o lugar em que eu morava, os arredores de Aries, na França.”

Sherryl contou:

— Eu era mulher. Usava um vestido comprido de tecido grosseiro, com um avental por cima dele e uma espécie de boné branco com asas de cada lado. A princípio, não fui capaz de imaginar o que era o boné, e pensei que eu talvez fosse freira, mas tudo me fazia crer que trabalhava numa espécie de mercado, onde vendia produtos agrícolas. Quando você perguntou pela refeição da noite,

vi-me sentada num lugarzinho escuro. Não parecia haver ninguém ao pé de mim, mas eu tinha a impressão de que um homem costumava sentar-se à minha direita, embora não estivesse lá naquela noite. Quando você perguntou a respeito do acontecimento emocionante, a única coisa que pude ver foi uma porção de gente no mercado, e ouvi uma gritaria danada. As pessoas pareciam assustadas ou zangadas. Foi a única coisa que encontrei.

"Quando você me levou para a minha morte, eu voltara à choça e estava deitada sobre a palha. Devia estar morrendo de velhice ou, pelo menos, não conseguia atinar com nenhuma razão especial para a minha morte. Uma morte muito suave e muito fácil e, enquanto eu flutuava fora do corpo, achei que havia procedido bem naquela existência. Ignoro o motivo desse sentimento. A morte foi a melhor parte da viagem para mim. Depois de ver meu corpo, subi ao céu, cada vez mais alto, e deixei o corpo sem pesar".

Lynn também fora homem, mas no século XVI.

— Quando abaixei a vista para meus pés vi uma espécie de sandália, uma sandália de madeira, — disse ela. — Eu trajava calças curtas e uma blusa solta, por fora das calças. Meus cabelos eram lisos e pretos e minhas mãos de cor ligeiramente abaçanada. Só quando olhei para a paisagem e vi as construções compreendi que estava no Japão. Creio que eu morava numa aldeola de pescadores, e o acontecimento emocionante foi uma tempestade quando eu estava no mar, a bordo de um barco. Esse veio a ser também o lugar onde morri, porque, aparentemente, caí do barco ou este virou durante uma tempestade. Lembro-me, porém, com nitidez, do trecho de terra que se avistava do nosso barco quando saímos do porto. Era tão bonito e tão sereno!

"O que senti após a morte? Senti-me chocada pelo que acontecera e, a princípio, muito confusa. Depois não pude mais ver meu corpo, talvez porque estivesse debaixo d'água. Parece-me, contudo, que, após a minha morte, vieram juntar-se a mim os outros dois que estavam comigo no barco. Mas esta é apenas uma impressão".

Peter contou que estivera vivo no ano 25 d.C.

— Francês disse que ficou surpresa ao descobrir que era um homem, — observou ele. — Pois fiquei surpreso e meio transtornado ao descobrir que era mulher. Trazia uma espécie de roupa diáfana e cheia de dobras, que lembrava um sári indiano. Quando você nos pediu para observar um edifício, reparei numa grande construção cerimonial parecida com as gravuras de um templo hindu que eu tinha visto. A comida que comi era um tipo de pão achatado e uma mistura de vegetais, muito condimentada. Comi com os dedos, tirando o alimento de uma tigela de madeira toscamente esculpida. A princípio eu não poderia dizer qual

era o acontecimento emocionante, mas creio que se tratava do meu casamento. Sei que me sentia apreensiva e emocionada ao mesmo tempo. Ouvi sinos durante a cerimônia. Quando você nos levou para a refeição da noite, deve ter sido antes do casamento. Vi meu pai e duas irmãs comendo comigo.

"Ao morrer, percebi que estava morrendo de parto. Embora você nos dissesse que não sentiríamos dor, senti a mais estranha das sensações na região pélvica. É claro que eu não tinha a menor ideia do que sente uma mulher ao ter um filho. — Peter riu-se e todos rimos com ele. — Experimentei uma sensação de puxamento na pelve e eu parecia estar meio febril. Não sei exatamente quando deixei meu corpo; pois durante algum tempo tive a impressão de estar entrando e saindo do corpo sem parar. Depois me vi fora dele e enxerguei as coisas mais deslumbrantes à minha volta. A morte foi uma experiência muito bonita. Mas até enquanto estava apreciando as belas cores, senti um pesar profundo por deixar para trás dois outros filhos que eu tinha".

Comentei com o grupo que a morte de parto, ao que tudo indicava, era a mais difícil de todas em minha amostra. O problema parecia ser o pesar por deixar filhos ainda dependentes, mais do que tristeza pela própria morte.

Janet relatou-nos que fora um homem no período de 25 d.C.

— O mapa revelou um lugar qualquer do norte da Itália, em tomo do Mar Adriático. Eu vivia numa aldeia de pedra. Via as casas com suma clareza. Tinham um único pavimento e vãos de porta baixos. Acho que eu trabalhava com madeira. Devia ser carpinteiro. Quando fui ao mercado, comprei cereais e um tipo de instrumento que devo ter usado em meu trabalho com madeira.

Ela descreveu-nos o instrumento, o mesmo descrito por outro sujeito, que também tivera uma existência na Itália naquele período. Qualquer coisa parecida com um tipo primitivo de serra.

— Comi com outros homens à mesa, — continuou Janet. — Não pareciam ser meus parentes; era como se, de certo modo, todos trabalhássemos ou vivêssemos juntos. Eu tinha a impressão de que minha família estava em algum lugar no interior e que eu trabalhava nessa aldeia. A moeda que eu usava para comprar meus mantimentos era interessante. Na realidade, eu tinha duas moedas. Uma delas, cor de ouro opaco, ostentava a cabeça levantada do que se diria um imperador ou qualquer coisa desse gênero. A outra era de um cinzento escuro e tinha um buraco no meio. Dir-se-ia que tivesse sido feita quadroda, batendo-se os cantos depois para dar-lhe um aspecto redondo. Nunca vi nada parecido!

— Já me descreveram essa moeda pelo menos vinte vezes, — atalhei.

— Era usada no Mar Mediterrâneo no período que vai de 500 a.C. a 25 d.C. Não parecia ser tosca ao longo das bordas?

— Isso mesmo, — confirmou Janet, — como se tivesse sido feita a martelo em vez de ter sido modelada. Quando você me levou para a experiência da morte, — continuou ela, — eu devia estar com cinquenta e tantos anos. Mas assim que comecei a experimentar a causa da morte, vi-me de volta na nuvem. Não tornei a experimentar mais nada até que você disse que havíamos deixado o corpo. Nesse momento, vi meu corpo estendido sobre uma cama de palha. Tudo indicava que minha cabeça fora golpeada. Na realidade não sei o que produziu a minha morte. Mas foi muito agradável deixar o corpo.

Três membros do grupo estiveram em 500 a.C. Jonathan referiu que, tendo sido homem nesse período, vivera numa cidade do Oriente Médio. E falou sobre o que viu:

— Havia jardins em volta, mas parecia estar um pavimento acima de mim. Eu caminhava entre as paredes de pedra de uma construção térrea. Havia vegetação acima da minha cabeça. Quando Janet descreveu sua moeda, vi outra muito parecida. Creio que tinha seis lados, se bem eu não possa afirmar com exatidão. Mas ostentava um buraco no meio. Comprei mantimentos no mercado e havia tendas abertas com uma espécie de cobertura por cima, á maneira das tendas comuns. O mercado estava cheio de gente e pude sentir muitos cheiros, incluindo o de esterco de burro.

Jonathan continuou contando que morrera de velhice. Experimentara uma sensação de muita paz e contentamento ao flutuar acima do próprio corpo.

Mike falou em seguida.

— Sou um pouco parecido com Peter. Fiquei chocado ao descobrir que era mulher. Mas parecia estar na China... pelo menos foi o que revelou o mapa depois que morri. A data de minha morte também foi revelada: 482 a.C. Era uma vida muito tranquila e eu parecia viver em ambientes confortáveis. Minhas atividades consistiam sobretudo em cozinhar e cuidar de um lar modesto.

Pat entrou na conversa, dizendo que também fora mulher na quadro de 500 a.C.

— Mas minhas imagens eram mais semelhantes às de Jan, — disse ela. — Eu me sentia muito só porque, quando procurava alguém naquela existência, não conseguia ver rostos. Eu devia estar muito sozinha. Era uma vida primitiva e eu usava peles grosseiras em torno do corpo. A única coisa de que me lembro é de uma fogueira em que estava sendo assado um animalzinho que tinha um sabor gorduroso. Morri num acidente qualquer. Caí de um penedo ao descer por

um caminho entre rochas. Enquanto eu rolava morro abaixo, tive a impressão de estar seguindo em duas direções: meu corpo foi estatelar-se nas fragas, lá embaixo, mas continuei a flutuar. Quando você me pediu a localização geográfica, vi um mapa em que se destacava a Ásia Central. Não se revelou a data da morte.

Pois vamos incontinenti para a segunda viagem, — propus aos meus sujeitos.

Eu estava planejando induzi-los a uma hipnose mais profunda dessa vez, principalmente porque Eleanor ainda não experimentara a hipnose. Desenvolvi uma técnica especial, a que chamo, em linguagem menos do que científica, minha "super energia". Eu a experimentaria na indução a esta viagem a fim de ver quais seriam os resultados com Eleanor. A técnica consistia em conduzir meus sujeitos à sala de estar da sua infância, fazendo-os recordar vigorosamente os móveis e o ambiente que conheceram aos cinco anos de idade, e depois movê-los para o quarto de dormir que ocupavam na infância e para uma viagem fora do corpo.

— Agora estão deitados em suas camas, — disse eu. — Vocês têm cinco anos de idade. Estão dormindo e sonhando mas, apesar disso, ouvem minha voz e não têm dificuldade em seguir minhas instruções. Estão dormindo em suas camas. Vocês têm cinco anos. Agora vão experimentar uma coisa que conheceram quanto tinham cinco anos. Não vão dormir. Vão dar-se conta de uma sensação de crescente energia em toda a sua volta. Para alguns pode ser a sensação de estar girando, e vão cada vez mais depressa, embora não estejam tontos. Para outros, é uma sensação de expansão, como se estivessem ficando cada vez maiores. Há uma vibração de energia que aumenta em toda a sua volta. A energia chega a um clímax, é agora vocês estão flutuando e saindo pela janela do quarto de dormir da sua infância. Estão livres! Lembrem-se agora dos sonhos de voar que tiveram na infância.

Depois de transmitir aos meus sujeitos esta sugestão, enfatizei o fato de que ouviriam minha voz e despertariam ao ouvi-la. Mas primeiro os levei a uma viagem a quadros que iam desde 2000 a.C. e 1000 a.C. até 400 d.C., 800 d.C. e 1200 d.C. Eu queria descobrir se as vidas experimentadas nesses períodos obscuros seriam tão intensas quanto as transcorridas em períodos históricos conhecidos.

Despertei os sujeitos manso e manso da segunda viagem, e eles abriram os olhos vagarosamente desta vez, permanecendo imóveis durante alguns momentos e depois relanceando os olhos em torno. Quanto lhes entreguei os questionários, demoraram um pouco para pegar as canetas e principiar a pôr por escrito suas experiências. Eu começara a reconhecer as expressões de meus

sujeitos depois de experimentar diferentes estados de hipnose; era mais do que evidente que aquele grupo se divertira na segunda viagem e tinha sido conduzido para longe da consciência vígil normal.

Quando todos concluíram a redação do relato das suas experiências, sugeri que conversássemos a respeito da viagem que acabavam de fazer enquanto comíamos os sanduíches que tínhamos trazido para o almoço. O grupo ainda estava meio enlevado e relaxado em decorrência da longa sessão hipnótica, e reinava entre todos uma atmosfera amistosa. Quando percebo alguma tensão num grupo composto de pessoas que não se conhecem, transmito a sugestão pós-hipnótica feita por ocasião da primeira viagem, de que se sentirão á vontade no grupo, e o efeito é decisivo. As pessoas se relaxam acentuadamente, a discussão das experiência é animada, e todos participam dela.

Jan falou sobre a sua viagem em 1200 d.C. Fora homem e, desta feita, ao contrário da primeira regressão, em que suas imagens tinham sido indistintas e pouco convincentes, sua viagem fora muito clara.

— Desta vez vi cores e ouvi vozes que falavam numa linguagem que não consegui compreender inteiramente. Eu parecia conhecer o que diziam, mas não se tratava de uma tradução direta da linguagem que ouvia. Eu não me limitava a "saber" o que diziam. Era uma espécie de fazendeiro... pelo menos em minha vida madura. Aos dezessete anos quisera ser soldado. Não sei se, alguma vez, participei de uma batalha. Não sei se algum dia cheguei a brandir armas em combate mas, em minha vida adulta, me surpreendi cultivando um trato de terra. Morri de velhice, cercado por minha família. Desta vez foi uma morte agradabilíssima. O mapa indicou um lugar qualquer na Europa central, e o ano da minha morte foi 1271.

John confessou que tivera sensações estranhas e interessantes na viagem.

— Quando você me levou para a minha cama de criança, perdi sua voz por um momento. Não sei aonde fui, mas sei que alguma coisa estava acontecendo. Eu não queria deixar o lugar onde me encontrava para acompanhá-la numa viagem de procura de uma existência passada, mas acabou-se revelando a imagem de uma mesquita no ano 1200. Surpreendi-me a usar uma espécie qualquer de pantalonas pelas ruas de uma grande cidade; creio que era Constantinopla. Mas, logo depois, tive a impressão de deixar a viagem e voltar para o sítio em que me achava quando você me fez sair voando pela janela da minha infância. Ouvi-lhe a voz trazendo-me de volta quando você contava para despertar-nos. Sinto-me agora muito relaxado, mas continuo a perguntar a mim mesmo o que experimentei e não consigo relembrar.

Peter contou que estivera na Itália no período de 800 d.C.

— Creio que era o norte da Itália, porque eu via montanhas altas à distância. Estava trabalhando com um forcado num cenário rural. Eu era baixo e forte e tinha mãos pequenas e grossas. Morri muito moço, mas não fiquei sabendo da causa. Devia ser alguma espécie de doença. Morrer foi estranho. Dir-se-ia que eu deixasse meu corpo passando pelo cocuruto, e ficasse flutuando sobre a choçazinha escura, onde jazia o corpo. Eu estava meio confuso. Depois, quando principiei a ver luz, você nos tirou da experiência.

Francês também tivera, uma viagem muito clara desta vez, como mulher, em algum lugar da Ásia.

— A princípio, foi-me difícil compreender a cena da morte, — disse ela. — Quando você nos trouxe para a morte, tive uma, sensação de sufocação na garganta, mas depois (que você prometeu que não sentiríamos dor, a sensação foi-se embora. Entretanto, ainda posso senti-la agora, — insistiu ela, levando a mão à garganta. — Aparentemente houvera uma inundação porque, depois que o deixei, vi meu corpo flutuando no meio de árvores e outros objetos, que também flutuavam. Antes da morte, a vida parecia comum. Minha infância foi feliz mas, em minha vida adulta, eu tinha consciência de haver passado fome.

Nenhum dos sujeitos escolhera o período de 400 d.C. para nele experimentar uma existência, mas três haviam recuado para 1000 a.C. Sherryl fora um escriba egípcio do sexo masculino e, aos onze anos de idade, aprendera a escrever hieróglifos. Trabalhava muito mais ao ar livre, num pátio aberto, do que dentro de casa. Lembrava-se com nitidez da mão que se movia e modelava os hieróglifos, mas não foi capaz de copiá-los em seu questionário depois que acordou. Morrera de morte natural ainda muito moço.

Janet fora mulher na Ásia, onde vivera com uma tribo primitiva numa área montanhosa. Seu lar era uma espécie de abrigo cavado na vertente de uma colina. Em sua vida adulta, viu-se raspando peles de animais. Morrera de parto.

— Fiquei contente, sem dúvida, por deixar aquela vida, — confessou. — Ainda agora sinto o cheiro das peles... um perfume não muito agradável. Eu supunha que a vida primitiva devia ser divertida, mas aquela era dura. Fiquei milito satisfeita ao morrer e deixá-la.

Lynn também fora mulher, e também vivera na Ásia, porém numa planície junto ao mar:

— Havia uma quantidade de edifícios onde eu morava. Todos tinham o telhado plano e eram feitos de uma espécie de tijolos de barro. Creio que levei a maior parte da minha vida adulta cozinhando um cereal qualquer e cuidando da família. Morri de velhice. Tanto Marilyn quanto Jonathan retrocederam para o

ano 2000 a.C. De acordo com o mapa, disse Marilyn, estavam na *Índia*, numa área próxima ao rio Indo.

— Era uma aldeia. Eu era homem e parecia passar muito tempo falando com os outros aldeões. Não sei direito o que estava discutindo, mas eu devia ser uma espécie de líder. Pelo menos não executei nenhum trabalho manual quando você nos pediu para revivermos um dia de nossa vida adulta. Surpreendi-me usando um trajo finamente tecido. Haveria teares no período de 2000 a.C.?

Jonathan fora homem na Mesopotâmia:

— Era uma sociedade opulenta pelo que observei. Embora eu envergasse um manto grosseiro de lã, outros homens da aldeia ostentavam tecidos decorados, e também vi joias. Em minha vida adulta, pareceu-me estar trabalhando um metal qualquer num objeto decorado. Morri em virtude de um acidente. Tudo começou de repente, antes até que você nos levasse para a experiência da morte. Senti medo e apreensão. Depois alguma coisa me golpeou a boca do estômago. E ficou tudo branco até que você nos acordou. Creio que pulei a experiência da morte.

Eleanor, Mike e Pat afirmaram, um tanto quanto encalistrados, não se lembrar de nada que tivesse ocorrido desde o momento em que eu os mandara para a sua cama de crianças até que lhes ordenara:

— Abram os olhos, vocês estão acordados.

Eleanor ficou muito surpreendida com a experiência.

— Eu estava com medo de que nada acontecesse desta vez, como da outra, mas decidi não me preocupar com isso e apenas relaxar-me. Quando dei novamente por mim, você estava contando e mandando-nos abrir os olhos. Creio que fui realmente hipnotizada desta vez, mas ainda assim não fiz nenhuma viagem a uma vida passada!

Assim Mike como Pat disseram que tinham visto a sala de estar de sua infância com extrema nitidez.

— Vou perguntar a minha mãe, — disse Mike, — se nossas cortinas eram mesmo assim quando eu tinha cinco anos de idade. O fato é que há pelo menos vinte anos que não penso conscientemente na decoração de nossa sala de estar.

Expliquei ao grupo que incluíra as perguntas relativas à sala de estar de sua infância por querer que eles tivessem alguma coisa que pudessem verificar.

— A lembrança de uma vida anterior é amiúde frustrante porque, de ordinário, não podemos ter nenhuma informação de retorno sobre a exatidão das

imagens que vimos, — disse eu. — Mas se vocês se lembraram da sua sala de estar com nitidez sob o efeito da hipnose, poderão verificar com membros da sua família se essas lembranças estão corretas. Uma recordação desse gênero é um exemplo de “criptoamnésia”, ou seja, a lembrança de pormenores outrora conhecidos mas há muito tempo conscientemente esquecidos.

Já era chegado o momento da viagem número três. Os membros do grupo se espreguiçaram, relaxaram e instalaram de novo sobre seus cobertores

— Esta é a hora da sesta depois do almoço. Desta vez vocês ouvirão minha voz dizendo-lhes que permaneçam acordado». Verifico que é cada vez mais difícil manter meus sujeitos num transe leve na terceira viagem hipnótica. Por isso não se surpreendam se eu parecer meio mandona e não parar de dizer-lhes que se concentrem na minha voz.

Comecei a indução rapidamente, pois sabia que os doze membros do grupo podiam ser hipnotizados e eu não precisava de um longo processo de indução. Pedi-lhes ainda que recordassem alguma coisa do passado imediato em sua vida presente, para finalidades de verificação. Na terceira viagem, sugiro aos meus sujeitos que rememorem uma viagem de férias feita nos últimos cinco anos, e peço-lhes que vejam com clareza onde dormiram durante a viagem, o cenário e as pessoas que viram. Em seguida, levo-os para o céu, de volta às fofas nuvens brancas.

— Agora vocês vão flutuar ao redor do mundo, — anunciei. — Quando eu disser o nome de um lugar, deixem que uma imagem acuda às suas mentes.

Enquanto minhas instruções os levavam a cada continente, pedi-lhes que escolhessem um lugar a fim de experimentar uma vida passada cujas imagens não fossem vagas, um lugar para o qual se sentissem emocionalmente atraídos. Essa instrução resultava nas mais claras de todas as viagens. Para os meus sujeitos, a primeira viagem, não raro, é a mais emocionante, provavelmente por ser a primeira experiência, mas a terceira provoca, com frequência, as emoções mais fortes, porque eles se acham num estado mais profundo de hipnose. Além disso, parece que eles têm uma série maior de vidas passadas para escolher na terceira viagem graças às instruções geográficas.

Pedi-lhes enquanto estavam em transe hipnótico, que descrevessem um evento comunitário ocorrido naquela existência, o idioma que ouviam falar, uma viagem que tinham feito e uma cerimônia religiosa a que tinham assistido. Por ocasião da experiência da morte, eu tornava a pedir-lhes que prestassem atenção ao modo com que seus corpos eram tratados depois da morte. Concluída a viagem, eu lhes perguntava se tinham conhecido alguém nessa existência que conheciam em sua vida atual. Muitos sujeitos estão interessados em descobrir,

através do seu subconsciente, se compartiram de vidas passadas com pessoas que são importantes para eles agora, de modo que a pergunta lhes ministra a oportunidade de estudar essa possibilidade.

Nessa viagem, fiz aos meus sujeitos a sugestão pós-hipnótica de que se sentiriam notavelmente alegres quando despertassem e, quando eu os trouxe de volta ao presente e os acordei, a maioria despertou com um sorriso e pôs-se a falar entre si antes mesmo de preencher os questionários. Minhas instruções para que fossem alegres tinham funcionado, sem dúvida alguma!

Como acontecera com outros grupos, a terceira viagem foi a mais impressionante para a maioria dos sujeitos. Jonathan descreveu um fortíssimo sentimento de amor que experimentara durante a cerimônia religiosa, em que desposara uma namorada de infância.

— Sei quem ela é agora, — disse ele. — Senti um calafrio quando você me perguntou se eu conhecia alguém naquela existência que conheço hoje, e isso brilhou em minha mente sem dúvida nem contestação.

Eleanor fizera, afinal, uma viagem a uma vida passada:

— Comecei a vaguear demasiado profundamente, mas depois ouvi sua voz dizendo que eu acordaria e fiaria a viagem com você. Fiz a viagem, e foi uma coisa assombrosa! Ouvi tambores, e primeiro pensei que os tambores soassem aqui, na sala. Em seguida, compreendi que estava na África. Eu era um homem, e um caçador. Foi uma vida muito feliz, que apreciei intensamente. A cerimónia religiosa tinha muitos tambores e cantos, mas não sei o que estávamos comemorando. No meu corpo presente, senti de fato que estava dançando. Fui morta por algum animal, mas isso não foi tão assustador quanto cuidei que o seria. De certo modo parecia muito natural que eu morresse dessa maneira e não guardei ressentimento do animal por me haver matado. Foi grande a comoção na aldeia quando os outros caçadores trouxeram meu corpo de volta, e me senti grata àquela gente por todo o carinho que me dispensava.

Meus sujeitos estavam agora à vontade uns com os outros, e levaram algum tempo partilhando as suas experiências. Lynn comentou:

— Sabem, gosto de fazer isso em grupo. Quando passo por essas experiências sob o efeito da hipnose, parte da minha mente se põe a pensar por que estou fazendo tudo isso. De certo modo fica mais fácil quando sei que todos estão tendo suas próprias experiências e que, quando elas terminam, podemos conversar uns com os outros. — Ela riu-se. — Parece então quase normal rememorar uma vida passada.

Depois que eles compartiram dos seus sentimentos e de algumas ideias

sobre as conexões cármicas que haviam observado em suas viagens, mandei-os de volta aos cobertores e travesseiros para a quarta sessão hipnótica.

— Agora vou levá-los ao estado entre as vidas, — declarei, — ao tempo anterior ao seu nascimento. E para conseguir essa informação, preciso transportá-los a um nível bem profundo.

Os resultados da quarta viagem, deveras fascinantes, constituem a meta de uma pesquisa ininterrupta e o tema de um livro futuro.

Quando soou o momento de deixar o seminário, todos juntaram seus cobertores e travesseiros e me agradeceram as experiências que tinham tido.

Este foi um dia realmente estupendo, — disse Jonathan. — Ainda não sei se devo acreditar em tudo, mas há coisas que posso verificar. De qualquer maneira, hoje aprendi mais a respeito de mim mesmo.

Peter ainda se demorou depois que os outros se foram.

— Faz agora sete anos que venho estudando o misticismo oriental. Já experimentei alguns estados profundos na meditação, e comparei-os com o que experimentei na hipnose. Há semelhanças, mas tenho a impressão de sentir mais emoção em transe hipnótico. — Sorriu e continuou: — A rosa no plexo solar foi uma vigorosa experiência emocional para mim. Senti lágrimas deslizando pelas minhas faces, lágrimas de alegria, quando você disse isso, e uma onda de emoção me invadiu. A hipnose é um estado poderoso. Pretendo explorá-la ainda mais.

Depois que Peter saiu, reuni os questionários e pus-me a avaliar as informações estatísticas sobre classes sociais, sexo, localização geográfica e outras variáveis. Ao registrar as informações em meus livros de coleta de dados, compreendi que a estatística só pode contar uma parte minúscula da história. Que efeito teria esse seminário sobre as vidas das pessoas que vieram hoje aqui para ser sujeitos? Como poderia eu medir-lhes as respostas emocionais? Mas o que eu poderia pôr por escrito, coligir e ordenar em mapas e gráficos eram os dados que eles tinham escrito em suas folhas. O sentimento e a emoção pertencem a um mundo diferente do mundo dos números e dos gráficos. Talvez precisemos de ambos para captar de maneira mais total o mundo que nos cerca e para chegar mais perto de uma compreensão dos mistérios da vivência.

Meus livros de dados estavam quase completos. Eu me sentia pronta para encarar os “fatos inegáveis” e ver o tipo de respostas que surgiriam.

Os dados confirmarão a ideia de que a rememoração de vidas passadas não passa de fantasia, ou mostrarão uma imagem da vida tal como foi realmente vivida no passado?

8. SOMANDO

Depois de reunir os questionários dos meus sujeitos no fim de cada seminário, eu repassava história por história a fim de verificar as possíveis inexatidões. Raciocinei que, se a rememoração de uma vida pregressa fosse fantasia, meus sujeitos incluiriam em suas regressões material cuja falsidade me seria fácil provar. Eles poderiam ter visto anacronismos de uma ou de outra espécie — roupas e arquitetura em total desacordo com a época e o lugar que tivessem escolhido — ou um clima e uma paisagem que não se ajustassem ao mapa por eles revelado. Destarte, a primeira providência que se impunha na análise dos dados consistia em procurar discrepâncias definidas no relato de vidas passadas.

Para minha surpresa, dos 1.088 questionários que eu coligira apenas 11 exibiam claros indícios de divergências. É verdade que muitas vidas descritas eram humílimas, de modo que os trajes tendiam a limitar-se a uma túnica grosseira e a arquitetura a uma choça rústica. Está claro que eu não poderia aprovar nem desaprovar as alegações feitas nesses casos, e até quando havia pormenores específicos o seu rastreamento criava problemas. Os livros de consulta que eu compulsava descreviam com frequência a arquitetura dos ricos em cada época, mas havia pouca coisa na literatura a respeito de habitações mais modestas, sobretudo nos períodos mais primitivos. Consultei livros sobre trajes e tornei a descobrir que, quando havia informações específicas, estas, na maior parte das vezes, só se referiam às vestes usadas pelos abastados. Só nas culturas em que se fizeram desenhos que resistiram aos séculos encontrei descrições minuciosas de roupas.

Um exemplo de alguns problemas que me deparou esse trabalho de verificação pode ser visto examinando-se uma coleção de cinco questionários que descrevem existências nos períodos de 2000 e 1000 a.C. numa região em torno das montanhas caucasianas, onde hoje existe a Rússia. Os sujeitos diziam que a área era montanhosa e árida, e seus mapas mostravam a região norte do Irã no rumo do Paquistão. Procurando descobrir como deveria ter sido naqueles primeiros tempos, não me foi possível conseguir muitas informações sobre o tipo de arquitetura. Meus sujeitos, que deviam ser nômades, descreviam muito mais tendas e alpendradas do que propriamente edifícios. Os cinco, no entanto, expressaram surpresa quando olharam para as próprias mãos e viram que sua pele era branca. Três tinham escrito em seus questionários: “Isso não me parece

certo. Fiquei surpreso quando o mapa revelou a área central da Ásia, perto do Oriente Próximo. Se não me engano, eu devia ter a pele morena e os cabelos pretos."

De acordo com sua própria descrição, os cinco envergavam calças de couro. As calças, aliás, não eram muito comuns nas regressões às eras mais primitivas; só nessa região os meus sujeitos afirmaram usá-las. Pesquisei os trajes mais comuns naquele tempo e encontrei, numa ilustração, citas e partos vestindo calças de couro. De mais a mais, a população dessa área, formada por caucasianos, possuía pele branca e cabelos claros. Assim, nesses casos em que meus sujeitos achavam que seus dados estavam errados, de acordo com a sua visão da história, a pesquisa mostrava que o inconsciente lhes apresentara uma imagem mais exata da vida nas montanhas do Cáucaso no período de 2000 a.C. do que a percepção consciente.

Isso aconteceria muitas e muitas vezes enquanto eu verificava os dados de cada caso e, no meu entender, o material que coligi em minha pesquisa foi o mais probatório de todos. Se a lembrança da vida passada não passasse de fantasia, seria de esperar que as imagens fossem proporcionadas pelo nosso conhecimento consciente da história. Quando as imagens contrastam com o que imaginamos ser verdadeiro e, não obstante, após cuidadoso estudo, se revelam exatas, temos de rever o conceito de que a rememoração de vidas passadas é mera fantasia.

Nos onze questionários que continham provas de que a experiência não correspondeu à realidade passada conhecida, foi principalmente a menção de determinado objeto ou acontecimento histórico que se revelou falsa em função do período de tempo escolhido. Um sujeito, por exemplo, afirmou haver tocado piano no século XVI quando, na verdade, o piano só se desenvolveu como instrumento musical no século XVIII. Coloquei, portanto, esse questionário na pasta assinalada "Inexatidões". Outro questionário foi para a mesma pasta porque o sujeito descreveu "o ensino do código de Hamurabi" em 1700 a.C. Ora, os livros que tratam do assunto sustentam que o código de Hamurabi só foi desenvolvido depois de 1300 a.C. Os outros nove questionários continham imprecisões semelhantes, se bem que eu notasse que a época não distava demasiado do evento descrito. Pode ser que, nesses casos, o erro estivesse na percepção do período de tempo por parte dos meus sujeitos e não na rememoração da vida pregressa. Mas os questionários iam para a pasta das Inexatidões se se descobrisse *qualquer* discrepância. Ao todo, minha pasta de Inexatidões continha menos de 1% de todos os dados coligidos, número notavelmente baixo.

Outros questionários tiveram de ser colocados numa pasta rotulada

“Aprofundaram-se Demais”. Neles, só as perguntas iniciais foram respondidas, e o sujeito poderia ter escrito logo a seguir: “Depois de ter visto as roupas que estava usando, tive a impressão de vogar ao léu. Obtive imagens de coisas como bondes e uma autoestrada e, antes de dar pela coisa, já estava dormindo. Só acordei quando você trouxe a bola de luz para baixo,” Havia uma tendência para que ocorressem imagens irreais no ponto em que se opera a transição entre a lembrança da vida passada e o estado mais profundo. Eu poderia ter classificado esses relatos de inexatos, mas não o fiz porque deles emergiu um padrão claro. A rememoração da vida pregressa começara, mas a mente se deixava levar para outros espaços e havia surgido imagens desconexas. Só uns poucos sujeitos se mantiveram suficientemente conscientes nessas circunstâncias para poder preencher o questionário.

À proporção que as viagens hipnóticas progrediam nos seminários, um número cada vez maior de questionários trazia esta espécie de confissão: “Eu a perdi quando você viajava ao redor do mundo. Não sei o que eu estava experimentando porque agora não consigo lembrar-me. Mas sei que estava bem, onde quer que estivesse, e senti relutância em recuar para uma vida passada.”

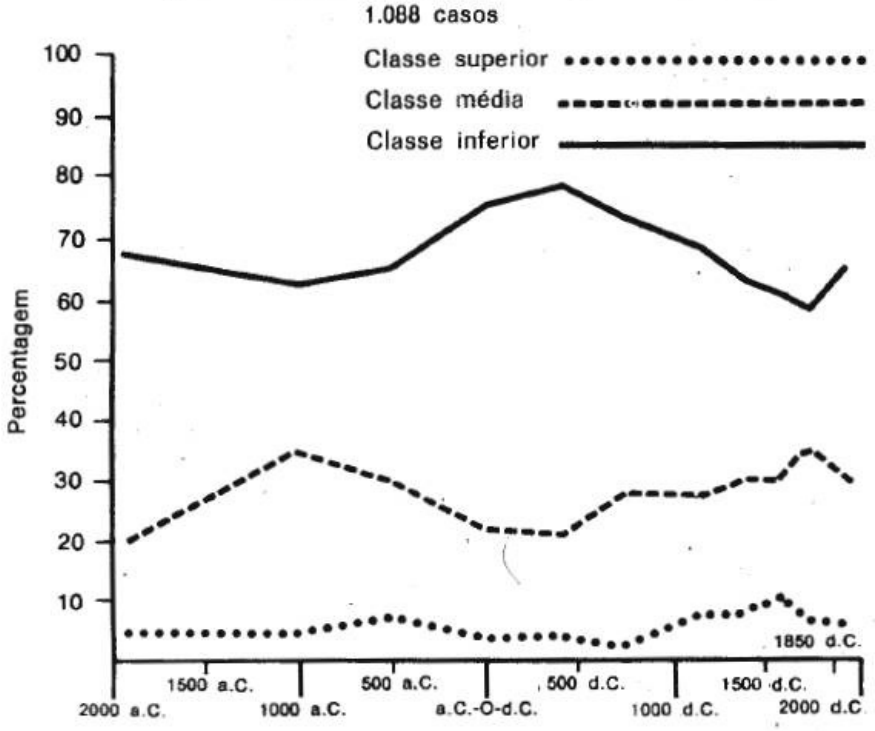
As páginas seguintes discutem os tópicos abrangidos nos questionários de maneira mais plena, e apresentam minhas conclusões em forma de tabelas, de modo que o leitor pode ver nos gráficos ou nas tabelas, em relação a cada período de tempo, a distribuição das classes sociais, raças, sexos e populações; os tipos de roupas, calçados e pratos usados; e a espécie de morte e a emoção experimentada por ocasião da morte.

As classes sociais em períodos de tempo passados

Eu ardia por saber quantos dos meus sujeitos tinham sido ricos ou famosos numa outra encarnação. Uma objeção frequente à rememoração de vidas passadas é que muita gente parece ter sido Cleópatra ou sumo sacerdote no Egito em existências anteriores. Seria isto verdade também na minha grande amostra de mais de um milhar de casos? Analisei cada questionário a fim de classificar os sujeitos em membros da classe superior, da classe média ou da classe inferior. Eu considerava membros da classe superior os que usavam trajes ricos, dispunham de pessoas para servi-los, ou dirigiam a atividade de terceiros — ou ainda os que faziam menção do fato de ocupar uma alta posição na sociedade em que viviam. Eu considerava membros da classe média os que estivessem empenhados em qualquer espécie de ofício ou tivessem uma posição de autoridade, por mais baixa que fosse, ponderando que a expressão “classe média” descreve essencialmente os que não precisam colher alimentos mas, ao

contrário, são alimentados, porque o serviço que executam para o seu grupo social lhes dá o direito de ter suas necessidades providas por terceiros. Se um sujeito dissesse que estava talhando madeira, construindo edifícios ou atuando como líder de um grupinho de soldados, eu o classificava como membro da classe média. Mais difícil era classificar as vidas das mulheres, pois aqui eu tinha de verificar se a arquitetura das suas casas ou utensílios caseiros que utilizavam se incluíam entre os de melhor qualidade ou da qualidade mais humilde. Eu considerava membro da classe inferior qualquer sujeito que pertencesse a uma tribo primitiva, fosse soldado e não tivesse nenhuma autoridade sobre outros soldados, ou fosse um camponês que lavrasse a terra. Eu também tinha relatos de pessoas que haviam vivido como escravas, sobretudo nos períodos primitivos, e as incluía na classe inferior.

Figura 1. Classes sociais em cada período de tempo



Quando compilei os números das classes sociais para cada quadro e os localizei num gráfico, surgiu um padrão claro. (Veja a figura 1.) A classe superior era muito pequena — menos de 10% em cada época que medi. A maior percentagem de vidas da classe superior (9,4%) ocorreu no período correspondente ao século XVIII. Compreendi que a cifra mais elevada nessa fase se devia provavelmente a um erro de minha parte. Os sujeitos que considerei

membros da classe superior usavam roupas de cetim e veludo e seus utensílios caseiros pareciam de boa qualidade, mas descobri que vários sujeitos, que galhardeavam sedas e veludos e comiam em pratos finos de metal ou de barro, moravam em casas bem humildes. Aparentemente, era um ponto de honra na Europa do século XVIII vestirem-se as pessoas *tão* esmeradamente quanto possível, ainda que seus rendimentos fossem modestos. Encontrei "roupas finas, acima da posição social da pessoa" no século XVIII não só em minha primeira amostra de oitocentos sujeitos, mas também na segunda, de trezentos.

O número de membros da classe média varia de acordo com o tempo. Acredito que isto acontece porque a quantidade de artífices ou homens de ofício em qualquer sociedade é a medida do seu nível de civilização. Somente em alguns períodos as sociedades se desenvolveram tanto que permitiram a existência não só de governantes (classe superior) e governados (classe inferior), mas também de um grupo intermediário que produzia os bens da sociedade e lhe administrava o comércio. Um rápido olhar dirigido à Figura 1 mostrará que a classe média atingiu seu ponto culminante em 1000 a.C. e só voltou a atingir o mesmo nível no século XVIII.

Em 1000 a.C., a maioria dos artesãos e mercadores se centralizava ao redor da região mediterrânea oriental — na Grécia, em Creta, na Mesopotâmia e no que é agora a Turquia, Essas pessoas faziam objetos de arte de todos os tipos e trabalhavam com metais preciosos. De acordo com os dados que possuo, havia muito comércio naquele tempo; meus sujeitos falaram em portos e mercados apinhados de gente. De vez em quando, um sujeito era mercador e operava nas rotas de comércio daquela região.

Tabela 1. As classes sociais em cada período de tempo
Baseada na descrição de 1.088 vidas passadas

Período de tempo	Grupo	Classes Sociais (em percentagens) Superior	Média	Inferior
2000 a.C.	1 e 2	5	28	67
Total		5	28	67
1000 a.C.	1	4	33	63
1000 a.C.	2	9	36	65
Total		5	34	61
500 a.C.	1	8	30	62
500 a.C.	2	0	28	72
Total		6	30	64
25 d.C.	1	3	20	77
25 d.C.	2	5	27	68
Total		3	22	75
400 d.C.	1	4	20	76
400 d.C.	2	0	18	82
Total		3	20	77
800 d.C.	1	2	25	73
800 d.C.	2	0	37	63
Total		2	27	71
1200 d.C.	1	6	24	70
1200 d.C.	2	6	30	64
Total		6	26	68
1500 d.C.	1	7	28	65
1500 d.C.	2	12	36	52
Total		8	30	62
1700 d.C.	1	8	29	63
1700 d.C.	2	12	33	55
Total		10	30	60
1850 d.C.	1	6	32	62
1850 d.C.	2	6	38	56
Total		7	34	59
século XX	1	7	30	63
século XX	2	5	30	65
Total		6	30	64

Meus dados confirmaram, sem dúvida, o dito “Temos sempre os pobres conosco”. A classe inferior representava 60 a 77% de todas as vidas em todos os períodos de tempo. (Veja Tabela 1.) Se os meus sujeitos fantasiaram, compuseram fantasias desoladas e despojadas. A grande maioria deles passou a vida vestindo roupas grosseiras tecidas em casa, morando em rústicas choupanas, comendo cereais, que tirava com os dedos de tigelas de madeira. Algumas dessas vidas foram de lavradores primitivos ou caçadores nômades. Mas quase todas as vidas da classe inferior pertenciam a pessoas que lavraram a terra em qualquer parte do mundo em que se encontrassem A produção de alimentos para si e para os que os cercavam era a principal preocupação da quase totalidade de meus sujeitos. Se estivessem fantasiando, escolheriam, porventura, vidas de trabalho tão baixo e tão pesado para rememorar?

Nenhum dos meus sujeitos referiu uma vida passada como personagem

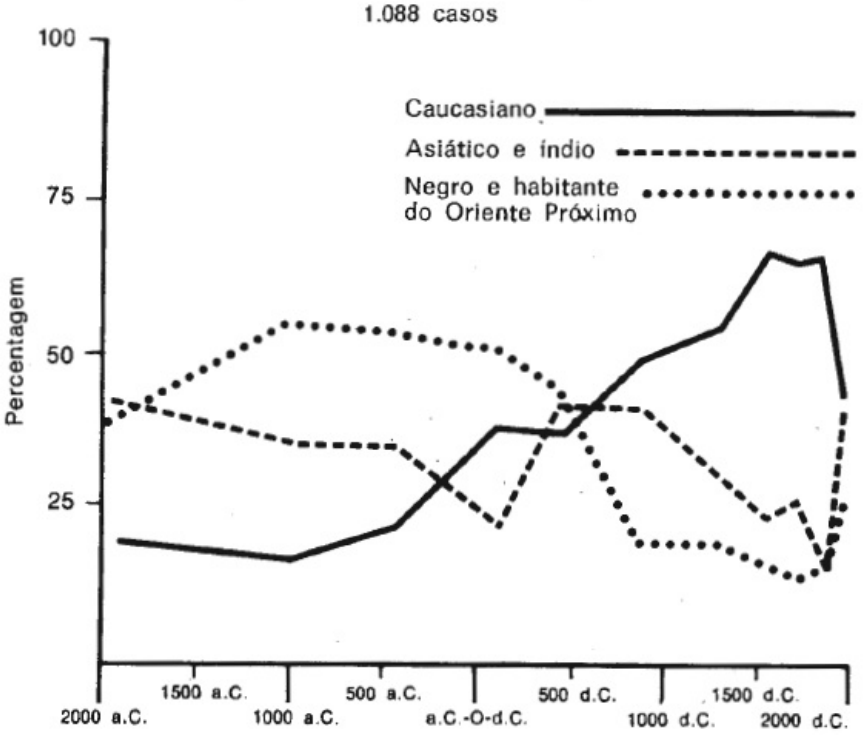
histórico. É possível que, se o tivessem feito, poderiam ter-se embaraçado ao relatá-la. Tive vários sumos sacerdotes e uma pessoa que dizia ter sido faraó, mas a percentagem desses casos na amostra é mínima. Os 1% que afirmaram levar vidas de classe superior não as acharam particularmente agradáveis. Muitas vezes, os questionários respectivos traziam comentários como este: “Vida difícil, porque eu tinha muitas responsabilidades. Alegrei-me por deixar aquele corpo.” Algumas das vidas mais felizes que já se descreveram foram de camponeses ou primitivos.

As raças nas vidas passadas

Classifiquei cada um dos meus questionários para cada período por raças. Eu estava curiosa de saber se meus sujeitos, quase todos californianos brancos da classe média, se veríam como membros da raça branca em existências anteriores. Se a lembrança de vidas pregressas fosse fantasia, seria provável que eu encontrasse uma percentagem mais elevada da raça branca em outras épocas do que a história o justificaria. Eu também desejava por á prova a teoria de que a rememoração de vidas passadas é memória genética. Será possível que, de certo modo, nossas moléculas de DNA, portadoras da nossa hereditariedade, contenham todas as lembranças de nossa ascendência racial? A serem verdadeiras as hipóteses da memória genética, meus sujeitos deveriam ser, primeiro que tudo, caucasianos.

Figura 2. As raças nas vidas passadas

1.088 casos



Como se pode ver pela Figura 2, a maioria dos meus sujeitos não foi caucasiana em suas vidas passadas. Às vezes era difícil determinar-lhes com exatidão a ascendência racial. Enquanto eu examinava, perplexa, os questionários, tentando classificar meus sujeitos de acordo com a raça nos primeiros períodos de tempo a.C., reparei na extrema complexidade das designações raciais. Classifiquei meus sujeitos, quanto á raça, baseando-me no sítio em que diziam morar, na cor da pele, na cor e na contextura dos cabelos. Descobri que eu tinha de combinar raças africanas com raças do Oriente Próximo, porque se entremesclavam nas eras primitivas. Os cabelos bastos e crespos, hoje característicos da raça negra, pareciam caracterizar muitos egípcios. Um tom de pele mais escuro do que eu esperava também era típico de inúmeros habitantes do Oriente Próximo. Portanto, por uma questão de conveniência, incluí os africanos e os habitantes do Oriente Próximo num mesmo tipo racial global. A cor da pele variava entre o preto e um tom oliváceo escuro e o tipo de cabelo entre o encarapinhado e o ondulado, mas não liso.

As categorias raciais seguintes sobre as quais me decidi foram a asiática e a *Índia*. Muitos sujeitos na Ásia declaravam ter cabelos ásperos, lisos e escuros e um tom amarelado de pele. Muitos sujeitos no Extremo Oriente descreveram a cor da sua pele como amarelo-avermelhada. E visto que os poucos sujeitos que eu tinha por índios americanos descreviam a mesma cor da pele e o mesmo tipo

de cabelos, decidi que, para minhas finalidades, convinha combinar essas raças. A raça caucasiana é tipificada principalmente por uma cor de pele muito mais clara, que vai do oliváceo claro até ao branco. O tipo de cabelos varia entre o ondulado e o liso, mas a cor, de ordinário, é o castanho claro. Esse tipo racial existe de um lado a outro das extensões setentrionais da Ásia Central, assim como é evidente em tomo da região setentrional do Mediterrâneo e da Europa.

A Figura 2 ilustra os padrões interessantes das raças em diferentes períodos de tempo no passado. Em 2000 a.C. só uns 20% da amostra eram caucasianos. A maioria dessas vidas foi vivida no norte da região mediterrânea, ao redor da Grécia e de Creta, com uma difusão de caucasianos, através da Ásia Central, pelas montanhas e pela região norte dessa área. Cerca de 40% dos meus sujeitos em 2000 a.C. eram pretos e habitavam o Oriente Próximo. Embora alguns vivessem como negros na África, a maioria pertencia ao tipo do Oriente Próximo, que ia desde a África do Norte até à Mesopotâmia. Havia quase tantos tipos raciais asiáticos quanto índios em 2000.

Por volta de 1000 a.C. 55% dos meus sujeitos conheceram vidas entre as raças negras e do Oriente Próximo. Muitos viviam na região que se estende do Egito á Mesopotâmia, onde a população parecia concentrar-se mais naquele período. As vidas asiáticas e *Índia*s diminuíram um pouco em 1000 a.C., à proporção que diminuíram os relatos de vidas na Pérsia e na Ásia Central. Em 1000 a.C. também havia uma quantidade um pouco menor de vidas caucasianas. Os 18% dos sujeitos caucasianos nesse período pareciam concentrar-se principalmente na região que circunda o Mar Egeu nas civilizações de Chipre, Creta e nas áreas do continente que cercam a Turquia.

Por volta de 500 a.C., o número de caucasianos aumentara para 23% da amostra. Tudo indica a ocorrência de um acréscimo de civilização em torno das ilhas gregas, e essa percentagem inclui também os sujeitos caucasianos em derredor do Mar Adriático, no que é hoje a Iugoslávia até à Itália. O grosso da população ainda se achava no Oriente Próximo e na África em 500 a.C., mas a população da Ásia dava a impressão de permanecer estável. Na minha amostra, as raças asiáticas e *Índia*s, negras e do Oriente Próximo ainda eram muito mais numerosas do que os brancos.

Em 25 d.C., se bem a representação dos três tipos raciais fosse mais uniforme, ainda era maior o número de habitantes das regiões do Oriente Próximo, de população mais densa. Houve uma diminuição do número de sujeitos asiáticos em 25 d.C., tendo aumentado muito o número de caucasianos, que passaram a ocupar o segundo lugar entre os tipos raciais da minha amostra. Isso parece representar um aumento de vidas vividas em torno da Itália e da Grécia, juntamente com um leve aumento do número de vidas nas estepes da

Ásia Central.

Ê curiosa a mudança em meu gráfico de raças por volta de 400 d.C. As três raças parecem estar quase que perfeitamente equilibradas, com um terço da amostra caucasiano, um terço asiático e um terço negro e do Oriente Próximo. No espaço de tempo que vai de 400 d.C. a 1850, o gráfico mostra que o número de vidas caucasianas cresceu. Há um aumento constante da população da Europa, com um acréscimo cada vez maior de vidas no norte do continente europeu. Em compensação, decresce de modo correspondente a percentagem das vidas vividas na África e no Oriente Próximo, e o mesmo fenômeno se evidencia em relação às vidas asiáticas. Registra-se um pico de vidas *Índia*s por volta de 800 d.C., porém descritas na América Central e na América do Sul. A crermos nos dados que tenha em mãos, isso pode assinalar o apogeu de uma antiga civilização na América do Sul.

No século XX, segundo os meus dados, ocorre estranha mudança nos tipos raciais. Em 1850, 69% dos sujeitos eram brancos. Na amostra de vidas descritas de 1900 a 1945, quase um terço se compõe de vidas asiáticas. De todas as conclusões do meu estudo, esta foi a que me deixou mais perplexa.

Eu só tinha quarenta e cinco sujeitos que relataram uma vida passada no século XX. Como a idade média dos meus sujeitos era de trinta anos — de modo que a maioria nasceu depois de 1945 — tudo faz crer que as pessoas que descreveram existências anteriores neste século devem ter renascido rapidamente em suas vidas atuais. Tornei a examinar os questionários correspondentes às existências vividas no século XX, na esperança de encontrar a razão de uma mudança racial dessa natureza. Pode eliminar-se, é claro, a memória genética. Muitos sujeitos louros de 1975 a 1977 foram negros ou asiáticos em suas últimas vidas pregressas.

Verifiquei que os sujeitos que haviam conhecido uma vida passada no século XX apresentavam um índice inusitadamente elevado, de mortes violentas. Compulsando os questionários, cheguei à evidente conclusão de que a razão disso era o número de sujeitos mortos nas duas Guerras Mundiais, ou em guerras civis na Ásia, durante o século XX. Seria possível que os que tivessem morrido violentamente na guerra se reencarnassem muito mais depressa do que os outros? É difícil calcular o “tempo” que se escoa entre duas encarnações. Eu estudara essa área com meus sujeitos e concluíra que o tempo que se passa entre duas vidas vai de quatro meses a duzentos anos, sendo que o sujeito comum volta a experimentar a vida após um intervalo de cinquenta e dois anos. A ser verdadeira essa conclusão das minhas regressões, só uma pequena percentagem de meus sujeitos no presente poderia ter tido tempo de renascer. Os dados do meu grupo parecem confirmá-la, pois mostram que apenas 45 sujeitos

experimentaram uma existência passada no século XX, ao passo que 318 estiveram vivos no século XIX.

Mas por que a súbita mudança de raça em nosso próprio período de tempo? Notei que fazia cerca de dois mil anos que se processara a última "mudança" de raças. Notei que as vidas negras e do Oriente Próximo estavam em ascensão no século XX, de modo que não foram apenas as asiáticas que aumentaram neste século. Ainda não tenho uma explicação correta para o fenômeno. Gosto de pensar, todavia, que a Aldeia Global descrita por Marshall McLuhan é mais que um simples fenômeno cultural. Talvez estejamos atingindo uma nova espécie de consenso mundial, porque estamos todos escapando das limitações culturais de nossas experiências em vidas passadas. Será que grande quantidade de metodistas de Iowa está renascendo na China comunista?

O material sobre classes sociais e raças era interessante. Achei difícil, porém, pesquisar a distribuição racial das populações em períodos de tempo como 1000 a.C. A única coisa com que contávamos para continuar eram palpites sobre a população naquela época, quando ninguém fazia recenseamentos. Ao conferir os questionários, á procura de inexatidões, tornei a lembrar-me de que é muito difícil localizar com precisão fatos do passado distante. Sabemos muito menos da nossa história como seres humanos do que nos apraz admitir. A história que eu tinha à mão para conferir era dominada pelas suposições culturais ocidentais sobre eras pregressas. O próprio campo da arqueologia — a que eu recorrera para obter provas sólidas e científicas do passado — revelou-se inadequado. Foram tantas as novas descobertas arqueológicas do último decênio que os meus livros de consulta já tinham sido, não raro, ultrapassados por novos descobrimentos.

Um exemplo das dificuldades envolvidas no trabalho de conferência pode ser visto no caso de um sujeito do sexo feminino que esteve na China em 1000 a.C. Ela não tinha dinheiro quando foi ao mercado; mas, ao olhar para as mãos, viu pequeninos objetos de madeira.

— Pareciam esculpidos, — recordou. — Um se parecia com uma tigelinha, outro lembrava um pão, ou coisa que o valha.

Eu não lograra encontrar referências a pequenos objetos esculpidos usados como dinheiro, de modo que me senti tentada a colocar essa resposta na categoria das Inexatidões. Compreendi, contudo, que não poderia negar ser essa uma forma de dinheiro utilizada nos tempos antigos, de modo que conservei o questionário na minha coleção. Só muitos meses depois topei com um artigo na revista *Scientific American* que relatava achados na região da Mesopotâmia e da Pérsia. Os arqueólogos tinham descoberto objetozinhos de barro, aparentemente usados como dinheiro por volta de 1000 a.C. É verdade que o meu sujeito estava

na China, e que seus objetos eram de madeira e não de barro. Mas os objetos de madeira se desintegrariam muito antes que um arqueólogo os descobrisse, ao passo que os objetos de barro poderiam perfeitamente sobreviver. A troca de pequenos objetos simbólicos formava uma ponte entre a barganha e um sistema de moedas na Mesopotâmia. Ao que parecia, a mesma sequência ocorrera na China. Ainda uma vez, o que se cuidava fosse um equívoco revelava-se possivelmente verdadeiro.

Onde poderia eu encontrar informações não sujeitas às imprecisões ou incógnitas da história e da arqueologia?

A distribuição dos sexos em cada período de tempo

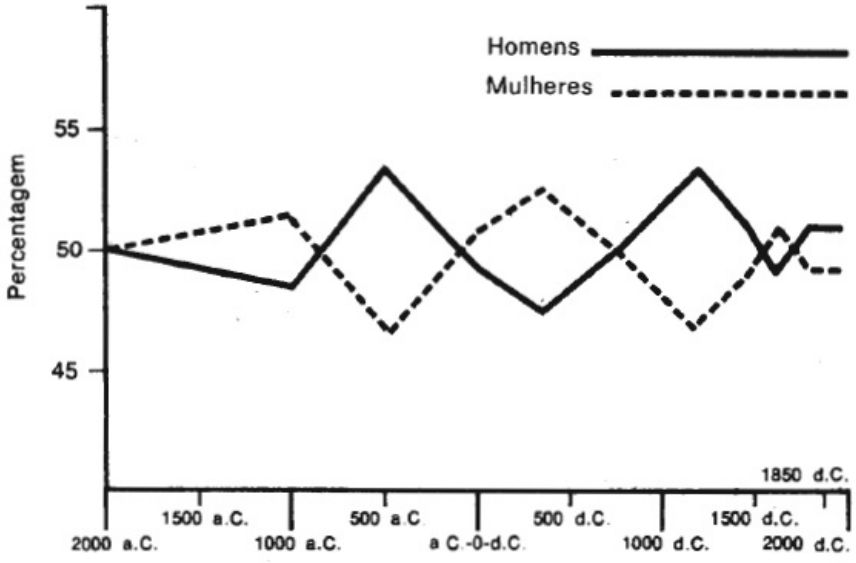
Refleti que eu precisava, pelo menos, de um fato biológico acerca do passado que me facultasse a conferência dos meus indícios. Eu sabia que em qualquer fase pretérita, mais ou menos a metade da população era masculina e a outra metade, feminina. O fato, biológico, aplica-se a todos os mamíferos, incluindo o homem. Decidi verificar cada período de tempo e determinar quantas regressões tinham redundado em vidas masculinas e quantas tinham resultado em vidas femininas. Se a rememoração de existências passadas fosse mera fantasia, seria de esperar que preponderassem as masculinas: os estudos mostram que o cidadão comum, em se lhe oferecendo a possibilidade de escolher, optaria por viver como homem. Contra a probabilidade de que a fantasia produziria maior número de sujeitos masculinos, havia o fato de que 78% dos meus sujeitos no primeiro grupo de seminários eram mulheres. Seria acaso provável que as mulheres preferissem ser mulheres numa vida pregressa?

Assim sendo, muitos imponderáveis gravitavam em torno da questão do sexo que seria escolhido numa vida passada. Não obstante, como se depreende da Figura 3, meus dados são concludentes. Sem levar em consideração o sexo que têm na vida atual, ao regressar ao passado, meus sujeitos se dividiram precisa e uniformemente em 50,3% de homens e 49,7% de mulheres. Quando essa conclusão emergiu no primeiro grupo, eu quis saber se ocorreria da mesma forma no segundo. Podia ter acontecido que 28% dos meus sujeitos do sexo feminino preferissem imaginar-se homens e que disso adviera a proporção 50-50. Para obviar a esse fato, em meu segundo grupo, formado de trezentos casos, a proporção de homens e mulheres na vida presente era muito mais parelha: 45% de homens e 55% de mulheres. Mas quando processei a regressão, tornei a encontrar a divisão virtual 50-50: desta feita, 50,9% de homens e 49,1% de mulheres. Tenho para mim que esse resultado é a prova objetiva mais robusta que já encontrei de que, quando as pessoas são hipnotizadas e conduzidas a vidas

pregressas, fazem uso de um conhecimento verdadeiro do passado.

Figura 3. A distribuição dos sexos em cada período de tempo

804 casos (1.º grupo)



Total da Primeira Amostra (804 casos) 50,3 homens e 49,7 mulheres

Total da Segunda Amostra (293 casos) 50,9 homens e 49,1 mulheres

As roupas usadas nas vidas passadas

Uma das coisas que me surpreenderam no tocante aos meus dados foi a natureza primitiva da maioria das roupas que meus sujeitos afirmavam estar usando. As roupas de baixo de qualquer espécie eram raras; muitas vezes não tinham sobre o corpo outrã coisa além de uma túnica frouxamente tecida ou manto. Os povos primitivos tendiam a envergar peles de animais quando viviam nos climas do norte e, muitas vezes, não usavam coisa alguma quando viviam em climas quentes. A maioria das roupas não parecia ter sido costurada nem "manufaturada" de maneira alguma. A peça descrita com mais frequência era um pedaço de pano com um buraco no meio para nele se enfiar a cabeça.

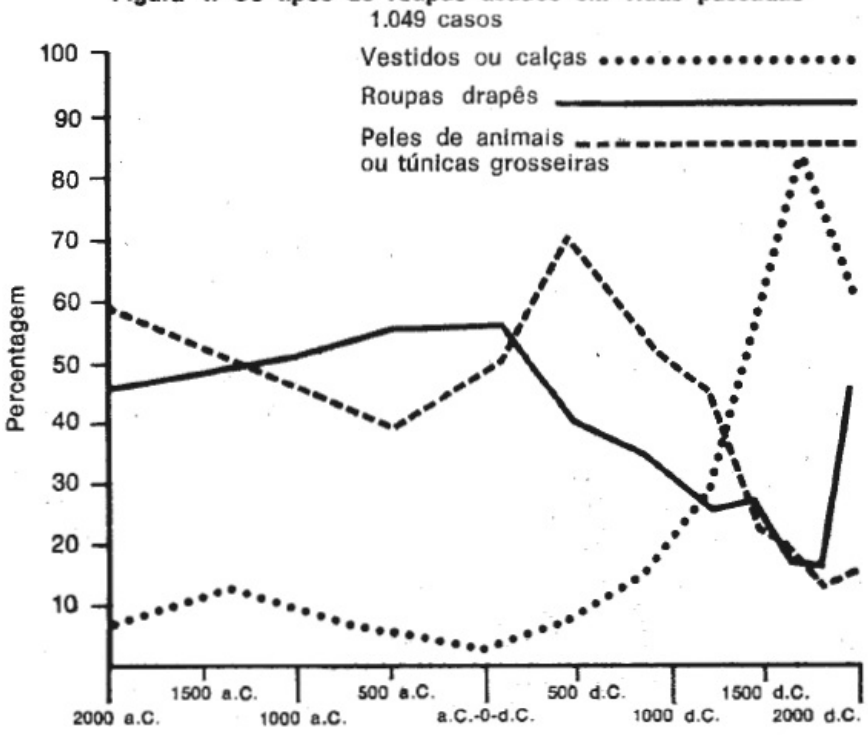
Por ser difícil incluir num gráfico os vários tipos de roupas descritos pelos meus sujeitos, examinei os dados com extremo cuidado e optei por um plano para demonstrar a. natureza do tecido usado no período de quatro mil anos abrangidos pela minha pesquisa. Fiz das peças costuradas uma categoria à parte. Para as mulheres, eram vestidos ou calças (descobri que certas mulheres, no Oriente Médio e na *Índia,* usavam pantalonas frouxas e transparentes.)

Considerava-se qualquer sujeito que usasse vestidos ou pantalonas e blusas usuário de trajes mais próximos dos que nós usamos em nossa própria época. Uma segunda categoria que inventei foi a das roupas drapês. Parece que o pano drapê — às vezes de uma tecedura muito fina, às vezes grosseira — era uma forma de vestimenta muito comum no passado. De vez em quando, essas peças apresentavam cores e desenhos, mas isso, mais raro, só se via na área em torno da *Índia*. Na área do Mediterrâneo e no Egito as vestes drapês pareciam ser claras e lisas.

A terceira categoria incluía todos os sujeitos que usavam peles toscas de animais ou túnicas simples, frouxamente tecidas. Essas túnicas eram do tipo sarape, com um buraco no meio para a cabeça.

A Figura 4 ilustra a incidência desses tipos de vestimentas através dos séculos. Em 2000 a.C., pouquíssimos sujeitos usavam calças. Entre 1500 a.C. e 1000 a.C. o uso de calças primeiro aumentou e depois diminuiu. Todos os sujeitos que afirmaram usar calças nesse período estavam na área atual do Irã e das montanhas caucasianas. O tipo de calças detalhado em meus relatos era usado por partos e citas, como aprendi ao examinar roupas dessa descrição num livro de história dos trajes. À proporção que diminuiu a civilização dos citas e partos, aumentou a ocorrência de trajes drapês. Eu supunha que as vestes egípcias fossem drapês, mas elas pareciam pertencer a duas espécies principais. Uma era essencialmente uma túnica, usada até aos joelhos ou até aos tornozelos, e feita geralmente de um pano finamente tecido branco-acinzentado. Os meus sujeitos da classe média e da classe superior no Egito usavam esse tipo de vestimenta. As classes mais pobres no Egito, sobretudo por volta de 1000 a.C., envergavam uma espécie estranha de fralda, que cobria o corpo desde a cintura até ao meio da coxa. Examinando desenhos egípcios, vi ilustrações dos dois trajes. Releva notar que os obreiros aparecem geralmente usando a roupa drapê, que lembra uma fralda, ao passo que os feitores vestem roupas que lhes chegam até aos joelhos. Quando mostram os membros da realeza em atividades cotidianas nas imagens da vida egípcia que nos alcançaram, as roupas lhes beiram os tornozelos. Minhas conclusões são totalmente consentâneas com as provas pictóricas que temos dos trajes egípcios.

Figura 4. Os tipos de roupas usados em vidas passadas



É possível, naturalmente, que muitos sujeitos tivessem visto em museus ou em livros as mesmas ilustrações que vi em minha pesquisa mas, nesse caso, é muito para admirar que não tenham cometido erros. Se fossem pobres, usavam o arranjo fraldiqueiro; se o não fossem, descreviam o outro tipo de roupa. Teriam todos esses sujeitos conhecido os fatos específicos relativos ao vestuário no antigo Egito? Não creio que isso seja provável.

O uso de vestimentas drapês atingiu o grau mais alto mais ou menos ao tempo do Império romano. Recebi inúmeras descrições da toga romana, e os trajes usados na Grécia no mesmo período eram semelhantes. Por volta de 400 d.C. parece que a toga drapê saíra de moda. Registrou-se ligeiro aumento dos sujeitos que vestiam calças, refletindo aparentemente os que viveram na civilização islâmica nas praias meridionais do mar Mediterrâneo, de 400 d.C. a 1200. As roupas que descreveram são semelhantes às que todos vimos em ilustrações das *Mil e Uma Noites.*

Mais ou menos em 1200 d.C. principiaram a aparecer em meus dados calças do tipo que conhecemos hoje. Eram amiúde descritas como calças curtas ou calções, e com elas se usavam meias de cano comprido, sobretudo nas regressões europeias de 1200 d.C. até ao século XVIII. As calças compridas que hoje conhecemos em nossa cultura só começaram a aparecer com regularidade em minha amostra na década de 1850.

O uso de peles ou túnicas grosseiras à guisa de roupa parece indicar um

nível baixo de civilização. Culturas mais sofisticadas em tomo do mar Mediterrâneo, passando pela Ásia Central, até chegar à *Índia* e à China, usavam os trajes drapês, ao passo que os povos primitivos, ao que tudo indica, se cobriam com peles, a maioria das quais não era raspada nem descrita como "couro", o que só aconteceu por volta de 25 d.C. O período da Idade Média — de 400 d.C. a 1200 d.C. — mostrou um aumento inicial desses materiais primitivos de roupas, seguidos de uma diminuição, à medida que principiou a Renascença.

Um exame da Figura 4 mostra uma estranha inversão da tendência geral dos dados no século XX. Em 1850, mais ou menos, 73% do sujeitos ostentavam vestidos ou calças, o número de roupas drapês diminuíra para cerca de 15% da amostra, e as peles e túnicas grosseiras representavam tão somente 12%. A inversão do tipo de vestuário no século XX deve-se a uma peculiaridade que descobri em meus dados: mais de um terço dos sujeitos vivera na Ásia em suas vidas do século XX, e a África e o Oriente Próximo eram responsáveis por 25% de sujeitos no mesmo período de tempo. Isso significava que eles usavam trajes drapês nas vidas vividas na Ásia e no Oriente Próximo antes de 1940 — o que confirma o que sabemos a respeito de estilos de roupas. Os trajes ocidentais só se difundiram pelo mundo a partir do período que precedeu a Segunda Guerra Mundial, e até hoje há partes do globo em que se preferem vestimentas drapês.

Os tipos de calçados em cada período de tempo

Um rápido olhar dirigido à Figura 5 mostrará claramente que a grande maioria dos meus sujeitos andava descalça ou usava sandálias grosseiras, peles ou trapos em tomo dos pés até o século XVIII. Só em 1850 passou a usar botas, sapatos ou chinelos. Não admira que as crianças tenham o vezo de tirar os sapatos a todo momento!

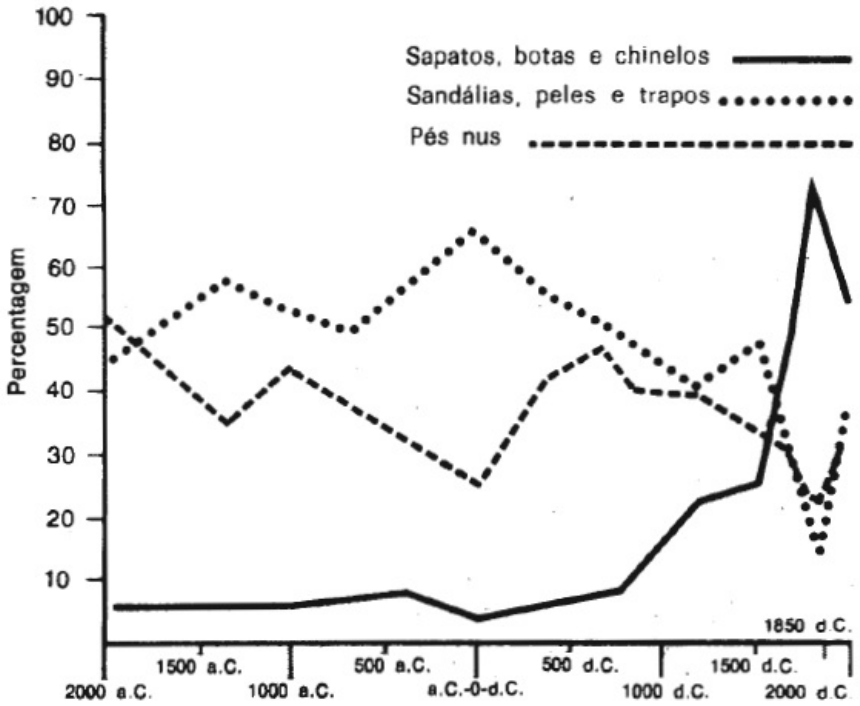
Nem os sujeitos das classes superiores e das classes médias de altas civilizações em épocas passadas usavam coberturas completas para os pés; em vez disso, calçavam sandálias delicadamente ornamentadas. A exceção dessa regra geral é o Extremo-Oriente: na China, encontro chinelos de pano até por volta de 2000 a.C. De acordo com os meus dados, o uso de sapatos de pano só apareceu na Europa depois de 1400. Nessa época, os sapatos e chinelos de pano eram tão comuns quanto o foram as botas até o século XVI. Aparentemente, as explorações de Marco Polo trouxeram para a Europa o estilo de calçados chineses, que se espalhou pelo continente europeu entre o século XIV e o século XVI. São dados sugestivos desse tipo que emergem repetidamente da minha pesquisa. Teriam todos os meus sujeitos pensado nessa sequência de

acontecimentos e decidido que, se vivessem na Europa durante a Idade Média, estariam usando chinelos de pano? Para mim é muito difícil acreditar que 1.100 regressões a existências pregressas pudessem ser tão concordantes e precisas. Se as pessoas estiverem compondo, na reminiscência de uma vida passada sob o efeito da hipnose, coisas que viram ou leram, estarão realizando, sem dúvida, um trabalho magnífico. Vale notar que muitos sujeitos expressam alguma consternação pela dificuldade que encontram em localizar com exatidão períodos históricos. No entanto, com quanta acurácia referem as pequenas minúcias do passado!

Como mostram os meus dados, temos outra inversão estranha de tendências no século XX, novamente explicada pela mudança de raças evidente nos dados do princípio do século. Meus sujeitos na Ásia tinham menos probabilidade de usar sapatos e botas e mais probabilidades de andar descalços ou calçando algum tipo de sandália. Dessa forma, a curiosa descoberta de uma mudança de raças e culturas em nosso próprio período, confirmada por todos os meus gráficos, é coerente através de todas as variáveis que testei.

Figura 5. Os tipos de calçados em cada período de tempo

802 casos



Tipos de alimentos comidos em cada período de tempo

A Figura 6 ilustra claramente que, até 1850, mais da metade de todos os

meus sujeitos em todos os períodos de tempo se alimentava principalmente de cereais. Decidi combinar cereais e verduras para ilustrar os produtos da agricultura. A grande maioria dos meus sujeitos, em todas as eras, tirava da terra o seu sustento. Afirma-se que os povos primitivos comiam animais selvagens, raízes e frutos, que haviam colhido, mas a agricultura organizada, de que resulta a produção de cereais, manifesta-se nos dados desde 2000 a.C. até aos nossos dias.

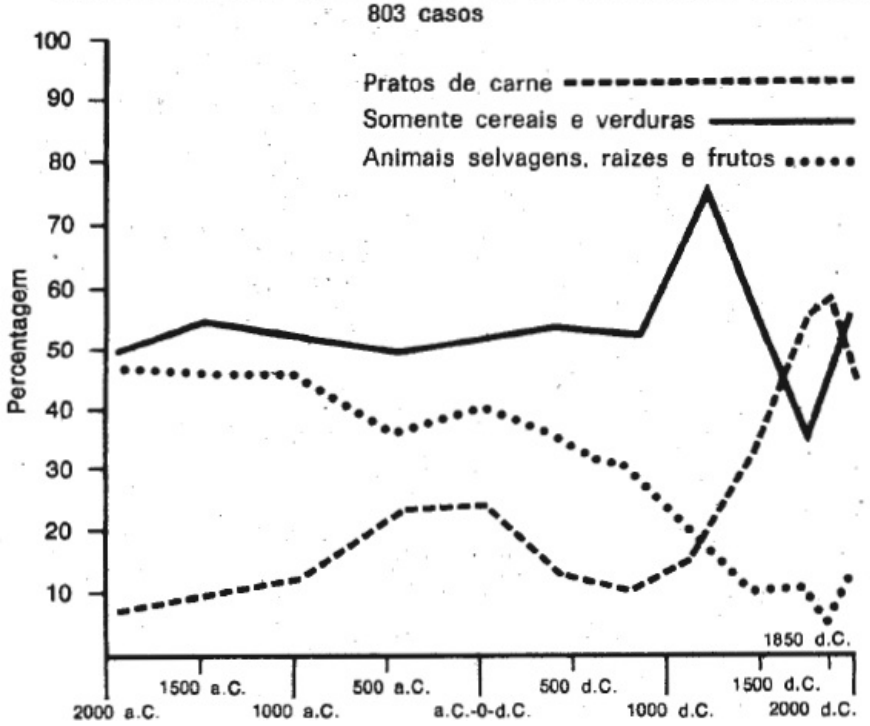
A designação “pratos de carne” indica as vidas passadas em que os sujeitos contaram haver comido aves domésticas ou outros animais domésticos. Considerei esse fato uma medida de civilização, pois a criação de animais, nesse sentido, é tão importante quanto a lavoura.

Como se depreende do exame dos dados, um alto ponto de civilização, indicado pelos tipos de comida ingerida, surgiu entre 500 a.C. e 1 d.C. A carne comida nesse período era, em geral, de alguma ave domesticada ou de cordeiro. As primeiras alusões à ingestão de carne de vaca só se fazem depois do fim do século XVI. Os dados sobre tipos de alimentos consumidos mostram claramente uma redução na fartura das provisões de boca durante a chamada Idade das Trevas, desde, mais ou menos, o ano 25 d.C. até, mais ou menos, o ano 1200. Tudo indica, porém, que a agricultura organizada se desenvolveu durante esse tempo, porque a linha correspondente aos cereais se eleva, ao passo que diminui a linha correspondente à coleta de animais selvagens, raízes e frutos. O que significa que houve um número menor de primitivos em minha amostra de 1000 a.C. até o presente.

Só a partir de 1700 o número de pessoas que comiam pratos de carne igualou o número de pessoas que comiam apenas cereais e só a partir de 1850 a dieta dos meus sujeitos passou a incluir carne mais amiúde do que somente cereais.

A inversão volta a ocorrer no século XX Os sujeitos que estavam na Ásia e no Oriente Próximo no século XX comiam menor quantidade de carne e maior quantidade de cereais e frutos.

Figura 6. Tipos de alimentos comidos em cada período de tempo



O tipo de cereal consumido era, frequentemente, único na parte do mundo em que meus sujeitos se encontravam. Comia-se quase sempre como uma papa — triturado e, em seguida, misturado com água e aquecido. Junto com o cereal, saboreava-se um tipo primitivo de pão, aparentemente ázimo, e que alguns dos meus sujeitos acharam muito parecido com o pão de “pita”, que hoje conhecemos, proveniente do Oriente Próximo.

Em regra geral, meus sujeitos comiam refeições tão insípidas e desinteressantes que não me surpreendi quando, um dia, num seminário, um rapaz comentou:

— Nunca mais direi nada contra a cozinha do McDonald. A comida hoje é muito melhor do que era antigamente!

Perguntei a meus sujeitos se os alimentos que ingeriam eram condimentados ou insossos, porque eu esperava obter informações sobre o uso de condimentos nos quadros de outrora. Meus dados revelavam que poucos sujeitos provavam algum condimento na comida, sobretudo o sal. Os condimentos só se encontravam nas refeições dos ricos, em especial nas regiões que orlam o Mediterrâneo e no Hemisfério Ocidental. Na Índia, às vezes, até os pobres condimentavam os alimentos.

Em minha amostra, as melhores refeições se encontravam na China. Desde tempos imemoriais, meus sujeitos diziam que a cozinha chinesa era

deliciosa; se bem aqui também se usassem poucos condimentos, havia maior variedade de pratos.

Eu pedia a meus sujeitos que provassem a comida. Alguns descreveram sensações de gosto muito mais vigorosas do que outros. Isso, em parte, pode ter acontecido porque muitos vinham comendo cereais insípidos em suas vidas pregressas, como também pode ser que, sob o efeito da hipnose, o sentido do gosto se torne menos nítido que outros, como o da vista e o do tato. Um detalhe curioso, no meu entender, foi que cerca de 8% dos meus sujeitos afirmaram ter a comida que eles provavam gosto de comida estragada. Isso se aplicava sobretudo ás carnes.

— Droga! A carne que estou comendo tem sabor de carne estragada, — era o tipo de observação que eu ouvia. — Deve ser carne de cordeiro, ou coisa parecida. Muito desagradável.

Sujeitos que se alimentavam de animais selvagens mencionavam com menos frequência o gosto estragado mas, não raro, comentavam:

— É uma espécie qualquer de animalzinho, como se fosse um roedor. Tão gorduroso que, quando dou uma mordida, sinto a gordura na boca.

Dentre as tribos primitivas, poucas se nutriam de animais de grande porte: pareciam preferir os pequenos, como esquilos, nas refeições.

Muitos sujeitos que viveram antes do advento de Cristo comiam frutas, mormente na região que circunda a Mesopotâmia. É interessante notar que experimentavam o sabor dos frutos como algo inteiramente novo para suas papilas gustativas.

— É uma espécie qualquer de fruta, parecida com melão, — diria um sujeito. — Mas o gosto é diferente. Nunca provei nada semelhante a isso.

Duas frutas que conhecemos agora eram mencionadas em quadros passados: o figo, que, aparentemente, tinha então um sabor comparável ao que tem hoje, e a uva. Verduras de que não temos nenhum conhecimento atual também foram citadas. Alguns membros de tribos primitivas comiam raízes que ocorriam naturalmente nas suas áreas de colheita de alimentos. Em minha amostra, o nabo era surpreendentemente comum em quase toda a Europa.

Certa vez, quando eu estava conversando com um sujeito do sexo feminino sobre sua regressão, ocorrida seis meses antes, ela me contou que, em sua vida pregressa, comera nabos crus.

— Nunca provei um nabo, — disse ela, — e nem sei direito como descobri o que era. Acontece que aquilo tinha cara de nabo.

Em seguida, contou-me que, vários meses depois, fora comer num

restaurante com o marido, quando o prato dele foi trazido para a mesa.

— Havia uma estranha verdura branca, coberta em parte por um molho. Como gosto de provar a comida dele, tanto quanto a minha, provei-a. Eu disse-lhe que o gosto era o mesmo dos nabos que eu comera na regressão à minha vida passada. Chamamos a garçonete, e ela confirmou que aquilo, de fato, eram nabos.

Perguntei a meus sujeitos que utensílios usavam nas refeições noturnas durante uma regressão, e a grande maioria respondeu que comia com os dedos. Um deles respondeu, tipicamente:

— Estou usando os primeiros três dedos de mão direita e levando assim a comida à boca. Parece que não existe utensílio algum.

Dos sujeitos que fizeram uso de algum utensílio, obtive dados muito interessantes. Cobrindo o período de tempo compreendido entre 500 a.C. e 100 d.C., recebi mais de trinta e cinco relatos de uma colher rasa de madeira, parecida com uma concha ou pá. Esse instrumento, que parece ter sido um precursor da colher moderna, foi usado perto do mar Mediterrâneo, mas apareceu igualmente na Europa por volta de 400 d.C. Além disso, tive outros cinco casos em que se fez menção de uma colher mais funda de madeira, mais parecida com um colherão, também usada no Oriente Próximo, do Egito até ao Líbano, no período correspondente a 25 d.C. Tenho alguns relatos de garfos de dois dentes nas imediações de Roma e no Egito em 25 d.C., mas tudo leva a crer que o uso deles se limitava aos ricos.

Enquanto me movia através dos períodos de tempo, descobri um fenômeno fascinante: à proporção que um número cada vez maior de sujeitos passava a pertencer à classe média e a viver em áreas civilizadas, aumentava o emprego de utensílios de mesa. No início do século XVI, tive minha primeira notícia de um garfo de três dentes. No século XVIII, a metade dos meus sujeitos comia com o garfo de três dentes em suas refeições noturnas. Esse utensílio, que parece ter sido maior do que o garfo moderno, geralmente feito de metal, continuou a aparecer nas regressões até o período correspondente ao princípio do século XIX. Em 1790 surgiu o meu primeiro exemplo de um garfo de quatro dentes e, por volta de 1850, a maioria dos meus sujeitos já comia com esse garfo. Alguns ainda tinham garfos de três dentes, a miúdo descritos como feitos de prata, e que consistiam, aparentemente, em “antiguidades” do século anterior. Ao todo, 214 sujeitos descreveram o emprego de garfos como utensílios de mesa.

Conquanto o garfo de quatro dentes se salientasse nas regressões ao século XIX, o utensílio de mesa mais comum no transcorrer de todas as eras foi a singela colher de pau. A crermos na minha amostra, era extensíssimo o uso da

madeira nos utensílios domésticos, fato que me intrigou, porque eu não havia esbarrado nele em meus estudos de arqueologia. É pouco provável, com efeito, que os arqueólogos descobrissem artigos de madeira, que se teriam desintegrado antes que os pesquisadores chegassem a desenterrar os restos de uma antiga civilização. Na verdade, segundo os meus sujeitos, raro se usava a madeira na construção de casas, a não ser nas vigas de sustentação. A sua escassez como material de construção relacionava-se provavelmente com o fato de grande número de sujeitos se encontrar em civilizações que floresceram no Oriente Próximo e na Ásia, onde não havia muitas árvores. Aparentemente, a madeira existente era empregada sobretudo no fabrico de instrumentos domésticos e de móveis.

Tipos de pratos usados em cada período de tempo

A Figura 7 ilustra os tipos de pratos utilizados em cada período de tempo. Como é evidente, a grande maioria dos meus sujeitos usava pratos de madeira, folhas ou cuias, ou comia num pote comum. Só a partir do começo do século XVIII é que o número de sujeitos que usava pratos de louça foi maior que o dos que continuavam usando os tipos mais primitivos de recipientes. Por volta de 1850, 59% usavam pratos de louça e de cerâmica, mas até nessa quadro avançada ainda se notava extenso emprego da madeira.

É interessante notar que, de acordo com a Figura 7, os pratos de metal foram mais comuns que os de cerâmica até o princípio do século XVIII. O metal por vários descrito como “de um cinzento escuro e brilhante”, “parece estanho”, “uma espécie qualquer de metal, eu não saberia dizer qual”. Os pratos de cerâmica, que os museus exibem em suas coleções de civilizações antigas, restringiam-se, na minha amostra, aos muito ricos. Em lugares como a Índia, até os abastados comiam numa travessa ou pote comum, em lugar de servir-se de tigelas ou pratos individuais. Aparentemente, reservava-se a cerâmica utilizada em antigas civilizações para guardar ou servir; o prato de jantar, hoje considerado essencial, era desconhecido no passado. Isso é muito interessante porque aqui está minha sugestão ao sujeito que se encontrava sob a ação da hipnose:

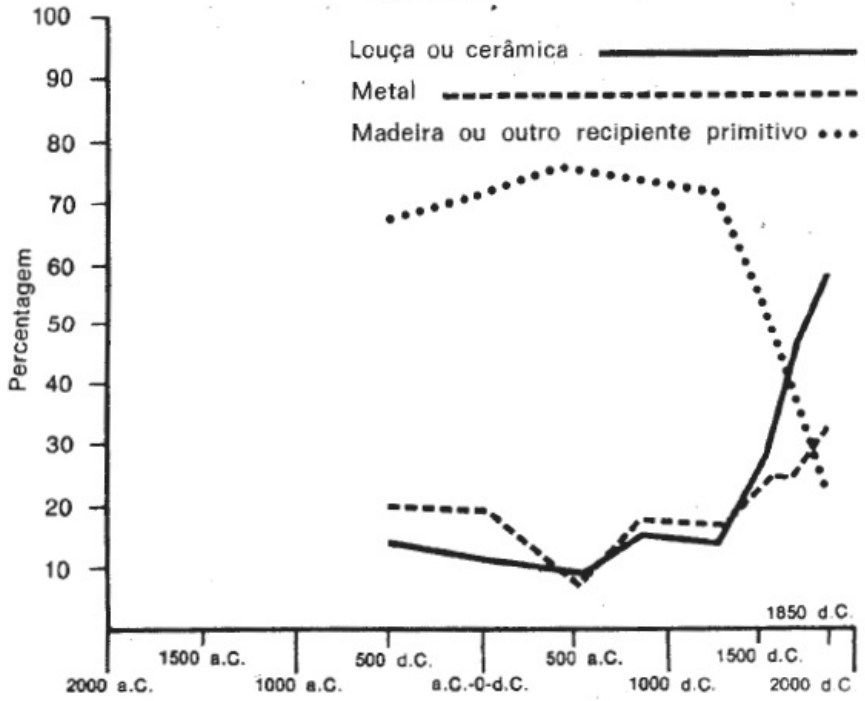
— Olhe para o recipiente em que está comendo. É um prato? Uma tigela?

O fato de tantos sujeitos não verem uma coisa dessas, mesmo quando eu lhes dirigia a atenção para ela, diz-nos qualquer coisa a respeito da sugestão sob o efeito da hipnose. Eles viam o que viam independentemente das minhas instruções. Serviam-se da comida colocada sobre uma folha, enfiavam a mão em tigelas comuns, ou simplesmente comiam com as mãos. Se a rememoração de

uma vida passada é pura fantasia, seria de esperar que todos vissem os pratos ou tigelas a que eu aludia. Eis aí um pequeno elemento de prova, mas um elemento que a mim me parece muito interessante?

Toda vez que meus sujeitos tentam seguir as sugestões que faço enquanto estão em transe hipnótico, mas não o conseguem, o que relatam tem para mim o som da verdade.

Figura 7. Tipos de pratos usados em cada período de tempo



A população nos períodos de tempo passados

Uma das objeções mais comuns à teoria da reencarnação é que a população do mundo dobrou de 25 d.C. a 1500, tomou a dobrar por volta de 1800, e agora quadruplicou. Se houvesse reencarnação, sustentam os críticos, a população da terra deveria ter sido muito maior no passado do que sabemos que foi. Por conseguinte, as pessoas que propõem a teoria da reencarnação têm de explicar as diferenças de população nas épocas pregressas.

O argumento me pareceria válido contra a possibilidade da reencarnação se estivéssemos pensando em termos de personalidades únicas que vivessem séries de vidas. Foi difícil engenhar um método experimental para verificar a população da terra em outras eras. Uma das razões por que me decidi pela técnica de regredir quatro mil anos e escolher dez períodos de tempo diferentes foi o desejo de obter dados sobre essa questão desconcertante. Raciocinei que,

embora pudessem ter imagens de certos quadros no passado, as pessoas seriam capazes de experimentar uma vida passada apenas num determinado período em cada viagem. Elaborando um gráfico com os períodos escolhidos por elas, eu talvez lograsse alguma indicação da população da terra desde o ano 2000 a.C. até a presente data.

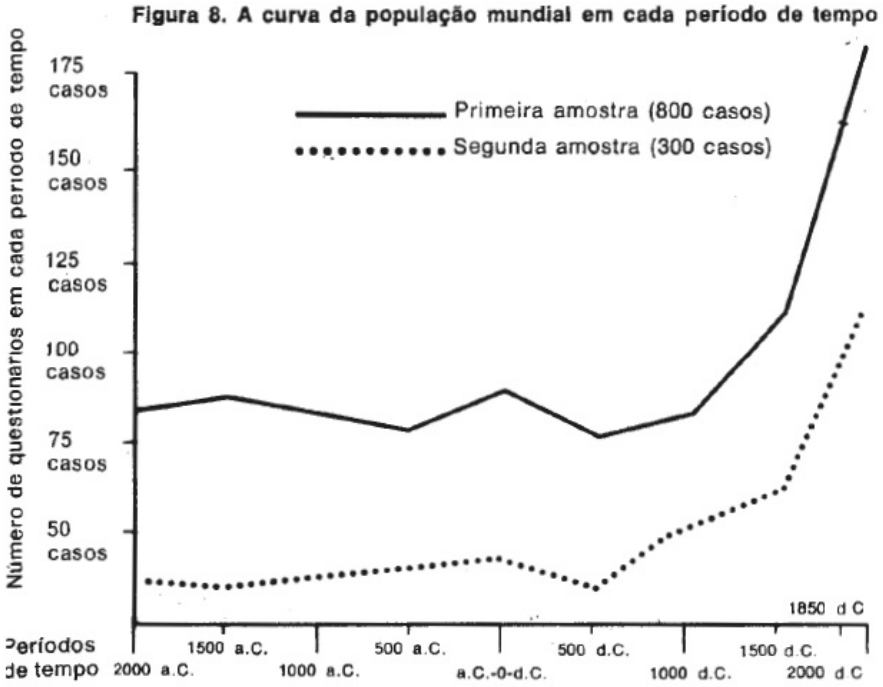
A Figura 8 é o gráfico dos sujeitos vivos em cada uma das épocas no passado. Digo que "estavam vivos" porque descreveram experiências de vida nesses períodos. É teoricamente possível, sem dúvida, que tivessem escolhido qualquer outro período e também experimentado vidas nessas ocasiões. Em essência, cada sujeito recebeu instruções para experimentar três vidas passadas, e permitiu-se-lhe escolher mais ou menos ao acaso as fases em que devia experimentar a vivência num corpo.

Como se vê pela Figura 8, a população do mundo dobra, com efeito, de 400 d.C. a 1600, e torna a dobrar por volta de 1850. Extraordinário resultado! As conclusões dos primeiros oitocentos casos foram reproduzidos em minha segunda amostra de trezentos casos.

Estavam os meus sujeitos, como grupo, representando realmente ,a população mundial em qualquer momento determinado? Parece pouco provável e, no entanto, a harmonia das curvas populacionais resultantes dos meus dados dá a entender que é muito possível que eu tenha extraído uma amostra representativa do passado.

Como se depreende da Figura 8, a população do mundo permaneceu estável até o ano 25 d.C., ocasião em que se verificou pequeno aumento, que talvez se devesse à capacidade do Império Romano de proporcionar pão e circo a uma população que estava, aliás, morrendo à míngua. Quando Roma caiu, a população do mundo diminuiu, e permaneceu mais baixa do que nos períodos anteriores ao advento de Cristo até, mais ou menos, 1200 d.C. Nessa época, a população mundial, de acordo com minha amostra, começou a crescer depressa, e o índice de aumento permaneceu lento, porém firme, até 1500. Em 1500 a população passou a crescer intensamente, até que, por volta de 1600, chegou a ser o dobro do que fora em períodos anteriores. A curva do aumento populacional foi ainda mais abrupta depois de 1600.

Figura 8. A curva da população mundial em cada período de tempo



Terá sido mera coincidência o fato de meus dados repetirem essa estimativa dos padrões da população mundial através da história? Pensei na possibilidade de meus sujeitos estarem experimentando um número maior de vidas em épocas recentes porque dispunham de maior quantidade de dados com os quais podiam construir fantasias. Assim, seriam mais numerosos os que escolhessem 1850 para elaborar sua fantasia do que os que escolhessem 500 a.C. Eis aí uma possibilidade que não se pode descartar. Outra razão plausível para a curva seria que, quanto mais recente fosse o período de tempo, tanto maior seria o número de vidas passadas que se poderia recordar com nitidez. Meus dados, contudo, refutam essa conclusão. As experiências das pessoas vivas em 500 a.C. têm a mesma nitidez das experiências de pessoas vivas em 1850. A qualidade emocional das regressões não difere.

Se eu a pudesse prolongar de 1850 para 1977, minha curva sairia evidentemente da página. Isso significaria que a população voltou a quadruplicar nos tempos modernos, o que de fato aconteceu, de acordo com os demógrafos modernos.

O fato de minhas conclusões acerca de sujeitos vivos em períodos passados reproduzirem a curva populacional estimada da terra constitui prova da reencarnação? Eu diria que os dados são muito sugestivos, se bem que não sejam concludentes. Mas, pelo menos, tenho uma resposta para os que põem em dúvida a reencarnação em virtude das baixas densidades populacionais em tempos passados. Agora é possível dizer que a prova carreada por 1.100 regressões a

vidas anteriores mostra, com efeito, um número muito pouco menor de pessoas vivas no passado do que hoje.

A experiência da morte em cada período de tempo

Pessoas que conheceram a "morte clínica" e em seguida reviveram relataram experiências que tiveram fora do corpo durante esse tempo. O dr. Raymond Moody e outros pesquisadores coligiram dados sobre a "experiência da morte" em centenas de casos dessa natureza. Os estudos mostram que, entre as pessoas que experimentam a morte clínica, 10 a 25% delas se lembram mais tarde de haver-se surpreendido fora dos próprios corpos, experimentando uma profunda sensação de paz e libertação da dor. Durante a experiência, olham para baixo e veem outras pessoas ao redor do seu corpo. Depois de pairar por breve espaço de tempo sobre os próprios corpos, tais pessoas contam que se moveram, através de um túnel, na direção da luz. Parecem estar-se alando no rumo dessa luz e, quando a alcançam, são saudados pelos entes queridos e, não raro, por alguma espécie de figura religiosa, que pode ser um anjo, um parente morto, ou mesmo Jesus. Alguns sujeitos clinicamente mortos, e que mais tarde revivem, são informados de que terão de regressar aos seus corpos.

Pedi a todos os meus sujeitos que experimentassem a morte numa vida passada, a fim de verificar se os seus relatos correspondiam às descrições encontradas por outros pesquisadores. Se bem seja possível, com efeito, que pelo menos alguns dos meus sujeitos tivessem conhecimento das histórias acerca da experiência da morte, é pouquíssimo provável que todos tenham lido o livro do dr. Moody, *Life After Life*, ou lido histórias a respeito da experiência da morte. Não posso excluir a possibilidade de que, em estado hipnótico, meus sujeitos descrevam o que já leram, mas a universalidade das suas experiências dá a entender por certo que o simples conhecimento do passado não pode ter produzido tal unanimidade.

Pedi a meus sujeitos que escrevessem em seus questionários o que experimentaram por ocasião da morte — ou mais especificamente, a natureza da morte e a emoção que os senhoreou logo após o transe final. Não lhes disse que eles veriam uma luz, nem que se encontrariam com alguma pessoa que tinham conhecido em vida, e tampouco que passariam pelo interior de um túnel.

A Tabela 2 ilustra a natureza positiva da experiência da morte para quase todos os sujeitos em transe hipnótico que a experimentaram numa vida passada. Uma média de 49% conheceu sensações de calma e paz profundas e não encontrou dificuldades para aceitar a própria morte. Outros 30% experimentaram sentimentos muito positivos de alegria e libertação. 20%, em média, viram seu

corpo depois de haver morrido e flutuaram acima dele enquanto observavam a atividade que lhe ocorria em torno. A crermos no relato dos meus sujeitos depois que despertaram da hipnose não há dúvida de que a morte foi a melhor parte da viagem. Reiteradas vezes contaram que era agradabilíssimo morrer, e descreveram a sensação de libertação que experimentaram depois de haver deixado seus corpos. Até sujeitos que sentiam um medo terrível de morrer antes do seminário me contaram que, depois de experimentar a morte numa vida passada, lhe tinham perdido o medo em sua existência atual.

— Morrer era como ser libertado, voltar novamente para casa. Como se um grande fardo tivesse sido erguido dos meus ombros quando deixei o corpo e flutuei na direção da luz. Eu sentia afeição pelo corpo em que vivera naquela existência, mas era tão bom ser livre!

Eis aí uma resposta muito comum à experiência da morte em minha amostra.

As emoções que meus sujeitos experimentavam por ocasião da morte eram tão fortes que se refletiam em seus corpos atuais.

— Meus olhos se encheram de lágrimas de alegria quando você nos levou à experiência da morte, — disse um sujeito. — As lágrimas me deslizavam pelas faces no presente, mas todo o meu corpo se sentiu levíssimo logo depois que morri.

Tabela 2. A experiência da morte em cada período de tempo
Baseada em 1.088 relatos de vidas passadas
(Expressas em percentagens)

Período de tempo	Tipo de Morte				Emoção por ocasião da experiência da morte			
	Natural	Natural ou Acidental	Violenta	Não experimentada	Calma, Aceitação	Alegria, Libertação	Vê o corpo	Medo, Tristeza
2000 a.C.	73	16	11	0	41	37	17	5
1000	59	12	25	4	44	20	24	12
500	56	18	19	7	46	34	15	5
25 d.C.	64	6	20	10	41	34	17	8
400	55	15	20	10	50	20	22	8
800	64	12	24	0	38	32	26	4
1200	55	16	24	5	39	26	22	13
1500	62	15	19	4	49	28	16	7
1700	64	17	16	3	49	30	6	15
1850	64	13	13	10	58	25	9	8
1900	47	13	31	9	42	8	33	17

Cerca de 10% dos meus sujeitos afirmaram ter-se sentido transtornados ou ter experimentado emoções de tristeza por ocasião da morte. Experimentavam tais emoções em virtude do tipo de morte ou das pessoas que deixavam para trás. Surpreenderam-se ao ver-se fora de seus corpos e mesmo assim tentaram manter contato com seus entes amados.

— Sinto-me tão triste porque estou deixando aqui meus dois filhos, — disse um sujeito do sexo feminino, que morreu de parto. — Estou preocupada

por não saber quem tomará conta deles e fico perto do meu corpo, tentando consolar meu marido.

Outro tipo de experiência perturbadora por ocasião da morte é o de ser morto acidental ou violentamente, quase sempre em plena juventude.

— Fui atropelado por um automóvel ao atravessar uma rua correndo, — disse um sujeito. — Eu parecia continuar correndo pela rua e não me dera conta de que morrera. Aí, então, me senti frustrado e perdido, porque não compreendia o que me estava acontecendo. Finalmente, me vi num lugar escuro e depois avistei uma luz brilhante. Em seguida, remontei-me através da escuridão na direção da luz.

Alguns dos sujeitos que expressaram sentimentos negativos no tocante à morte estavam lutando numa guerra.

— Eu estava lutando, quando meu corpo entrou em colapso. Continuei lutando, mas me pareceu haver perdido toda e qualquer capacidade de influir no que acontecia ao meu redor. Eu continuava no campo de batalha mas, logo, tive a impressão de que outros que tinham morrido vinham juntar-se a mim. Era como se eu não conseguisse deixar aquela cena.

Alguns sujeitos se entristeciam ao ver a aflição dos outros provocada pela sua morte. Não se entristeciam por si, mas pelos que continuavam na terra.

Cerca de 25% descreveram um breve período de escuridão seguido de luz. Um número maior, cerca de dois terços, alçou-se bem acima dos respectivos corpos e penetrou num mundo inundado de luz, onde foi saudado por terceiros e teve uma sensação imediata de companheirismo. Um sujeito elatou:

— Eu me elevei bem alto no céu depois que deixei meu corpo. Não queria olhar para trás. Parecia, então, estar cercado por outros, que me davam os parabéns pela vida que acabara de viver. Experimentei uma sensação de regresso ao lar e uma grande alegria. Havia vida em toda a minha volta.

Verifiquei também a causa da morte em cada período de tempo, porque as regressões a vidas pregressas referidas na literatura existente até esta data indicam um número exageradamente grande de mortes violentas. Inúmeras regressões a vidas passadas, a cujo respeito li em casos de terapia pelo recurso à regressão, descrevem mortes violentas e desagradáveis. Eu sabia que, estatisticamente, isso não pode ser verdade, de modo que me pus a cogitar se minha amostra produziria os mesmos resultados. Se a lembrança de vidas pregressas fosse pura fantasia, a morte violenta ocorreria com muito maior frequência do que deve ocorrer, consoante as estatísticas sobre mortes feitas no mundo presente.

Como se depreende da Tabela nº 2, a percentagem total de mortes naturais em todos os períodos de tempo é de 62%. Posto seja difícil encontrar estatísticas sobre causas de morte que se possam associar às regiões do mundo nos períodos que eu estava estudando, esta parece ser uma cifra bastante razoável. Porque muitos dos meus sujeitos tinham trinta anos, ou menos, quando morreram em períodos anteriores, seria de esperar um número maior de mortes acidentais e violentas do que hoje. Mesmo assim, bem mais de metade dos sujeitos morreu de doença ou de velhice.

A percentagem de mortes naturais ou acidentais é apenas uma estimativa. Muitos sujeitos disseram qualquer coisa neste sentido:

— Estou caindo, e agora pareço estar morto.

Isto resultava de um ataque do coração ou de um acidente? A menos que lhes fosse possível atribuir uma causa natural à sua morte, como um ataque cardíaco ou alguma dificuldade respiratória, eu colocava esses desenlaces na coluna das mortes acidentais. As violentas, que totalizavam 18% de toda a amostra, foram causadas por homicídio, suicídio ou ataque de algum animal.

A Tabela 2 mostra que as cifras relativas aos tipos de morte variavam de acordo com os períodos de tempo. O maior número de mortes violentas ocorreu em dois períodos — em 1000 a.C. e no século XX. Houve, aparentemente, inúmeras guerras menores em 1000 a.C., porque muitos dos meus sujeitos descreveram a própria morte em escaramuças de todo gênero. A forma comum de guerra nesse quadro não eram as batalhas entre exércitos fixos. Meus sujeitos contavam que estavam vivendo pacificamente numa aldeia, quando eram atacados de improviso por um bandozinho de saqueadores. No século XX, a percentagem elevada de mortes violentas proveio de bombardeios. As incursões aéreas na Segunda Guerra Mundial parecem ter ceifado um número maior de vidas por asfixia do que por explosões propriamente ditas. Estes são fatos conhecidos a respeito de raides de bombardeiros durante a Segunda Guerra Mundial, e constituem um desses pormenorezinhos a cujo respeito é pouco provável que os meus sujeitos viessem a fantasiar.

Ao procurar dados para elaborar gráficos relativos á incidência de morte natural em oposição à morte acidental ou á morte violenta, topei com algumas cifras interessantes. O Departamento de Saúde da Cidade de Nova Iorque publicou números sobre as causas da morte de indivíduos não-brancos entre quinze e vinte e quatro anos de idade em 1976. Tenho para mim que os resultados desse estudo se aproximam das experiências da minha amostra em muitos períodos passados, porque as pessoas morriam mais moças naqueles tempos e porque a vida era, amiúde, tão cheia de perigos quanto é hoje na cidade de Nova Iorque. De acordo, porém, com as cifras recentes, corremos maior risco

vivendo hoje na cidade de Nova Iorque do que em plena selva nos idos de 2000 a.C. Em 1976, mais de metade das mortes de cidadãos não-brancos do sexo masculino entre quinze e vinte e quatro anos de idade proveio de homicícios. Cinquenta e cinco por cento! A percentagem era de 50% em se tratando de pessoas não-brancas do sexo feminino. Os acidentes causaram 33% das mortes, e apenas 22% morreram de causas naturais. Quando fiz uso dos números de mortes da cidade de Nova Iorque em 1976 como ponto de referência, ficou claro que meus dados representavam um padrão normal. O número de mortes violentas relativo a cada período de tempo se harmoniza com a realidade histórica conhecida.

Acredito não ser por acaso que as mortes violentas ou difíceis se desvendam nos casos de terapia pela regressão. É provável que as mortes ocorridas em vidas passadas, carregadas de emoções negativas pouco antes da experiência final, pudessem redundar em fobias na vida presente. Descobri que isso se aplica tanto a regressões individuais quanto às regressões de grupo. Muitos sujeitos me procuraram depois de haverem recuado em suas memórias os seminários de vidas passadas, e contaram que se tinham dissipado fobias em resultado da experiência da morte numa existência anterior.

A rememoração da vida passada de Shirley Kleppe como Marie, descrita no capítulo 5, permitiu-lhe superar as vertigens e a necessidade inexplicável de correr, que a perturbavam desde os seis anos de idade. Revivendo a morte que sofreu como rapariga francesa perseguida até à beira de um penhasco por um magote de pessoas enfurecidas, ela erradicou os sintomas que a haviam perturbado durante tanto tempo. Outros sujeitos contaram haver perdido o medo de cavalos depois de terem experimentado a morte causada por um cavalo numa vida pregressa, ou perderam o medo da água depois de reviverem a morte por afogamento sofrida anteriormente. É muito difícil chegar a qualquer conclusão a respeito da validade dessas experiências. Para o sujeito, como já observamos, o ser ou não ser válida a rememoração da vida passada é muito menos importante do que o desaparecimento de uma fobia qualquer.

Alguns dos meus sujeitos pularam a experiência da morte na vida anterior, de acordo com minhas instruções para fazê-lo se se sentissem mal quando eu lhes pedisse que revivessem o instante da morte. Foi interessante notar que o mesmo sujeito aceitaria a experiência da morte em duas existências passadas, mas a bloquearia numa terceira. Dir-se-ia que fosse a natureza da morte que o perturbava, e não propriamente o fato de morrer.

A experiência da morte, ao que tudo indica, foi a razão da minha dificuldade em hipnotizar os 10% dos meus sujeitos incapazes de experimentar a regressão a uma existência pregressa. Para pôr á prova a hipótese de que a

experiência da morte estava bloqueando suas viagens às vidas passadas, submeti dez sujeitos à hipnose individual e trabalhei extensamente com eles. Descobri que apenas dois eram capazes de entrar em transe hipnótico individualmente, o que veio demonstrar que o bloqueio da experiência não se devia ao fato de tratar-se de um grupo. Depois que lhes assegurei, estando eles sob a ação da hipnose, que se sentiriam indiferentes e não experimentariam emoção alguma, os dois passaram pelas respectivas experiências finais em suas últimas vidas anteriores e descreveram experiências de morte profundamente desagradáveis. Os dois haviam morrido durante a Segunda Guerra Mundial, um numa explosão e o outro em virtude de infecção contraída numa ilha do Oceano Pacífico. Conduzi-os à experiência que se verificou logo após a morte, e eles descreveram as mesmas sensações de leveza, liberdade, paz e até alegria que os outros já haviam relatado em circunstâncias semelhantes. A dificuldade não consistia em estar morto; o problema eram as emoções negativas, altamente carregadas, que experimentavam pouco antes da morte. De posse dessa evidência, tentei hipnotizar os oito restantes.

Quatro desses oito mostraram-se incapazes de entrar em estado hipnótico de qualquer maneira, de modo que experimentei a associação livre. Mas até com essa técnica, era evidente que evitavam explorar qualquer coisa relacionada com o subconsciente. Em vista disso, concluí que eles deviam saber melhor do que eu o que estavam fazendo e que se eu continuasse envidando esforços para obter informações só conseguiria deixá-los transtornados. Em relação aos quatro restantes, a associação livre revelou medo da morte. Quando os tranquilizei, prometendo-lhes que não exploraríamos a experiência de desenlace, os quatro se submeteram á hipnose e descreveram existências passadas.

Estas conclusões são sugestivas. Tudo nos leva a crer que a reminiscência de vidas passadas é acessível a todos nós, se estivermos motivados para permiti-la e se o nosso subconsciente consentir nela. Em minha amostra, pelo menos, o bloqueio da lembrança de vidas passadas parece relacionar-se com o medo de reexperimentar as emoções presentes pouco antes da morte na última vida passada. O fato de que a grande maioria dos meus sujeitos — 90% — foi capaz de experimentar a morte numa existência passada sem nenhuma perturbação verdadeira e, não raro, com intensas sensações de alegria, dá-nos a entender que só uma minoriazinha continua a sofrer problemas em virtude de um trauma numa ou em diversas mortes passadas. São provavelmente esses os sujeitos que a terapia das regressões a vidas passadas ajudaria, abrindo uma brecha na pressão causada pelas lembranças e aliviando-a.

Todos os dados expostos neste capitulo tendiam a corroborar a hipótese de que a recordação de existências passadas reflete com absoluta exatidão o

passado verdadeiro em lugar de sugerir que ela representa fantasias comuns. Nenhum deles inculcava que estivesse em ação um tipo qualquer de fantasia. Claro está, porém, que isso não bastava para provar que a rememoração das vidas passadas reflete a realidade. Eu necessitava de outra espécie de prova.

Concordariam entre si os meus sujeitos quando estivessem no mesmo período e no mesmo lugar no passado? Pelo fato de havê-los eu hipnotizado em seminários diferentes e em diferentes ocasiões, a telepatia não explicaria as similaridades das roupas e da arquitetura que eles viram em vidas passadas. Encontraria eu alguma prova dessa natureza nas regressões quando as analisasse à luz dos períodos de tempo e dos lugares?

9. A VIDA NOS PERÍODOS ANTERIORES AO ADVENTO DE CRISTO

Vinte e um por cento dos meus mil e cem sujeitos regressaram a existências vividas antes do nascimento de Cristo. Em meu primeiro grupo de oitocentos, 21% voltaram para o período de tempo a.C. No segundo, de trezentos, 20% voltaram a períodos de tempo a.C. Essa correspondência notavelmente estreita é espelhada pela percentagem dos sujeitos vivos em 2000 a.C.: 7% na primeira amostra e 8% na segunda. No período de 1000 a.C. e no de 500 a.C., a concordância entre os dois grupos foi total: 7% de componentes da amostra nº 1 e 7% da amostra nº 2 voltaram para 1000 a.C.; e 6% de cada uma das duas amostras retrocederam para 500 a.C. Aparentemente, as civilizações por volta do período de 2000 a.C. eram mais densamente povoadas do que as populações de períodos ulteriores.

Examinei as cifras relativas às classes superior, média e inferior nas três fases a.C. a fim de verificar se havia correspondência entre a amostra do grupo nº 1 e a do grupo nº 2. As cifras revelaram-se notavelmente semelhantes nas duas amostras. Em 2000 a.C., 5% dos sujeitos pertenciam á classe superior nas duas amostras. A classe média compreendia 26% da primeira amostra e 30% da segunda, o que dá uma média de 28% de classe média nesse período de tempo. As percentagens da classe inferior orçavam, em média, por 67% em ambas as amostras.

Em 1000 a.C., 4% da primeira amostra e 9% da segunda pertenciam á classe superior. As cifras correspondentes à classe média também são estáveis, com 33% para a amostra nº 1 e 36% para a nº2, o que dá uma média de 34% para o total em 1000 a.C. As vidas da classe inferior perfaziam, em média, 61%. Quando se estabelece a comparação com as distribuições de classes em outros períodos, estes números significam que o período a.C. foi um pouco mais próspero do que qualquer outro antes do século XVI.

O número de artífices, mercadores e outros elementos da classe média permaneceu aproximadamente o mesmo — 30% — no período de 500 a.C., ao passo que a classe superior aumentou ligeiramente para 6%. As vidas da classe inferior totalizaram 62% da primeira e 72% da segunda amostra, o que dá uma média global de 65%.

Foi interessante para mim notar onde viviam meus sujeitos no período de tempo de 2000 a.C. Apenas sete dos oitenta e quatro se encontravam no Hemisfério Ocidental em 2000 a.C. Se bem a localização só fosse bem

especificada num caso, outras provas dão a entender que um segundo caso se localizou na área hoje ocupada pelos Estados Unidos (possivelmente o Arizona) e os seis restantes na América do Sul.

Uma das vidas na América Central parecia muito aprazível. Meu sujeito era uma mulher de longos cabelos negros e soltos, enfeitados de contas de ambos os lados, que vestia uma saia de couro, mas não trazia nada da cintura para cima. A paisagem era um vale que se desdobrava em planícies, com um rio à esquerda e uma floresta atrás. Os edifícios "semelhavam telheiros feitos de uma espécie de galhos". Em resposta a uma pergunta sobre atividades na infância, o sujeito falou em montar a cavalo, mas acrescentou no questionário que, na sua opinião, isso não teria sido possível em 2000 a.C. É interessante observar que os restos de um cavalo foram realmente descobertos numa pesquisa arqueológica, a indicar que já se conheciam equídeos no Hemisfério Ocidental em 3000 a.C.

Os sujeitos que regressaram a vidas na América do Sul em 2000 a.C. (7%) descreveram civilizações que pareciam muito mais adiantadas. Um sujeito do sexo masculino mencionou o seguinte período de vida:

— Estou usando sandálias amarradas com correias de couro e um longa saia feita de um pano qualquer. Parece haver um colete e um cinto largo, enfeitado de metal. Meus cabelos, negros, chegam-me á metade do pescoço. Tenho a pele trigueira. O clima é quente e gostoso. Vejo edifícios que se parecem com templos, revestidos de pedras lisas e com degraus de cada lado. .

A comida era um mingau amarelo esbranquiçado, ou papa, de milho.

Na infância, aprendeu a escrever algum tipo de símbolos, mas não os descreveu com maiores minúcias. Acredita que, na vida adulta, se ocupava de fazer inscrições ou símbolos, ofício ao qual dedicou a vida. Morreu aos cinquenta e tantos anos, mas a causa da morte não foi especificada. Suas crenças religiosas ensinavam que "o sol espiritual é Deus ou uma força". A experiência do espírito que deixa o corpo era "uma luz dourada cascateante — dourada e turbilhonante catarata de luz caindo sobre mim". O mapa que viu foi o do Peru.

Outro sujeito rememorou uma vida na mesma região da América do Sul em 2000 a.C. Também tinha a pele escura e avermelhada, cabelos negros que lhe chegavam à metade do pescoço, e calçava sandálias de couro. Ao descrever seus trajes só soube dizer que eram largos. Os edifícios que viu semelhavam os vistos pelo primeiro sujeito, e qualificou-os de primorosos e belos. Na infância, aprendeu igualmente uma forma de escrita por meio de símbolos. Na vida adulta foi agricultor mas, pelo visto, também fazia potes, porque se lembrava de haver aposto seu símbolo a um pote. Viu desenhos complicados e esmerados nas paredes de uma casa vizinha. Este sujeito não experimentou a morte com muitos pormenores, mas estava velho quando morreu e o desenlace parece ter sido

natural. Como o sujeito no Peru, conheceu a experiência da luz por ocasião do seu passamento. Escreveu em seus comentários, no fim do questionário: “Era uma civilização muito adiantada e artística. Parece deslocada em quadro tão remota. Procurei saber a data da minha morte e verifiquei ser o ano de 2031 a.C. Vi com absoluta nitidez o índio que eu era, com meus cabelos pretos e corridos”.

Três outros sujeitos que estiveram na América do Sul em 2000 a.C. contaram que viviam num clima de jângal, andavam de pés no chão e usavam tangas. Afirmaram que sua pele era escura, em lugar de especificar-lhe os tons, entre o castanho e o vermelho. Os edifícios que viram eram “choças de barro” (sujeito nº 1); “pequenas choças redondas, e posso enxergar através das paredes, pelos buracos” (sujeito n° 2) e “construções de palha e barro” (sujeito nº 3). O interessante é que todos viram o mesmo tipo de construção na mesma área geográfica no mesmo período de tempo. Todos pareciam comer a mesma comida — uma substância polposa amarelada. Um dos três descreveu-a como “raiz, semelhante a uma batata”. Outro disse que “parece amarelada, como papa de milho”. Suas atividades variavam ligeiramente. Os dois sujeitos do sexo masculino afiavam lanças e caçavam; o do sexo feminino moldava uma farpa de seta e embrulhava-a.

A experiência depois da morte variava, mas os dois que chegaram a experimentá-la (o terceiro bloqueou-a por sugestão minha) disseram haver-se alado no ar, muito alto, depois que ela ocorreu. Um afirmou que, segundo os ensinamentos religiosos que lhe haviam sido ministrados, ele se transformaria no espírito de um pássaro. Os outros dois não mencionaram nenhum ensinamento específico a respeito da morte, conquanto seja interessante notar que ambos tenham descrito a subida ao céu, em contraste com a experiência da luz dourada da civilização mais elevada no Peru.

A mais fascinante dessas vidas na América do Sul foi também vivida na região do Chile e do Peru em que a civilização era caracterizada por símbolos, “num período de tempo anterior a 2000 a.C.” Totalmente diversa de todos os outros da minha amostra.

Quando o sujeito, que era do sexo masculino, baixou a vista para os pés, viu “um metal brilhante e liso”.

— Estou vestindo uma espécie de pano macio, cor de prata metálica, como um macacão de paraquedista, da cabeça aos pés, — disse ele. — Não tenho cabelos, calço luvas, e meus dedos são compridos. Estou numa região nontanhosa, de clima suave.

Os edifícios que via eram de “pedra e metal, muito altos. Parecem nodemos”. Suas atividades infantis consistiam em operar uma mesa eletrônica e

disputar jogos complexos de bloqueio de computação. Em matéria de alimentos, comia “verduras e frutas”. Sua vida adulta passou-a escrevendo e dedicado a atividades acadêmicas, em “formosos ambientes”. Contou que estava velho ao morrer e disse que a causa da morte fora uma “disfunção eletroquímica”. E ajuntou, a respeito da morte:

— Creio que soou o momento oportuno. Não tenho consciência de nenhum ensinamento religioso. Quando meu espírito deixar o corpo, sentir-se-á confortável e suave.

No fim do questionário, desenhou alguns edifícios fascinantes. Um deles tinha quase a forma de uma pirâmide, embora fosse mais alongado que a maioria das pirâmides. O outro era um edifício cilíndrico com um passeio que chegava quase até à metade da construção. A cadeira que desenhou parecia ter apenas um pé largo sobre o qual se apoiava o assento. Comia com um objetozinho chato, em forma de ponta de seta, parecido uma concha. Seria este sujeito alguém do continente perdido da Atlânida, que viajara para a América do Sul e ali estava fundando uma civilização? Seria a civilização adiantada a que haviam aludido meus dois outros sujeitos uma versão já decadente dessa civilização original? Está visto que meus dados não fornecem respostas a tais perguntas. Mas as localizações semelhantes sugerem a possibilidade de uma conexão.

O grupo de relatos originais de sujeitos hipnotizados, que se segue, deve dar o sabor de vidas passadas no período que antecedeu o advento de Jesus Cristo. Como se pode ver, as perguntas constantes dos questionários variavam um pouquinho, de acordo com o número da viagem.

2ª Viagem

Sexo Mulher como mulher.

Lo*cal* Ásia.

Aparência Cabelos pretos, bastos, lisos. “Pele escura, mais ou menos como a dos índios. Círculos escuros debaixo dos olhos”.

Trajos Braços nus. Pés no chão. “Pano frouxamente tecido envolvendo meu corpo”.

Paisagem e terreno Muito calor e muito sol, folhagem rala e solo arenoso. Choças de palha frágeis, folhas imensas formando o telhado, entrada arredondada.

Comida e horários de refeições “Minha família e eu comíamos em enormes tigelas, com as mãos ou com pedaços de pão”.

Atividades na infância “Eu brincava na lama perto de um corregozinho estreito. Vi-me manuseando um aparelho parecido com um ábaco, tentando aprender

aritmética ou qualquer coisa relacionada com números.”
Atividades na vida adulta “Muito pouca energia - muito pouca coisa que fazer.”
Morte Morta aos 83 anos de idade em 2083 a.C. “Completamente pronta - enquanto eu estava sentada debaixo de uma árvore, meu espírito deixou o corpo.” Segundo os ensinamentos religiosos que lhe inculcaram, havia vida depois da morte Após deixar o corpo, “minha alma experimentou, a princípio, um estado de confusão”.
Conexões cdrmicas “Meu irmão.”

2ª Viagem
Sexo Homem como mulher.
Local Babilônia-Mesopotâmia.
Aparência Cabelos colhidos em tranças no alto da cabeça.
Trajes Sandálias, vestido longo e simples.
Paisagem e terreno Casas de adobe. Suméria semidesértica.
Comida e horários das refeições “Tâmaras, biscoitos de sementes de gergelim, pepinos frutas, cereais.” Os utensílios para comer eram feitos de barro previamente cozido. O pai, um sacerdote, a mãe, os irmãos e a irmã estavam comendo com ela.
Atividades na infância “Tecendo num tear alto, numa casa grande.”
Atividades na vida adulta "Casei aos 17 anos com um homem escuro, de cabelos crespos. Vivia com os pais. Tinha muita terra e prédios — campos de cevada, trigo e tamareiras irrigados por canais. Tornei-me mãe de uma grande família, netos. Viveu na abastança, com grandes rebanhos e campos.
Morte Morreu aos 60 anos, de doença. “A família reuniu-se para chorá-la. “Meu espírito queria consolá-los. Fiquei por ali, depois me juntei a meu marido (morto) passei, à velocidade da luz, para o novo reino de existência.” A data da morte foi 2060 a.C.
Conexões cármicas Não mencionadas.

2ª Viagem
Sexo Mulher como homem.
Local Oceano Índico.
Aparência “Cabelos pretos, curtos e grosseiros. A mão esquerda ostentava um anel”.
Trajes Peles macias de animais, dobradas e amarradas, pés nus.
Paisagem e terreno “Areia, como no deserto. Um tanto frio para um deserto, agradavelmente fresco com a brisa” As casas eram estruturas entrançadas e

colocada sobre estacas ou palafitas.
Comida e horários das refeições “De manhã, uma espécie de creme esponjoso e um pouco de doce. À noite, um mingau com leite em tigelas. Não havia utensílios as tigelas eram de madeira” A mãe lá estava à hora das refeições, porém mais ninguém.
Atividades na infância “Algum esporte disputado com tiras de couro amarradas à minha mão e com as quais eu parecia açoitar o ar.”
Atividades na vida adulta “Nós nos movíamos constantemente, armando acampamento, levantando acampamento. Eu tinha medo de não nos movermos com suficiente rapidez. Era preciso percorrer grandes extensões. Sensação avassaladora de medo, há que dirigir constantemente amimais, às vezes por terrenos acidentados, temos de apressar-nos. Não há emoções verdadeiras - todas as pessoas são mais ou menos iguais.”
Morte Morreu com vinte e tantos anos. Período de tempo escolhido: 2000 a.C. A causa da morte foi uma febre. “Dei um beijo de despedida no meu corpo. Eu o amara tanto! Era forte e musculoso e eu o amava.”
Conexões cármicas “Uma garota no lugar onde trabalho parece-se com uma mulher pela qual eu me sentia atraído.”

2ª Viagem
Sexo Homem como homem.
Local Oriente Médio, perto do lugar em que se localizam agora o Iraque e o Irã orientais.
Aparência Barba e cabelos longos e grisalhos.
Trajes Sandálias que deixavam os dedos dos pés livres e um manto largo e fluente. Usava sunga quando criança.
Paisagem e terreno “Deserto em alguns lugares; pomares em outros. Pequenas choças - sem janelas.”
Comida e horários das refeições “Suco de frutas diferentes - purpurino.” A família estava presente.
Atividades na infância “Fazer compras, agarrado às saias da mãe. Esculpir - cinzel e rocha.”
Atividades na vida adulta “Escrever; porém esculpindo em ardósias, desenhando figuras na pedra, material relativamente jeitoso.”
Morte Morreu aos 79 anos. O período de tempo escolhido foi 2000 a.C Causa da morte: insuficiência respiratória. Sentimentos a respeito da morte: “Aceitação - espera.” O ensinamento religioso era de que nós “chegamos a Deus” depois da morte. O espírito deixou o corpo como uma espiral e contemplou, do alto, a cena

da morte. A filha e a família se achavam presentes.
Conexões cármicas “Sim, com a esposa.”

2ª Viagem
Sexo Mulher como homem.
Local Pérsia-Mesopotâmia.
Aparência “Cabelos escuros, oleosos, crespos e grandes mãos musculosas.”
Trajes Véstia e saia de couro. Sandálias grosseiras.
Paisagem e terreno “Aldeia ou cidade quente, seca e poeirenta, com casas de adobe.”
Comida e horários das refeições Carneiro, cozido, geralmente gorduroso. “Comia com os dedos”, tirando a comida de um pote comum de barro.
Atividades na infância “Correr e brincar de lutar, armado de paus, com os outros meninos.” O pai o estava ensinando a ler. Usava túnica fiada em casa.
Atividades na vida adulta Supervisor de escravos. Estes estavam erguendo um muro, fazendo tijolos de adobe. “Eu era áspero, duro, sem compaixão. Só tinha compaixão pela esposa, que tratava com ternura. Ela não podia ter filho.”
Morte Morreu aos 30 anos em 1970 a.C. A causa da morte foi a queda de uma rocha sobre sua cabeça. Sentimentos de tristeza por deixar a mulher. Quando o espírito se afastou do corpo, “viu a cabeça ensanguentada e o grande corpo musculoso que jazia inerme na sujeira.”
Conexões cármicas Nenhuma se menciona.

1ª Viagem
Sexo Mulher como mulher.
Local Área da Palestina
Aparência Cabelos grosseiros, negros, longos, bastos e crespos.
Trajes Sandálias pequenas e um trajo exterior grosseiro, semelhante a uma toga, naturalmente colorido.
Paisagem e terreno “Desértico, quente e úmido.” Céu aberto, pátio ou terraço com pilares em tomo.
Comida e horários das refeições “Cereais, como arroz; caldo (temperado).” O utensilio de mesa era uma concha de osso, que se ajusta perfeitamente à palma da mão esquerda, além de pão, usado a modo de concha.” Empregava-se igualmente um tigela de cerâmica com embocadura.
Evento comunitário “Homens na área do pátio, que iam para a guerra.” -
Obtenção de suprimentos Os cereais guardavam-se em saco numa pequena despensa, e transportavam-se em cestas entre a despensa e a cozinha. O dinheiro

usado era; “a princípio, nenhum e, depois, pedras polidas para barganhar.”
Morte Morreu em 1492 a.C. aos 16 anos de idade. Assassinada num catre por un homem grande, obeso. Os sentimentos em relação à morte foram de “resignação”. Sentimentos depois da morte: “Brandos. Sentia-me meio perdida, mas centrada como um espírito.”

1ª Viagem
Sexo Mulher como homem.
Local Grécia
Aparência “Mãos feridas, vigorosas. Cabelos escuros sujos.”
Trajes “Sandálias de tiras de couro. Lã pruriente, com cinto feito de tiras de couro (como uma véstia curta).”
Paisagem e terreno “Seco e quente. Morros inférteis, cobertos de arbustos.” As casas construídas de um barro que lembrava o adobe, eram singelas e escuras no interior.
Comida e horários de refeições “Sopa de carneiro com pão duro”, comida numa tigela de madeira com a ajuda de colher. Uma mulher lidava com uma chaleira ao pé do lume.
Evento comunitário “Lutar e atirar pedras, esconder-se e fugir do inimigo.”
Obtenção de suprimentos A praça do mercado, solitária, tinha uns poucos edifícios. Ele comprou um legume verde, parecido com abóbora. Foi ao mercado a pé e pagou a compra com uma moeda.
Morte Morreu no ano 1447 a.C. quando orçava pelos 30 anos. “Apunhalado numa luta, por um homem meio careca, que pulou por trás de mim, e tinha um rabo de cavalo no cocoruto.” Sentimentos a respeito da morte: “Não queria acabar daquele jeito.”

2ª Viagem
Sexo Mulher como mulher.
Local Judéia
Aparência Cabelos ondulados, escuros, entre médios e grosseiros. Pele alva.
Trajes Sandálias e um longo e frouxo cinto de corda.
Paisagem e terreno Perto de um rio, com morros do outro lado. Quente e um tanto ou quanto árido.
Comida e horários das refeições A comida consistia em carne, pão e frutas. Os pais e irmãos estavam lá.
Atividades na infância Costurar e brincar fora de casa com os animaizinhos de estimação.

Atividades na vida adulta Foi mãe, esposa, dona de casa. Tecer.
Morte Morreu quando andava na casa dos trinta ou quarenta anos. “Caí depois de sofrer um tipo qualquer de ataque.” Afligiu-se por deixar os filhos pequenos e o marido desesperado. “Eu acreditava na vida futura.”
Conexões cármicas Nenhuma foi mencionada.

3ª Viagem
Sexo Mulher como mulher.
Local Ponta da bota italiana.
Aparência “Cabelos grosseiros, crespos e escuros, mãos morenas e macias”.
Trajes Túnica pregueada, de um branco acinzentado, que chegava até à metade da coxa. Sandálias de corda com solas de couro cru.”
Paisagem e terreno Deserto. Areia árida e seca; mas ao longo da margem de um rio a vegetação era verde e viçosa.
Evento comunitário “Uma pessoa politicamente importante, à qual se prestaram homenagens — faraó? sumo sacerdote? — veio visitar a localidade. Creio que veio cobrar impostos.
Jornada Levada a efeito num barco de duas velas, de junco ou de bambu. “Só pude ver o rio, não vi destino algum, só água interminavelmente. Grande número de palmeiras e pequenos povoados com choças de palha e barro.”
Cerimônia religiosa “Festas da plantação na primavera. Algum tipo de cereal” Eu vestia uma túnica branca e ouvia gongos e sinos. O sentimento era “de paz e alegria”.
Morte Morreu em 1200 a.C., de velhice. Embora “velho e encarquilhado, o corpo ainda era o de uma mulher de meia idade; talvez tivesse morrido por volta dos 40 anos.” Causa da morte: “Morri durante o sono”. À morte seguiu-se imediatamente uma experiência “de paz e aceitação”. O corpo foi embalsamado, envolto em panos de linho e sepultado na areia. “Meu ofício era o de um escriba, eu escrevia em símbolos, figuras, mas não como hieróglifos — todos pareciam misturados - no Egito, na Itália e na Síria.”

3ª Viagem
Sexo Mulher como mulher.
Local Babilônia.
Aparência Cabelos ondulados arrumados num coque na parte superior e posterior da cabeça.
Trajes Túnica, uma peça com um cinto representado por uma corrente de metal. Sapatos com solas de palha. Um pano azul claro estampado sobre a parte

anterior do pé.
Paisagem e terreno “Arida, agradável, clara.”
Evento comunitário “Reunião a respeito de uma invasão iminente de inimigos que se dirigem contra nós. Algumas pessoas preocupadas. A maioria, porém, confia em que eles nunca se aproximarão de nós (temos uma força muito eficiente).”
Jornada Levada a efeito por meio de carroça e cavalos numa *estrada.* “Uma simples excursão. Os lavradores e camponeses estão realmente impressionados com a nossa classe (uma ilusão) e são muito amistosos - querem ouvir notícias do centro.”
Cerimônia religiosa “Como um exercício de projeção astral.” Eu vestia uma túnica branca, mais comprida, de cinto alto. “A princípio falou um homem - impulsos de som/emoção. A força da energia elementar - tem uma espécie de experiência de som - som de vento ou subaquático.” O propósito consistia em “afrouxar nossos laços.”
Morte Morta aos quarenta e tantos anos de um acidente: “Um poste caiu num mercado abarracado.” O corpo se quebrou. Foi levado e queimado após a cerimônia. Experiência depois da morte: “Lenta libertação. Vi a comoção na praça do mercado à minha volta e à volta de outra pessoa machucada.” “Uma coisa me passou pela cabeça como *dichy, dichy,* sem data; porém um pouco mais tarde, chegou 700 a.C, mas não havia sistema de datação.

2ª Viagem
Sexo Homem como mulher.
Local Incerto.
Aparência Cabelos compridos e mãos finas e escuras com palmas um bocado ásperas. Pele abaçanada. Unhas longas nos dedos.
Trajes Pés quase sempre nus, às vezes protegidos por peles. Quando adulta, às vezes nua. Como criança, envolta em peles ou couro no inverno, peles mais leves no verão.
Paisagem e terreno “Árvores, rochas, montanhas. O clima se modifica — o inverno é frio; o verão é quente e úmido. Os dias são agradáveis.”
Comida e horários das refeições “Carne cozida no espeto ao ar livre. Nenhum utensílio.”
Atividades na infância “Brincar na água, nadar, correr nua.” As habilidades aprendidas foram: fazer agulhas para costurar peles, fazer fios das tripas dos animais, preparar as peles e cozinhar a comida. Além de procurar raízes e frutos comestíveis.

Atividades na idade adulta “Amor, segurança, meu homem me trata bem, minha vida é feliz. Trato do meu homem, vou buscar água para ele, faço-lhe a comida. Conheço suas necessidades. Juntos amamos, sem saber o que é “amor”. O sexo é um prazer totaL”
Morte Morreu “envelhecida, mas não velha.” O período de tempo escolhido foi de 500 a.C. “Meu homem e eu estamos caminhando juntos, um animal selvagem salta sobre ele, vejo-o e grito, empurrando-o para um lado. Caio sobre um talude. Não quero deixar o meu homem. Ele está chorando, cansado, ferido por dentro. Raiva. Sei que não serei mais.” A experiência de deixar o corpo foi “emocionante física e emocionalmente.”
Conexões cármicas Não se mencionou nenhuma.

1ª Viagem
Sexo Homem como homem.
Local Em algum lugar da costa oriental do sul do México ou da América Central.
Aparência Mãos finas e gastas. Cabelos compridos e escuros, duas tranças. Tez de um pardo amarelado; pés compridos, esguios e glabros.
Trajes “Uma espécie de traje estilizado, de aspecto quase egípcio; sem camisa; saia alta e amplo de couro ou de peles, com agasalho para a cintura.”
Paisagem e terreno “Morros de inclinação mansa, quentes e confortáveis, surgidos logo à entrada da costa, perto do rio.” As casas são feitas de barro, madeira, pedra — algumas foram cavadas em forma de cavernas.
Comida e horários das refeições Mingau pastoso e farinhento de milho, comido com uma broa feita ao estilo de um pão de pita.” Também estavam comendo “uma mulher que dava a impressão de ser a companheira e uma mulher gorda e velha.” Os utensílios eram minhas mãos e o pão para raspar a tigela preta e polida de barro.”
Evento comunitário Uma cerimônia. Muito intensa, com a participação de outros homens.
Obtenção de suprimentos “Vai-se a um lago alcalino, ou coisa que o valha, à procura de sal.**”** Viajava-se a pé. “Eu simplesmente recolhi o sal numa pele ou pano e, mais tarde, num pote. Tudo muito tranquilo, não havia ninguém por lá, paisagem desértica plana, pássaros e insetos barulhentos. Peguei apenas o que precisava - barganho o que tenho com o que preciso.”
Morte A morte ocorreu aos 45 ou 50 anos de idade. O ano escolhido foi 500 a.C. No momento da morte a data surgiu como “o ano ou o período do *Veado***,** ou do cavalo, ou de algum animal quadrúpede.” Causa da morte: “Esgotamento”.

Sentimentos acerca da morte: “Conforto, como se fosse uma libertação ou disseminação - a morte parecia francamente *orgânica.*" Depois da morte, houve “familiaridade com a *falta de ambiente.* ”

1ª Viagem
Sexo Homem como homem.
Local África.
Aparência “Cabelos longos, sedosos, negros e bastos. Mãos grandes como os pés.” Pés grandes, nus, peludos, masculinos, grosseiros, tortos e grotescos. Corpo nu, musculoso, forte, duro, peludo, pele escurecida.
Trajes Nenhum.
Paisagem e terreno “Ar claro e limpo, brisa suave. Flores. Região montanhosa, verdejante, quente e úmida. Oceano, rochas, árvores. Outras cavernas.”
Comida e horários das refeições Comendo ao mesmo tempo estavam uma mulher, o filho, a filha e uma velha. Para comer havia “um pássaro selvagem qualquer. Nada que eu conheça agora.” Os utensílios eram varetas e potes de barro.
Evento comunitário “Dança do acasalamento sexual diante do fogo — quente, apaixonada, a imagem da minha futura esposa me excitou muito.”
Obtenção de suprimentos Viajava-se a pé. “Fui buscar água — achei pedras verdes. Troquei as pedras por uma pele de lobo marinho. Ele vivia do outro lado do vale numa caverna.”
Morte Morreu aos 60 anos de idade em 560 a.C. “enquanto caçava com o filho. Um animal grande me atacou.” Sentimentos acerca da morte: “Não desconfiei de que ia morrer, não dei importância à morte — aceitei-a como parte do curso normal dos acontecimentos. Fiquei triste porque meu filho ficou triste.” O sentimento após a morte: “Nada - vi o corpo de cima - fora do corpo, olhei para baixo, para meu filho e meu corpo, triste, mas só. Um momento no corpo, no momento seguinte fora dele, observando.”

1ª Viagem
Sexo Homem como homem.
Local Ásia Central (sul da Rússia).
Aparência Cabelos “pretos, lisos”, mãos que traziam as marcas das intempéries. “Mercador de utensílios.”
Trajes “Roupas de lã; sapatos pontudos de couro macio.”
Paisagem e terreno Ásia Central, perto do mar Cáspio. Montanhas recobertas de neve a leste. Casas de adobe.

Comida e horários das refeições “Cordeiro, azeitonas, especiarias, bebida alcoólica (doce).” Os utensílios eram “dedos gordurosos, prato de cobre, taça de cerâmica (sem asa).” Um ajudante postava-se à direita e uma criada à esquerda.
Evento comunitário “Cerimônia no templo; túnica vermelha brilhante, de fímbria de ouro. Sacrifício humano. Sinto-me aliviado por não ser eu.”
Obtenção de suprimentos Subiu as montanhas que se erguem a leste com um burro. Os suprimentos são utensílios de cobre e latão, adquiridos de “parentes que moram na aldeia da montanha.” O dinheiro usado é “ouro (maior do que um quarto de libra-peso) e cobre cru”.
Morte A morte verificou-se aos 57 anos, em 493 a.C. “Qualquer coisa desandou na garganta (tumor?).” Sentimentos acerca da morte: “A vida não era emocionante, mas fui basicamente bom. Nunca fiz mal a ninguém. Olhando para o meu corpo, vi que estava cansado, mas não exausto.”

1ª Viagem
Sexo Mulher como mulher.
Local Egito.
Aparência “Cabelos compridos, brilhantes e negros.” Mãos delicadas de mulher.
Trajes Túnica parda de aniagem, com capuz e cinto de corda em tomo da cintura. Sandálias, com tiras cruzadas até aos joelhos.
Paisagem e terreno “Deserto de areia, montanhas (grandes morros em segundo plano), tempo anuviado, frio.” Frio a principio, depois ensolarado. Os edifícios avistados eram pirâmides.
Comida e horários das refeições “Comida do tipo farinhento (leve). O utensílio era a própria comida a que se dava a forma de um pão.” Comia-se numa tigela de barro.
Evento comunitário “Eu era ordenhadora e tinha uma canga. Depois de um dia ensolarado e quente, eu estava ordenhando as cabras na encosta do morro, ouvindo a trompa de carneiro que anunciava o fim do dia - e me sentia livre como um passarinho e emocionada porque, dali a pouco, estaria jantando com o meus entes queridos.”
Obtenção de suprimentos Fui ao mercado montada num animal, possivelmente um cavalo. A praça do mercado era ao ar livre, num descampado, mas havia em segundo plano um edifício abobadado, verde claro. Comprou fazenda com moedas de ouro - pequeninas e redondas, com marcas.
Morte A morte ocorreu entre 23 e 30 anos, em 483 a.C. A causa foi decapitação, e ela sentiu ansiedade em relação à morte: “Manifestou-se em mim uma dor durante a primeira parte do período escolhido. A dor, no coração, irradiava-se

para as costas (como se alguma coisa tivesse sido enfiada no meu corpo). Eu era prisioneira — espiã — minhas roupas um disfarce, e fui descoberta. Estava ajudando a construir alguma coisa: a Grande Pirâmide?”

1ª Viagem

Sexo Homem como homem.

Local Ásia Menor — parte sul da Ásia Menor, perto da costa da Lídia.

Aparência “Pele branca, cabelos pretos, braços peludos, dedos compridos e rudes. Pés rudes.”

Trajes Túnica de lã com cinto de cobre e sandálias de madeira.

Paisagem e terreno “Planícies abertas com morros ao fundo, um rio, lagos, juncos, moitas. Tendas feitas de peles curtidas.”

Comida e horários das refeições Vagens com nacos de cordeiro e cevada comidos em tigelas de madeira. Usa-se o pão como utensílio para comer.

Evento comunitário “Uma dançarina virá à cidade com uma companhia de artistas. Minha mulher está enciumada.” Ouviu o tanger de sinos e o zurrar de bunos.

Obtenção de suprimentos Fui ao mercado montado num cavalo com um comboio de mulas. Os suprimentos adquiridos foram sacos de trigo. Efetuou-se a aquisição tom “moedas de prata guardadas numa algibeira de couro presa à cintura - nas quais se via impresso o perfil de uma mulher — com uma coroa de flores em torno da testa.”

Morte A morte verificou-se em 486 a.C., quando o sujeito tinha quarenta e tantos anos. A causa foi uma lança que lhe transfixou o peito. Sentimentos acerca da morte: “Supresa, pesar, não-aceitação, revolta. Meu espírito sentiu profundo pesar pela não-apreciação da beleza do meu corpo e de sua vida.”

10. A VIDA DESDE 25 d.C. ATÉ O ANO 1200

A vida em 25 d.C.

Noventa e sete dos meus sujeitos, ou seja, 9% do total, regrediram a uma existência no período correspondente a 25 d.C., o mais pobre de todos, de acordo com os meus dados. Nesse período, apenas 3% dos sujeitos levaram uma vida de classe superior; 22% eram artífices ou mercadores; e 75% pertenciam à classe inferior. Essa distribuição tanto se aplicava ao grupo nº 1 quando ao nº 2, o que quer dizer que era um fenômeno sistemático quando repeti o estudo. Eu esperava algumas vidas dramáticas, brilhantes, na antiga Roma, se a rememoração das vidas anteriores fosse produto da fantasia. Ao invés disso, muitos dos meus sujeitos que viviam em Roma eram pobríssimos. Consultando os livros de história, fiquei sabendo que o período correspondente ao ano 25 d.C. foi, com efeito, de grande pobreza, mormente em Roma. .

Segundo a descrição dos historiadores, a Roma de 25 d.C. era muito parecida com a Nova Iorque de 1977. Os pobres de inúmeras áreas diferentes acorriam a Roma, capital do mundo daquele tempo, onde havia não só menos comércio do que houvera nos períodos anteriores, que antecederam do advento de Cristo, de acordo com os meus dados, mas também menos gente empenhada em ofícios ou ocupações especializadas. Em todas as áreas ao redor do Mediterrâneo, desde o Egito, passando pelo Oriente Próximo, até à Grécia, meus sujeitos eram mais pobres do que o tinham sido nos períodos anteriores a Cristo. Os livros de história mostram que a quadro em que se inclui o nascimento de Cristo foi um tempo de civilizações decadentes no Oriente Médio e no Egito, e as grandes conquistas de Roma não se deveram menos à exaustão das civilizações mais antigas do que à habilidade dos soldados romanos.

A morte por violência apresenta um índice ligeiramente mais alto em 25 d.C. do que nas épocas anteriores, mas a diferença não foi acentuada. 63% dos meus sujeitos morreram de causas naturais. Algumas dessas mortes, todavia, se deveram à fome (sempre incluo as mortes à mingua entre as naturais porque não há dúvida de que elas não são conseqüência de suicídio nem de acidente). Nenhum dos meus sujeitos em 25 d.C. morreu em batalhas formais, porém alguns afirmam ter sido mortos em pequenas escaramuças. Seja como for, ao examinar as regressões ao ano 25 d.C., acode-me a impressão de que não foi um período muito favorável á boa vida.

A distribuição dos sexos nesse período é de 49% de vidas masculinas e 51% de femininas.

30% dos meus sujeitos estavam no Oriente Próximo em 25 d.C. Destes, nove declararam achar-se na área de Israel, ou Palestina, e os vinte e um restantes espalhados pela Arábia Saudita, Líbano e Mesopotâmia. Eu esperava que muitos sujeitos fantasiassem vidas em que vissem Cristo em 25 d.C. A literatura do ocultismo enfatiza vigorosamente existências vividas ao tempo de Jesus Cristo, e se as reminiscências de vidas pregressas fossem mera fantasia, estou convencida de que tais experiências estariam refletidas em meus dados. Na realidade, três sujeitos viram uma imagem do Cristo quando lhes dei a possibilidade de escolher esse período de tempo, mas um deles declarou:

— Vi uma imagem de Cristo, mas compreendi que eu não era Ele. Não estive em parte alguma dali.

Outros três, do sexo feminino, referiram qualquer coisa relacionada com o Cristo quando as levei a um acontecimento emocionante em 25 d.C. Uma contou que estava no meio de uma grande multidão quando Cristo foi crucificado, outra declarou que via Cristo pregar, ao passo que a terceira afirmou:

— Estou com um grupo e estão dizendo que *Ele* vem vindo.

Não especificou quem era "Ele" mas, pela entonação que deu à palavra, presumi que se referisse a Jesus. Ao todo, esses relatos não iam além de 3% da amostra em 25 d.C., muito menos do que seria de esperar se a lembrança das vidas passadas fosse fantasia.

A seguinte amostra de questionários relata experiências de vidas vividas no período correspondente a 25 d.C. e em todo o primeiro século da era cristã.

1ª Viagem
Sexo Mulher como homem.
Local Turquia Oriental ou Oriente Médio.
Aparência Mãos finas e de cor baça, porém num tom mais claro do que os pés, também finos.
Trajes 'Túnica larga e solta, de tom castanho amarelado, que ao toque parecia musselina." Sandálias nos pés.
Paisagem e terreno "Deserto com montanhas à distância. Anuviado, mas quente e seco." Agrupadas, veem-se casas mais ou menos quadradas, de um castanho claro.
Comida e horários das refeições "Qualquer coisa parecida com um cozido. Só

me lembro de uma concha de latão.” A mãe, o pai e o irmão menor também estavam comendo.
Evento comunitário “Uma multidão ia ver alguém importante.”
Obtenção de suprimentos Ia a pé ao mercado para comprar cereais nas barracas de alimentos. O dinheiro usado era uma moeda de bronze mais ou menos do tamanho de uma moeda norte-americana de 25 centavos.
Morte Morreu com vinte e poucos anos, em 36 d.C., de uma febre. Sentimentos depois da morte: “Libertação, fiquei olhando para baixo, para a forma envolta em cobertores.”

3ª Viagem
Sexo Mulher como homem.
Local Índia, bem perto de um rio.
Aparência Cabelos tosados rente, quase deixando o couro à mostra. Pés muito magros.
Trajes Roupas largas, soltas, brancas. Andava descalço. Quando criança, usava um chapéu semelhante ao dos Cavaleiros do Santo Sacrário.
Paisagem e terreno Não se faz menção deles. A casa possuía esteiras trançadas.
Evento comunitário “Algum grande homem vai passar pela aldeia.”
Jornada Fizeram a jornada “montados em elefantes, uma jornada agradável até ao rio em busca de suprimentos.” Passaram por vegetações do tipo que se encontra no jângal e ele travou agradáveis conversas com o pai.
Cerimônia religiosa “Orações pela prosperidade da estação (agrícola).” Estavam vestidos de branco. O som “O-ma” foi repetido muitas vezes. “Eu tinha uma grande crença ou desejo de acreditar.”
Morte Morreu velho em 43 d.C. O corpo, envolto num pano branco, foi queimado. Era muito magro, e a morte, aparentemente, adveio da própria velhice. Sentimento após a morte: “Eu ia ser julgado.”
Conexões cármicas Nenhuma especificada.

1ª Viagem
Sexo Mulher como homem.
Local Sudeste da Itália. .
Aparência Cabelos corridos, finos e curtos, até aos ombros. Mãos quadradas e capazes.
Trajes Sandálias de couro encerrando completamente os pés. Túnica parda com cinto de couro. O material da túnica era uma sarja grosseira.
Paisagem e terreno “Montanhas secas, ásperas, áridas, na distância. Quente e

seco.” As casas “parecem lajes brancas”.
Comida e horários das refeições Comida de consistência pastosa e frutas, comidas com colher de pau em pratos de madeira. “O velho avô à direita. Menos claras — a mãe e uma menininha. (irmã).”
Evento comunitário “Lutando como que num evento esportivo, o tinir dos metais, muita poeira.”
Obtenção de suprimentos Foi ao mercado com burro e carroça a fim de comprar sacos de cereais. Havia um edifício frio em que se guardavam os cereais. Pagou com moedas de prata que trazia numa algibeira pendente do cinto..
Morte Morreu aos 40 anos de idade. Soterrado debaixo de pedras numa avalancha, em 49 d.C. Depois da morte, “saí do corpo. Cores muito azuis em toda a parte.”

1ª Viagem
Sexo Mulher como homem.
Local Jerusalém?
Aparência Cabelos castanhos grosseiros raiados de louro. As mãos eram grandes - mão: de trabalhador, embora fossem artísticas e belas. Pés grandes, escurecidos, chatos.
Trajes Roupa larga e drapê, de cor creme neutra; áspera, se bem o material e o modele fossem bonitos. Sandálias.
Paisagem e terreno Quente e moderadamente quente. Uma montanha azul na distância, à beira d’água. Plantas verdes cultivadas em primeiro plano. Casas de barro branco.
Comida e horários das refeições Papa de farinha de milho (?), pão preto de cereais. “Come com as mãos numa mesa baixa. O prato de milho tem um sabor doce.” O prato é “pesadão, forte, duro; talvez de barro cozido sobre metal.”
Evento comunitário Corrida de burros e carroças; estou apostando com outros homens Quero ganhar; quando tinha 18 anos, eu mesmo os dirigia.” Nessa ocasião especial usava túnica de listras vermelhas e brancas.
Obtenção de suprimentos A praça do mercado é grande, cheia de gente. “Os tempo: são meio difíceis, a água é escassa, mas as pessoas estão acostumadas.” Caminhava ao lado do burro que carregava os jarros para levar a água. Os suprimento adquiridos resumiram-se na água, paga com uma moeda redonda, tirada de uma algibeira de couro presa à cintura. “Em alto-relevo na moeda viam-se a cabeça de um homem coberta por um elmo e números, como CV.”
Morte Morreu aos 82-83 anos de idade, no ano 80 d.C. “Sou um velho — coração, fígado.” Sentimentos acerca da morte: “Sinto partir, mas encaro

filosoficamente a partida. Meu cunhado está a meu lado. Minha irmã casou com um bom homem.” Depois da morte os sentimentos foram: ‘Tristeza - eu gostava daquele velho; mas nenhum sentimento de tragédia. Lágrimas me escorriam pela! faces.”

1ª Viagem
Sexo Homem como homem.
Local Costa oriental da Itália.
Aparência Não se fez menção de nenhuma.
Trajes Sapatos de madeira, calças folgadas e chapéu.
Paisagem e terreno “Aldeia calçada de pedras, passagem elevada de pedra.” Casas de pedra.
Comida e horários das refeições Uma espécie de sopa espessa, “como uma sopa de ervilhas realmente espessa”. Comia com colher de madeira, e não havia outra pessoa por perto.
Evento comunitário Não pôde ver. “Uma grande quantidade de pessoas carregadas de energia”.
Obtenção de suprimentos Foi a pé a uma praça de mercado de madeira e pedra. Comprou contas de madeira com uma moeda cor de bronze, mais ou menos do tamanho de uma moeda norte-americana grande de 50 centavos.
Morte Morreu no ano 89 d.C., de velhice. Sentimento após a morte: “Bom — luz — em expansão.”
3ª Viagem
Sexo Mulher como homem.
Local Oriente Médio, sul de Israel e lado oriental do Egito.
Aparência Cabelos pretos, barba; mãos grossas.
Trajes Saia curta, túnica, sandálias.
Paisagem e terreno “Seco, árido, plano, mas com penhascos rochosos e o rio amplo e preguiçoso.”
Evento comunitário “A prisão dos seguidores de Jesus. Um homem falando que não se devia permitir que viessem à cidade e efetuassem reuniões.”
Jornada A jornada foi de Bar-A-Tek a Nazaré a cavalo. Longa jornada, durante a qual viu “morros, uma aldeia pequena, um vale profundo ou caverna.”
Cerimônia religiosa “Anos depois. Um grupo de cristãos numa saleta.” O trajo deles era uma singela veste parda. O cântico que entoaram soava como “Ra-ma, Neu-tee - Say-Toe-La-Ma-Ain-Toe — Ca bra entu mesa.” O propósito da cerimônia era o “culto da conexão pessoal com o mundo espiritual.” Ele “não estava à vontade, porque nunca fiz isso antes, mas me sentia seguro e não

ameaçado.”
Morte Morreu com a idade de 65-70 anos em 144 d.C. A causa da morte foi a velhice. O corpo estava descarnado, calmo, vazio. A experiência depois da morte consistiu em “avançar girando, enquanto a luz descrevia círculos para a frente; depois, a sensação de dar cambalhotas em plena liberdade e de delicioso folguedo.” O corpo se achava “envolto num lençol sobre a mesa”. “As pessoas vinham colocar suas mãos sobre mim.”
Conexões cármicas Nenhuma especificada.

A vida em 400 d.C.

Sessenta dos meus sujeitos foram para o período de tempo correspondente a 400 d.C., a saber, 6% da amostra total. Na distribuição, a classe superior abrangia apenas 3% da população, a classe média 20% e a classe inferior, 77%. Esses dados são comparáveis às cifras da percentagem da classe superior em 25 d.C. no que se refere à cultura e à civilização, 400 d.C. Foi outro período de depressão. Havia poucos artífices ou mercadores, e a maioria das pessoas procurava simplesmente sobreviver através da agricultura de subsistência. Em 400 d.C. as cifras relativas à morte violenta foram de 20%; a maioria desses óbitos ocorreu em incursões ou pequenas guerras. 10% da amostra não experimentaram suas mortes. A relação entre homens e mulheres nesse período foi de 47% de homens e 53% de mulheres.

18% da minha amostra se encontraram no Oriente Próximo. A maioria localizava-se nas regiões orientais, da Turquia ao Líbano; só havia um na Palestina. Quase todas as vidas eram muito simples. Entretanto, havia duas da classe superior no Oriente Próximo, o que indica uma área de rica civilização. Não havia pessoas abastadas entre os componentes europeus da imostra.

Os relatos seguintes abrangem as regressões a vidas vividas por volta de 100 d.C.

2ª Viagem
Sexo Mulher como homem.
Local Sudoeste do Canadá ou nordeste da China.
Aparência “linhas dos dedos das mãos muito, muito compridas. Mongóis - índias.”
Trajes Nenhum especificado.
Paisagem e terreno Árvores, frio, aridez. Habitações em forma de A, com telhados de colmo e paredes entretecidas.

Comida e horários de refeições Comia arroz com os dedos, e uma substância qualquer enrolada em folhas. Via o rosto redondo e risonho de uma jovem mulher, que parecia uma esquimó.
Atividades na infância “Jogava bolinhas de gude na terra. Amarrava ponta de lança em vara com corda fina.”
Atividades na vida adulta “Caçava, escalava, presidia às cerimônias religiosas, talves fosse um médico-feiticeiro, ou coisa parecida.” Lembrava-se de haver tentade parecer feroz e assustador em trajes tribais.
Morte Morreu aos trinta e tantos anos. A causa da morte foi a queda de um lugar alto sobre rochas. “Eu talvez fosse empurrado, caí de costas.” De acordo com os ensinamentos religiosos, “as coisas continuavam”, quando o espírito deixava c corpo. “Eu podia ver o corpo, com os longos cabelos pretos bem dispostos em toda a volta da cabeça.” O sujeito estava perplexo a respeito da época: “Tente: o período de 400 d.C, mas não sei ao certo onde fui parar.”
Conexões cármicas Nenhuma especificada.

2ª Viagem
Sexo Mulher como homem.
Local Sul da Europa, ao longo do Mediterrâneo. “Vivia na cidade, bem à beira d’água.”
Aparência “Cabelos escuros, finos, crespos, curtos. Mãos musculosas e fortes. Pés de homem musculoso.” Tez clara.
Trajes “Couro com cinto de metal”
Paisagem e terreno Estava num navio com pranchas de madeira. “Imagem do navio na tempestade.” Os edifícios revelados foram um lar da infância, emocionalmente quente, aconchegante e confortável.
Comida e horários das refeições Peixe, azeite de oliva. “Minha mãe era jovem e tinha um bonito sorriso no rosto.”
Atividades na infância “Brincava ao longo dos canais ou perto da praia. Qualquer coisa relacionada com corda."
Atividades na vida adulta Trabalhava no navio, trepava no mastro, contemplava o pôr do sol “Águas calmas, tardes quentes do Mediterrâneo.”
Morte Morreu aos 70-80 anos de idade. Período de tempo escolhido: 400 d.C. Causa da morte: velhice, mas havia uma dor no peito e do lado. Os sentimentos a respeito da morte eram calmos, pacíficos. “Vida bem vivida, contente com ela mas sem nenhum feito notável”
Conexões cármicas “Nenhuma, exceto uma vigorosa conexão com minha mãe naquela vida. Mamãe era muito feliz comigo. Eu parecia ser seu único filho e ela

sentia orgulho de mim e estava emocionalmente próxima de mim. Tenho a impressão de que ela não era muito mais velha do que eu.”

2ª Viagem
Sexo Mulher como homem.
Local Em algum lugar do continente americano.
Aparência Cabelos pretos, corridos, oleosos e pele escura, avermelhada.
Trajes Pés nus, peles de animais em torno dos tornozelos; couro leve e peças de pele: mais pesadas no resto do corpo.
Paisagem e terreno “Terreno rochoso, fartura de moitas, árvores esparsas, porém grandes; seco.” Não havia casas à vista.
Comida e horários das refeições “Peixe seco e nozes ou frutinhas. Nenhum sentimento de família, mas uns poucos adultos e crianças em torno da fogueira.”
Atividades na infância Fazia armas, esfregava com força pedras na pedra para deixá-las afiadas. Dançava de acordo com um rito de iniciação.
Atividades na vida adulta “Colhia ervas ou plantas, apanhava peixes num regato, com a mão. Ensinava ou educava um filho para seguir minha habilidade.”
Morte Morreu aos 40 anos, por haver caído de um penedo sobre algumas rochas. O sentimento a respeito da morte foi de entrega, e o ensino religioso havia sido mais de adoração da natureza que de adoração de pessoas. Entendeu que seria inútil resistir à morte, que lhe pareceu uma libertação benvinda. O período de tempo escolhido foi 400 d.C., mas ele disse que “o número 9 não parava de surgir. Só o número 9,” repetiu, quando indagado sobre a ocasião da morte.
Conexão carmicas Não se mencionou nenhuma.

1ª Viagem
Sexo Mulher como homem.
Local África.
Aparência Cabelos compridos, pretos, com faixas grisalhas, e crespo. As mãos eram bem modeladas, fortes e esguias.
Trajes “Sandálias de couro cru. Túnica curta, sem mangas, de um castanho escuro e material grosseiro.” Quando menino, trazia uma corda amarrada à cintura.
Paisagem e terreno Deserto na África, Saara — área ocidental; dunas de areia seca, terrivelmente quente, mas ele caminhava sobre a superfície rangente, barulhenta e escaldante debaixo dos pés. Viu os restos de um caravana de pedra e gesso, que desmoronara e fora abandonado. “Muito pouca sombra”.
Jornada e horários das refeições “Cozido, muitos e grandes nacos de came,

verduras, caldo. Bom! Pão ázimo.” Comia com a mãe e o pai.
Atividades na infância “Brincava ao ar livre com um objeto parecido com uma bola.
Muito feliz.” A habilidade aprendida foi a feitura de joias.
Atividades na vida adulta “Joalheiro habilidoso. Homem intenso e inteligente, não realizado e infeliz, tem muitos anseios. Lar culto, mas pobre. Gente dedicada, muito modesta.” “Essa imagem revelou-se com muita força. Cruzando o deserto a pé, à pressa, seguíamos em duas longas fileiras, impelidos por guardas montados em camelos. Eu sentia o calor, via uma perna esquerda nua e cabeluda e ouvia o ranger da superfície áspera do deserto. O sentimento era o de obrigar-me a prosseguir, independentemente da dor e do calor. Olhando estupeficado para a frente.”
Morte Morreu aos 36 anos de idade de exaustão e de um “golpe de lança, durante uma marcha forçada através do deserto como prisioneiro.” “Morri à vista de uma cidade do deserto.” No momento de morrer, estava determinado a continuar vivendo. Os ensinamentos religiosos que recebera eram cristãos. “A morte e a partida do espírito ocorreram ao mesmo tempo. Eu me sentia ferozmente decidido a prosseguir. Quando vi meu espírito sair e subir, compreendi que estava tudo bem. Triunfante.” A data da morte foi 415 d.C.
Conexão cármica O professor de então é o pai de agora e a mãe de agora era a mãe de então.

2ª Viagem
Sexo Homem como homem.
Local Região média do Nilo.
Aparência Cabelos pretos, finos e compridos.
Trajes Sem sapatos, calças curtas de fazenda grossa.
Paisagem e terreno Casas brancas de pedra, uma suave inclinação, um rio, clima moderado.
Comida e horários das refeições A comida era amarga, como se fosse feita de broto: úmida e barulhenta quando se mastigava. Comia-se num círculo familiar.
Atividades na infância “Eu atirava dardos num disco e fazia cerâmica.”
Atividades na vida adulta “Eu arava e plantava na maior parte do tempo.”
Morte Morreu aos 87 anos em 425 d.C. Não se conheceu a causa da morte, e a sensaçã era de repouso. Quando o espírito deixou o corpo, sentiu uma seta branca partindo do cocuruto. “Foi uma vida tediosa.”
Conexões cármicas Não se especificou nenhuma.
2ª Viagem

Sexo Homem como homem.
Local Alemanha do Norte, Floresta Negra.
Aparência Cabelos bastos, escuros e emaranhados. Mãos fortes, grandes, nodosas.
Trajes Ele usava peles, chapéu com chifres e sandálias grosseiras e apertadas.
Paisagem e terreno Clima frio, setentrional temperado. O inverno chegava ao fim ainda fazia frio. Viu uma tenda com um mastro enorme no centro — escuro pardacento, opaco - e uma abertura no topo.
Comida e horários das refeições Carne muito pouco cozida - arrancada do animal que estava no fogo. Havia uma porção de gente por ali, todos parentes, incluindo um homem mais velho, barbudo e uma dama tímida, uma prima.
Atividades na infância Um homem estava ensinando. "Meu pai - matou-o por causa disso mais tarde." Aprendeu o manejo do arco mas, como fosse "muito desajeitado, os outros o escarneciam." Era o pior de todos. Odiava as pessoas que o cercavam, seus parentes.
Atividades na vida adulta "Guerra. Na encosta de um morro, com minha tribo, ataquei outra. Comandei os meus e venci."
Morte Morreu aos 45 anos e foi assado vivo, com o rosto virado para baixo, pele inimigos, depois de ter-se esvaído em sangue. "Não movi um músculo. Eu queri mostrar-lhes a minha força e, assim, acabei com o júbilo deles pela minha morte morrendo tão estoicamente que decidiram dar logo cabo de mim. Uma mulher foi escolhida para aliviar minhas dores, como um gesto de respeito a um grande guerreiro." Não recebera ensinamentos religiosos além do culto de alguns deuses pagãos. Ao deixar o corpo, o espírito livrou-o da responsabilidade de conduzir pessoas. A data da morte foi o ano de 493.
Conexões cármicas "Acho que a mulher tímida, a prima, era minha mãe."

A vida em 800 d.C.

Sessenta e oito sujeitos, ou 6% da amostra total, experimentaram vidas passadas no período de tempo correspondente a 800 d.C. 50% dessa vidas foram vividas como homens e 50% como mulheres. A distribuição entre as classes superior, média e inferior, é muito semelhante à que se verificou no período de tempo correspondente a 400 d.C.: 2% de membro da classe superior, 28% de membros da classe média e 71% de membros da classe inferior. As mortes naturais correspondiam a 65% da amostra, tendo-se registrado ainda 24% de mortes acidentais e 11% de mortes violentas.

Nesse período, houve um número um pouquinho maior de vidas da classe

média, a indicar que a civilização, embora ainda se achasse num ponto baixo, estava subindo a partir da posição em que estivera nos períodos de 25 d.C. e 400 d.C. A percentagem de sujeitos no Oriente Próximo diminuía rapidamente e representava apenas 6% da amostra total em 800 d.C.

Os relatos que se seguem descrevem vidas vividas no período compreendido entre o ano de 500 d.C. e o de 900 d.C.

3ª Viagem

Sexo Mulher como homem.

Local Costa ocidental do Japão.

Aparência "Unhas dos dedos das mãos polidas e limpas, não habituadas ao trabalho manual; cabelos pretos muito grossos, que iam quase até ao ombro."

Trajes "Saia curta, pregueada, parda clara, dava a impressão de grandes carreiras de turquesas". Sandálias nos pés.

Paisagem e terreno "Plantações cultivadas; plantas bonitas e folhudas, todas em fileiras bem arrumados."

Evento comunitário "Alguns anciãos sentados no centro; outros em torno, formando um semicírculo. Eu estava no meio do público; numa disposição semelhante à de um tribunal, falou-se sobre colheitas, fertilizantes, etc. Todos os homens no meio do público. E todos se cumprimentavam e se mostraram felizes no fím da reunião."

Jornada Realizada a pé, com fardos nas costas, em companhia de três ou quatro rapazes. A jornada foi feita até um quarto de hotel, onde havia camas de campanha e nós pernoitamos. O quarto, parcamente mobiliado, tinha uma janela "Pernoitamos ali e contemplamos as estrelas."

Cerimônia religiosa "Eu estava dançando na frente dos outros com poucas roupas mas com um pedaço comprido de pano nas costas. Eu era o líder da chuva." Ouviu um canto de quatro sílabas, que todos cantavam em uníssono. O propósito da cerimônia era "fazer chover". Segundo os seus sentimentos, "todos nós estávamos em uníssino; bom sentimento."

Morte Morreu aos 25 ou 30 anos, em 671 d.C., apedrejado por grande número de pessoas porque não conseguira fazer chover. O corpo estava "todo ensanguentado". Imediatamente após a morte, "conheceu que isso era necessário". O corpo foi sustentado com um pouco de terra e depois queimado. "Muita gente em volta. Todos batiam palmas, como era costume."

Conexões carmicas "Um jovem amigo foi meu pai nesta vida."

3ª Viagem

Sexo Mulher como mulher.
Local Turquia (Ásia Central).
Aparência “Robusta, tipo de operária, longos cabelos negros.”
Trajes Sandálias, saia comprida, capa curta de algodão pesado e lã.
Paisagem e terreno “Quente no verão, frio no inverno. Área desértica. Rota entre a Turquia e o Afeganistão.” Parte de um grupo nômade percorria o deserto.
Evento comunitário “Assistíamos a reuniões de outros grupos nômades. Uma infinidade de tendas e tapetes orientais nas tendas.”
Jornada “Fazia-se em caravanas de camelos, mulas e cavalos. Viagens de ida e volta entre a Turquia e o Afeganistão. Eu pertencia a um grande grupo, uma grande tribo nômade de mercadores que iam e vinham pelas rotas de comércio, comprando e vendendo mercadorias. Ficávamos em tendas à noite e viajávamos durante o dia. Mãe e mulher de negócios aos 40 anos, muito capaz, passei toda a minha vida nas rotas comerciais entre a Turquia e o Afeganistão.”
Cerimônia religiosa “Uma espécie de batismo — um novo nenê.” O propósito era dar as boas vindas à nova criança da tribo. “Muito quente e tradicional” Todos envergavam longas capas e capuzes, “e estavam sentados no interior do nosso lar permanente, onde os membros mais idosos permanecem o ano inteiro.”
Morte Morreu aproximadamente com 70 anos em 746 d.C. A causa da morte foi “velhice”. Depois de cremado, sepultou-se o corpo nas areias do deserto.
Conexões cármicas Não se mencionou nenhuma.

2ª Viagem
Sexo Mulher como homem.
Local Pérsia
Aparência Turbante.
Trajes Camisa e calções largos, envoltos em musselina; descalço, com poeira branca nos pés.
Paisagem e terreno Clima fértil, quente, verde, e uma casa de pedra com paredes grossas e degraus. Há pinturas nas paredes.
Comida e horários das refeições O pai e a mãe estavam presentes, e a comida era arroz condimentado.
Atividades na infância Pintou um vaso aos 12 anos de idade.
Atividades na vida adulta Pintou num templo; no chão havia uma esteira. Lá fora, um jardim tranquilo.
Morte Morreu aos 24 anos de idade. A causa da morte foi uma “lança na minha testa.” “Eu não estava preparado mas também não estava com medo.” Conforme o ensinamento religioso que lhe fora ministrado, ele seria um sacerdote ou um

“sábio” que viajaria para um lugar do outro lado. Quando o espirito deixou c corpo estava “flutuando — fluindo como um regato para fora”. A morte ocorreu em 892.
Conexões cármicas “Sim, minha esposa é uma mulher que conheço agora e que foi minha professora durante dois anos. Quando vi a mulher (conexão cármica) tremores e arrepios quentes sacudiram-me o corpo.”

A vida em 1200 d.C.

Cento e sete sujeitos, ou 10% da minha amostra, conheceram vidas en 1200. 54% deles viveram como homens, e 46% como mulheres. A classe superior formava 6% da amostra, tanto do primeiro quanto do segunde grupo, a classe média 28% de todos os sujeitos, e a classe inferior, 74% A percentagem de mortes violentas diminuiu, o que indica que vidas mais civilizadas estavam sendo experimentadas nessa ocasião, em confronte com a Idade das Trevas. Assim como a classe média passou de 20 para 289 da amostra, assim também a percentagem das mortes naturais subiu para 58%. Havia indícios de maior número de mortes na guerra, e vinte e sei sujeitos morreram guerreando. Algumas dessas mortes parecem ter ocorridi nas Cruzadas, mas outras, aparentemente, resultaram de escaramuças locais entre duques e fidalgos europeus.

Catorze, ou 10%, dos meus sujeitos em 1200 foram para o Oriente Próximo, onde a vida, nessa época, parece ter sido mais marcada pela pobreza do que nos períodos correspondentes a 400 d.C. e a 800 d.C.

Os questionários fornecem uma imagem variada das vidas nos tempos medievais.

2ª Viagem
Sexo Mulher como mulher.
Local Nenhum especificado.
Aparência Pés calosos e disformes, sujos. Cabelos pretos, grosseiros, desgrenhados, com um pano amarrado na cabeça.
Trajes Vestido de pano grosseiro, largo, acastanhado, sem sapatos.
Paisagem e terreno “Quente — ao pé de um rio largo e sujo.” Casas de arenito e rua empedrada.
Comida e horários das refeições Repartiu uma panqueca enrolada, com recheio de carne, com três irmãos e a mãe. Faminta. Tão preocupada com a comida que tudo o mais carecia de importância.

Atividades na infância “Eu brincava com outras crianças e me balançava num tronco caído.” Aos 5 anos de idade, atirava-se, nua, às águas do rio.
Atividades na vida adulta “Mãe de três filhos. Nenhum marido presente.” Cuidava das crianças, cozinhava, lavava a roupa.
Morte Morreu com 50 e poucos anos. “Sufocada na lama, pisada pela multidão” enquanto procurava comida. Uma época de fome terrível. “Ainda bem que a vida acabou.” Viu um corpo frágil, magro, e despediu um suspiro de alívio. “A fome era muito real.” O período de tempo escolhido foi o de 1200 d.C.
Conexões cármicas Não se espedficou nenhuma.

3ª Viagem
Sexo Mulher como mulher.
Local Quioto, Japão.
Aparência “Possuo cabelos macios, pesados, sedosos” e mãos delicadas.
Trajes “Tecido longo, brilhante, turquesa, com uma larga faixa de pano na cintura.” Nos pés usava chinelos com meias, “com as correias dos chinelos subindo pelas meias.”
Paisagem e terreno “Clima de outono, tempo fresco, montanhas ao fundo.”
Evento comunitário “Festa da colheita. Eu me sentia meio alheada e teria preferido participar de uma cerimônia do chá.”
Jornada Um animal puxava uma carroça da aldeia natal a um templo. As montanhas ficavam ao fundo.
Cerimônia religiosa Uma cerimônia para a boa colheita. “Era exatamente onde eu desejava estar. Cerimônia espiritualmente bela. Havia um cálice do qual bebemos uma bebida parecida com vinho, mas de gosto amargo. O cálice estava marcado com o desenho de um pássaro do qual emanavam raios. Logo acima do pássaro via-se um círculo, que poderia ter sido o sol.” Havia “sons tilintantes, como de sinos, e outros, agudos, e cantos.” Ela trajava um vestido completo de alguma coisa parecida com seda, que viu em cores.
Morte Morreu em 1092, aparentemente envenenada, “caindo no meio da rua, segurando meu abdome”. O corpo foi cremado.
Conexões cármicas Não se fez menção de nenhuma.

2ª Viagem
Sexo Homem como homem.
Local Em algum lugar na região ocidental dos Estados Unidos. Montanha cercada de planícies.
Aparência “Cabelos longos, corridos e pretos, pele abaçanada; muito, muito

saudável.”
Trajes Tanga, descalço.
Paisagem e terreno Como a Califórnia, ou a região ocidental dos Estados Unidos, com clima agradável. Sem construções à vista. .
Comida e horários das refeições “Nacos de came seca e frutas. Adequada. A comida não é importante.” Vinte ou trinta famílias viviam ali. Ele comia com outras sete ou oito pessoas.
Atividades na infância “Aprendi a fazer instrumentos, a fazer buracos na pedra, como se fosse para um cano.”
Atividades na vida adulta “Mudei-me para a montanha com minha mulher. Aos poucos vieram juntar-se a nós amigos em comunhão espiritual. Grupo pequeno, que vivia em comunidade. Construíamos ‘tepees’ cônicos.”
Morte Morreu aos 35 anos de idade. “Caí nas montanhas enquanto as estava escalando. As rochas desmoronaram debaixo de minhas mãos e escorreguei de pé, olhando para a montanha.” A morte não foi “momentosa”. Não percebeu a transição para ela. Enquanto ainda estava escorregando, já não se achava em seu corpo; “apenas fui alçado para cima da montanha.” O período escolhido havia sido 1200 d.C.
Conexões cármicas “Tive professor de cabelos brancos, de rosto intensíssimo. Muito sábio, conheci-o em outras vidas.” Notou também uma mulher, que era a mesma em todas as vidas.

2ª Viagem
Sexo Mulher como homem.
Local Norte da Inglaterra. Hexham Abbey.
Aparência Corpo magro, parco, ossudo, alto. “Tonsura, aliás grisalha.”
Trajes Usava sandálias e tinha os pés sujos. “Roupeta grosseira e parda de monge, cinto de corda, cilício doloroso.”
Paisagem e terreno Pastoral, aldeia. “Eu vivia no mosteiro”, parcialmente construído. Também se viam prédios rústicos de madeira.
Comida e horários das refeições Nabos, muito picantes e amarelos. O pai e outros lá estavam. “Eu me sentia sem importância.”
Atividades na infância Tomava conta dos animais e usava uma túnica grosseira com perneiras de pano. Aos dezessete anos, “desejava retirar-me, ser frade.”
Atividades na vida adulta “No mosteiro também cuido de animais. A vida é dura. Rezo a intervalos regulares. Desço à noite as escadas para fazer as primeiras orações do dia. Frio, desolado. Ouço os cantos.”
Morte Morreu aos 61 anos, em 1225 d.C., de um tumor nos intestinos. “A vida

foi dura - penosa — e assim é a morte.” O ensinamento religioso era “sinistro, com ameaças de inferno e danação.” A experiência do espírito deixando o corpo foi de alívio. “Contemplo o corpo - e vejo-o bem gasto.”
Conexões cármicas “Os animais - não sinto nenhuma conexão com pessoas; fui atraído para cá - têm tido uma experiência verdadeira neste mosteiro. Sensação vigorosa, enquanto estava sentado na escada, de que já estivera antes ali como monge.”

2ª Viagem
Sexo Mulher como mulher.
Local Em algum lugar do Oriente Médio, num castelo de tipo europeu. Talvez na Turquia.
Aparência “Pés bonitos e finos”. Cabelos compridos, macios, não totalmente pretos, mas escuros. Mãos delicadas, sensíveis.
Trajes “Sandálias de couro fino, roupa leve e esvoaçante.”
Paisagem e terreno Região rural, clima ameno, com herdades, morros baixos. Um castelo e sua aldeia.
Comida e horários das refeições Um grupo estava comendo; “uma espécie de família”.
Atividades na infância “Muito protegida - aprendi a fiar, costurar, etc.”
Atividades na vida adulta “Andei por ali. Passei basicamente todo o tempo dentro do castelo, sem responsabilidades. Às vezes festejada pelas pessoas, mas não habitualmente.”
Morte “Morri aos vinte e poucos anos.” A causa da morte foi suicídio. “Eu desejava simplesmente ir embora.” Quis ter algum adestramento religioso, mas não tive nenhum. “Depois de deixar o corpo, simplesmente me dissipei, como se dissipou toda aquela consciência. A data da morte foi 1297.
Conexões cármicas Um homem que ela amou naquela vida é uma mulher com quem se encontra, às vezes, nesta e que lhe dá alguns aborrecimentos.

2ª Viagem
Sexo Mulher como mulher.
Local Judéia.
Aparência Cabelos escuros, ondulados, entre grosseiros e médios, pele clara.
Trajes Vestido comprido e largo, com cinto de corda.
Paisagem e terreno Quente e um tanto árido; perto do rio, morros visíveis na margem oposta.
Comida e horários das refeições Carne, pão, frutas. Pais e irmãos presentes.

Atividades na infância Cantava, tocava uma pequena harpa.
Atividades na vida adulta Foi mãe, esposa, dona de casa, teceu.
Morte Morreu aos trinta e tantos ou quarenta e tantos anos, depois de cair em consequência de um ataque que sofreu. Lamentou deixar tão cedo os filhos pequenos e o marido consternado. A época era mais ou menos 1300. Os ensinamentos religiosos inculcavam a crença numa vida futura.

11. VIDAS DESDE 1500 ATÉ AO SÉCULO XX

A vida em 1500 d.C.

Cento e trinta e oito dos meus sujeitos, ou 13% da amostra, regrediram a vidas no século XVI, em confronto com os 10% que retomaram a vidas no século XIII e os 6% que voltaram a vidas no século IX. Isso quer dizer que a população dobrou com sobras do século IX ao século XVI Nesse período, 51% dos meus sujeitos tiveram vidas masculinas e 49% femininas. A sociedade parecia mais civilizada em 1500 do que em 1200. 8% de minha amostra pertenciam à classe superior, 30% à classe média, 62% à classe inferior. Em 1500, eram maiores do que antes as probabilidades de que meus sujeitos se tornassem artesãos, oficiais ou pessoas que utilizavam uma habilidade qualquer num contexto civilizado. A maioria das vidas continuava simples; as pessoas viviam da terra e se vestiam e comiam modestamente. As causas de óbito em 1500 foram naturais em 62% dos casos, isto é, verificou-se um aumento de 6% em relação a 1200. Houve, correspondentemente, menor quantidade de mortes violentas, ou seja, 19% comparados a 24% em 1200. A vida estava mais estabilizada e parecia haver menos perigo da parte de bandos saqueadores ou de guerra locais. Imaginei poder arregimentar uma quantidade de marinheiros em1500, porque essa é a imagem que tem a nossa cultura da principal atividade naquele tempo, mas apenas seis sujeitos declararam estar em navios ou envolvidos em exploração, o que dá menos de 3% da amostra nesse período

O fato de que apenas 7% dos meus sujeitos foram para o Oriente Próximo em 1500 indica uma diminuição sistemática do número de sujeito no Oriente Próximo, eis que o ponto alto das vidas descritas naquela área foi o período correspondente ao ano 25 d.C. Seis dentre eles se cobriam com túnicas grosseiras de serapilheira, como já o tinham feito na mesma região em épocas anteriores. Entretanto, uma vida no Oriente Próximo mostrou uma mulher vestindo “uma saia grosseira mas sem nada na parti superior”, o que dá a entender um estilo diferente de roupa. Essa modo, foi descrita perto do Mar Negro, e talvez refletisse uma vida nômade na região caucasiana, muito mais que uma vida nas regiões povoadas do Oriente Próximo. Na Mesopotâmia em 1500, a cultura era manifestamente mais típica do Império otomano.

No século XVI, a maioria das regressões a vidas anteriores foi experimentada tanto no sul quanto no norte da Europa. As pessoas que se

vestiam bem representavam uma pequena parcela do total; a maioria usava uma variação mais comprida das túnicas vistas no período de 1200 d.C. Os homens estavam começando a vestir calças e, na minha amostra, entre os sujeitos do sexo masculino, as calças sobrepujavam as túnicas na proporção de três para um.

6% dos meus sujeitos foram para a América do Sul em 1500. Três pareciam viver nas regiões andinas do Peru e os outros três levavam existências primitivas espalhados por várias partes do continente.

Só três sujeitos da minha amostra estavam na América do Norte em 1500. Dois viveram vidas de índios, mas o terceiro, aparentemente, me proporcionou a primeira descrição que tive da existência de um caucasiano no continente norte-americano.

Três sujeitos viveram na África em 1500. Um deles, membro da classe média no Egito, exibia um estilo de roupa mais típico dos trajes usados nos países muçulmanos do que dos costumes egípcios descritos nos períodos anteriores ao advento de Cristo. Os edifícios eram praticamente os mesmos, mas o esbanjamento era maior do que nas eras precedentes.

Os relatos que se seguem descrevem regressões realizadas no período correspondente a 1500 d.C.

3ª Viagem

Sexo Mulher como homem.

Local América do Sul - Peru.

Aparência Cabelos pretos, grosseiros. Mãos pequenas, de criança.

Trajes "Uma charpa vistosa amarrada na cabeça (e não debaixo do queixo) quando criança. Pingente. Ponchos — brilhantemente coloridos."

Paisagem e terreno Muito frio. Vales, montanhas com neve.

Evento comunitário "Ouvindo o som de uma porção de sinos e sinetas, fiquei observando os trajes aparatosos, de cores vivas, e os homens que carregavam uma liteira — seria um sacrifício? Senti-me muito bem, mas um pouco triste."

Jornada Feita a pé e no dorso de lhamas, da aldeia até um retiro na montanha. Observações durante a viagem: "A aldeia que se distanciava cada vez mais, as montanhas, os vales, e a lhama, muito dócil."

Cerimônia religiosa "Minha jornada foi uma espécie de rito da purberdade. Uma meditação nas montanhas." Os sons eram sinos, chocalhos, tinidos como de milhares de coisas de metal que batessem umas nas outras segundo um padrão rítmico. A cerimônia visava ao ingresso na virilidade. Os sentimentos foram de regozijo, de olhar para a frente, de abarcar todas as sensações."

Morte Morreu aos 70 anos de idade. Período de tempo escolhido: 1500. O corpo

muito velho, vestido, num esquife alçado, foi cremado.

1ª Viagem
Sexo Mulher como homem.
Local Normandia.
Aparência “Louro, forte, de estatura mdia, cabeludo, calejado.”
Trajes Roupas de cavaleiro, prateadas ou cinzentas, como as roupas interiores de um uniforme de cavaleiro. Sapatos cor de prata, polidos e arredondados, possivelmente com esporas.
Paisagem e terreno “Árvores, rio, exuberância e frio.” Sobre um castelo com um cimo redondo, ou cônico, recoberto de metal, tremula um pendão. Outros edifícios de pedra.
Comida e horários das refeições “Macarrão, verduras claras e folhudas, um bom pedaço de carne.” A comida é servida em pratos singelos de estanho com um garfo de dois dentes.
Evento comunitário “Cavaleiros a cavalo investindo uns com os outros, armados de longas lanças de metal. Torneio como nos tempos do Rei Artur, cães na trela seguros por uma mulher.
Obtenção de suprimentos Foi ao mercado numa carroça de madeira tirada por cavalos a fim de comprar farinha grossa de cereais. A praça do mercado dava a impressão de ser uma “cidade fantasma do ocidente”. O dinheiro usado exibia uma coroa no anverso e três folhas no verso.
Morte Morreu aos 84 anos, de causas naturais. Sentimentos a respeito da morte: “Pacifica e leve sensação de levantamento; estou pronto, cansado, sofrido, só. Período de tempo escolhido: 1500.

1ª Viagem
Sexo Mulher como mulher.
Local Holanda (Amsterdã?).
Aparência Cabelos escuros, grossos; mãos desgraciosas, que trabalham.
Trajes “Vestido forte, ralo de tanto uso, de cor escura; avental branco; touca de linha com debruns de rendas. Tamancos de madeira, velhos, presos aos pés por tira de pano. ”
Paisagem e terreno “Aldeia num platô. Morros em tomo. Clima quente, seco. Barraca de mercado feitas de madeira, casas de madeira.”
Comida e horários das refeições “Pão, verduras, frutos vermelhos, como ameixas ou tomates, vagens.” Comia em tigelas de barro com colheres de madeira. O marido e o filho também estavam comendo.

Evento comunitário “O circo chegou à cidade. Carroças puxadas por cavalos cheias de palhaços, acrobatas, brincalhões. Eles flertam comigo na frente dos outros espectadores. Sinto-me lisonjeada e encabulada. Vejo-me como uma mulher sem graça, e um tanto ou quanto martirizada.”
Obtenção de suprimentos Ia ao mercado a pé ou em carroças tiradas por cavalos. Os suprimentos adquiridos eram vagens e frutos vermelhos, como ameixas. A praça do mercado consistia em barracas de madeira com carroças de mantimento; As barracas eram separadas por cortinas de pano. Como dinheiro, usavam-se moedas de ouro do tamanho de uma moeda norte-americana de 50 centavos com um rosto de um lado e uma árvore do outro.
Morte Morreu com mais de oitenta anos, em 1589 d.C. de velhice. O sentimento respeito da morte foi de “aceitação — senti que já era chegado o momento, resignação”. Sentimentos após a morte: “Alívio — recapitulou a própria existência e reconheceu que perdera muitas alegrias na vida.”

3ª Viagem
Sexo Mulher como mulher.
Local Sul da Ásia.
Aparência As mãos tinham dedos de um moreno claro, bem formados, meticulosamente manicurados. Cabelos finos, macios. Pés compactos, bem manicurados.
Trajes “Vestido amarelo claro, semelhante ao sarongue. Sandálias simples.”
Paisagem e terreno Montanhas; terreno suave de jângal.
Evento comunitário “Mamãe supervisando templo/convento. Mulher muito meiga. Ela me amava muito — incondicionalmente. Palha no chão e nas paredes, tetos pintados.”
Jomada “Zona rural — reparei nas pessoas que chegavam ao templo para ser curadas pelas mulheres.” A jornada foi feita sobre um monte de feno, num carro de duas rodas.
Cerimônia religiosa “Movimento com luzes. As pessoas formavam uma fila comprida e empunhavam objetos e luz sobre as cabeças. Comemoração da Primavera ou do Nascimento.” Sentiu-se leve e serenamente feliz.
Morte O tempo escolhido foi o século XVII. Morreu aos trinta e tantos anos. Causou-lhe a morte uma espécie qualquer de doença com febre. Experimentou “libertação somente” após a morte.

A vida em 1700

Por volta do século XVIII a vida melhorara na maior parte das regiões do mundo, mormente na Europa, onde se usavam roupas bonitas e as idades se haviam tornado quase tão populosas quanto a zona rural. Releva notar que, pela primeira vez, se registrou abundância de mulheres: 52%, em comparação com 48% de homens. A classe superior era representada por 10% dos meus sujeitos. 30% pertenciam à classe média, mas a maioria, 60%, ainda era incluída na classe inferior. A causa da morte variava em relação os períodos de tempo anteriores, mas por pequena margem. Um número maior de pessoas morreu de morte natural — 64% — do que nos primeiros períodos. A percentagem de mortes violentas foi de 16% e a de mortes acidentais, de 17%.

Só 12% da minha amostra se achavam no Oriente Próximo em 1700. Desses, um sujeito era um europeu que vivia na Turquia. É interessante notar que começo a ter notícia da presença de europeus em partes distantes do mundo no século XVIII, á proporção que os países europeus se põem a colonizar outros continentes. 63% dos meus sujeitos se encontravam na Europa mediterrânea e no norte da Europa no século XVIII. Em 1700, pela rimeira vez, um número ponderável (2l%) dos meus sujeitos estava na América do Norte, representando três raças: o caucasiano, o negro e o índio. 4% dos meus sujeitos foram para a América do Sul e, mais uma vez, os cauasianos constituíam prova da colonização branca naquela parte do mundo.

A amostragem de relatos, que se segue, retrata a vida em pleno século XVIII.

2ª Viagem
Sexo Mulher como homem.
Local Turquia - Mersin - Oceano Azul.
Aparência Cabelos negros, encaracolados, macios; mãos e pés pequenos. Um menino
Trajes Sandálias, toga azul.
Paisagem e terreno Arenoso, rochoso, com morros verdes. Clima ensolarado e quente Grande edifício de colunas brancas, em ruínas.
Comida e horários das refeições “Qualquer coisa doce e grudenta.” Havia ali muito amigos e um pai careca.
Atividades na infância “Eu brincava com uma vara e uma pedra com meus amigos Fazia joias.”
Atividades na vida adulta “Professor. Cortando uma tabuinha de pedra com um cinzel. Eu via as crianças — todos meninos — pequenas, ouvindo com muita atenção.

Morte Morto aos 23 anos em 1715 d.C. A morte foi causada por ter sido ele atropelado por um coche de quatro rodas, que lhe passou por cima do corpo. Sentimento acerca da morte: “Raiva — feito de propósito por um ‘amigo’.” Não consegue lembrar-se dos ensinamentos religiosos, mas havia qualquer coisa relacionada com Olímpia. A experiência ao deixar o corpo: “Pesaroso, mas feliz”.
Conexões cármicas “O melhor amigo, então homem, é amigo nesta vida. Outro amigo me matou.”

1ª Viagem
Sexo Homem como homem.
Local Costa setentrional do Mediterrâneo.
Aparência “Mãos grandes, revestidas de pelos escuros, com um anel. Cabelos loiros.
Trajes “Calças cor de lavanda, que lhe chegavam abaixo dos joelhos. Camisa branca; ondulante, de seda quase crua. Sapatos baixos de couro, meias brancas, parecia haver uma fivela de ouro nos sapatos.”
Paisagem e terreno “A bordo de um navio que se fazia à vela. No porto, clima quente. Sentia-me mediterrâneo.” Via principalmente edifícios de dois andares. “Vários na rua defronte do dique em que o navio estava amarrado — tetos de ardósia cinzenta.”
Comida e horários das refeições “Uma espécie qualquer de carne com molho pardo. Comia-se numa tigela rasa com um garfo de três dentes.
Evento comunitário “Uma comemoração qualquer — não estou certo acerca do significado.”
Obtenção de suprimentos Só havia um método de obter suprimentos: ir buscá-los a pé na praça do mercado era um grande centro mercantil — tranquilo, se excetuamos os barulhos externos de carros e cavalos que passavam. Compravam-se arroz e mercadorias secas com papel-moeda, de cor parda, e várias moedas grandes de ouro ou de cobre.
Morte Morreu com 35 anos de idade, ferido por um espadeirada, num duelo. A data da morte foi 1725. Não havia medo da morte. Sentimentos após a morte: “Liberdade - o espírito flutuava livre - apesar da escuridão, calmo e excitado ao mesmo tempo.”

1ª Viagem
Sexo Homem como mulher.
Local Inglaterra — West Chester.

Aparência “Dedos longos muito brancos.”
Trajes “Sapatos de couro, pretos. Blusa macia, de listras brancas e pretas com gola larga, muito larga. Rendas em torno da gola. Saia cheia, macia. Muitas roupas interiores.” Usava um anel de ouro com faixa larga.
Paisagem e terreno “Morros ondulados, muita relva verde e árvores. Da minha janela eu avistava um grupo de construções com telhados de colmo ... talvez um celeiro ou um depósito de cereais.”
Comida e horários de refeições “Carne assada ... muito condimentada”. Comia-se num prato octogonal azul claro. Um homem, outra mulher, uma criança e um irmão também estavam comendo.
Evento comunitário Não se fez menção de nenhum.
Obtenção de suprimentos O método de viagem até ao mercado era uma charrete ou um coche. Os suprimentos adquiridos foram material de cetim azul e linha. A compra se fez numa loja pequena com uma porção de janelinhas. “A palavra ‘Varsóvia’ estava escrita numa folha de ouro na janela.”Os suprimentos foram adquiridos com moedas de ouro nas quais se via a cabeça de um homem”.
Morte Data da morte: 12 de junho de 1726, aos 26 anos de idade. Causa da morte: o tombo que levou de um cavalo. Sentimentos acerca da morte: “Jason vai sentir tanto!” Sentimentos após a morte: “Que pena que não fui mais cuidadosa!”

3ª Viagem
Sexo Homem como mulher.
Local Ceilão, *Índia*.
Aparência Cabelos pretos, mãos trigueiras.
Trajes Sandálias de madeira, vestido curto, de cores muito vivas, sobre vestido comprido.
Paisagem e terreno “Morros e planícies, selva, oceano, calor, mormaço, muita chuva.”
Evento comunitário Muitas festas religiosas.
fornada Feita em lombo de cavalo ou de burro de Ceilão a Darjeeling via Ganges e Benares, depois pelas montanhas.
Cerimônia religiosa Usava uma roupa que lhe envolvia o corpo. Era músico. Seguidor de Rama. O propósito da cerimônia tinha uma relação qualquer com Kali.
Morte Morreu aos 48 anos de idade, de uma febre. O corpo estava balofo e os cabelos grisalhos nas têmporas. Foi cremado. Data da morte: 1746.
Conexões cármicas: Música.

1ª Viagem
Sexo Homem como homem.
Local Ilhas do sul do Pacífico.
Aparência Cabeça calva ou raspada. Caucasiano; escuro e cabeludo, com um bigode.
Trajes "Calças largas, camisa listrada, gorro de pescador. Sapatos rijos, confortáveis, não são botas."
Paisagem e terreno "No mar, ensolarado, quente, leve brisa refrescante, tranquila." Avistava-se a casinhola.
Comida e horários das refeições "Comida dura, salgada. Bebida grossa, de gosto forte." Comia-se em pratos fundos, de oito ou nove polegadas de diâmetro. Um velho de cabelos brancos estava comendo ali perto, sossegado; além de outro homem, infeliz e desconfiado, que "eu tolero".
Evento comunitário "Os nativos se aproximam, em canoas, do nosso navio. Desembarcamos na ilha, linda, povo maravilhosamente amistoso. Decido ficar com alguns outros."
Obtenção de suprimentos Viajava-se a pé em busca de suprimentos. No clima quente a areia queimava os pés descalços. Os suprimentos comprados foram frutas, cocos e peixes. A praça do mercado, aberta, não era realmente um mercado. As pessoas barganhavam e todas pareciam felizes. Usavam-se, à guisa de dinheiro, pérolas e conchinhas bonitinhas. .
Morte A morte, ocorrida em 1782 d.C., foi causada por um ataque de guerreiros vindo do mar, "Fogo, pânico cego, agora só eu, fogo, minha casa ruindo à minha volta." Era um homem de "meia idade". Sentimentos após a morte: "Nenhum, estou flutuando de volta à minha nuvem."

A vida em 1850

Em 1850, o número de casos salta dos 123 de 1700 para 213, aumentando quase 100%. Dobrara a população? Na minha amostra dobrou. As percentagens de homens e mulheres eram praticamente idênticas: 50,59 de homens e 49,5% de mulheres. Quanto mais casos tenho numa amostra tanto mais se aproxima dos 50/50 a relação que deles resulta. O número de vidas da classe superior diminuiu um pouquinho, para 7%, em 1850 Tantos sujeitos estavam ativos em colônias nas Américas, na África do Sul e em outras partes do mundo que, aparentemente, não tinham muito tempo para a espécie de vida requintada que se vivia na Europa em 1700. A classe média, porém, revela um aumento.

Embora vivessem com simplicidade muitos sujeitos possuíam habilidades e não eram apenas agricultores que amanhavam a terra. 34% deles podem ser classificados como artesãos, ou oficiais de um ofício qualquer. 59% dos componentes da amostra viviam como membros dá classe inferior.

O progresso manifestou-se nas áreas da longevidade e das espécies de mortes. Houve um número menor de mortes acidentais e violentas do que em todos os períodos anteriores. 64% de sujeitos morreram de velhice ou de doença. Verificou-se menor número de mortes de criancinhas do que em quadros anteriores.

O Oriente Próximo, onde tantos sujeitos viveram vidas tão fascinantes nos períodos anteriores ao advento de Jesus Cristo, foi representado por apenas três sujeitos, ou seja, 1% de todas as vidas vividas em 1850.

A vida na Ásia era consideravelmente mais colorida e civilizada em 1850 do que o fora nas fases precedentes. Vinte dos meus sujeitos foram para a Ásia, onde a maioria vivia em centros civilizados, sendo que os antigos nativos vestidos de couro eram representados por duas únicas regressões.

Um total de 32% dos meus sujeitos foi para a Europa no período correspondente a 1850. As vidas pareciam agora mais civilizadas do que em outros tempos, conquanto a maior parte do aparato e das roupa bonitas presentes nas regressões europeias no século XVIII houvesse desaparecido.

Os 50%, ou 106 sujeitos, que regrediram para existências passadas nos Estados Unidos em 1850 apresentavam um panorama autêntico da vida neste país durante o ultimo século. Dois terços, mais ou menos, localizavam-se no Leste e no Centro-Oeste. Alguns viviam em Boston, Nova Iorque e Baltimore, mas a maioria morava em cidadezinhas ou fazendas. Muitos se mudaram no transcorrer desse período; começavam a vida num lugar e depois acabavam tocando mais para oeste. Somente uma terça parte deles se localizara a oeste do rio Mississipi, e muitos habitavam nos Estados das Planícies. A maioria dos meus sujeitos vinha, de fato, da Califórnia, mas das 106 vidas no século XIX só tive notícia de cinco transcorridas na Califórnia. Várias existências foram vividas como índios no século XIX, quatro eram de negros e os demais pareciam ser de caucasianos.

Eu supunha que um bom número de sujeitos regrediria para vidas passadas na Guerra Civil americana por se tratar de uma era amplamente retratada em livros de história, fitas de cinema e televisão — mas parece que só três foram soldados durante a Guerra Civil. Em 1850, 5% estavam na América do Sul, e 3% na África. Cinco destes últimos viveram como nativos primitivos, mas a sexta vida foi a de um soldado britânico na África do Sul.

Os relatos seguintes fornecem uma amostragem final de vidas passadas,

as experimentadas no século XIX.

1ª Viagem
Sexo Homem como homem.
Local Inglaterra, talvez perto de Southampton.
Aparência Cabelos castanhos, crespos, presos num rabicho. Às vezes, usava uma peruca branca, empoada.
Trajes Os sapatos eram de couro reluzente com fivelas quadradas. As meias lhe chegavam até aos joelhos e as calças também lhe chegavam até aos joelhos; além disso, usava um colete comprido.
Paisagem e terreno "Baía de Bristol, porto de mar, praia, morros entorno, estradas pavimentadas com pedras, nuvens que se movem céleres, o sol baixo e brilhante além." Edifícios de três ou quatro andares, com telhados pontudos, arcabouço de pedra ou de madeira.
Comida e horários das refeições "Torta de carne, purê de batatas?" Borrachos, carneiro. Utensílios descritos: garfo de três dentes, faca e prato de metal opaco.
Evento comunitário "A cavalo, à frente de alguns guardas, alcancei um homem importante em seu coche e o detive (Sou capitão do 'Serviço')."
Obtenção de suprimentos O dinheiro era uma moeda do tamanho de uma moeda de 50 centavos norte-americanos, de ouro, com a efígie de um homem narigudo com um chinó na cabeça. "Por Deus e pela Pátria" estava escrito na moeda. Comprou-se munição, balas e pólvora, que foram colocadas em carroças. Os homens estavam voltando de uma batalha.
Morte Morreu em 1834, aos 34 anos. Baleado no peito por cavaleiros mandados "à minha casa pelo homem que eu detive". Sentimentos após a morte: "Felicidade, amor a todos os presentes à cena da morte, abaixo de mim, quando deixei o corpo".

1ª Viagem
Sexo Mulher como mulher.
Local Inglaterra.
Aparência "Peruca rebuscada, branca, armada, alta."
Trajes Chinelinhos brancos. Roupas primorosas com corpete de seda azul, bem apertado, e saia branca de rendas. Estilo francês.
Paisagem e terreno "Verde - fora, na região rural, numa espécie de castelo ou povoado autônomo. Dia bonito." Os únicos edifícios estão associados ao castelo. "Floresta. Grandes árvores verdes. Lembra uma área rural inglesa."
Comida e horários das refeições "Pão e cozido" comidos em pratos hexagonais

de estanho ou cor de prata.
Evento comunitário “Feira rural”.
Obtenção de suprimentos Usavam-se grandes notas de dinheiro-papel, cor de camurça, com dois círculos estampados, para comprar suprimentos. Os suprimentos eram panos de seda. Ela ia ao mercado numa carruagem.
Morte Morreu aos 30 ou 40 anos de idade, tísica. “Morri na cama - como se me fosse gastando, até desaparecer.” Sentimentos após a morte: “Que vida boba, jogada fora!” E ajuntou: “Eu não podia reconciliar o fato de estar vestida segundo a moda francesa do século XVII, vivendo no meio de pessoas que se vestiam segundo a moda inglesa do mesmo século - uma impressão muito vívida.” Não obstante, a data revelada por ocasião da morte foi o ano de 1848.

1ª Viagem
Sexo Mulher como mulher.
Local Europa (área não especificada).
Aparência Cabelos “loiros, bastos”, com formosas tranças compridas. Tez branca.
Trajes “Saia comprida, azul marinho, avental branco, meias brancas, touca branca de rendas com bicos. Tamancos de madeira.”
Paisagem e terreno “Morros verdes e ondulados — verde a relva e árvores verdes, ar frio e úmido, dia de sol.” Pequenas casas de fazenda espalhadas por ali.
Comida e horários das refeições “Sopa quente e grossa, como um borche de cebolas”, comida em tigelas de madeira, com colheres de madeira coloridas, pintadas de flores. A refeição foi feita a uma longa mesa de madeira com mais dez pessoas. “Eu estava no meio”. Era uma “família feliz.”
Evento comunitário “O casamento de minha irmã. Eu também me vestira de branco. Vestidos de rendas, danças. Segurando as mãos.”
Obtenção de suprimentos Foi ao mercado em carroça puxada por cavalo. “Eu estava sentada atrás, nos bancos colocados dos lados da carroça." As moedas usadas tinham a efígie da Rainha.
Morte Morta em 1860, aos 10 anos de idade. “Eu estava patinando no gelo e não quis entrar quando minha mãe me chamou. Apanhei uma pneumonia e morri.” Sentimentos acerca da morte: “Calma, tristeza por deixar a família.”

1ª Viagem
Sexo Mulher como mulher.
Local Tulsa, Oklahoma.

Aparência Cabelos louros, macios, encaracolados e longos.
Trajes Vestido de riscadinho, cor-de-rosa e branco, de material grosseiro, corpete ajustado, sem cinto, diversas saias. Sapatos Mary Janes pretos de pontas redondas, meias brancas. “Devo andar por volta dos 18 ou 20 anos.” Mãos cobertas de luvas curtas, brancas, transparentes.
Paisagem e terreno “Quente, seco, ensolarado e claro — ricos e verdes morros ondulados - férteis - algumas flores - uma lagoa.” Viu uma casa caiada, que lhe pareceu de fazenda, com uma grande varanda na frente e um balanço.
Comida e horários das refeições Canjica com manteiga, sal e pimenta, servida a uma mesa tosca. Comia numa tigela branca com filetes azuis e pires para combinar. Usava uma simples colher de metal. “Vovô à direita, mamãe do outro lado da mesa (Sonja) — alguém à esquerda, mas não está muito claro.”
Evento comunitário “Carnaval. Eu era mais moça (6-8 anos).” Usava um vestido azul e me sentia muito feliz, emocionada. “Tive um ‘vislumbre’ de alguém se afogando no lago durante o carnaval.”
Obtenção de suprimentos Foi à cidade num trole. “Comprei uma fazenda azul com flores vermelhas.” Era uma loja do interior. “Paguei com notas marrons e brancas (U. S. Grant? alguns números) maiores do que as atuais.”
Morte Morreu em 1867, aos 88 anos. “Caí e quebrei a bacia e as costas. Nenhuma dor, calma. Vestido preto, gola branca, cabelos brancos.” Os sentimentos acerca da morte são “muito serenos, como estão todos os outros à minha volta.” Sentimento após a morte: “Leve e etérea. Atirei beijos aos membros da família. Ninguém estava muito triste nem mórbido. Foi muito ‘fácil’.”

3ª Viagem
Sexo Mulher como mulher.
Local Finlândia ou Suécia.
Aparência Cabelos muito louros, brilhantes, sedosos, dispostos em tranças. Mãos pequenas de criança.
Trajes Sapatos de couro marrom com correias, vestido com aventalzinho.
Paisagem e terreno “Num campo de centeio em que está sendo processada a colheita. Tempo quente, ensolarado.”
Evento comunitário “O batismo de uma criancinha ou um acontecimento qualquer ligado à criancinha.”
Jornada “Feita numa carroça puxada por um cavalo. De uma cidade ao velho casarão de minha tia.” No correr da jornada viu “uma casa de madeira assobradada com uma roda de carroça na frente.”

Cerimônia religiosa Um casamento, em que usou um vestido branco e se sentiu feliz. Ouviu cantar.
Morte Morreu, mais ou menos, com a idade de 10 anos em 1877. O corpo estava marcado de feridas. A causa da morte foi “uma moléstia, varíola, qualquer coisa assim.” Depois da morte: “Eu não queria deixar meu corpo, relutando em morrer. Senti muita pena de minha mãe, que estava sofrendo.” O corpo foi enterrado num caixão simples de madeira.

A vida no século XX

Quarenta e sete, ou 4%, dos meus sujeitos descreveram vidas vividas pelo menos numa parte do século XX. As cifras da distribuição das classes sociais são muito parecidas com as da mesma distribuição em 1850: 6% na classe superior, 30% na classe média e 64% na classe inferior. A principal liferença no século XX reside na causa da morte: 47% das mortes relatadas neste século foram naturais, 13% acidentais, e 32%, violentas. A maior parte das mortes violentas ocorreu na Primeira e na Segunda Guerra Mundial, e não pude deixar de especular sobre a possibilidade de que as pessoas mortas violentamente se reencarnam muito mais depressa do que as que morrem naturalmente. A amostra, muito pequena, não serve de base para uma conclusão, mas justifica pesquisas adicionais.

Nem todas as mortes na guerra no século XX resultaram de armas sofisticadas e bombas. Um sujeito do sexo masculino viveu uma vida primitiva numa ilha dos Mares do Sul. “Estou descalço e em pé num bote com fasquias de madeira e água por baixo, usando uma espécie de roupa tecida e estampada, muito justa nas ancas. Parece ter uma franja de relva. Meus cabelos são pretos, compridos e mais crespos do que corridos. Sou um homem. Quando você me perguntou a respeito da paisagem, vi uma ilha montanhosa com muitas florestas e outras ilhas por perto. O evento comunitário foi um grupo de homens que se preparavam para invadir a ilha vizinha. Nossa jornada fez-se em botes com remos compridos. Quando nos aproximamos da ilha, avistamos uma aldeia. Batíamos nossas lanças no fundo do bote como um grito de guerra. Folguei de ver que o nosso ataque era de surpresa, e entramos na aldeia sem ser pressentidos. A cerimônia religiosa consiste na preparação para a guerra, com homens pintados e mulheres observando do perímetro. As mulheres estão nuas. Os sons musicais são cantos, e as espigas de madeira são percutidas ao mesmo tempo. O propósito da cerimônia é pedir a proteção dos deuses; meus sentimentos variam entre a excitação, o orgulho e o medo.”

12. QUE SIGNIFICA TUDO ISSO?

Os gráficos e tabelas constantes do Capítulo 8 resumem em termos numéricos conclusões baseadas em milhares de horas gastas em perambulações pelo cérebro direito de outras pessoas. Quando recuo o olhar para todas essas horas, uma montagem de impressões fica comigo.

Lembro-me do sentimento de frustração dos sujeitos (aproximadamente 10%) que não foram capazes de captar quaisquer impressões ou que mergulharam num sono profundo durante a primeira indução e só acordaram quando eu os trouxe de volta à realidade. Eles me perguntavam, “Isso acontece porque nunca tive outra vida antes desta?” Lembro-me de haver rido e dito que não tinha a menor ideia a respeito; mas, à proporção que progrediram meus seminários, comecei a identificar com maior precisão os dorminhocos e os vigilantes (os tais que não pareciam capazes de obter qualquer impressão). Estes últimos se dividem em dois grupos. Um deles se compõe de sujeitos que acreditam deveras na reencarnação e andam à procura de uma súbita experiência de iluminação relativa a uma vida passada. Isso é muitíssimo importante para eles e o seu ego está profundamente envolvido em todo o processo. A própria intensidade do seu desejo os impede de sujeitar-se à hipnose. São muito parecidos com as pessoas que sabem que alguma coisa importante acontecerá no dia seguinte e dizem a si mesmas que precisam ir dormir. Mas quanto mais dizem a si mesmas que precisam ir dormir, tanto mais acordadas ficam. Outro grupo de vigilantes são pessoas que têm muitas dúvidas sobre a reencarnação e cujos egos se sentem mal à ideia de “deixar que as coisas aconteçam”. Esses sujeitos parecem tremendamente autocríticos e, de vez em quando, um deles me dizia, “Eu sabia que não poderia fazer uma coisa dessas.”

Entre os dorminhocos profundos há pessoas que têm feito muita meditação ou que aprenderam a fazer a auto-hipnose. Alguns são hipnotizadores autênticos. Esses sujeitos entram em transe profundo logo que os conduzo ao processo de relaxamento. Dir-se-ia que deslizam facilmente para o seu cérebro direito e, lá chegados, se encaminham para seus próprios lugares. Perde-se a voz do hipnotizador, e eles se deixam levar para uma região de cores e espaços longe do alcance das minhas instruções hipnóticas. Quase sempre acordam no momento em que inicio o processo de tirar os sujeitos da hipnose, o que indica que, em níveis muito profundos, eles têm, de fato, consciência da minha voz.

Lembro-me também das dúvidas e hesitações dos meus sujeitos na

primeira viagem, e da sua ansiedade por não poderem talvez ser hipnotizados. Lembro-me do assombro deles quando eu punha em perspectiva o tempo que tinham ficado sob a ação da hipnose. E lembro-me das suas reações ao compreenderem que estavam seguindo minhas instruções antes até de recebê-las.

— Parecia-me tão natural, sob o efeito da hipnose, fazer o que você me pedia. Às vezes eu me sentia um pouco irritado com a sua lentidão. É que eu já havia feito o que você queria que eu fizesse.

O descobrimento da relação telepática entre o hipnotizador e os sujeitos fez-me hesitar. Não só me era preciso tomar cuidado para formular as mesmas perguntas a cada grupo, de modo que pudesse avaliar adequadamente a variação nas respostas, mas também precisava certificar-me de que eles não poderiam tirar de mim informações sobre períodos passados Lutei com essa preocupação durante algum tempo e, por fim, cheguei à conclusão de que, se meus sujeitos me estavam proporcionando dados que eu esperava, eu não sabia como o faziam. Os sujeitos que viam os mesmos tipos de edifícios nos mesmos períodos de tempo foram hipnotizados em seminários diferentes e em lugares diferentes, muito antes que eu houvesse tabelado e avaliado os dados. Porque não me teria sido possível conhecer a similaridade das suas observações na ocasião das suas rememorações hipnóticas, tampouco seria possível que eles recebessem de mim o que quer que fosse por telepatia. Nem poderiam saber quais seriam homens *e* quais seriam mulheres em qualquer grupo de regressão a fim de compor a estatísticas, digamos, do período correspondente a 1200 d.C. O contato telepático não envolve enumeração estatística, mas antes parece acarreta a revelação de fragmentos sensoriais de dados e instruções. Por conseguinte embora algumas pessoas possam contestar minha pesquisa alegando que houve transmissão telepática de pistas durante as experiências, para min tais pistas não invalidam as conclusões estatísticas globais.

Um dos aspectos intrigantes das discussões, pelos sujeitos, de sua experiências foi a emergência de bocados de informações a respeito dos quadros passados, como o estranho fato de que, no correr dos séculos mudou o número dos dentes dos garfos. Achei as observações precisa dos meus sujeitos interessantes e sugestivas, se bem que não seja um tipo de prova tão concludente quanto às estatísticas sobre população e distribuição do sexo em vidas pregressas.

Outra área que forneceu dados sugestivos, porém inconcludentes, foi o dinheiro, que eu cuidava que fosse um índice excelente para confirmar reminiscências. Descobri que muitas espécies diferentes de moedas eram usadas em todas as partes do mundo, mas que era difícil obter descrições tão precisas que fossem suscetíveis de verificação. Aprendi que existira uma moeda

octogonal (meus sujeitos a descreveram como quadrada, com os cantos batidos para fazê-la parecer mais redonda, com um buraco no meio) surgida pela primeira vez em 500 a.C. nas costas africanas e asiáticas do mar Mediterrâneo, e cujo uso se diria difundido em todo o período de 25 d.C. Ora, uma moeda assim apareceu numa recordação do século XII. O dinheiro-papel, ao que tudo indica, só foi usado universalmente a partir do século XIX; e até nesse período as moedas eram mais comuns do que o papel-moeda. Essa conclusão está de acordo com a realidade histórica, como está de acordo o relato da grande diversidade de moedas e cédulas. Um sistema monetário moderno, como o que temos hoje, só veio a existir neste país muito depois da Guerra Civil. O dinheiro-papel referido por meus sujeitos nos Estados Unidos no século XIX foi confirmado com exatidão em muitos casos.

Não realizei nenhum trabalho formal de acompanhamento dos sujeitos dos meus grupos. Muitos permaneceram em contato comigo e me asseguram que a experiência da rememoração da vida passada foi significativa em suas vidas. Embora eu esteja certa de que, para outros, isso não foi mais que um dia comprido, que passaram deitados no chão, acredito que, para a maioria, a experiência foi algo de que se lembrarão por muitos anos, uma porta que se abriu. Mas abriu-se para onde? Para alguns, constituiu outra faceta na comprida jornada de esclarecimento acerca das operações de suas mentes. Para outros, não passou de uma forma de entretenimento. Cada sujeito é tão singular em suas reações e em sua mente quanto em suas impressões digitais.

Como discutimos no Capítulo 8, alguns sujeitos fizeram referência a fobias que se dissipavam depois de haverem passado pela experiência da morte numa existência anterior. Comentários típicos foram os seguintes:

— Eu costumava ter pavor de água, mas depois que experimentei morrer afogado na existência passada, parece que já não tenho medo dela.

— Eu costumava ter medo de cavalos, sem saber por que. Agora que sei que morri de um coice de cavalo na vida que vivi no século XVIII, compreendo melhor o meu medo. Ainda não o venci de todo, mas já me sinto muito mais à vontade perto de um cavalo.

É muito possível que a rememoração de vidas passadas com o propósito de superar medos irracionais venha a tornar-se cada vez mais comum em nossa sociedade. Tudo o que ajuda as pessoas parece ser uma boa ideia, ainda que não encontremos um fundamento lógico para ela em nossos conceitos filosóficos. Se funcionar, é muito provável que a utilizemos.

Em adição aos dados dos meus gráficos e tabelas, a retroalimentação de alguns sujeitos que pesquisaram suas próprias experiências em meu seminário

hipnótico forneceu outro nível de prova. Como não fui eu quem dirigiu pessoalmente a pesquisa, afirmo o que segue essencialmente por ouvir dizer.

Um jovem marinheiro experimentara uma vida pregressa em 800 d.C. numa ilha do sul do Pacífico. Seu mapa mostrava a Indonésia. Ele estava comendo uma estranha espécie de noz, uma espécie que nunca vira até àquele momento. Mas depois me contou que encontrara uma estampa da mesma noz num número subsequente da *National Geographic.*

— Parecia-se exatamente com a que vi sob o efeito da hipnose, — exclamou ele. — Dizia o artigo que essa noz só pode ser encontrada na ilha de Bali.

Outro sujeito, do sexo feminino, vira-se como cavaleiro numa existência passada no período de 1200.

— Pensei comigo mesma que isso era trivial e devia ser uma fantasia, — contou-me ela. — Olhei para meus pés e vi uma chapa triangular. Eu disse entre mim que ela devia ser redonda, como a chapa da armadura que vira em museus. Fui verificar numa enciclopédia e ali deparei com uma chapa triangular ilustrada, a qual, segundo a enciclopédia, só foi usada na Itália e só até ao ano de 1280. Na regressão àquela vida vivi na Itália e morri em 1254.

Que é o que o meu estudo prova? A resposta fica a cargo do leitor. Vivemos numa cultura em que os mitos colidem entre si e novos conceitos se empurram uns aos outros numa fermentação de mudança. Que é exatamente o homem? A sacola seguinte de mitos oferece as respostas. Sirva-se, leitor, ou melhor, faça a sua própria síntese.

Mito A. O mito do cientista pragmático.

O cientista pragmático sabe perfeitamente que só existe uma realidade, que está situada fora da sua pele. Essa realidade, vista como séria, difícil, real, é a única coisa que merece atenção. Qualquer uma das funções internas da mente é vista pelo cientista pragmático como imaginação, de natureza subjetiva e alheia ao seu campo de interesse. De acordo com esse mito, a consciência é um subproduto acidental da evolução das células do cérebro. Nossa substância cinzenta, nosso córtex, produz consciência do mesmo modo com que o coração bombeia sangue. A mente tem uma função, mas esta consiste apenas em relacionar o homem com o seu ambiente e com o que nele acontece. Os inventos internos são deixados aos cuidados dos poetas, dos músicos, das mulheres e dos povos primitivos.

O mito do cientista pragmático requer que todos os casos de experiência

subjetiva sejam relegados ao reino chamado da fantasia. A fantasia, por definição, é acidental e coincidente e, por conseguinte, por implicação, trivial; não pode ter nenhum interesse real para uma pessoa cujas intenções e métodos sejam sérios. Vistos pelo cientista pragmático, os resultados do meu estudo não são mais que uma curiosidade. Ele afirmaria que as pessoas dizem essas coisas sob o efeito da hipnose porque sofrem a influência do hipnotizador, e porque gostam de forjar histórias interessantes, imaginativas, como as crianças de cinco anos de idade. O assunto todo é totalmente sem importância em função do mito do cientista pragmático.

Mito B. O mito do Líder Máximo, ou do Eu-lhe-mostrarei-o-céu.

Este é um mito muito popular. Se o aceitarmos, saberemos que estamos vivos e que o mundo é real, mas também sentiremos que existe um patrão acima de todos nós, como existe em nossa vida tribal comum e cotidiana. Esse patrão é alguém que criou o mundo e, portanto, tem absoluto controle dele e de nós. Não nos é permitido conhecer nem compreender o patrão, que chamamos de Deus mas, de vez em quando, surgem pessoas muito capazes, às quais é dado um canal especial, através do qual podem comunicar-se com o patrão do Universo.

De acordo com esse mito, a pessoa capaz, que pode comunicar-se com o Patrão do Universo, em seguida lhe difunde as mensagens através dos que passam a ser seus Adeptos. A ideia de ser um canal para um espírito divino puro é a qualidade que distingue o intermediário entre Deus e o homem. Esse mito tem múltiplas variações — tantas quantas são as pessoas designadas para servir de canais apropriados entre o Patrão do Universo e o leitor e eu. Podem ser Joseph Smith, Moisés, Buda, Maomé, Jesus e uma infinidade de outros. A natureza das mensagens canalizadas através do intermediário, a quem denominamos o líder religioso, tende a ser essencialmente invariável, ainda que sejam coloridas pelo ambiente social em que vive o intérprete.

O que sói acontecer com esse mito é que as superstições acumuladas que acompanham cada “revelação” começam a assumir maior proeminência do que a mensagem essencial, que é de amor e de unidade com o universo. Depois os seres humanos se põem a brigar, sustentando que este ou aquele líder religioso tem o melhor canal ligado ao Patrão do Universo, e as discussões levam a tudo, desde cisões em grupos eclesiásticos até a guerras de religião. O significado essencial de um sistema de crenças de um Mito B é que o leitor e eu somos servos humílimos e inadequados de um distante Patrão do Universo, cujos caminhos misteriosos só podem ser interpretados por um espírito essencialmente puro. Se esse espírito não pregar a reencarnação, isso significará que a

reencarnação não existe.

Mito C. O mito da reencarnação interpretado pelo Ocidente com base nas fontes religiosas orientais.

No Mito C, conserva-se a noção do Patrão do Universo, mas dá-se ênfase ao processo pelo qual as almas progridem a fim de reunir-se a Ele. Esse sistema de crença envolve a noção de que nós começamos com ume centelha da Luz Universal, tomando-nos uma nova alma e encarnando-nos na terra, e depois seguindo um lento e laborioso caminho, através de muitas vidas diferentes, da jovem alma para a alma antiga. A jovem alma entra no corpo com muito ardor, mas comete muitos erros. E quantos mais erros cometer, tanto mais vidas terá de viver laboriosamente, até apagar afinal todo o seu carma. Ao cabo da sua progressão ascendente através do tempo ela inicia uma série de vidas em que começa a palmilhar o caminho espiritual. E chega, por fim, à derradeira existência, em que é capaz de transcender o universo físico. Nesse ponto, consegue ser parte da Grande Luz Branca, termo que também se usa para designar Deus. Algumas almas, que progrediram até tornar-se parte de Deus, dispõem-se a voltar à terra a fim de ajudar outros buscadores ao longo do caminho árduo através do tempo e através de vários corpos e várias vidas. Esses são os avatares, ou ajudadores que apagaram todo o seu carma, mas voltam para iluminar-nos ainda.

Mito D. O mito do físico quântico.

O0 físico quântico é um cientista que não concorda de todo em tudo com o cientista pragmático, porque suas pesquisas o transportaram a novos reinos. O físico compreende a equação de Einstein $E = mc^2$, e sabe que c mundo material só existe quando a energia se move a uma velocidade que podemos entender (a velocidade da luz). Seus novos instrumentos lhe revelaram a natureza dos blocos de construção da matéria, os quais, segunde se verificou, não têm nada de blocos de construção, pois não passam de fluxos quânticos de energia que se deslocam em ondas. Esses pequenos bocados de energia parecem ter livre arbítrio e aparecem e desaparecem na realidade material dependendo da sua velocidade e de outros fatores. Por conseguinte, o físico compreende que o mundo real não é real. Nesse sentido, concorda com os místicos hindus, que afirmam que vivemos num “véu de maia”, ou ilusão. Os físicos quânticos gostam de brincar nas orlas externas do universo e nas orlas externas da criação de conceitos. Gostam de buracos pretos e de antimatéria e brincam com novas máquinas, que ajudam a

revelar-nos a natureza estranha das leis que governam a energia fora da nossa estrutura física habitual. O físico quântico está mais interessado pelos novos desenvolvimentos dos estudos do cérebro e da mente do que o biólogo. Este ainda lida canhestramente com o corpo físico e com a mente física numa tentativa de controlar nossa evolução. Aferrado à noção de espaço e à noção de tempo, opera dentro dessa estrutura. O físico quântico compreende que a estrutura do espaço e do tempo se derrete em torno das bordas e funde-se com outros universos.

Mito E. Seth.

Jane Roberts, escritora em Elmira, Nova Iorque, fez-se médium. A entidade que fala através de Jane chama-se Seth. Seth tem um mito interessantíssimo. Essencialmente, Seth dá às introvisões do físico quântico dimensões mais amplas e sugere algumas leis que governam a energia que opera fora do tempo e do espaço.

Esse mito propõe que as emoções geradas pela consciência são a força notriz do universo físico. As emoções geram ondas de energia direta. Uma emoção dirigida opera sobre uma partícula subatômica, que Seth denomina EUG, ou monopolo — minúsculo fragmento de energia com um polo magnético e um campo magnético. A emoção junta os monopólos, os quais, por sua vez, formam eléctrons, nêutrons, e assim por diante, ao longo dessa linha. Em tais circunstâncias, o mundo da realidade física é construído a partir da energia emocional gerada pela consciência. Nesse sentido, a consciência é vista criando corpos, vidas e eras históricas. O tempo não existe para ela, é uma criação sua, quase como um palco construído por um carpinteiro para que sobre ela seja representada uma peça. Da mesma naneira, a consciência usa o monopolos, para criar os átomos e moléculas do nosso corpo, gerando um trajo que envergamos a fim de representar a peça que denominamos estar vivos em determinado período histórico.

Mito F. O mito de Wambach, ou Faça-o você mesmo!

Como autora do livro, sou a primeira a tentar fazer meu próprio mito. recomendo calorosamente ao leitor que também construa o seu.

Basicamente, o mito de Wambach diz que a reencamação é um conceito maneiro, e leva nossas ideias sobre nós mesmos mais longe do que os enfoques mais humildes do Mito A e do Mito B. Acho que todos nós somos como macieiras. Temos troncos e raízes, ramos e folhas e produzimos maçãs. As

maçãs que produzimos são egos individuais e experiências de vida. Cada maçã na árvore tem dentro de si toda a essência da árvore inteira. Desse modo, as moléculas de DNA nas sementes das maçãs representam as minúsculas centelhas de Deus em todos nós. Quando as pessoas são hipnotizadas e mandadas de regresso a uma vida passada, as maçãs — em lugar de olhar para fora das suas casquinhas verdes, para a lagarta que passa, para o sol e para a chuva — são dirigidas de volta às suas hastes, e dali, través dos ramos, ao tronco da árvore. A esse tronco da árvore chamo super consciência.

Quando hipnotizo pessoas, creio que as conduzo, através do tronco no lado oposto da árvore, a um ramo, onde digo, “Aqui está outra maçã olhe através da casca e veja como é aqui a luz do sol, qual é a situação da lagarta, e diga-me, não está sentindo soprar uma brisa?” Nesse sentido, há muitas vidas que todos podemos experimentar na árvore, que é o nosso eu A árvore conhece a experiência de cada maçã que cresce em qualquer estação determinada.

Esse mito complica-se um pouco, porque as macieiras também tên ciclos. Macieiras nascem, vivem e morrem exatamente como as maçãs que elas produzem. Acredito que passamos pelo processo de ter vidas exatamente como a macieira passa pelo processo de frutificar, florescer e produzi muitas temporadas de maçãs antes de despedir-se finalmente da realidade física. Num sentido, portanto, nossas entidades têm um período de vida dentro da realidade física, mas dentro dessa vida têm muitas maçãs diferentes, ou vidas. Depois que uma entidade produziu o suficiente em realidad física, deixa para trás, em sua última temporada, maçãs com as semente do próprio eu. Estas maçãs brotam, e uma delas pode crescer e desenvolver-se, transformando-se em outra macieira no mesmo local. Dessarte, a com ciência caminha sempre, criando e recriando; e todas as experiências de todas as macieiras anteriores à entidade da macieira que você é agora está à sua disposição através do sintonizador do seu cérebro direito.

A questão básica nesta última metade do século XX é saber se a mente é primária e a matéria o resultado da mente ou da consciência, em oposição à noção mais antiga de que a mente é uma criação acidental da evolução do desenvolvimento do sistema nervoso. Como inúmeros outros argumente na história passada das ideias, é provável que esta se resolva pela elaboração de um conceito capaz de combinar as duas questões num novo sistem unificado de pensamento.

Editora Pensamento
Rua Dr. Mário Vicente, 374
04270 São Paulo, SP

Livraria Pensamento
Rua Dr. Rodrigo Silva, 87
01501 São Paulo, SP

Gráfica Pensamento
Rua Domingos Paiva, 60
03043 São Paulo, SP